



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO

ENTRE UNIÃO E DISTANCIAMENTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19
NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

FORTALEZA
2025

GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO

ENTRE UNIÃO E DISTANCIAMENTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19
NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Sociologia. Área de concentração: Cultura, política e conflitos sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves.

FORTALEZA

2025

GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO

ENTRE UNIÃO E DISTANCIAMENTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19
NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Sociologia. Área de concentração: Cultura, política e conflitos sociais.

Aprovada em: 19/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Paula Fabrícia Brandão Aguiar
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço ao corpo docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará por ter me proporcionado uma formação sólida, desde a graduação até o doutorado. Em especial, registro meu agradecimento ao Laboratório de Estudos em Política, Educação e Cidade (LEPEC), pelas valiosas oportunidades de aprendizado e pela sensação de pertencimento cultivada ao longo de 10 anos.

Sou profundamente grata à professora Danyelle Nilin, por toda a confiança depositada em mim e por ter feito muito mais do que me orientar ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Sua dedicação, entusiasmo, presença e apoio me comovem e me dão energia para não apenas realizar a tarefa de escrever uma tese, mas cumpri-la com vontade, alegria e capacidade de apreciar o caminho, não apenas a chegada.

Ao professor Irapuan Peixoto, sou grata pela delicadeza e empatia em todos os momentos, e também pelas trocas, conselhos, lições e escuta atenta, que levarei comigo por todo o caminho que se abre a partir de agora.

A todos os membros da banca, agradeço principalmente o tempo dedicado à leitura e avaliação de meu trabalho. Sinto-me honrada por saber que esta tese foi submetida à apreciação de professores tão brilhantes. As observações, sugestões e críticas são inestimáveis para a qualidade do resultado final.

Registro ainda meus sinceros agradecimentos a todos os interlocutores que, generosamente, aceitaram participar desta pesquisa. Em especial, agradeço às pessoas que vivenciaram relações amorosas durante o período da pandemia e que se dispuseram a compartilhar suas percepções e experiências acerca de um tema tão sensível. Reconheço a coragem e a confiança que depositaram ao falar sobre questões delicadas, sobretudo aquelas relacionadas ao luto e aos processos de divórcio.

Agradeço à minha mãe, que não mediu esforços para que eu sobrevivesse ao período mais difícil da minha vida, o que me permitiu chegar até aqui; ao meu pai, de quem herdei os valores do estudo e da persistência; ao Paulo Victor, que se mostrou íntegro nos momentos mais críticos; ao Bel, o companheiro mais fiel que eu poderia ter; e a toda a minha família extensa, pelo carinho e torcida de sempre.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

RESUMO

Esta tese investiga os impactos da pandemia de covid-19 nas relações amorosas, a fim de compreender sociologicamente como um fenômeno macrosocial pode incidir sobre a vida doméstica, alterando dinâmicas familiares e conjugais. A pandemia foi um evento de magnitude global que provocou transformações estruturais e sistêmicas em todo o mundo e, ao mesmo tempo, impactou o espaço microssocial das relações íntimas. Se, em alguns casos, revelou tensões e conflitos, em outros possibilitou o fortalecimento de vínculos. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender em que medida e de que formas a pandemia, com todas as consequências sociais, econômicas, políticas e culturais, alterou configurações familiares e relacionamentos amorosos. De maneira mais específica, buscou-se identificar os aspectos que mais influenciaram decisões sobre divórcio ou, por outro lado, promoveram maior união ou mesmo a consolidação dos relacionamentos. Adotou-se, para tanto, uma metodologia mista, que combinou análise de dados quantitativos secundários e coleta de dados qualitativos primários por meio de entrevistas semi estruturadas realizadas. Inicialmente foram entrevistados profissionais que lidam com pessoas e casais em processo de divórcio ou de condução de questões conjugais, como advogadas de família e terapeutas de casal. Em seguida, as entrevistas foram realizadas com pessoas que estavam em relacionamentos amorosos estáveis durante a pandemia, sendo nove mulheres e dois homens, com idade média de 36 anos. A abordagem teórico-metodológica está em consonância com a Sociologia Compreensiva. Os resultados indicam que a pandemia atuou como uma catalisadora de problemas já existentes, isto é, tornou as fragilidades mais evidentes ou acentuou questões que já incomodavam antes desse período. São exemplos as desigualdades na divisão de tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, infidelidade, falta de interesse na relação e de apoio emocional, distanciamento afetivo e divergências políticas inconciliáveis. Por outro lado, os resultados também apontam que, em alguns casos, a pandemia representou uma oportunidade de fortalecimento da intimidade e do vínculo emocional. Foram ainda identificados elementos que atravessaram as experiências de uma maneira geral e impactaram todas as relações, de forma mais ou menos direta e com aspectos positivos ou negativos. É o caso da hiper convivência e seus inúmeros desdobramentos e do medo da morte, juntamente com a ideia de fragilidade da vida, demonstrando a complexidade do fenômeno investigado.

Palavras-chave: pandemia; relações amorosas; conflitos; união.

ABSTRACT

This thesis investigates the impacts of the covid-19 pandemic on romantic relationships in order to sociologically understand how a macrosocial phenomenon can influence domestic life, altering family and conjugal dynamics. The pandemic was a global event of great magnitude that caused structural and systemic transformations worldwide and, at the same time, impacted the microsocial space of intimate relationships. While in some cases it revealed tensions and conflicts, in others it enabled the strengthening of bonds. In this sense, the general objective of the research is to understand to what extent and in what ways the pandemic, with all its social, economic, political, and cultural consequences, altered family configurations and romantic relationships. More specifically, it sought to identify the aspects that most influenced decisions about divorce or, on the other hand, promoted greater union or even the consolidation of relationships. A mixed methodology was adopted, combining the analysis of secondary quantitative data and the collection of primary qualitative data through semi-structured interviews. Initially, professionals who deal with people and couples in the process of divorce or managing conjugal issues, such as family lawyers and couples therapists, were interviewed. Subsequently, interviews were conducted with individuals who were in stable romantic relationships during the pandemic, including nine women and two men, with an average age of 36 years. The theoretical-methodological approach is in line with Comprehensive Sociology. The results indicate that the pandemic acted as a catalyst for pre-existing problems, making fragilities more evident or accentuating issues that were already troubling before this period. Examples include inequalities in the division of domestic tasks and childcare, infidelity, lack of interest in the relationship and emotional support, emotional distancing, and irreconcilable political disagreements. On the other hand, the results also show that, in some cases, the pandemic represented an opportunity to strengthen intimacy and emotional bonding. Elements that permeated the experiences more generally were also identified, impacting all relationships more or less directly and with positive or negative aspects. This includes hyper-coexistence and its numerous consequences, as well as the fear of death, together with the idea of life's fragility, demonstrating the complexity of the phenomenon investigated.

Keywords: pandemic; romantic relationships; conflicts; union.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Topo de bolo de casamento: noiva puxando noivo que quer fugir.....	35
Figura 2 - Topo de bolo de casamento: noivo acorrentado e amordaçado.....	35
Figura 3 - Tirinha de humor sobre divórcio.....	36
Figura 4 - Tirinha de humor “tempos de quarentena”.....	36
Figuras 5 e 6 - Memes sobre convivência entre marido e mulher na quarentena.....	36
Figuras 7 e 8 - Postagens do Instagram @idivorciei com conteúdos sobre divórcio na pandemia.....	38
Figura 9 - Postagem do perfil @institutoterapiadecasal no Instagram com divulgação de live sobre casais na pandemia.....	39
Figuras 10 a 12 - Postagem do Instagram sobre papel da esposa no casamento.....	118
Figuras 13 e 14 - Postagem do Instagram sobre relacionamentos heterossexuais.....	120
Figura 15 - Postagem do Instagram sobre comunicação de casais.....	137
Figuras 16 a 19 - Postagem do Instagram sobre estratégias de comunicação para casais.....	139
Figuras 20 a 23 - Postagem do Instagram sobre como manter a saúde mental em um relacionamento.....	140
Figura 24 - Postagem do Instagram sobre método de conversa para casais.....	154
Figuras 25 e 26 – Postagem do Instagram de divulgação de lives sobre quarentena conjugal.....	155
Figura 27 - Postagem do Instagram de divulgação de um ciclo de encontros terapêuticos para casais.....	156
Figuras 28 a 31 - Material de divulgação de campanha do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.....	160

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo dos respondentes.....	51
Gráfico 2 - Faixa-etária dos respondentes.....	51
Gráfico 3 - Renda dos respondentes.....	52
Gráfico 4 - Número de respondentes que têm filhos.....	52
Gráfico 5 - Sentimentos experimentados durante o distanciamento social.....	54
Gráfico 6 - Situações vivenciadas durante o distanciamento social.....	55
Gráfico 7 - Divisão das tarefas domésticas.....	56
Gráfico 8 - Trabalho de cuidado com crianças e idosos.....	57
Gráfico 9 - Principal responsável pela renda familiar.....	58
Gráfico 10 - Nível de satisfação com o casamento antes e durante a pandemia.....	59
Gráfico 11 - Frequência com que sentiu vontade de se divorciar antes e durante a pandemia	60
Gráfico 12 - Frequência com que as mulheres respondentes sofreram insultos/xingamentos por parte do companheiro durante a pandemia.....	61
Gráfico 13 – Frequência com que as mulheres tiveram um objeto danificado pelo companheiro durante a pandemia.....	62
Gráfico 14 - Frequência com que as mulheres sofreram violência física durante a pandemia	63
Gráfico 15 - Frequência com que as mulheres foram forçadas a ter relações sexuais com seu companheiro durante a pandemia.....	64
Gráfico 16 - Número de unidades domésticas por sexo do responsável pelo domicílio (2022)	70
Gráfico 17 - Número de unidades domésticas unipessoais por sexo do responsável pelo domicílio (2022)	71
Gráfico 18 - População em unidades domésticas unipessoais, por sexo (mil pessoas).....	72
Gráfico 19 - Número de unidades domésticas nucleares, por sexo do responsável (mil pessoas)	73
Gráfico 20 - Número de unidades domésticas estendidas por sexo do responsável.....	74
Gráfico 21 - Número de nascidos vivos por ano (2003-2023).....	75
Gráfico 22 - Número de nascidos vivos por grupos de idade da mãe na ocasião do parto.....	76
Gráfico 23 - Número de divórcios concedidos em 1ª instância ou por escritura no Brasil (2010 - 2023)	78
Gráfico 24 - Número de casamentos no Brasil (2013-2023).....	79
Gráfico 25 - Número de casamentos no Brasil por mês (2019-2021).....	80

Gráfico 26 - Linhas de tendência de casamentos e divórcios no Brasil.....	81
Gráfico 27 - Regimes da Comunhão universal e da Separação de bens no Brasil (2010-2023)	82
Gráfico 28 - Número de divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade (2014-2023)	83
Gráfico 29 - Número de filhos dos casais que se divorciaram (2020-2023).....	84
Gráfico 30 - Sexo do responsável pela guarda dos filhos nos divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade (2014-2023).....	85
Gráfico 31 - Número de divórcios extrajudiciais no Brasil (2014 - 2023).....	86
Gráfico 32 - Tempo transcorrido entre as datas do casamento e da lavratura da escritura de divórcio (2020 a 2023)	87
Gráfico 33 - Tempo transcorrido entre as datas do casamento e da lavratura da escritura de divórcio (2017 a 2019)	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Notícias sobre divórcio e pandemia publicadas no Portal G1 e no UOL (2020 - 2023).....	31
Quadro 2 - Artigos científicos sobre pandemia e divórcio.....	44
Quadro 3 - Entrevistas exploratórias.....	65
Quadro 4 - Perfil dos entrevistados.....	92
Quadro 5 - Sistematização dos códigos e categorias.....	98
Quadro 6 - Sistematização dos principais autores e conceitos abordados.....	163
Quadro 7 - Síntese dos impactos e seus desdobramentos.....	216

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - “A pandemia foi um divisor de águas”	12
2	O PERCURSO METODOLÓGICO	30
2.1	Um mergulho no senso comum	30
2.2	Conjugalidade e pandemia no discurso científico	42
2.3	Em busca de dados primários	46
2.3.1	<i>Aplicação de questionários online</i>	46
2.3.1.1	<i>Perfil geral dos respondentes</i>	50
2.3.1.2	<i>Sentimentos e situações vivenciados durante a pandemia</i>	53
2.3.1.3	<i>Dinâmica dos relacionamentos</i>	55
2.3.1.4	<i>Violência doméstica durante a pandemia</i>	60
2.3.2	<i>Ouvindo profissionais</i>	64
2.4	O que dizem as estatísticas oficiais	67
2.4.1	<i>Retrato das famílias brasileiras</i>	69
2.4.2	<i>Casamentos e divórcios</i>	77
2.5	Apreendendo as percepções e os sentidos	89
3	FAMÍLIA, AMOR E CONJUGALIDADE: O OLHAR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	101
3.1	A família como instituição	102
3.2	A mulher no centro	114
3.3	O amor é moderno	131
3.4	A família no discurso jurídico	164
4	“A PANDEMIA MUDOU A MINHA VIDA”: DESVENDANDO PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS	173
4.1	“A pandemia foi uma catalisadora dos problemas”: o discurso de quem se distanciou	174
4.1.1	<i>A hiper convivência e seus desdobramentos</i>	175
4.2	Medo da morte, luto e fragilidade da vida	187
4.3	A política, o vírus e o negacionismo	195
4.4	A reabertura	199
4.5	“A pandemia nos fortaleceu”: o discurso de quem se uniu	203
4.6	Entre perdas e ganhos: um balanço geral	209
5	CONCLUSÃO	219

REFERÊNCIAS.....	221
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	234
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ONLINE.....	235
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS.....	247
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM SUJEITOS DIRETOS DA PESQUISA.....	248
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	249

1 INTRODUÇÃO - “A PANDEMIA FOI UM DIVISOR DE ÁGUAS”

P.N. queria ser feliz. Paz, tranquilidade e estabilidade era o que buscava em um relacionamento. Mas, acima de tudo, ela sabia o que *não* queria: repetir a história dos pais, cujo casamento foi atravessado por brigas e infidelidades. Olhando para trás, ela admite que havia alertas desde o início do namoro com o, agora, ex-marido. Ela avalia que, inconscientemente, ignorou os alertas por estar lidando com algo que lhe era familiar, isto é, uma “relação turbulenta”, para usar suas palavras. Além disso, o companheiro era agradável, estudioso e lhe apoiava em seus desejos. Também não se pode esquecer dos muitos momentos bons, afinal de contas.

Já estavam casados e fazendo planos de aumentar a família quando a pandemia de covid-19¹ se instalou e o *lockdown*² foi decretado em sua cidade. O primeiro impacto sentido foi no âmbito do trabalho. A rotina, que antes era permeada pela convivência com colegas e diversos acontecimentos externos, que os desviavam dos problemas domésticos e conjugais, passou a se restringir ao espaço de um apartamento de 60m².

A reunião *online* de um atrapalhava a concentração do outro e as *lives* madrugadas dentro eram o único lazer. Embora tivessem o hábito de dividir as tarefas domésticas, olhando em retrospecto, ela avalia que carregava todo o peso da carga mental e da administração das emoções, especialmente durante a pandemia. O companheiro exagerava no consumo de álcool e eles tinham pequenas discussões. O gosto do parceiro por festas e farras intermináveis, que era apenas uma *red flag*³ sutil, transformou-se em um gigantesco “elefante na sala”. O marido de P.N. começou a participar de “encontros clandestinos” com amigos, em um período da pandemia em que aglomerações não eram permitidas. A ida aos encontros era justificada pelo sofrimento mental que o isolamento causava.

Apesar dos desgastes nos primeiros meses de isolamento social mais rígido, o divórcio ainda não era uma possibilidade. O medo da morte e a perda de pessoas próximas faziam com que P.N. valorizasse a segurança que sentia por atravessar aquela crise ao lado de alguém. Além disso, o final do primeiro ano de pandemia chegou com a notícia de sua gravidez, o que veio a fortalecer a união do casal, ainda que temporariamente. A gestação foi tranquila, P.N. se sentia

¹ A pandemia de COVID-19 é a disseminação global do vírus SARS-CoV-2, identificada em Wuhan (China) em dezembro de 2019 e declarada pela OMS em 11 de março de 2020, causando milhões de infecções e mortes.

² Trata-se de uma medida de emergência em que o poder público impõe um bloqueio quase total da circulação de pessoas e do funcionamento de atividades não essenciais, obrigando-as a permanecer em casa para reduzir o contato social e conter a disseminação da covid-19.

³ Expressão que, em sua literalidade, significa bandeira vermelha, e é atualmente utilizada para fazer referência a alertas ou problemas no comportamento do parceiro ou no relacionamento que merecem atenção.

protegida e cuidada; o marido deu uma trégua nos comportamentos que a desagradavam e a acompanhava em todas as consultas e exames, atento às suas necessidades e escolhas.

Até que, um mês após o nascimento do bebê, “virou uma chave e ele passou a ser outra pessoa”. Junto com a flexibilização das medidas de distanciamento social, seu companheiro voltou a agir de maneira irresponsável e negligente, sobretudo com a relação. Porém, agora havia um agravante: ela tinha um bebê recém-nascido. Contribuindo para o agravamento da situação, P.N. suspeitava de infidelidade, trazendo à tona o exemplo negativo do pai e a determinação de não repetir a história da mãe. A sensação de abandono no momento mais delicado de sua vida, misturada ao medo de que o vírus entrasse em sua casa, fizeram com que P.N. decidisse se divorciar três meses após o nascimento do bebê. Ela considera a pandemia um “divisor de águas” em sua vida:

Olha, eu acho que a pandemia, ela foi um divisor de águas, né? Por que eram só algumas coisas que já existiam ali, mas que foram realmente agravadas, assim, né? Parece que a gente botou uma lupa, assim, em certas coisas, né? É a sensação que eu tenho, né? Foi um fator de muitas decisões de vida (P.N., 2023).

A história de P.N. é uma entre tantas que se desenrolaram a partir da pandemia da covid-19 e ilustra bem o que esta tese pretende discutir. De que forma um fenômeno global pode transformar o curso de uma vida a dois? Quais as repercussões de um evento de dimensões macrossociais para o cotidiano das relações íntimas? Quais os impactos da pandemia de covid-19 para os relacionamentos amorosos?

Nesse sentido, a pandemia se apresentou como aquilo que Esther Perel chamou de *petri-dish moment*, isto é, um momento propício para que algo (positivo ou negativo) prolifere ou se manifeste claramente, similar a uma placa de Petri usada nas ciências naturais para cultivar micro-organismos. Transpondo o exemplo para as ciências sociais, seria como o cenário ideal para observar como casais lidam com períodos de crise.

Segundo Goldenberg (2004, p.19), “[...] é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam.” Aí reside a importância de o pesquisador se colocar no texto, expondo as razões pelas quais se interessou por seu objeto de pesquisa. Dessa forma, permite-se uma compreensão ampla sobre como se deu sua construção, desde a primeira faísca de curiosidade em torno do tema.

Na medida em que a pesquisa deixa de ser apenas uma observação distante, em que o pesquisador não é diretamente implicado, ela se constitui em uma espécie de “diálogo” ou uma

“negociação de pontos de vista” entre pesquisador e pesquisados (Goldenberg, 2004, p.24), estabelecendo uma relação mais estreita também com o leitor.

Seguindo as prescrições de Bourdieu (1999), é necessário reconhecer as relações entre pesquisador e objeto de pesquisa, expondo o processo que fez surgir o interesse pelo tema, implicando-se nele. Esse exercício permite refletir criticamente sobre as motivações que o levaram a delimitar seu campo de estudo, posicionando-se de forma mais transparente e conferindo maior rigor à investigação. Nesse sentido, passo a relatar alguns aspectos centrais sobre minha trajetória pessoal e profissional que podem ter me levado, consciente ou inconscientemente, à escolha deste objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que peço licença ao leitor para escrever este trecho na primeira pessoa.

Inicialmente, sou filha de pais separados desde os três anos de idade. Não tenho memórias deles juntos, enquanto um casal, mas apenas de cada um em seus respectivos relacionamentos posteriores ao divórcio. Tampouco tenho memórias sobre o processo de separação em si, tendo acessado apenas informações superficiais depois de adulta. Trata-se de uma história que está longe de ser incomum, mas é preciso “estranhar o familiar”, se o intuito for enxergar para além do senso comum (Laraia, 2007).

Como quase toda menina que cresceu na década de 1990 no Brasil, eu também fui atravessada por dispositivos de gênero que prescrevem certos comportamentos e aspirações em relação ao amor e à família. Os filmes de princesa, as brincadeiras de casinha e, mais tarde, as clássicas perguntas sobre os namoradinhos, fizeram parte da minha infância e adolescência de forma massiva e constante. Trata-se de um percurso básico de construção do imaginário sobre a família e da própria centralidade que a busca por um amor assume na vida de meninas e mulheres, como demonstrado por Zanello (2018). Tudo isso, porém, por si só, não seria suficiente para justificar a opção por estudar sociologicamente o assunto.

Passando à minha trajetória profissional, já se passaram 14 anos desde que me tornei advogada. Embora não tenha sido meu primeiro campo de atuação, aqui e acolá pessoas próximas me procuravam para assessorá-las em causas na área de Direito das Famílias. Alguém da família decidia se separar e me pedia ajuda com os papéis do divórcio; amigas de amigas enfrentando problemas relacionados à pensão alimentícia ou guarda compartilhada de seus filhos me procuravam para aconselhamento jurídico.

Com a pandemia e a escassez de bolsas de pesquisa para pós-graduação⁴, que se intensificou em todo o país nos primeiros meses de 2020, a necessidade me levou a tirar da

⁴ Em março de 2020, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) publicou a Portaria nº 34, que alterou os critérios de distribuição de bolsas de mestrado e doutorado nos programas de pós-

gaveta a minha carteirinha da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e mergulhar de vez nessa área.

Paralelamente, em maio daquele ano foi publicada uma notícia cuja manchete era: *Google Brasil revela aumento vertiginoso de 9900% na busca pelo termo “divórcio online gratuito”* (Averbuck, 2020). Ao ler a matéria, pareceu ainda mais adequada a escolha por essa área de atuação, já que uma tendência de aumento no número de divórcios se apresentava e a demanda prometia crescer.

Para conferir um sentido maior à minha prática e, inspirando-me na atuação de colegas pioneiras que acompanho pelas redes sociais, decidi que atenderia apenas mulheres. O interesse pela condição feminina já me acompanhava há tempos. No âmbito das Ciências Sociais, desde a graduação, esse interesse se traduziu em uma pesquisa sobre como o assédio de rua poderia impor limites ao direito de ir e vir das mulheres na cidade, pesquisa que teve continuidade no mestrado em Sociologia.

Esse percurso me proporcionou leituras diversas sobre as desigualdades de gênero e o entendimento de que as trajetórias das mulheres estão atravessadas por desvantagens, seja nos espaços públicos da rua e do mundo do trabalho, seja no universo privado da família, do lar e do casamento, por exemplo. Não estão excluídas, obviamente, as situações que envolvem processos judiciais de divórcio.

Foi assim que decidi unir à minha nova e inesperada atuação profissional na área de Direito das Famílias, a minha pesquisa de doutorado em Sociologia. Compreender sociologicamente as relações conjugais e as possíveis implicações provocadas pela pandemia me ajudaria a atender melhor futuras clientes; da mesma forma, atuar como advogada em divórcios durante a pandemia poderia me trazer *insights* úteis à pesquisa. Além disso, a possibilidade de ter uma linha de continuidade entre trabalho e estudo, entre a advocacia e a pesquisa, parecia ser a opção mais conveniente e inteligente naquele momento.

Os meses seguintes me mostraram que ingressar no nicho de Direito das Famílias não era tão simples quanto eu imaginava, ainda mais para quem precisou desbravar os caminhos sozinha. Não tive tantas clientes quanto eu gostaria, mas a pesquisa ganhava cada vez mais fôlego. À medida que me aprofundava nas leituras e nos casos concretos, novas questões surgiam e a relevância do tema se manifestava.

graduação brasileiros. A medida, divulgada no Diário Oficial da União em 18 de março, redefiniu os pisos e tetos para concessão de bolsas, afetando significativamente cursos com notas 3, 4 e 5, que sofreram cortes de até 50% no número de bolsas. Programas com notas 6 e 7 também foram impactados, com reduções de até 20% (Madeiro, 2020).

Os processos típicos das varas de família ganharam novos contornos com a pandemia. Os impactos do isolamento social nas relações familiares se deixavam entrever por meio dos processos judiciais destinados a tratar de questões de divórcio, pensão alimentícia e guarda de filhos menores de idade e a convivência com eles durante esse período.

Em muitos casos, o regime de visitas e convivência foi temporariamente suspenso ou adaptado, prevalecendo o uso de chamadas de vídeo e aplicativos para manter os laços afetivos. A guarda compartilhada passou a funcionar com algumas restrições aplicadas em casos de risco à saúde, incluindo a suspensão da convivência presencial para profissionais da saúde ou situações de desrespeito às normas sanitárias por parte de um dos genitores (Leal; Duarte, 2020).

Houve casos de processos de divórcio em curso em que as partes retomaram a convivência em razão das medidas de isolamento social, levando até à reconciliação do casal. Quanto à pensão alimentícia, a perda de emprego e redução de renda de muitos pais ocasionou a revisão de valores e, conseqüentemente, um aumento dos conflitos (Leal; Duarte, 2020).

Os exemplos de conflitos familiares que chegam ao judiciário representam apenas a ponta do *iceberg* de um quadro mais amplo, complexo e profundo que será explorado nas páginas seguintes. A pretensão é de observar as questões concernentes à dimensão íntima dos relacionamentos amorosos. Além dos motivos expostos nas linhas anteriores, a curiosidade por investigar essas dinâmicas privadas foi despertada por uma brincadeira, que pode ser considerada, não sem razão, de mau gosto, feita por um conhecido e que chegou até mim por acaso. O tal conhecido, em conversa com amigos durante o período de maior isolamento social no início da pandemia, disse sobre a esposa: “Até que a mulher que mora lá em casa é gente boa!”

Essa “brincadeira” disparou uma série de questões que moveram esta pesquisa até o final. Foi a primeira vez que tive acesso a um comentário espontâneo sobre as percepções acerca do aumento repentino e obrigatório da convivência no âmbito de um casamento no contexto da pandemia. O comentário, que não ocupa nem uma linha inteira, suscitou inúmeras reflexões: em que medida a rotina de trabalho e obrigações cotidianas em tempos normais limita a profundidade das relações? Quais os impactos da quebra brusca dessa rotina para os relacionamentos? Eles são positivos ou negativos? Para além dos conflitos e rompimentos, a pandemia também seria uma oportunidade de fortalecimento das relações amorosas?

“*A quoi sert un mari?*”⁵ Na década de 1980, François de Singly já se perguntava porque o casamento ainda era algo tão almejado pelas mulheres, uma vez que trazia tantos riscos e prejuízos para suas vidas. Ulrich Beck (2011, p. 26) afirma, ao demonstrar a centralidade do amor na contemporaneidade, apesar de todas as incongruências, que “A esperança na vida a dois é o imenso resíduo de comunidade que a Modernidade deixou”, e ainda que “A obsessão pelo amor é o fundamentalismo da Modernidade.” Já bel hooks (2020, p. 31) afirma taxativamente que “todos ansiamos por amor - todos o buscamos -, mesmo quando não temos esperança de que ele possa ser de fato encontrado.” Mais adiante complementa: “Todo mundo quer saber mais sobre o amor. Queremos saber o que significa amar, o que podemos fazer em nosso dia a dia para amarmos e sermos amados (hooks, 2020, p. 41).

Quando se pensa no amor romântico, para boa parte das pessoas é quase inevitável pensar em casamento. Em 2020, ano em que a maior parte dos estados brasileiros decretou medidas de distanciamento social, e as aglomerações e festas permaneceram proibidas durante vários meses, o número de casamentos celebrados no país chegou a 750.746. É possível observar uma redução abrupta no mês de abril, quando tivemos um dos períodos de distanciamento social mais restritos. No entanto, o que se verifica nos meses seguintes é um aumento progressivo do número de casamentos, mesmo em plena pandemia (IBGE, 2021).

Para além da quantidade de registros de casamentos, chama atenção no Brasil todo o universo aí envolvido, a começar pela celebração. Há uma verdadeira indústria, em pleno crescimento, que abrange desde aluguel de espaços para as cerimônias, passando por equipamentos de som, contratação de equipes, encomendas de bolos e doces, até os mínimos detalhes decorativos. As festas costumam ser um dos momentos mais importantes e marcantes na vida das pessoas e geralmente são registradas em álbuns de fotografias e vídeos. Muito dinheiro, tempo e energia são investidos para que a cerimônia ocorra como foi planejada.

Uma pesquisa publicada em 2022 pela *The Knot Worldwide*⁶ e pela ESADE⁷ - que deu origem ao Livro Imprescindível dos Casamentos -, com apoio do *Google Marketing Solutions*, aplicou 6.751 questionários junto a casais brasileiros e empresas do ramo de casamentos e revelou que, em 73% dos casamentos, houve pedido de noivado anterior, o que reforça um traço cultural bastante proeminente. Também chamou atenção o percentual de 34% dos casais que

⁵ Para que serve um marido? (tradução nossa)

⁶ Trata-se de um *site* que oferece todas as informações necessárias ao planejamento de uma cerimônia de casamento.

⁷ Trata-se de uma instituição internacional de educação para negócios.

decidiram se casar para poder viver juntos, revelando que o casamento ainda é uma condição para dividir o mesmo teto com o (a) parceiro (a).

Em muitos países ocidentais é comum que jovens deixem a casa dos pais para viver sozinhos, estudando ou trabalhando em outras cidades, ou mesmo para ter a experiência de morar com alguém antes do casamento. No Brasil, parece ainda haver o costume, ao menos no que diz respeito à classe média, de deixar a casa dos pais apenas por ocasião do casamento. Há ainda muito presente a ideia de que a noiva é entregue pelo pai ao esposo e de que este passa a ter a responsabilidade do sustento e do cuidado em relação à mulher.

Anthony Giddens abordou esse aspecto ao pensar sobre as diferenças entre homens e mulheres a respeito de como enxergam a vinculação a uma parceira ou parceiro por meio do casamento. Observando a realidade brasileira, as duas situações parecem conviver simultaneamente, a depender de determinados contextos e marcadores sociais:

Foi somente na última geração que, para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a casa paterna. Anteriormente, deixar a casa significava para todas, com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se. Ao contrário da maioria dos homens, a maior parte das mulheres continua a identificar a sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações. Muitos estudiosos têm observado que, mesmo quando um indivíduo ainda está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral falam em termos de “eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressadas em termos de “nós” (Giddens, 1993, p. 63-64). **(grifo nosso)**

Outro dado interessante é que a maioria dos casais começa a planejar a cerimônia com, aproximadamente, 12 meses de antecedência, demonstrando o grau de importância que o evento tem na vida das pessoas. Já com relação ao custo médio das celebrações, no Nordeste, por exemplo, foi calculado em R\$37.848,00. Em uma região onde o rendimento domiciliar per capita para o ano de 2024 foi de R\$1.341,00, o valor pode ser considerado significativo (IBGE, 2025).

Os valores cristãos relacionados à conservação da família e do casamento desempenham um papel central na sociedade brasileira, influenciando normas sociais, relações interpessoais e políticas públicas, e isso se dá por uma série de razões. Uma delas está ligada à religião e à formação cristã de parte significativa da sociedade, por exemplo.

De acordo com os Censos Demográficos do IBGE dos anos de 2000 e 2010, o cristianismo permaneceu predominante. Em 2000, 90,2% da população se declarava cristã, sendo 73,6% católicos e 15,4% evangélicos. Já em 2010, o percentual de cristãos caiu para 86,8%, com 64,6% de católicos e um crescimento significativo dos evangélicos, que passaram a representar 22,2% da população. Os evangélicos foram o grupo religioso que mais expandiu

sua presença no Brasil entre os censos. Em 1980, representavam 6,6% da população, percentual que subiu para 9,0% em 1991 (IBGE, 2023).

Apesar do aumento da proporção de pessoas que se declaram sem religião — que passou de 7,9% em 2010 para 9,3% em 2022 —, o cristianismo se mantém como a principal orientação religiosa no país. O Censo de 2022 mostrou a continuidade da queda do catolicismo, que chegou a 56,7% da população, enquanto os evangélicos cresceram para 26,9%. Assim, mesmo diante das mudanças no perfil religioso, mais de 80% dos brasileiros se identificam como cristãos, confirmando a centralidade dessa tradição religiosa (IBGE, 2023).

Max Weber (2004) já destacava como a ética religiosa molda comportamentos, afetando a organização social e a moralidade coletiva. Autores mais contemporâneos como Giddens (1993) ressaltam que, atualmente, o casamento e a família passam por transformações, mas continuam conciliando tradições religiosas com novas formas de relacionamento e estrutura familiar. Nesse sentido, a manutenção da família é uma pauta permanente das igrejas e comunidades cristãs, que disseminam discursos e promovem iniciativas com o objetivo de “salvar casamentos”⁸.

Se estamos diante de um aumento súbito do interesse pelo divórcio em uma sociedade que, sabe-se, tem valores cristãos e valoriza o matrimônio, entender os sentidos atribuídos ao casamento e à família é importante para elucidar os caminhos que levaram milhares de pessoas a pensarem em divórcio durante o período crítico da pandemia. Da mesma forma, essa compreensão é fundamental para uma investigação sobre como os casais atravessaram essa crise.

Além disso, na medida em que a mulher, historicamente, é atrelada ao espaço doméstico e ao contexto familiar, entende-se ser inevitável jogar luz sobre seu lugar nessa discussão. Construções socioculturais associaram o feminino à natureza, ao trabalho reprodutivo e à maternidade, enquanto o masculino foi vinculado à esfera pública e produtiva, e essa ideia foi reforçada por discursos religiosos, políticos e até científicos e filosóficos que legitimaram uma divisão sexual do trabalho em que a mulher é confinada ao papel central de cuidadora na configuração da família (Beauvoir, 1949).

⁸ A Igreja Católica realiza encontros como o ECC (Encontro de Casais com Cristo), um movimento presente em várias dioceses do país, que busca reforçar os laços conjugais à luz da fé. Entre as igrejas evangélicas, destaca-se a Igreja Batista da Lagoinha, que oferece o retiro Casados para Sempre, focado em restaurar relacionamentos através de princípios bíblicos. Já a Comunidade Canção Nova, ligada à Renovação Carismática Católica, promove eventos como o Acampamento para Casais, abordando desafios conjugais com aconselhamento espiritual. Além disso, igrejas como a Assembleia de Deus e a Bola de Neve Church realizam cultos e conferências matrimoniais para fortalecer a união conjugal e prevenir separações.

O matrimônio foi forjado como um ideal de realização pessoal, especialmente para mulheres. Como lembra Zanello (2018), ao refletir sobre o conceito de dispositivo amoroso, a relevância do casamento é constituída de pesos diferentes a depender do gênero:

Faz-se mister destacar, assim, que o investimento afetivo/pulsional em uma relação heterossexual e na manutenção dela quase nunca é o mesmo para mulheres e homens. Ele é gendrado. São relações mais ou menos assimétricas, em que a reciprocidade de investimento raramente existe (Zanello, 2018, p. 90).

Trata-se de algo profundamente enraizado e construído ao longo do tempo, como observa a historiadora Mary Del Priore, quando aborda a importância do casamento para mulheres do início do século XX no Brasil:

As mulheres eram, então, persuadidas de que não casar era um insucesso. Fazia-se a diferença entre a solteirona - rejeitada para o casamento - e a solteira, ainda não escolhida, mas, casável. As primeiras ficavam conhecidas como formais, deselegantes e retraídas. [...] Era uma forma de descensão social, que deprimia as moças maduras (Del Priore, 2005, p. 254).

Um século depois, não é possível afirmar que as coisas mudaram tanto assim. Ainda há um certo estigma, principalmente em relação a mulheres que não se casam e decidem não ter filhos. Ainda persiste a ideia de que a mulher, por mais bem sucedida que seja em outras áreas da vida, quando não forma uma família, não é uma mulher “completa”.

A questão ultrapassa o terreno do simbólico na medida em que também envolve questões práticas e materiais, isto é, a valorização do casamento encontra respaldo também em razões econômicas:

Os limites maiores para conseguir uma remuneração que permita seu próprio sustento, assim como as pressões no âmbito moral e a valorização da mulher como mãe e como esposa, deixam poucas alternativas além do casamento para muitas mulheres. **As transformações ao longo do tempo, mas também as preferências dos indivíduos por se engajar em determinadas formas de relacionamento e de organização da vida doméstica, têm relação direta com aspectos estruturais e fatores materiais.** O interesse imediato das mulheres no casamento é uma consequência das barreiras para a construção de uma vida mais autônoma, das barreiras no mundo do trabalho para que possam optar por sustentar a si mesmas e a seus filhos ou construir formas de vida independentes (Biroli, 2014, p. 16). **(grifo nosso).**

Goldenberg (2015), baseada na teoria dos capitais de Pierre Bourdieu, criou o conceito de capital marital para refletir sobre a elevada importância atribuída por mulheres brasileiras ao casamento:

O que as brasileiras mais valorizam, em seus depoimentos, é o fato de terem um casamento sólido e satisfatório, de muitos anos. A existência desse tipo de casamento foi apontada como o principal motivo de felicidade. A sua ausência foi motivo de infundáveis queixas e lamúrias. [...] **Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira.** [...] Em um mercado em que os homens são escassos, [...] as casadas sentem-se poderosas por terem um objeto raro e extremamente valorizado pelas mulheres brasileiras, e também por se sentirem superiores e imprescindíveis para os seus maridos (Goldenberg, 2015, p. 39-40). **(grifo nosso)**

Essa ideia está, explícita ou implicitamente, presente na literatura, na música, no cinema, nas novelas, nos discursos de amigos e familiares, enfim, ela ronda todo o imaginário social, especialmente das mulheres brasileiras, como aponta a autora. Bassanezi (2005, p. 118), ao refletir sobre como as revistas femininas abordavam o tema da felicidade conjugal em meados do século XX, destaca que: “As revistas colocam o peso da manutenção da ‘felicidade do lar’ - e muitas vezes do próprio comportamento do marido nos ombros femininos: ‘a mulher faz o marido.’”

O fato de o casamento ser um objetivo central na vida das mulheres gera consequências em inúmeras outras áreas da vida. Quando uma mulher envelhece e não se casa, ela passa a ser alvo de certo tipo de preconceito, o que pode trazer desconforto e uma sensação de desencaixe. Além disso, o investimento emocional, de energia e de tempo para alcançar esse objetivo não se esgota aí, mas se estende ao longo do tempo, já que é preciso também trabalhar para manter o relacionamento. Ficar solteira, sobretudo a partir de certa idade, não é atrativo para as mulheres de uma forma geral.

Como se vê, refletir sobre relações amorosas e conjugalidade é complexo. Ulrich Beck traduz essa complexidade:

Se se tratasse apenas de amor e casamento. Mas quem fixa as relações entre os sexos apenas no que parecem ser - relações nos âmbitos da sexualidade, do afeto, do casamento, da paternidade, maternidade, etc. - ignora que elas são isto e simultaneamente tudo o mais: trabalho, profissão, desigualdade, política, economia. [...] Quem fala de família também precisa falar de instrução, profissão e mobilidade, e precisamente de distribuições desiguais [...] (Beck, 2011, p. 28).

No outro lado da mesma moeda, já se observa uma tendência de aumento do número de divórcios no Brasil há décadas. Refletindo sobre para onde caminham as sociedades quando o assunto é buscar se envolver amorosamente ou priorizar liberdade e autonomia individuais, Beck (2011, p. 30) afirma que “O desenvolvimento é, portanto, ambíguo. À tão discutida questão se casamento e família pertenceriam a uma época com dias contados, a resposta é um claro *nim*.”

No contexto brasileiro, um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), realizado em 2009, relaciona o alcance do sinal da TV Globo e suas novelas ao aumento progressivo do número de divórcios a partir da década de 1960. Segundo uma publicação da BBC News Brasil (2009) sobre o estudo, “O enredo das novelas frequentemente inclui críticas a valores tradicionais e, desde os anos 60, uma porcentagem significativa das personagens femininas não reflete os papéis tradicionais [...]”

De qualquer forma, essa tendência acompanhada ao longo de décadas não se compara ao fenômeno observado no período pandêmico, se não refletido diretamente em um aumento

superlativo de divórcios concretos, com certeza traduzido em forma de discurso e intenção. Por outro lado, muitos casais relatam um fortalecimento de seus relacionamentos durante a pandemia.

Trata-se, portanto, em resumo, de estudar sociologicamente o amor e as relações amorosas, já que, atualmente, a principal motivação para o casamento e para a formação das famílias é o afeto, que substituiu em grande medida as motivações econômicas, religiosas ou estratégicas que prevaleceram em momentos históricos anteriores (Giddens, 1992; Illouz, 2011; Beck, Beck-Gernsheim, 2011).

A priori, podem surgir questionamentos em torno dos motivos pelos quais é relevante estudar a família e o amor quando sobram problemas econômicos, políticos, educacionais e de saúde para serem solucionados, especialmente em meio à pandemia. Por que dedicar energia, tempo e recursos para compreender cientificamente algo individual, privado, um objeto que pode ser considerado óbvio, “menor” ou pouco importante?

Inicialmente, é preciso lembrar que os indivíduos são socializados, em primeiro lugar, no âmbito familiar e doméstico. William Goode (1970), sociólogo norte americano estudioso da família, destacava:

[...] através da história, filósofos, reformadores e religiosos, bem como líderes seculares, têm estado, pelo menos implicitamente, atentos à importância dos padrões familiares como elemento central da estrutura social; eles também insinuam que o pesquisador social precisa compreender o comportamento familiar para conhecer os processos sociais em geral. O significado estratégico da família deve ser encontrado em sua função de *mediadora* do ponto de vista da sociedade mais ampla, pois ela liga o *indivíduo* à estrutura social (Goode, 1970, p. 13).

Além disso, a maior parte das pessoas adultas em todo o mundo está ou já esteve, mesmo que por um curto período, envolvida em algum tipo de relacionamento amoroso. Embora muitos não gostem de admitir, o amor costuma ocupar um lugar central entre as preocupações rotineiras da vida comum. É um tema universal que permeia, efetivamente, os pensamentos e as ações da grande maioria da população adulta.

Rossi (2022) argumenta que a importância de estudar sociologicamente o amor reside no fato de que ele não é apenas uma experiência subjetiva e individual, mas um fenômeno profundamente enraizado nos processos sociais e culturais que moldam a individualidade. Trata-se de uma tarefa essencial para acessar dinâmicas sociais mais amplas, pois ele funcionaria como um elo que conecta o indivíduo à sociedade, legitimando a existência social dos sujeitos a partir de uma experiência que se apresenta como íntima e pessoal, mas que está profundamente marcada por normas, discursos e práticas culturais compartilhadas.

Daí decorre a necessidade de se compreender como se dão as relações amorosas e familiares em um contexto social determinado, e entender que fatores externos exercem influência sobre os relacionamentos. Da mesma forma e percorrendo o caminho inverso, também se mostra relevante compreender como os impactos nos relacionamentos provocam transformações sociais.

Eva Illouz, socióloga estudiosa das emoções na atualidade, afirmou em entrevista concedida à BBC em maio de 2021, que a maioria dos casais não suporta por muito tempo a intimidade constante imposta pelo distanciamento social sem a convivência com a esfera pública, isto é, com os amigos, o ambiente de trabalho e a família extensa. O contexto pandêmico revelou o impacto que fenômenos macrossociais podem ter nas relações, na intimidade e na vida familiar.

Trancadas em casa, as pessoas foram obrigadas a olhar para dentro. Questões conjugais que antes eram mantidas no âmbito da intimidade, ganharam visibilidade e contornos políticos: quem cuida das crianças que não estão indo à escola? Como ficam as atividades domésticas de limpeza, alimentação, arrumação? Como lidar com a convivência durante 24 horas por dia? O que dizer sobre a libido e a sexualidade?

As relações conjugais também refletem e “respondem” a problemas externos e estruturais. A crise econômica e o desemprego podem repercutir na vida familiar; o luto, o consumo excessivo de álcool e a presença permanente em casa também. Este estudo busca, portanto, investigar de que forma a intimidade das relações pode ser afetada por fenômenos macrossociais como a pandemia da covid-19.

A pandemia da covid-19 vem se apresentando como um evento de amplitude incalculável em todo o mundo. Acontecimentos dessa magnitude repercutem em vários níveis da vida social, impactando desde aspectos estruturais e sistêmicos, até as relações interpessoais e as interações cotidianas, alcançando mesmo a dimensão psicológica dos indivíduos. Do ponto de vista sociológico, trata-se de uma oportunidade de refletir sobre um dos paradigmas centrais para as ciências sociais, ou seja, a relação entre fenômenos macrossociais e microssociais.

São tempos sem precedentes na História, com vários elementos contribuindo para formar essa especificidade. Trata-se de uma pandemia televisionada e transmitida em tempo real em todo o mundo, os meios de comunicação e transporte nunca foram tão rápidos e o acesso à informação é infinitamente maior do que em qualquer outra época.

No início de janeiro de 2020, autoridades chinesas informaram à Organização Mundial da Saúde (OMS) que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2, responsável por causar a doença que hoje conhecemos como covid-19 (OPAS, 2022).

A essa altura, apenas se observava o que ocorria na China como algo muito distante da realidade brasileira. Muitos acreditavam se tratar de uma epidemia gripal como outras que já ocorreram, a exemplo da H1N1, Zika e Ebola, que não trouxeram consequências práticas tão graves e geograficamente tão abrangentes para a saúde e o cotidiano das pessoas. Tudo era ainda muito nebuloso e provavelmente seria resolvido antes de alcançar o território brasileiro.

Com o passar dos dias, assistia-se cada vez mais reportagens diárias sobre a disseminação do vírus por toda a China, atingindo depois a Europa; hospitais operando no limite da capacidade, locais públicos sendo interditados e aeroportos cancelando voos. O uso de máscara passou a ser obrigatório em vários países e a circulação de pessoas passou a ser restringida, chegando mesmo a ser proibida em diversas cidades, salvo em situações excepcionais.

O cenário pós-apocalíptico que se acompanhava pela televisão em países como China e Itália, com suas ruas, praças e *shoppings* absolutamente vazios, passou a ser visto pelos brasileiros a partir da janela de casa. Em meados de março de 2020, foi anunciada a primeira medida de distanciamento social no Brasil.

Com o silêncio das ruas era possível ouvir mais nitidamente os ruídos domésticos: o som da televisão, o ranger do colchão de molas, o choro dos bebês e as discussões dos casais. O espaço da casa, antes quase que resumido ao local para onde a maioria das pessoas retorna para descansar após um dia de trabalho, transformou-se em uma condensação (e improvisação) de espaços diversos, como escola, local de trabalho, lazer e outros.

Aulas e reuniões de trabalho passaram a ocorrer remotamente, o uso de ferramentas *online* foi imposto a muitos profissionais e, em muitos lares, a sala se transformou em escritório. Pelas videochamadas, passou-se a conhecer um pouco das casas de conhecidos e de desconhecidos também. Uma parte da cozinha se insinuava e era possível ver as panelas no fogão, um pedaço da parede da sala com a tinta descascando, uma estante de livros com um vaso de suculentas.

Pelas redes sociais, via-se colegas e amigos aprendendo a cozinhar, adaptando o espaço doméstico para a prática de exercícios físicos e para o cotidiano de trabalho remoto. Outros tantos se mobilizaram para a doação de alimentos, engajaram-se nas famosas *lives*, seminários, palestras e cursos virtuais. Por outro lado, muitos não lidaram bem com o isolamento e desenvolveram transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão. As relações familiares

entre pais e filhos, avós e netos, os momentos de socialização com amigos, enfim, o próprio afeto passou a ser mediado por telas de computadores e celulares.

Segundo a OMS, no primeiro ano de pandemia os transtornos de ansiedade e depressão apresentaram um aumento de 25% a nível global, levando muitos países a incluírem apoio psicológico em seus planos de enfrentamento à pandemia (OMS, 2022). Diante do medo de contrair a doença, da morte de pessoas próximas e outros fatores, como desemprego, solidão e o próprio cotidiano durante os períodos de distanciamento social, os cuidados com a saúde mental passaram a ser mais disseminados.

Considerando a base de dados de Registro Civil sobre óbitos do IBGE, verifica-se que houve um aumento de 14,45% no número de óbitos cuja natureza foi considerada “natural”⁹ de 2019 para 2020, e de 18,2% de 2020 para 2021. Isto significa que, comparando o ano de 2019, anterior à chegada da pandemia no Brasil, com o ano de 2021, houve um aumento de 35,27% no número de mortes desse tipo (IBGE, 2022).

Para além das mortes em si, calcula-se que 55 milhões de pessoas contraíram o vírus ao menos uma vez até o primeiro trimestre de 2023, o que corresponde a 27,4% da população de 5 anos de idade ou mais (IBGE, 2024). O número expressivo de diagnósticos e de mortes, tanto observado ao redor das pessoas como veiculado na mídia, contribui para exacerbar o medo da doença e da morte.

Entre 2019 e 2023, o número de atendimentos por ansiedade na rede pública de saúde aumentou de 71.293 para 274.682 casos, representando um crescimento de mais de 200%. No mesmo período, os casos de depressão aumentaram 34%, enquanto os de transtorno de pânico tiveram alta de 93% (Reis, 2024).

Outra faceta diretamente relacionada às questões de saúde mental diz respeito ao consumo de álcool. Uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)¹⁰, revelou que 18% dos brasileiros relataram um aumento no consumo de bebidas alcoólicas durante a pandemia. Países como China, Reino Unido e Alemanha também registraram aumento expressivo (Garcia e Sanchez, 2020).

Pesquisadores de saúde pública do Reino Unido identificaram um aumento expressivo no consumo de álcool, associado ao isolamento social, ao estresse e à ansiedade provocados pelas restrições sanitárias. Os investigadores destacaram que o álcool foi frequentemente

⁹ Excluídas as mortes violentas e de natureza ignorada e incluídas as mortes por covid-19.

¹⁰ O título da pesquisa é “ConVid: pesquisa de comportamentos” e pode ser acessada pelo link: <https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=principal>

utilizado como uma forma de enfrentamento emocional, aumentando o risco de padrões de consumo problemáticos (Coughlin et al., 2023).

Garcia e Sanchez (2020) apontam que é comum o aumento do consumo de álcool em contextos de forte estresse e situações de luto; além disso, destacam que um dos efeitos negativos do consumo excessivo de bebidas alcoólicas é a violência doméstica e familiar que, durante a pandemia, foi intensificada em todo o mundo. Outros fatores se somaram ao aumento do consumo de álcool e agravaram o contexto de violência doméstica: os limites impostos sobre a atuação de redes de apoio institucionais e familiares e o aumento dos níveis de tensão durante os períodos de isolamento social mais severo são apenas alguns exemplos.

De acordo com a ONU Mulheres (2020), países como Argentina, Canadá, Reino Unido, Alemanha, França, Espanha e Estados Unidos registraram números crescentes de denúncias e demandas por abrigos de emergência logo nos primeiros meses de pandemia. O *Relatório Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*, publicado em 2021 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), revela que uma em cada quatro mulheres brasileiras acima de 16 anos sofreu algum tipo de violência ou agressão nos 12 meses anteriores à pesquisa, isto é, durante a pandemia da covid-19. A mesma pesquisa dá conta de que 50,9% das mulheres reportaram níveis mais altos de estresse em casa em função da pandemia, em comparação com 37,2% dos homens.

Grande parte das profissões que formaram a linha de frente do combate à pandemia é exercida por mulheres. São enfermeiras, técnicas de enfermagem, agentes comunitárias, diaristas, babás e cuidadoras de idosos que, historicamente, exerceram e continuam exercendo a maior parte do trabalho de cuidado e que, durante a pandemia, estiveram mais expostas ao vírus. Trata-se de um tipo de trabalho pouco valorizado socialmente e, em geral, mal remunerado (Hirata, 2016).

No que diz respeito ao trabalho doméstico, sabe-se que é, invariavelmente, não remunerado, igualmente pouco valorizado e, em sua maioria, desempenhado por mulheres e meninas. Em um como em outro caso, o chamado *care* (Biroli, 2015), faz parte do universo que vem sendo denominado como crise do cuidado, com o intuito de se referir à sobrecarga de trabalho que atinge as mulheres e vem se intensificando desde a pandemia.

Para além do trabalho de cuidado, é importante observar que as atividades domésticas em geral também costumam ficar sob a responsabilidade de mulheres e meninas. Atividades como cozinhar, limpar e organizar a casa, lavar roupas e fazer as compras básicas, são essenciais para a manutenção da rotina doméstica de uma família.

Segundo dados divulgados pelo IBGE no âmbito da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNADC), em 2022, enquanto as meninas e mulheres de 14 anos ou mais dedicaram, em média, 21,3 horas por semana aos afazeres domésticos e/ou ao cuidado de pessoas, os homens gastaram 11,7 horas (IBGE, 2023).

Sobre esse aspecto há que se destacar as inúmeras realidades distintas no contexto brasileiro. Há mulheres que se dedicam exclusivamente ao trabalho doméstico, há aquelas que acumulam um emprego formal com os afazeres domésticos e há ainda as mulheres de classe média alta, que costumam terceirizar esse tipo de trabalho a empregadas domésticas, um grupo formado, em sua maioria, por mulheres negras e moradoras de bairros periféricos. De uma forma como de outra, as mulheres estão sobrecarregadas.

Segundo pesquisa realizada pela organização Gênero e Número e pela Sempre Viva Organização Feminista (SOF)¹¹, metade das mulheres brasileiras passou a cuidar de alguém durante a pandemia, sendo a maioria composta por mulheres negras. Para as mulheres que mantiveram seus empregos, o trabalho de cuidado e as atividades profissionais se misturaram, trazendo mais estresse para o cotidiano de isolamento.

Diretamente relacionada ao trabalho, está a segurança financeira. De acordo com a mesma pesquisa, 40% das mulheres afirmaram que a pandemia colocou em risco a sustentação da casa, principalmente no que diz respeito ao pagamento de contas básicas, como aluguel, alimentos e medicamentos. Entre estas, 55% são mulheres negras.

O surgimento da vacina, a tendência de queda nas mortes se consolidando e a declaração do fim da emergência global pela OMS, em maio de 2023, não fizeram desaparecer todas as sequelas - físicas, psicológicas, sociais, econômicas, etc. - deixadas pela pandemia.

Diante desse contexto, cabe perguntar: como ficaram os relacionamentos amorosos? Em meio a tantas preocupações e tensões de alcance mundial, como os casais atravessaram esse período?

Em 12 de março de 2025 se completaram cinco anos da primeira morte por covid-19 no Brasil. Jornais publicaram reportagens com um balanço do período (CNN Brasil, 2025; Exame, 2025). Especialistas ouvidos chamam atenção para o apagamento do assunto no debate público, como se as pessoas já tivessem esquecido o tempo em que não era possível sair de casa, os

¹¹ O título da pesquisa é “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” e pode ser acessada no link: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>.

longos meses usando máscara e álcool em gel quase que obsessivamente (BBC News Brasil, 2025).

Há ainda os que alertam para os efeitos da chamada Covid longa, que podem incluir fadiga crônica, névoa mental, palpitação, dores musculares, entre outros (The New York Times, 2025). A ciência ainda não desvendou os motivos pelos quais algumas pessoas continuam manifestando esses sintomas, mas já se sabe que o vírus causador da covid-19 pode deixar sequelas duradouras. Os impactos do isolamento na saúde mental e do negacionismo para a ciência e a vacinação também são destacados (G1, 2025). O luto coletivo, o medo de contrair a doença e a perda de familiares e amigos ainda estão presentes na memória de muitas pessoas.

Há uma parcela significativa da população que sofreu perdas de ordem financeira e ainda está se recuperando, seja por ter perdido o emprego durante a pandemia, seja por ter precisado fechar um negócio, por exemplo. Muitas pessoas precisaram partir para a informalidade ou contrair empréstimos que, com o tempo, transformaram-se em dívidas maiores. A incerteza quanto ao futuro e as mudanças no mercado de trabalho, especialmente a partir do modelo remoto, também contribuem para um quadro de desgaste emocional que merece atenção.

Outros especialistas e autores de artigos e matérias jornalísticas optaram por trazer o lado positivo da pandemia, ressaltando aspectos como a transformação digital, que foi acelerada em inúmeras áreas, a evolução nas pesquisas sobre vacinas e a solidariedade que muitas pessoas manifestaram nos momentos mais críticos (Metrópoles, 2025).

Esse cenário de acúmulo de fatores que trazem insegurança e instabilidade, acaba impactando significativamente a dinâmica familiar, sendo este o pano de fundo sobre o qual se desenrola o tema desta pesquisa. Algumas perguntas centrais servirão de norte para a investigação: os períodos de distanciamento social impactaram os relacionamentos amorosos? Em caso afirmativo, em que medida e de que forma se deu esse impacto? Quais aspectos tiveram mais peso? E quais as consequências disso para os relacionamentos?

Importa responder as perguntas norteadoras a partir das percepções e dos sentidos atribuídos por pessoas que estiveram envolvidas em relacionamentos amorosos durante a pandemia, tendo ou não se divorciado, motivo pelo qual a perspectiva teórica à qual esta pesquisa se alinha é a da Sociologia Compreensiva.

Quanto à metodologia adotada, a fim de responder as perguntas norteadoras a partir de uma apreensão da realidade, tanto quanto possível, objetiva, optou-se por metodologia mista ou abordagem multimétodo. Foram analisados dados quantitativos secundários, bem como foram realizadas entrevistas semiestruturadas, como técnica de pesquisa qualitativa. As entrevistas

foram realizadas com pessoas que estavam em um relacionamento amoroso durante a pandemia.

Assim, a tese foi dividida em quatro capítulos. Após este capítulo introdutório, em que são apresentadas a justificativa e a relevância do tema, a contextualização e os objetivos da pesquisa, o segundo capítulo trata do percurso metodológico trilhado. É feita uma descrição minuciosa de cada passo, desde o acúmulo inicial de repertório, com acompanhamento de notícias de jornais sobre o assunto, leitura de artigos recentes, conversas informais e consumo de variados tipos de materiais, passando pela realização de uma etapa exploratória com aplicação de questionários, pesquisa em bases de dados quantitativos oficiais, até a realização de entrevistas semiestruturadas.

No terceiro capítulo, é apresentada a discussão teórica, com as principais contribuições das ciências sociais a respeito do tema. O objetivo é oferecer um mapa conceitual com as ideias centrais sobre família e amor, sobretudo no contexto da modernidade, sempre em diálogo com outros materiais, como reportagens e conteúdos publicados em redes sociais, além de trechos transcritos das entrevistas realizadas.

No quarto e último capítulo, os dados primários coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, são sistematizados e analisados a partir das categorias que interessam ao estudo por meio de uma análise de conteúdo.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo são apresentados, de forma detalhada, os procedimentos metodológicos empreendidos ao longo da pesquisa. Ao refletir sobre a estratégia mais apropriada para os objetivos desta pesquisa, optou-se por uma combinação de diferentes metodologias, que possibilitasse distintos olhares e pontos de vista sobre o mesmo objeto.

Inicialmente, buscou-se acumular repertório sobre o tema por meio dos mais diversos tipos de conteúdo, como mídias sociais, notícias, entrevistas e reportagens publicadas em jornais e revistas *online*, conversas informais e até literatura de autoajuda. Paralelamente, foi feita uma revisão bibliográfica de artigos científicos sobre relacionamentos amorosos na pandemia, a fim de contrastar o que diz o senso comum com o que diz a ciência a respeito do assunto.

Essa etapa inicial forneceu subsídios para a formulação de um questionário, visando a coleta de dados primários. Posteriormente, ainda na fase exploratória da pesquisa e partindo dos *insights* obtidos, foram realizadas entrevistas com profissionais que lidam com pessoas e/ou casais em processo de divórcio. Para compreender o quadro geral desde uma perspectiva quantitativa, foi realizada uma análise de dados estatísticos secundários, a partir de pesquisa no banco de dados do Registro Civil do IBGE. Esse procedimento permite desenhar o pano de fundo sobre o qual se desenrola a discussão.

Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas diretamente com pessoas envolvidas em relacionamentos amorosos durante a pandemia, procedimento descrito no último subtópico deste capítulo.

2.1 Um mergulho no senso comum

O primeiro esforço de pesquisa consistiu em um mergulho na temática através de materiais diversos, especialmente acessados em *sites* de jornais, revistas, redes sociais, mas também televisão, rádio e conversas informais.

Todo o processo foi norteado pela ideia de ciclo da pesquisa, como “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.” (Minayo, 2001, p. 26).¹²

¹² A imagem de espiral fica bem demonstrada uma vez que o foco inicial eram os casais que se separaram durante a pandemia e, ao longo da pesquisa, surgiram inúmeros relatos de casais que se fortaleceram e formalizaram suas uniões no mesmo período, obrigando a uma reorientação contínua da análise.

Inicialmente, foi feito o monitoramento das buscas na *internet* por termos relacionados ao assunto e de notícias publicadas em *sites* nacionais e internacionais. O intuito foi realizar uma primeira aproximação do tema e um mapeamento de sua relevância a nível global. Interessava apreender a propagação de certo discurso sobre a vinculação entre os divórcios e a pandemia. Para as notícias de âmbito nacional, foram catalogadas por data (Quadro 1) aquelas publicadas pelos portais G1 e Uol, por serem dois dos mais acessados no país (Similarweb, 2023).

Quadro 1 - Notícias sobre divórcio e pandemia publicadas no Portal G1 e no UOL (2020 - 2023)

24/03/2020	Coronavírus: confinamento teria causado número recorde de divórcios em cidade da China	G1
05/04/2020	Casais em isolamento: como superar momento de convivência intensa sem destruir a relação	G1
10/06/2020	Apesar da queda do nº de processos no TJ-BA, busca pelo divórcio no isolamento cresce em escritório; terapeuta explica	G1
15/07/2020	Número de divórcios sobe quase 900% durante pandemia em Sorocaba	G1
22/07/2020	Divórcios aumentam 19,4% durante pandemia em MG	G1
23/07/2020	Divórcios crescem no Brasil em junho, após permissão para processo online	G1
27/09/2020	Casamento no divã: pesquisas por 'divórcio' explodem na pandemia; Veja dicas para salvar relação	G1
30/11/2020	Estudo sugere que divórcio pode afetar saúde física e mental	UOL
09/12/2020	"Transformei meu divórcio em um negócio para ajudar outras mulheres"	UOL
19/01/2021	DF atinge recorde de divórcios em cartórios em 2020	G1
29/01/2021	Segundo semestre de 2020 no RJ registra o maior número de divórcios desde 2007, diz colégio notarial	G1
31/01/2021	Minas Gerais registra recorde histórico de divórcios durante pandemia de coronavírus	G1
01/04/2021	Maior cartório do RJ registra aumento de 22% no número de divórcios em 2020	G1
17/05/2021	Pandemia aumenta demanda por atendimento jurídico em defensorias públicas no ES	G1
20/05/2021	Otávio Mesquita diz que pandemia foi fator em divórcio: 'Você fica tenso'	UOL
11/06/2021	Divórcios extrajudiciais sobem 26,9% de janeiro a maio de 2021 e disparam na pandemia; SP lidera ranking nacional	G1

15/07/2021	Número de divórcios sobe 9,36% em Rondônia durante a pandemia em 2021	G1
31/07/2021	Divórcios em cartório batem recorde no 1º semestre em Campinas; casamentos, uniões estáveis e testamentos têm alta	G1
19/09/2021	Agosto de 2021 foi o mês com maior número de divórcios na história do Alto Tietê, aponta levantamento	G1
05/12/2021	Terapia sexual e pandemia: conheça 7 conflitos que surgiram no consultório	UOL
11/12/2021	Marcado pela pandemia, 2021 já é o ano com o maior número de divórcios na história do Alto Tietê	G1
18/02/2022	Número de divórcios cai 22,4% em Rondônia, puxado pelo fechamento de varas judiciais na pandemia	G1
10/03/2022	Advogada explica sobre guarda compartilhada de animais de estimação em processos de divórcio	G1
13/03/2022	Juiz de Fora e Barbacena têm o maior número de divórcios nos últimos 3 anos; veja outras cidades e o que dizem os especialistas	G1
14/03/2022	Reflexo da pandemia? Divórcios aumentam em 3 anos em algumas cidades do Centro-Oeste de MG	G1
28/03/2022	Uberlândia e Uberaba têm alto número de divórcios nos últimos 3 anos; veja dados de outros municípios e análise de psicóloga sobre fatores	G1
15/04/2022	RS tem aumento de 8% nos divórcios em 2021, apontam cartórios	G1
18/04/2022	Divórcios em Cartórios de Notas aumentam 16% na Bahia em meio à pandemia; veja como fazer pedido online	G1
24/04/2022	Cartórios de Campinas somam 823 divórcios em 1 ano e superam média nacional com alta de 7,7%	G1
26/04/2022	João Pessoa tem número recorde de divórcios em meio à pandemia	G1
07/05/2022	Número de divórcios em 2021 foi o maior na história dos cartórios do Alto Tietê, aponta levantamento	G1
12/05/2022	Divórcios crescem em Ribeirão Preto; facilidade em aderir ao processo e pandemia justificam dados, diz especialista	G1
15/06/2022	Finanças: especialistas dão dicas para casais não terem atritos	UOL
27/12/2022	Número de divórcios cai em 2022, após bater recorde durante o período mais crítico da pandemia	G1
16/02/2023	Número de casamentos e divórcios cresce no segundo ano de pandemia, afirma IBGE	UOL

Fonte: Elaborada pela autora.

Em outros países também foi possível observar a repercussão sobre um aumento do interesse sobre o divórcio durante o período mais crítico da pandemia. Uma matéria publicada

pela Forbes em junho de 2021 sobre os impactos da pandemia nos relacionamentos e no trabalho nos Estados Unidos diz que:

Os eventos que ocorreram nos últimos 15 meses colocaram uma pressão significativa nos relacionamentos, e os casais enfrentaram alguns desafios difíceis como resultado. [...] Tudo isso junto levou a algumas estatísticas surpreendentes quando se trata de relacionamentos, e **com mais de um terço dos homens e mulheres casados relatando que a pandemia aumentou o estresse em seu casamento, parece inevitável que veremos um aumento incomum no divórcio** (Lynch, 2021). (grifo nosso) (tradução nossa)¹³

No Reino Unido, uma matéria publicada no site da BBC em dezembro de 2020 descreve alguns aspectos sobre como o distanciamento social pode afetar os relacionamentos e traz a percepção de uma advogada que lida com divórcios no país:

O principal escritório de advocacia britânico Stewarts registrou um aumento de 122% nas consultas entre julho e outubro, em comparação com o mesmo período do ano passado. A Charity Citizen's Advice relatou um aumento nas buscas por conselhos on-line sobre como terminar um relacionamento. [...] No escritório de advocacia Stewarts, a sócia Carly Kinch descreve a pandemia como "a tempestade perfeita" para casais, com bloqueios e distanciamento social fazendo com que eles passem mais tempo juntos. Isso tem, em muitos casos, atuado como um catalisador para separações que podem já estar nos planos, especialmente se rotinas separadas anteriores serviram para mascarar problemas (Savage, 2020). (tradução nossa)¹⁴

A revista de origem francesa *Elle* apelidou a pandemia de “aceleradora de divórcios” e destacou elementos interessantes em uma matéria publicada em março de 2022: “Esses dois anos de crise do coronavírus colocaram os casais à prova. Repetidos confinamentos, distribuição desigual da carga mental e divergências de opinião sobre questões de saúde provocaram um aumento no número de separações.” (ELLE, 2022). (tradução nossa)¹⁵

O jornal argentino *La Nación* publicou uma matéria intitulada *La otra pandemia: crecen los divorcios por el desgaste de la cuarentena*, divulgando dados de um estudo realizado na Universidade de Buenos Aires:

Um estudo do Observatório da Faculdade de Psicologia da UBA indica que a crise do coronavírus deteriorou o relacionamento de um em cada três casais. No início da pandemia, o observatório realizou o estudo “Família, parceiro e educação no contexto de uma pandemia”. Eles compararam como os casais se sentiram em 10 dias

¹³ The events that have occurred over the last 15-plus months have put significant strain on relationships, and couples have faced some tough challenges as a result. [...] All of this together has led to some startling statistics when it comes to relationships, and with over a third of married men and women reporting that the pandemic has increased stress in their marriage, it seems inevitable that we will see an unusual uptick in divorce.

¹⁴ Leading British law firm Stewarts logged a 122% increase in enquiries between July and October, compared with the same period last year. Charity Citizen's Advice reported a spike in searches for online advice on ending a relationship. [...] At law-firm Stewarts, partner Carly Kinch describes the pandemic as “the perfect storm” for couples, with lockdowns and social distancing causing them to spend increased amounts of time together. This has, in many cases, acted as a catalyst for break-ups that may already have been on the cards, especially if previous separate routines had served to mask problems.

¹⁵ Ces deux ans de crise du coronavirus ont mis les couples à rude épreuve. Confinements à répétition, répartition inégale de la charge mentale et différences d'opinions sur les questions de santé ont provoqué une augmentation du nombre de séparations.

e 80 dias de bloqueio. A principal conclusão foi que o clima geral do relacionamento piorou com o passar dos dias. [...] Quando um estudo semelhante foi realizado seis meses após a pandemia, 36% dos consultados disseram que o relacionamento com o parceiro havia se deteriorado devido à crise do coronavírus (Himitian, 2020). (grifo nosso) (tradução nossa)¹⁶

Para além de notícias de jornais e reportagens sobre o aumento do número de divórcios na pandemia, é interessante também observar uma outra ordem de discursos que permeiam o cotidiano, sobretudo na mídia e nas redes sociais digitais.

O que se publica nas redes sociais atualmente tem um grande alcance e exerce influência sobre os discursos e opiniões que se disseminam nesses mesmos espaços virtuais. A análise de um fenômeno social como o divórcio ou os relacionamentos amorosos em geral deve incluir em seu escopo a observação do que se “diz”, direta ou indiretamente, nas redes. Grande parte dos modos de ser e estar no mundo, bem como de narrar a si mesmo são, hoje, mediados pelos discursos presentes em redes sociais digitais.

Segundo o *Global Digital Report*¹⁷, que mapeia hábitos dos internautas em nível mundial, em 2021 os brasileiros passaram uma média de 10h08m diários conectados à *internet*. Quanto às redes sociais, o Brasil está em segundo lugar no *ranking*, com uma média diária 03h42m. Outros estudos dão conta do aumento significativo do tempo de exposição às redes durante a pandemia (Siqueira, 2021; CETIC.BR, 2021).

Até o momento, pouco se sabe acerca do real impacto da exposição às redes sociais digitais no comportamento humano. O que se sabe, com um certo grau de precisão, é que elas ocupam parte considerável do cotidiano das pessoas, tornando imprescindível que a Sociologia se debruce também sobre este tipo de discurso.

Após poucos meses de distanciamento social, proliferaram nas redes sociais charges, piadas, artigos de opinião, reportagens e, claro, os chamados *memes* sobre a vida dos casais na pandemia. Obviamente, esses discursos não têm origem no contexto pandêmico; narrativas machistas e sexistas em torno do casamento permeiam o imaginário social há muito tempo. Porém, durante a pandemia o tema ganhou contornos diferentes.

Uma das imagens mais emblemáticas é a decoração do bolo de casamento que traz o homem algemado, amordaçado, rendido ou fugindo do compromisso:

¹⁶ Un estudio del Observatorio de la Facultad de Psicología de la UBA marca que la crisis del coronavirus deterioró la relación de una de cada tres parejas. Al comienzo de la pandemia, el observatorio realizó el estudio "Familia, pareja y crianza en contexto de pandemia". Compararon cómo se sentían las parejas a los 10 días y a los 80 días de encierro. La conclusión principal fue que el ánimo general la relación empeoró con el correr de los días. [...] Cuando se hizo un estudio similar a los seis meses de la pandemia, el 36% de los consultados dijo que la relación con su pareja se deterioró por la crisis del coronavirus.

¹⁷ Disponível em: <https://www.hootsuite.com/resources/digital-trends>.

Figura 1 - Topo de bolo de casamento: noiva puxando noivo que quer fugir



Fonte: <https://manualdohomemmoderno.com.br/relacionamento/casar-ou-comprar-uma-bicicleta>

Figura 2 - Topo de bolo de casamento: noivo acorrentado e amordaçado



Fonte: <https://br.pinterest.com/Rosangela7047/noiva-biscuit/>

Durante a pandemia, tomando como mote principal a convivência intensificada pelo confinamento, uma série de outras questões vieram à tona e se transformaram em material para a produção desse tipo de conteúdo: divisão das tarefas domésticas, *home office*¹⁸, aulas *online*, uso excessivo do celular, perdas e lutos por conta da doença, ansiedade e medo. Tudo isso trouxe tensão para a vida familiar, causando conflitos e discussões, mas, em outros casos, trazendo mais união e solidariedade. De uma forma ou de outra, esse caldeirão de acontecimentos serviu de material para compartilhamento nas redes sociais. Alguns exemplos estão ilustrados nas figuras abaixo:

¹⁸ Trabalho em casa (tradução da autora).

Figura 3 - Tirinha de humor sobre divórcio



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/category/pandemia/page/2/>

Figura 4 - Tirinha de humor “tempos de quarentena”



Fonte: https://www.facebook.com/p/Charles-Barreto-Advogado-100054460869568/?locale=ka_GE&_rdr

Figuras 5 e 6 - Memes sobre convivência entre marido e mulher na quarentena



Fontes: <https://br.pinterest.com/pin/920212136333046605/> e <https://www.facebook.com/photo?fbid=426785382344985&set=pb.100050405803172.-2207520000>

O tom que permeia quase que a totalidade dos memes é de sátira e ridicularização do casamento, de saturação em relação à convivência com o (a) parceiro (a), de indicação de que a pandemia seria a causa de muitos divórcios. Embora sejam “apenas” piadas ou conteúdos compartilhados para “descontrair”, os memes se constituem como um fenômeno social compartilhado de amplo impacto, na medida em que contribui para perpetuar e consolidar ideias e discursos (Shifman, 2014; Silva, 2023).

Para Bentes (2015), os memes teriam o potencial de multiplicar ou, para empregar vocabulário mais comum, viralizar concepções e valores estéticos e morais, reforçando pertencimentos. Daí a relevância de uma análise que leve em consideração esse tipo de linguagem, tão próprio da contemporaneidade e pelo qual poucos passam incólumes.

Outra tendência cuja intensificação foi observada nesse período, não apenas no Brasil mas também em outros países, foram as chamadas festas de divórcio. Segundo reportagem do O Globo (2024), as festas de divórcio são vistas por psicólogos como uma nova forma de encarar o fim dos relacionamentos amorosos. Um caso ocorrido em Santa Catarina exemplifica essa tendência, conforme relatado pela Record TV (2024). Uma matéria do site Metrôpoles (2024) afirma que “A ideia da festa do divórcio é celebrar, com bom humor, o fim do casamento e deixar o conceito de ‘fracasso’ para trás.”

Nos Estados Unidos, há relatos como o de Sabrina Philipp, que organizou uma festa de divórcio luxuosa, incluindo o lançamento da aliança ao mar como ato simbólico (Business Insider, 2024). Outra norte-americana, Ava Gonzalez, promoveu uma festa temática intitulada "Finalmente Divorciada", destacando o divórcio como um novo começo (People, 2024).

Na França, festas de divórcio com alto custo e produção elaborada estão mais frequentes, como relata o *Le Journal du Dimanche* (2024) em matéria intitulada *Divorce party: la nouvelle tendance qui consiste à fêter sa séparation comme son mariage*¹⁹. A *BFMTV* (2024) destaca festas em que os participantes queimam vestidos de noiva ou jogam dardos em fotos dos ex-parceiros, criando um ambiente de catarse emocional. Já a *TF1 Info* (2024), em reportagem com o título *Divorce party: avec cette tendance, le divorce n'est plus considéré comme un échec*²⁰, mostra como essas festas ajudam a mudar a percepção cultural do divórcio.

Trata-se de uma tentativa de amenizar uma situação que é, por sua própria natureza, difícil. Uma tentativa de trazer certa positividade ao divórcio, de mostrar que há vida após uma separação e que não é o “fim do mundo” encerrar um casamento. Esse tipo de movimento, por

¹⁹ Festa de divórcio: a nova tendência de celebrar a separação como se fosse o casamento. (tradução nossa)

²⁰ Festa de divórcio: com essa tendência, o divórcio já não é mais considerado um fracasso. (tradução nossa)

si só, já é indicativo de que o casamento é muito valorizado. O divórcio adquire contornos ainda mais expressivos em um contexto social em que o casamento e a família são instituições centrais, como é o caso do Brasil.

Ao mesmo tempo, perfis de advogadas e psicólogas começaram a promover *lives* para discutir sobre as relações entre o aumento do número de divórcios e a pandemia, sobre como resgatar o relacionamento desgastado pela convivência intensa, ou oferecendo orientação jurídica sobre como dar entrada em um pedido de divórcio, entre outras questões relacionadas. São exemplos ilustrativos:

Figuras 7 e 8 - Postagens do *Instagram* @idivorciei²¹ com conteúdos sobre divórcio na pandemia



Fonte: @idivorciei, 2020.

²¹ O perfil @idivorciei no Instagram se descreve como uma rede de apoio para quem recomeça após o divórcio ou viuvez e conta atualmente com 17,2 mil seguidores.

Figura 9 - Postagem do perfil @institutoterapiadecasal no *Instagram*²² com divulgação de *live* sobre casais na pandemia



Fonte: @institutoterapiadecasal, 2020.

Por outro lado, ainda que a *internet*, aparentemente, já esteja superando outras mídias na preferência do público, não se pode ignorar o grande espaço que outras linguagens ainda ocupam, como a televisão, o rádio, os jornais e as revistas. Nesse sentido, diferentes formatos midiáticos também abordaram o tema da hiper convivência dos casais durante a pandemia e os problemas advindos desse contexto.

Uma reportagem especial do Fantástico, da TV Globo, exibida em setembro de 2020, lançou uma pergunta aos casais: o que mais provocou brigas durante a pandemia? Foram apresentadas cinco opções de resposta: uso exagerado do celular, divisão de tarefas domésticas, excesso de críticas, falta de romance e falta de dinheiro e dívidas. Os telespectadores puderam responder pelo sítio eletrônico da emissora, e os resultados foram apresentados durante o programa.

Os dados revelaram um equilíbrio entre as causas de conflito: a divisão de tarefas domésticas e o excesso de críticas empataram, com 23% cada, seguidos de perto pelo uso exagerado do celular (21%) e por questões financeiras (20%). Mesmo a falta de romance, com 13%, mostrou-se um fator relevante. Essa proximidade nos percentuais demonstra que nenhum motivo isolado dominou as discussões, que a convivência forçada na pandemia pulverizou as tensões entre diversos aspectos do cotidiano dos casais.

²² Na página principal do perfil, que possui atualmente 14,7 mil seguidores, consta a seguinte descrição: “Auxiliamos no desenvolvimento de relações saudáveis e na formação/capacitação continuada de terapeutas de casais.”

O programa Artigo 5º, da TV Justiça, produziu um episódio intitulado “Aumento do divórcio na pandemia”, exibido na segunda metade de 2020. Participaram do programa uma psicóloga, um advogado e o presidente da Comissão de Direito de Família e Sucessões da OAB/SP, abordando os aspectos legais e emocionais que envolvem o tema e respondendo dúvidas de telespectadores. A descrição do episódio é ilustrativa:

Quais são os reflexos da convivência excessiva dentro de casa? A pandemia provocou o isolamento social e muitos casamentos não estão resistindo a essa nova rotina. A taxa de divórcios cresceu 18,7% entre os meses de maio e junho deste ano. O programa Artigo 5º fala sobre as mudanças na legislação ao longo dos tempos. A mais recente delas é o provimento 100/2020, do Conselho Nacional de Justiça, que possibilita que todo o processo seja feito por videoconferência em alguns casos. Além dos aspectos legais do divórcio, o programa aborda as questões emocionais (Youtube, 2020).

Reportagens e matérias especiais contendo entrevistas com casais e profissionais do Direito e da Psicologia também exploraram o tema, sobretudo em veículos cujo público é majoritariamente feminino. Uma reportagem intitulada “Pandemia expõe falhas nas relações amorosas e cresce o número de divórcios” (Lapa, 2021), publicada em maio de 2021 na coluna Amor & Sexo da revista Claudia, traz relatos de personagens reais que, diante do confinamento, revisitaram seus relacionamentos e repensaram projetos de vida em comum.

Além disso, colunas e matérias de orientação e aconselhamento circularam amplamente durante o isolamento social, oferecendo dicas para lidar com os desafios da convivência intensa. Chris Cavalcante (2020), em coluna para o portal Universa/UOL, destaca que, logo no início do isolamento, os conflitos conjugais já eram perceptíveis em consultórios de psicologia e que o excesso de convivência potencializou tanto harmonias quanto desarmonias entre casais. A autora sugere cinco atitudes fundamentais para amenizar crises: negociação, comunicação assertiva, divisão de tarefas, tolerância com as diferenças e criatividade no cotidiano, ressaltando que a quarentena evidenciou tanto os pontos fortes quanto as fragilidades das relações (Cavalcante, 2020).

De modo semelhante, reportagem do G1 (2020) reuniu depoimentos de casais e especialistas, mostrando que a convivência intensa exigiu readaptação das rotinas, maior diálogo e estratégias para manter o bem-estar conjugal. Entre as recomendações destacadas estão a necessidade de reconhecer o momento de tensão, promover conversas abertas sobre sentimentos e expectativas, dividir responsabilidades, manter atividades prazerosas e criar rotinas que favoreçam a organização e a segurança emocional do casal (G1, 2020).

A dramaturgia também se interessou pelo tema. A TV Globo lançou a série “Amor e Sorte” em setembro de 2020, composta por quatro episódios independentes que retrataram diferentes histórias de relacionamentos durante o distanciamento social. Cada episódio foi

protagonizado por uma dupla de atores globais isolados juntos durante a pandemia, e eles próprios foram responsáveis pela produção e gravação das cenas. O cineasta Jorge Furtado, criador da série, afirmou que a situação limite do confinamento amplifica todos os princípios das relações, colocando casamentos, amizades e parcerias à prova, podendo tanto fortalecer quanto fragilizar os vínculos (Furtado, 2020).

Os conflitos conjugais e o divórcio na pandemia também foram tema de textos e artigos de opinião publicados em sites de revistas e blogs jornalísticos. No contexto cearense, a plataforma de jornalismo Bemdito publicou dois textos sobre o assunto que dão o tom das problematizações levantadas em torno da chamada hiper convivência. O primeiro tem como título *Se você não se separou até agora, espere pelo menos a vacina*, do qual se destaca o trecho transcrito abaixo:

A quarentena deixou tudo mais exposto. A impressão que eu tenho é que puseram uma lupa gigante nos nossos parceiros, e que podemos ver seus defeitos 50 vezes maiores. Resta-nos fazer esforço pra aplicar a mesma lupa nas qualidades, especialmente se, até agora, você não botou a pessoa pra fora de casa ainda. **Penso inclusive que todos os casamentos que sobreviveram a 2020 devem durar pelo menos mais 20 anos, pra compensar o esforço.** E se mesmo assim você pensar em abortar aquela missão prometida na frente do juiz ou do padre, e correr pro cartório pra assinar o divórcio, espere a segunda dose da vacina, tente mais um pouco, respire. Pode ser só efeito dessa matrix de mau gosto que nos fizeram viver (Marques, n.p, 2020). (grifo nosso)

O texto traz, com um toque de exagero e humor, a hiper convivência como um grande esforço que os casais precisaram empreender durante os períodos de distanciamento social. Sugere que a esperança pela vacina pode representar um último fôlego, o sinal de que a pandemia estaria chegando ao fim e que seria possível aguentar mais um pouco.

O segundo texto, intitulado *Pandemia: quem vai lavar a louça?*, traz reflexões inspiradas em discursos feministas e chama atenção para a questão da sobrecarga feminina e materna:

[...] circunscritas a esse pequeno recorte das camadas médias urbanas, talvez o que tem refletido um estado permanente de angústia, depressão e sofrimento é o fato de que as mulheres consideravam já ter colhido os frutos da revolução sexual e rompido, definitivamente, com o paradigma da domesticidade. Mas a necessidade premente de isolamento social trouxe de volta essa questão e não houve tempo de maturá-la. **As mulheres passaram a acumular o trabalho remoto e grande parte daquele trabalho de casa, e com os filhos** (Brandão, n.p, 2020). (grifo nosso)

As questões mais recorrentes nesses textos têm relação direta com o acúmulo de trabalho que veio com a necessidade de distanciamento social. As tarefas domésticas, de cuidado com idosos, ligadas à educação dos filhos, entre outras, sobrecarregam mais as mulheres e isso pode ter gerado conflitos conjugais.

Por fim, lançou-se um olhar sobre a chamada literatura de aconselhamento ou autoajuda, a fim de compreender como esse discurso abordou a questão dos relacionamentos durante a pandemia. Ao abordar o universo das relações afetivas, Eva Illouz (2011) ressalta que a literatura de autoajuda e os textos de aconselhamento ocupam um papel central na compreensão do senso comum sobre amor, casamento e relacionamentos. Segundo a autora, esses materiais não apenas refletem, mas também produzem e disseminam valores, expectativas e normas sociais amplamente compartilhadas, funcionando como verdadeiros termômetros culturais das experiências afetivas.

Rüdiger (2010) considera a literatura de autoajuda uma importante mediação cultural na experiência amorosa contemporânea, articulando uma racionalidade terapêutica que ajuda os sujeitos a lidar com o crescente individualismo e as tensões nas relações afetivas. Ele destaca que essa produção literária não apenas oferece conselhos práticos, mas também codifica uma forma de administração dos relacionamentos, incentivando o cultivo da intimidade e da autonomia emocional.

Um levantamento do Clube de Autores, uma das maiores plataformas de autopublicação do Brasil, registrou um aumento de 51% na procura por livros de autoajuda entre janeiro e agosto de 2021, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Em 2020, o crescimento já havia sido expressivo: as vendas de livros de autoajuda quase dobraram em relação a 2019 (Veja, 2021; Correio do Povo, 2020).

O conjunto de notícias, *blogs*, entrevistas, reportagens e conteúdos publicados em redes sociais demonstra como o problema foi socialmente construído, de que forma ele passou de um tema doméstico, privado e íntimo para um fenômeno social, de interesse coletivo. Esse apanhado possibilitou um acúmulo inicial de repertório sobre o tema e forneceu um quadro geral para orientar a continuidade da pesquisa.

2.2 Conjugalidade e pandemia no discurso científico

Paralelamente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para buscar artigos científicos publicados sobre os efeitos da pandemia na vida familiar e conjugal. O procedimento utilizado foi a revisão sistemática qualitativa, conduzida mediante busca nas bases Scielo, Periódico Capes e Scopus pelas seguintes palavras-chave, em português e em inglês: *pandemia*, *divórcio*, *pandemic*, *divorce*.

No Scielo Brasil, foram inseridas as palavras, em inglês e português, no campo de busca para todos os índices²³, resultando em um artigo. O procedimento foi repetido no site da plataforma Periódicos Capes, incluindo todos os tipos de materiais que contivessem as palavras-chave em qualquer campo²⁴, restringindo-se às produções revisadas por pares. A busca pelas palavras em português resultou em dois artigos encontrados, enquanto que a busca pelas palavras em inglês resultou em 103 artigos encontrados. Por fim, a busca na base Scopus incluiu artigos que contivessem as palavras no título, no resumo ou nas próprias palavras-chave da publicação e resultou em 51 artigos.

Os artigos encontrados foram catalogados e depois filtrados de acordo com os objetivos específicos da pesquisa, considerando o período de 2020 a 2025. Foram excluídos os artigos repetidos, os materiais que não tratam diretamente do tema em análise, aqueles cujo conteúdo na íntegra está indisponível e os que não se enquadram no período estabelecido. Foram priorizadas as pesquisas qualitativas que buscaram investigar os impactos da pandemia na vida conjugal em detrimento daquelas que se detiveram apenas em dados quantitativos.

A análise dos materiais encontrados envolveu primeiramente uma triagem a partir da leitura dos títulos e resumos dos artigos. Identificada a relevância de conceitos, metodologias e achados principais, seguiu-se a leitura integral dos textos. O quadro 2, abaixo, apresenta uma síntese dos estudos após a triagem, feita a partir dos resumos publicados:

²³ Inclui periódico, resumo e título, além de autor, financiador e ano de publicação.

²⁴ Inclui título, autor, assunto e editor.

Quadro 2 - Artigos científicos sobre pandemia e divórcio

Título	Objetivos	Metodologia	Resultados
Os desafios da conjugalidade na pandemia de covid-19	Discutir a natureza dos conflitos conjugais no contexto da pandemia de covid-19.	Pesquisa documental e bibliográfica: foram utilizadas vinhetas clínicas e relatos de casais de classe média urbana divulgados na mídia.	A maior convivência entre os pares colaborou para que aspectos encobertos fossem revelados, ocasionando conflitos nos pactos anteriormente estabelecidos e na organização da nova rotina. Enquanto alguns se separaram, outros procuraram terapia, e outros puderam repactuar.
Impacts of social distancing on marital life during covid-19 pandemic	Compreender o impacto do distanciamento social durante a pandemia de covid-19 sobre diversas áreas da vida conjugal.	Levantamento online com 1121 brasileiros que residiam com parceiros amorosos.	A maioria dos participantes não relatou prejuízos nos comportamentos conjugais e 68% não relataram vontade de separação neste período. Porém, regressões logísticas binárias demonstraram que as chances de relatar vontade de separação foram menores para indivíduos com maior tempo de coabitação e maiores quando houve diminuição de comportamentos conjugais positivos e aumento de conflitos e brigas. Indicadores de maior confinamento em casa durante a pandemia estiveram associados a chances maiores de relatar vontade de separação.
Analysing the Effect of COVID-19 on the Divorce Rates in England- Post-Pandemic: London as a Case Study	Explorar o impacto da pandemia nas taxas de divórcio na Inglaterra, em particular em Londres, após a suspensão das medidas de confinamento.	Coleta de dados de pessoas divorciadas, revisão da literatura e pesquisas online respondidas por indivíduos em processo de divórcio ou que estejam considerando se divorciar.	Aumento notável nos casos de divórcio após o relaxamento das medidas de confinamento, com muitos atribuindo a tensão da pandemia em seus relacionamentos como o principal motivo do divórcio.
YES, WE COPE: Dyadic Coping as a Mediator Between Perceived	Avaliar o papel mediador do enfrentamento do parceiro na associação	Coleta de dados online com adultos residentes em Portugal que mantinham um	A qualidade do relacionamento antecipou a representação emocional da COVID-19, mas essa associação foi totalmente mediada pelo enfrentamento diádico total. Essa associação foi

Relationship Quality and Emotional Representation of COVID-19	entre a qualidade do relacionamento e a representação emocional da COVID-19.	relacionamento amoroso com o seu parceiro atual há pelo menos 1 ano.	especialmente significativa em casais com menor tempo de relacionamento.
The sense of loneliness in couples and the impact of the health crisis: A review of literature	Definir o sentimento de solidão dentro de um casal, levando em consideração os fatores que levam a isso e compreender seus efeitos durante a crise global de saúde causada pela COVID-19.	Revisão de literatura.	Os períodos de confinamento proporcionaram às pessoas um aumento na quantidade de tempo que normalmente não tinham no dia a dia. Isso pode ter sido benéfico para algumas pessoas, no sentido de sentirem-se menos sozinhas e de que experimentaram menos sofrimento psicológico. No entanto, também houve alguns efeitos negativos. O aumento do estresse e a proximidade constante levaram a um aumento na violência conjugal. Para os relacionamentos que já eram problemáticos, houve separação e/ou divórcio frequentes. O potencial para conflitos estava relacionado a recursos financeiros limitados, desemprego e ao risco significativo de contrair SARS-CoV-2.
Most Prevalent Causes of Divorce in Muslim Families During covid-19 Pandemic: A Systematic Literature Review	Determinar as causas mais comuns de divórcio em famílias muçulmanas durante a pandemia de covid-19.	Revisão sistemática de literatura	A esposa é a parte com maior iniciativa para entrar com pedido de divórcio durante a pandemia de covid-19. Fatores econômicos são os fatores mais comuns que causam divórcio durante a pandemia de covid-19.
Do Income and Employment Uncertainty Affect Couple Stability? Evidence for France During the COVID-19 Pandemic	Examinar a relação entre as taxas de separação e a incerteza quanto ao emprego e à renda na primavera de 2020 na França.	Análise de dados secundários da pesquisa EPICOV, representativa em nível nacional e que acompanhou indivíduos durante o primeiro ano da pandemia na França.	Aumento nas taxas de separação, especialmente entre os mais jovens. Indivíduos que estavam desempregados e tinham renda mais baixa antes da pandemia tiveram maior probabilidade de se separar logo após o <i>lockdown</i> . A deterioração autodeclarada da situação financeira, especialmente quando declarada por homens, esteve associada a um maior risco de separação durante todo o ano de observação.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os artigos tratam de temas transversais à relação entre divórcio e pandemia, como violência doméstica, conflitos conjugais, trabalho de cuidado, parentalidade, desigualdade de gênero, infidelidade, solidão, felicidade, entre outros. Ressalta-se que foram encontrados materiais de diferentes áreas do conhecimento - psicologia, medicina, direito, ciências sociais, geografia e economia -, e pesquisas realizadas em diferentes países, como México, Estados Unidos, Brasil, Portugal, França, China, Irã e Indonésia, indicando a universalidade do tema.

A análise dos estudos apresentados nesta revisão bibliográfica permitiu a construção de um panorama abrangente e multifacetado sobre os impactos da pandemia da COVID-19 nas relações conjugais e nas decisões de divórcio em diferentes contextos socioculturais. A leitura crítica desses artigos contribuiu significativamente para o acúmulo de repertório teórico e empírico sobre o tema, revelando padrões recorrentes como o aumento de conflitos, a redução da intimidade emocional e sexual, o peso do confinamento e as vulnerabilidades socioeconômicas que fragilizam a vida a dois.

Esse conjunto de *insights* serviu como inspiração e base sólida para o desenvolvimento de um estudo mais amplo, que busca aprofundar a compreensão dessas vivências e dos significados atribuídos à experiência do divórcio durante ou após a pandemia, a partir de entrevistas semiestruturadas com indivíduos que atravessaram esse processo.

2.3 Em busca de dados primários

2.3.1 Aplicação de questionários online

Como parte do delineamento metodológico desta pesquisa, identificou-se a necessidade de aprofundar a compreensão de aspectos subjetivos e contextuais que não estão suficientemente contemplados nas estatísticas disponíveis.

Para isso, optou-se pela aplicação de questionários *online* como etapa preliminar e exploratória da coleta de dados primários. Essa estratégia visa captar informações mais detalhadas sobre as motivações, percepções e experiências pessoais de pessoas que estiveram em relacionamentos amorosos no período pandêmico, servindo também como base para a seleção de interlocutores para futuras entrevistas.

O questionário foi elaborado via *Google Forms*, contendo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁵ e 34 campos a serem preenchidos, separados em cinco seções: a primeira consiste no TCLE com espaço para o respondente aceitar ou não continuar respondendo o questionário; a segunda contém perguntas de cunho socioeconômico; a terceira traz algumas questões acerca do estado emocional do respondente; a quarta seção aborda alguns aspectos sobre o casamento/união e sobre a dinâmica familiar atual e, por fim, a quinta seção busca investigar questões específicas sobre o relacionamento antes e após a pandemia.

Neste último bloco, as perguntas foram elaboradas de modo a oferecer como opção de resposta um modelo inspirado na escala *Likert*²⁶. A resposta utilizando escalas é interessante por possibilitar a investigação de questões mais subjetivas, como a satisfação sobre algo, sentimentos, emoções, comportamentos e percepções, já que dispõe de nuances de respostas entre o “sim” e o “não”, por exemplo (Lucian, 2014).

Entende-se que a utilização de questionários *online* pode ser uma forma interessante de otimizar o tempo de aplicação e obtenção de resultados, oferecendo também melhores condições de participação aos respondentes. Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento vêm aderindo:

Com o acesso crescente à internet em todo o mundo, as pesquisas com o uso do ambiente virtual mostram-se como uma tendência atual para a coleta de dados, preferida pela maioria dos sujeitos dos estudos. Embora os grupos etários mais jovens continuem a ter a maior taxa de uso da internet, a adesão de pessoas de faixas etárias mais avançadas a esta ferramenta tem aumentando [*sic*] nos últimos anos. Dessa maneira, a utilização da internet, como recurso auxiliar de troca e disseminação de informações, possibilita a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa. Além de permitir ao pesquisador o contato rápido e preciso com os indivíduos participantes do estudo (Faleiros *et al*, 2016. p. 1).

O questionário foi submetido, via Plataforma Brasil, ao Conselho de Ética da Universidade Federal do Ceará (UFC) e aprovado no dia 28 de junho de 2022. Após sua aprovação e alguns pré-testes, deu-se início à divulgação para obter o número desejado de respostas.

Inicialmente, a fim de determinar o número de respondentes estatisticamente relevante, a ideia era considerar a população de brasileiros divorciados, judicialmente ou por escritura pública²⁷, nos anos de 2020 e 2021, de acordo com dados do Registro Civil disponibilizados no Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Levando em conta o número total de

²⁵ Sobre este ponto, informa-se que o projeto de pesquisa foi devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, tendo obtido parecer favorável, conforme Parecer Consubstanciado (Anexo A).

²⁶ Criada pelo cientista social estadunidense Rensis Likert.

²⁷ Nesta fase da pesquisa, considerava-se apenas pessoas que haviam se divorciado durante ou após a pandemia.

divórcios realizados em 2020 (331.185) e em 2021 (386.813), para que o estudo fosse estatisticamente relevante, com margem de erro de 5% e nível de confiança de 95%, a amostra seria de 384 questionários respondidos por pessoas divorciadas em 2020 e 2021²⁸. A margem de erro considerada foi de 5% e o nível de confiança de 95%.²⁹

Para atingir o número de respostas ideal, o primeiro esforço foi solicitar que o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC) publicasse em seu sítio eletrônico um texto de divulgação da pesquisa com o *link* para o questionário, o que foi feito no dia 01 de fevereiro de 2023. O próximo passo foi acionar uma pequena rede de contatos de jornalistas que poderiam auxiliar na divulgação, com o intuito de alcançar pessoas de diversos segmentos sociais.

No dia 16 de fevereiro de 2023, foi publicada na coluna do jornalista Eliomar de Lima, veiculada no O Povo, jornal de grande circulação no estado do Ceará, uma notícia com o título “UFC pesquisa sobre divórcios na pandemia”. A notícia fornecia os detalhes da pesquisa e informava o *link* para preenchimento do formulário.

Já no dia 17 de fevereiro do mesmo ano, a pesquisa foi divulgada em entrevista ao vivo ao programa Conexão da TV Verdes Mares, outro veículo de grande audiência no estado, também veiculado pelo rádio. A entrevista durou cerca de 26 minutos e o questionário foi disponibilizado por meio de um *QRCode*³⁰ que aparecia na tela. O programa também ficou disponível no canal da Rádio Verdinha no *Youtube*, que conta com 198 mil inscritos.

A pesquisa também foi divulgada em entrevista gravada ao Jornal da TVC (TV Ceará) 1ª edição, que abordou em uma matéria os dados recém divulgados pelo IBGE sobre os divórcios na pandemia e foi ao ar no dia 7 de março de 2023. Também nesta ocasião foi informado o endereço do *site* do PPGS/UFC, onde o questionário estava disponibilizado. O programa também foi publicado no canal da TVC no *Youtube*, que tem 131 mil inscritos.

Após esse esforço de divulgação, o questionário obteve 10 respostas válidas, o que não chega a representar nem 10% da amostra pretendida inicialmente. Diante desse quadro, algumas hipóteses foram levantadas a fim de explicar o baixíssimo número de respondentes.

Em primeiro lugar, o requisito imposto para participação pode ter sido uma dificuldade, já que só poderiam responder o questionário as pessoas que se divorciaram formalmente, para que fosse possível a comparação com os dados oficiais do Registro Civil. Sabe-se que, no

²⁸ Cálculo realizado a partir da calculadora online disponibilizada em questionpro.com.

²⁹ População seria o número total de pessoas do grupo a ser estudado; margem de erro é uma porcentagem que indica o nível de correspondência dos resultados da pesquisa com as opiniões da população total.

³⁰ Trata-se de uma espécie de código de barras que pode ser escaneado pela maioria dos aparelhos celulares com câmera.

Brasil, é muito comum que as pessoas constituam família sem, no entanto, formalizá-la perante o cartório. Sendo assim, na maioria dos casos a separação também não é registrada.

Além disso, há pessoas em uniões/casamentos devidamente formalizados que apenas se separaram de fato durante a pandemia, mas ainda não registraram o divórcio ou a dissolução da união estável, de maneira que não atendiam ao requisito para preenchimento do questionário. Outro elemento que deve ser levado em consideração é o fato de se tratar, à época, de um tema sensível e recente.

Pensando a partir destas hipóteses, o requisito para preenchimento do questionário foi flexibilizado e as pessoas que ainda não formalizaram o divórcio ou a dissolução da união estável foram incluídas. Dessa forma, abriu-se mão da amostra estatisticamente relevante e da análise vinculada aos dados do Registro Civil com o objetivo de alcançar mais respondentes.

Com isso, no dia 30 de março de 2023 foi feita nova divulgação do questionário, tanto em redes sociais como em aplicativos de conversa, de forma a enviar para pessoas determinadas que seriam potenciais respondentes. Desta vez, o intuito foi alcançar pessoas que, sabidamente, passaram por uma separação durante a pandemia ou conhecem pessoas que passaram. Isto foi possível através do que se conhece por “boca a boca”.

Na segunda tentativa o resultado foi um pouco melhor, de maneira que foram obtidas 26 respostas ao questionário. Ainda assim, o número de respostas continuou muito abaixo da amostra calculada inicialmente, o que terminou por inviabilizar a coleta e a análise de dados quantitativos primários.

Neste ponto, cabe uma breve reflexão sobre a baixa adesão ao questionário. Apesar de todos os esforços empreendidos na divulgação do questionário *online*, o número de respostas obtidas foi significativamente inferior ao esperado. Esta baixa adesão levanta algumas reflexões sobre o perfil e a disponibilidade emocional dos indivíduos divorciados durante a pandemia. Uma das principais explicações pode estar ligada ao fato de as pessoas recém-divorciadas simplesmente ainda não estarem prontas para revisitar a experiência do divórcio que, para muitos, pode ser um evento extremamente traumático e sensível.

Partindo do pressuposto de que o divórcio é uma das piores dores da vida adulta, pode-se considerar as pessoas recém-divorciadas como um público ainda em elaboração do luto pelo término do relacionamento, o que torna compreensível a evitação de qualquer coisa que possa reavivar sentimentos ruins. Além disso, por se tratar de assunto muitíssimo íntimo, algumas pessoas podem se sentir inseguras em fornecer informações por meio de um formulário *online*.

O resultado inesperado levou, naturalmente, ao remanejamento da pesquisa. Aí reside a importância de se relatar não apenas o que deu certo, mas também aquilo que deu errado ou que

não saiu como o esperado. Segundo Becker (2007), a honestidade na descrição do percurso metodológico contribui para a robustez e credibilidade da pesquisa, ao mesmo tempo em que proporciona subsídios valiosos para outros investigadores.

Os desafios relatados ilustram a complexidade de se realizar investigação com populações vulneráveis ou emocionalmente fragilizadas, especialmente em contextos atípicos como o da pandemia. Minayo (2009) aponta que as dificuldades na aplicação de instrumentos de coleta de dados são parte inerente da investigação em ciências sociais, e a exposição transparente dessas limitações não diminui o valor do trabalho, mas enriquece o seu rigor metodológico.

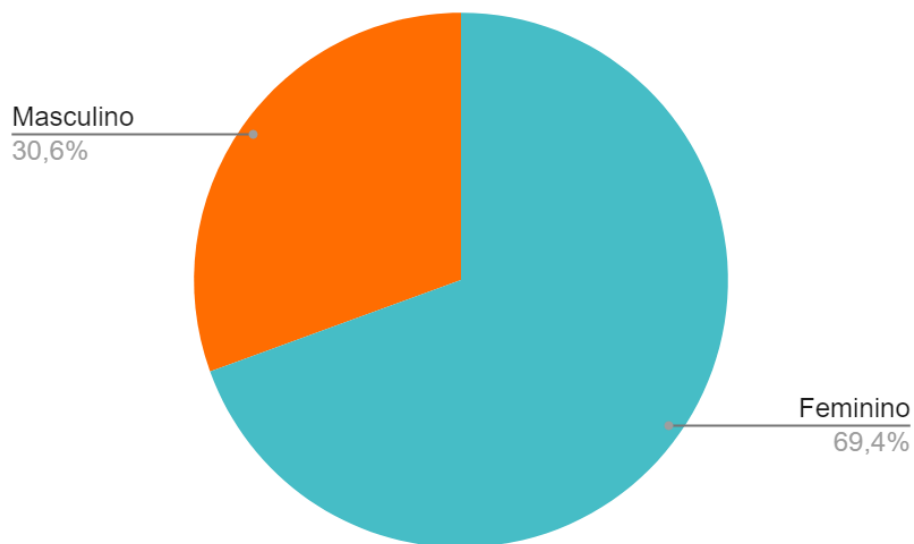
Nesse sentido, embora a ideia de alcançar um número estatisticamente relevante de questionários aplicados tenha sido abandonada, opta-se por apresentar um breve resumo dos principais dados coletados a partir dos questionários respondidos. O material coletado passa a ser encarado como parte da etapa exploratória da pesquisa, complementando o retrato fornecido a partir da análise dos dados quantitativos secundários.

Portanto, segue-se uma análise comparativa dos dados coletados, estabelecendo um diálogo entre os resultados obtidos e os achados de pesquisas anteriores (dados secundários), com o objetivo de ampliar o panorama interpretativo e possibilitar comparações entre diferentes contextos e amostras.

2.3.1.1 Perfil geral dos respondentes

Inicialmente, foi traçado um perfil geral das pessoas que responderam o questionário. Quanto ao sexo, a maioria (69,4%) dos respondentes é formada por mulheres (Gráfico 1). Embora a amostra alcançada não seja representativa, este dado confirma estudos que apontam uma maior participação feminina em pesquisas que envolvem realização de entrevistas e aplicação de questionários. Smith (1998), ao analisar pesquisas de opinião em diferentes países e contextos, constatou que as mulheres, de modo geral, respondem mais frequentemente a questionários do que os homens, o que contribui para a predominância feminina entre os respondentes em levantamentos desse tipo.

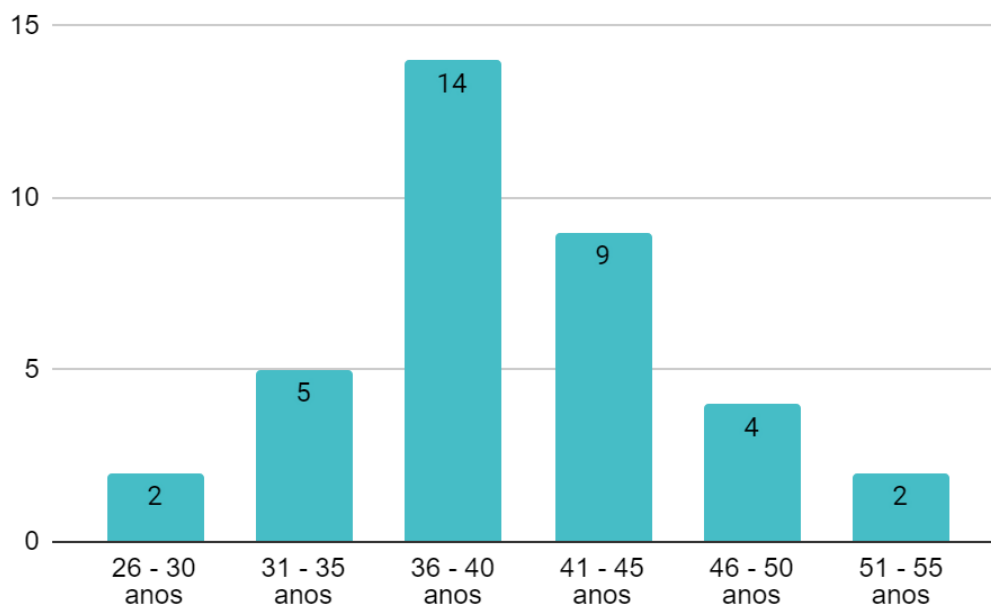
Gráfico 1 - Sexo dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A idade dos respondentes varia de 26 até 55 anos, prevalecendo a faixa etária de 36 a 40 anos, seguida da faixa etária de 41 a 45 anos.

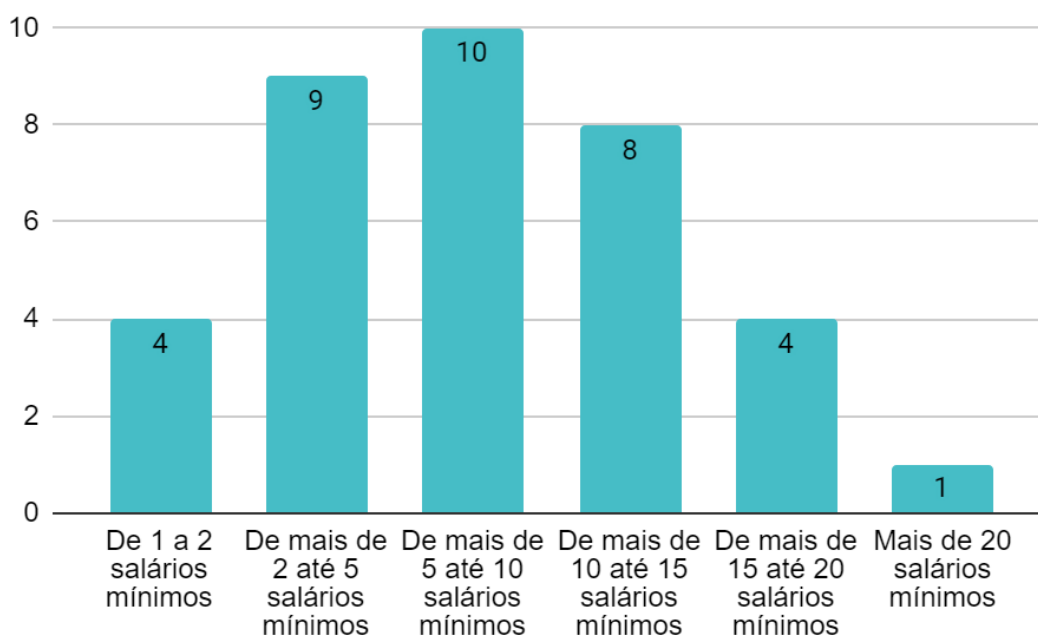
Gráfico 2 - Faixa-etária dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os respondentes também informaram a soma da renda mensal de todos que moram em sua casa. Quase um terço dos respondentes está na faixa cuja renda familiar varia entre cinco e dez salários mínimos, conforme gráfico abaixo:

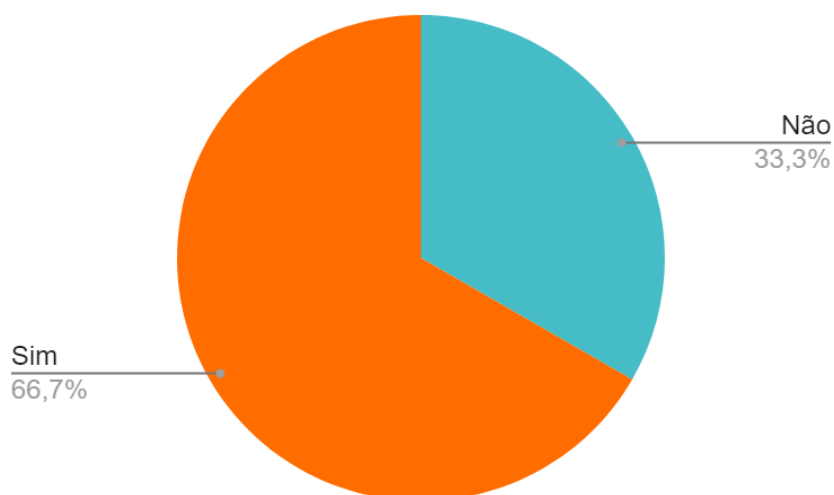
Gráfico 3 - Renda dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Por fim, verificou-se que 66,7% dos respondentes têm filhos:

Gráfico 4 - Número de respondentes que têm filhos



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Resumidamente, pode-se afirmar que prevalecem, entre as pessoas que responderam aos questionários, mulheres de meia idade, que possuem renda mensal familiar entre 5 e 10 salários mínimos e que são mães.

2.3.1.2 *Sentimentos e situações vivenciados durante a pandemia*

Uma pesquisa intitulada *A vida na pandemia da COVID-19: percepções, mudanças e hábitos*³¹ aplicou 1.532 questionários com o objetivo de compreender como brasileiros vivenciaram o isolamento, sobretudo no que diz respeito ao seu estado emocional nos momentos mais críticos. Quanto ao perfil das pessoas que responderam o questionário, 72,4% são mulheres e 40,5% são casadas ou vivem com alguém. Com relação à faixa etária, 23,2% têm entre 20 e 29 anos, 21,8% têm entre 30 e 39 anos, outros 18,1% têm entre 40 e 49 anos e 13,5% estão na faixa etária de 50 a 59 anos.

Do total de respondentes, 75,2% afirmaram que sentiram sua saúde mental abalada naquele período de isolamento, sendo que os sentimentos de cansaço e esgotamento, ansiedade e medo foram reportados também por mais de 70% dos que responderam ao questionário.

Quando perguntados sobre quais situações vivenciaram no período da pandemia, 24,5% citaram a perda de renda e 75,5% passaram a acessar mais as redes sociais. A respeito de hábitos adquiridos durante o isolamento, 15,3% dos respondentes começaram a fazer terapia, 39,1% passaram a dormir mais, 35,3% pararam de se exercitar e 22,3% consumiram mais bebidas alcoólicas. Além disso, um dado merece destaque: 3,9% do total de respondentes se separaram ou se divorciaram, o que significa 60 pessoas em números absolutos.

Já no âmbito do questionário aplicado para esta tese, foi perguntado sobre os sentimentos experimentados durante o período de distanciamento social, permitindo a escolha de até 5 opções de resposta, conforme gráfico 5, abaixo:

³¹ A pesquisa é coordenada pela Professora Doutora Danyelle Nilin Gonçalves, na Universidade Federal do Ceará, e ainda não foi publicada.

Gráfico 5 - Sentimentos experimentados durante o distanciamento social



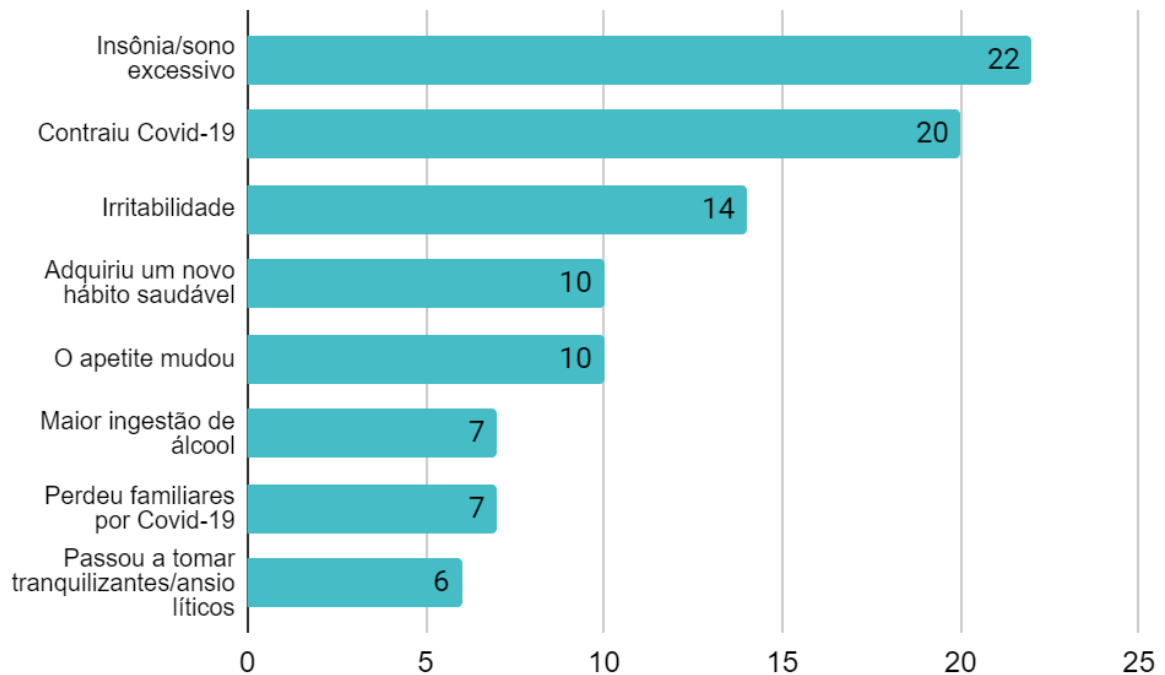
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A insegurança foi o sentimento mais recorrente, de forma que 69,44% dos respondentes marcaram essa opção. Logo após, aparecem os sentimentos de angústia e tristeza, ambos com 63,89%, seguidos de ansiedade (61,11%), medo (52,78%), saudades e cansaço, com 41,67% cada. O sentimento de frustração foi experimentado por 33,33% dos respondentes, enquanto as opções solidão e fé foram marcadas por 27,78%. Por fim, 16,67% dos respondentes sentiram raiva.

É interessante destacar que a pergunta, de múltipla escolha, disponibilizou outros sentimentos positivos como opções, a exemplo de *proteção, esperança, alegria, união, amor e ânimo*. Entretanto, a única opção selecionada foi a *fé*, por menos de um terço dos respondentes.

Também constava no questionário uma pergunta de múltipla escolha do tipo estimulada sobre situações vivenciadas durante o distanciamento social, em que o respondente poderia marcar quantas opções desejasse. O resultado se apresenta no gráfico 6, abaixo:

Gráfico 6 - Situações vivenciadas durante o distanciamento social



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Todas as opções disponíveis foram marcadas por, pelo menos, seis respondentes. A situação mais recorrente foi *insônia ou sono excessivo*, com 61% do total. Em seguida, 55% dos respondentes afirmaram ter contraído covid-19, seguidos de 38,89% que sentiram irritabilidade, 27,78% que adquiriram um hábito saudável e identificaram mudança no apetite. Outros 19,44% aumentaram a ingestão de bebidas alcoólicas e/ou perderam familiares por covid-19. Por fim, 16,67% passaram a tomar algum tipo de ansiolítico durante o período de distanciamento social.

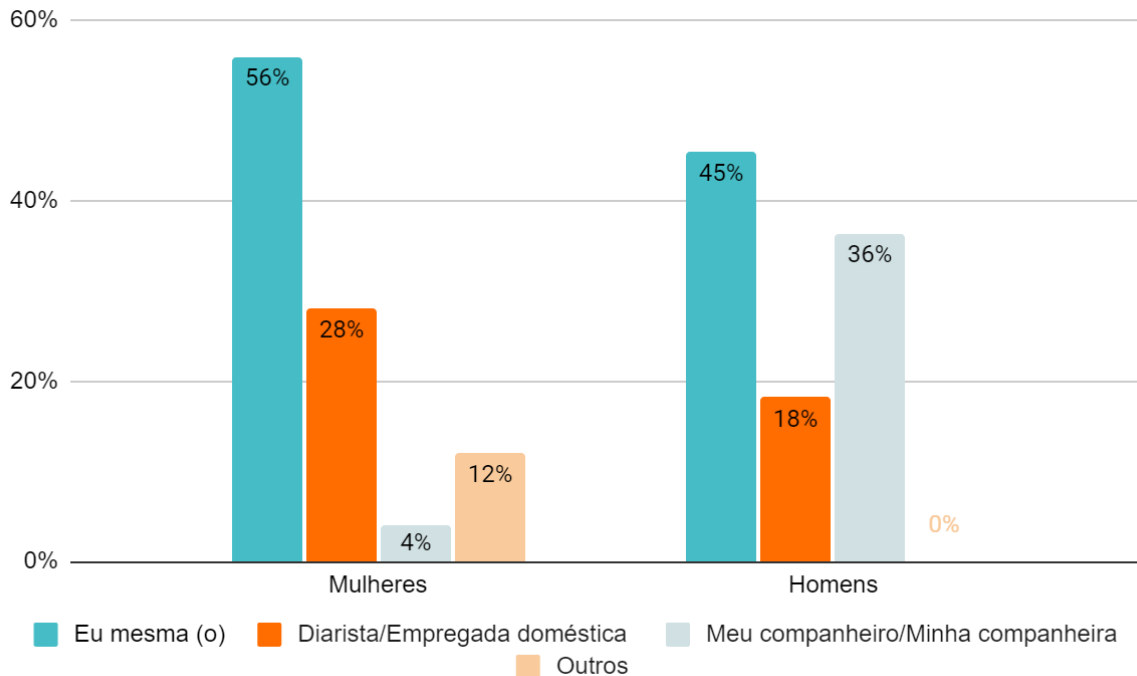
2.3.1.3. Dinâmica dos relacionamentos

O questionário continha ainda uma seção cujo intuito era compreender alguns aspectos sobre os relacionamentos dos respondentes, sobretudo no que diz respeito às dinâmicas de trabalho e cuidado de cada membro do casal.

Inicialmente, foi perguntado quem era o principal responsável por tarefas domésticas como fazer a limpeza da casa, lavar a louça, cozinhar, etc. As opções de resposta eram: eu mesma (o); meu companheiro/minha companheira; diarista/empregada doméstica; minha

mãe/meu pai; minha avó/meu avô; meu (s) filho (s); outros. O resultado, estratificado pelo sexo do respondente, está expresso no gráfico 7, abaixo:

Gráfico 7 - Divisão das tarefas domésticas



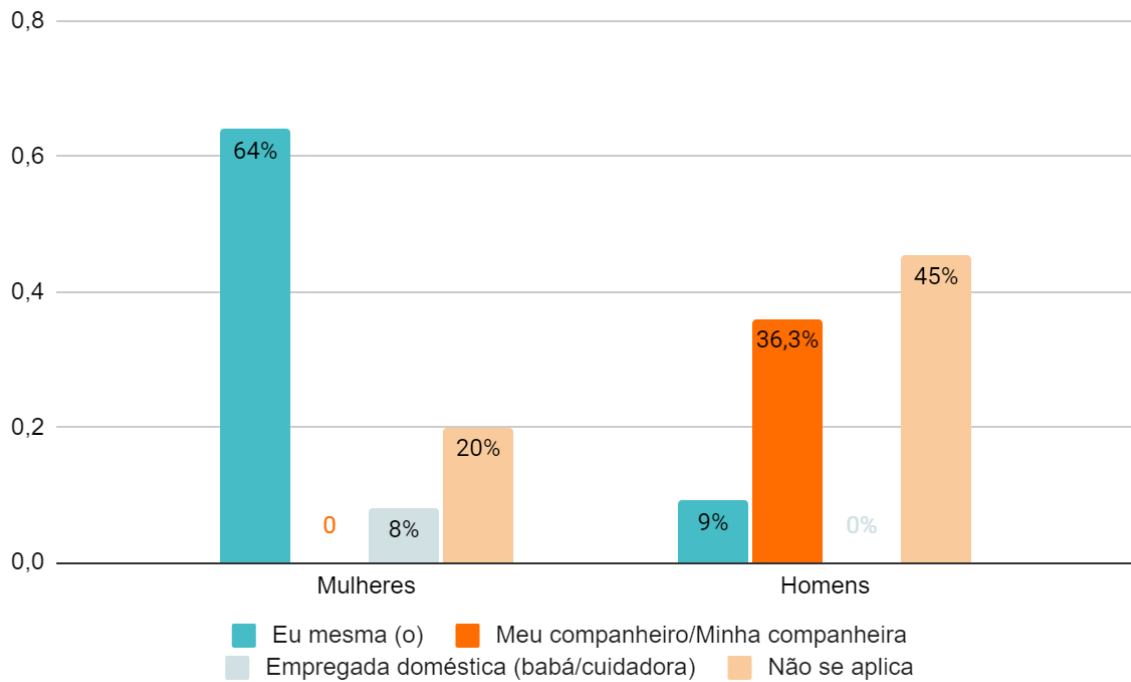
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se que 56% das respondentes mulheres realizavam, elas próprias, as tarefas domésticas. Ainda considerando apenas as respondentes mulheres, apenas 4% afirmaram que seus companheiros eram os principais responsáveis por esse trabalho. Já entre os respondentes homens, 45% eram os principais responsáveis pelas tarefas domésticas durante o relacionamento, e 36% afirmaram que suas companheiras eram as principais responsáveis.

Considerando o total de respondentes, independentemente do sexo, 46% afirmaram que uma diarista ou empregada doméstica era a principal responsável pelo trabalho doméstico.

Já com relação, especificamente, ao trabalho de cuidado com crianças e idosos, envolvendo atividades como administrar medicação, acompanhar ao médico, participar de reuniões na escola, etc., o cenário é o demonstrado no gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Trabalho de cuidado com crianças e idosos



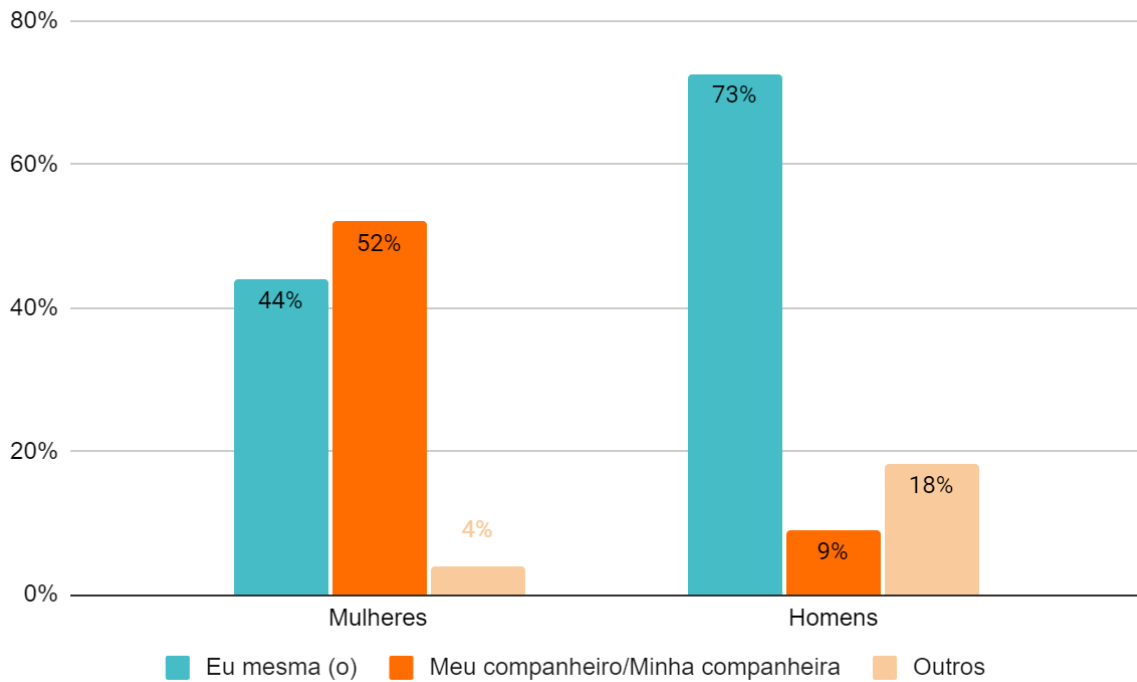
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se que, neste caso, a responsabilidade sobre as mulheres é ainda maior. Entre as respondentes do sexo feminino, 64% afirmaram serem elas próprias as principais responsáveis pelo cuidado com crianças e idosos da família, enquanto nenhuma afirmou que seu companheiro ou ex companheiro realizava esse tipo de tarefa.

Já entre os respondentes homens, apenas 9% eram, eles próprios, os principais responsáveis pelo cuidado de crianças e idosos, enquanto 36,3% responderam que suas companheiras eram as principais responsáveis por esse trabalho. Por fim, os percentuais de “não se aplica” se referem às situações em que não há crianças e idosos dependentes dos cuidados dos membros do casal.

Nesta seção do questionário também foi perguntado quem era o principal responsável pela renda familiar, conforme gráfico 9. O intuito era medir a sobrecarga das mulheres a partir do acúmulo de trabalho remunerado e não remunerado.

Gráfico 9 - Principal responsável pela renda familiar



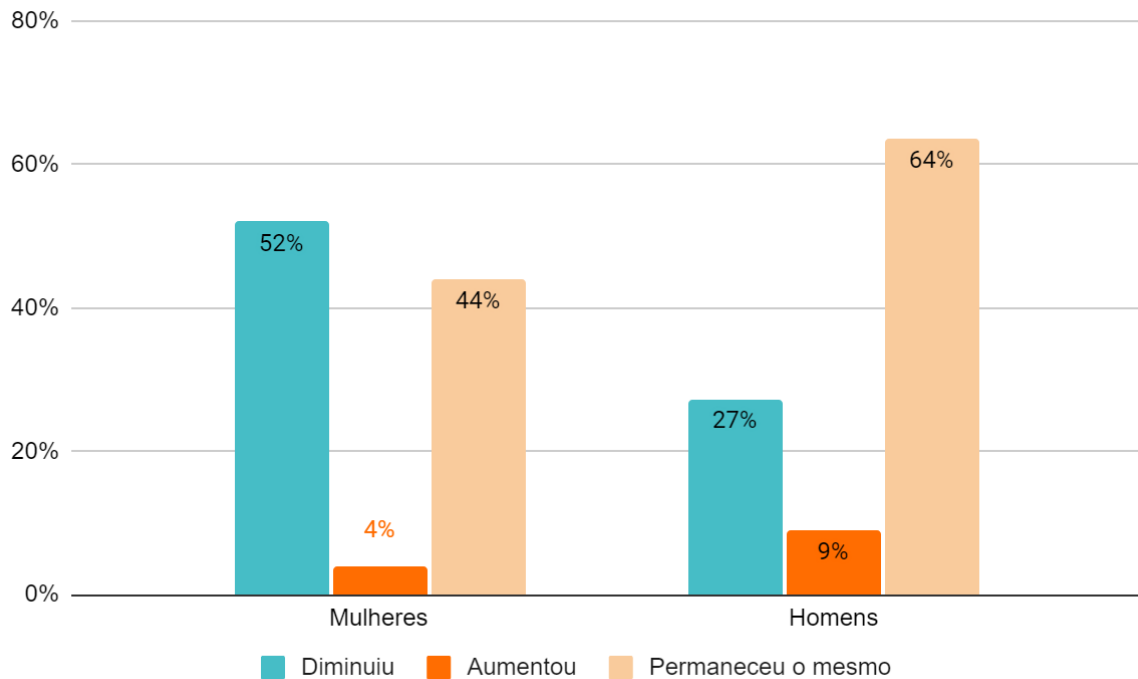
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se que, embora a maioria das mulheres afirme que seus companheiros eram os principais responsáveis pela renda familiar, há um percentual expressivo, de 44%, que afirmam que elas próprias eram as principais provedoras. Já entre os homens, esse percentual sobe para 73%, enquanto apenas 9% afirmam que eram suas companheiras as responsáveis financeiras. É interessante ainda observar que o percentual de homens que afirmaram serem outros os principais provedores é o dobro do percentual de homens cujas companheiras ocupavam esse lugar.

Outro ponto que merece destaque é a diferença entre os respondentes homens e mulheres quanto ao nível de satisfação com o casamento, comparando os períodos de antes e durante a pandemia.

Inicialmente, observa-se o baixo percentual, entre respondentes de ambos os sexos, de pessoas que sentiram aumentar sua satisfação com o casamento. Em segundo lugar, nota-se que o percentual de respondentes que sentiram uma diminuição no nível de satisfação com o casamento é significativamente maior entre as mulheres:

Gráfico 10 - Nível de satisfação com o casamento antes e durante a pandemia

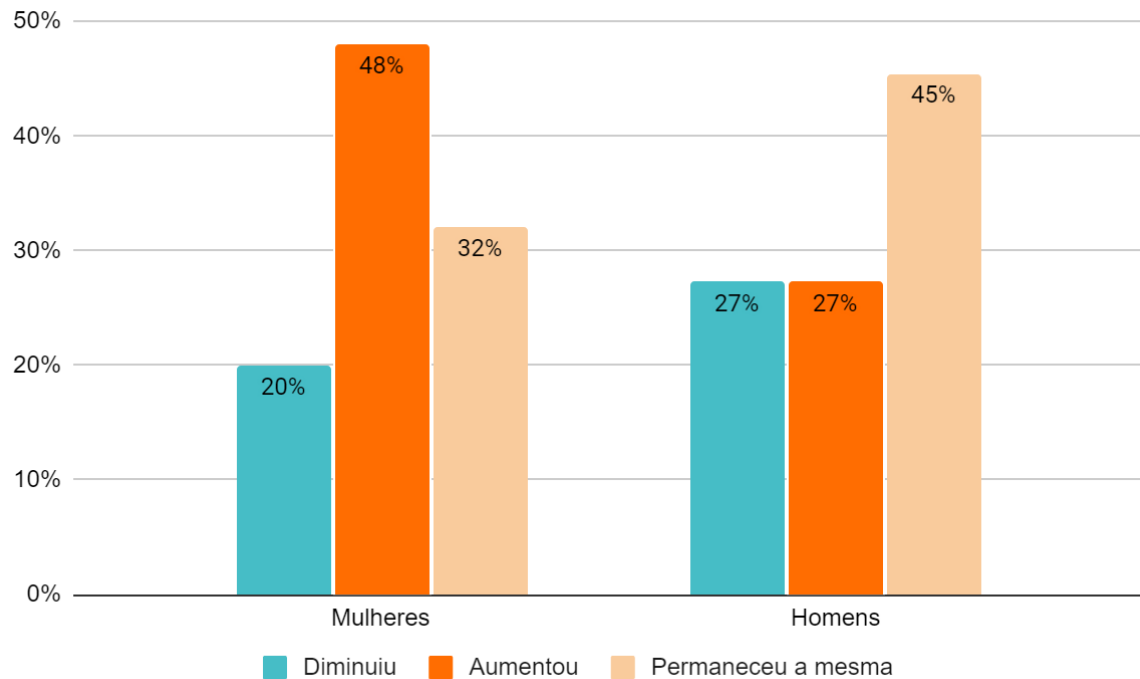


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os resultados encontram ressonância no estudo qualitativo de Maesima et al. (2024), que investigou 8 casais heterossexuais brasileiros em coabitação prévia à pandemia. Por meio de entrevistas semiestruturadas, os autores identificaram que 100% das mulheres reportaram sobrecarga doméstica e emocional. A pesquisa revelou ainda disparidades na percepção de conflitos: 75% das mulheres relataram ampliação de desentendimentos pré-existentes, contra apenas 25% dos homens.

Por fim, como uma forma de confirmar as respostas para a questão anterior, foi perguntado sobre a frequência com que a pessoa sentiu vontade de se divorciar, comparando o período pré-pandemia com o período da pandemia:

Gráfico 11 - Frequência com que sentiu vontade de se divorciar antes e durante a pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Como é possível observar, entre as mulheres, o percentual de respondentes que afirmam que a vontade de se divorciar aumentou durante a pandemia é de 48%, enquanto que, entre os homens, esse percentual é de 27%.

2.3.1.4 Violência doméstica durante a pandemia

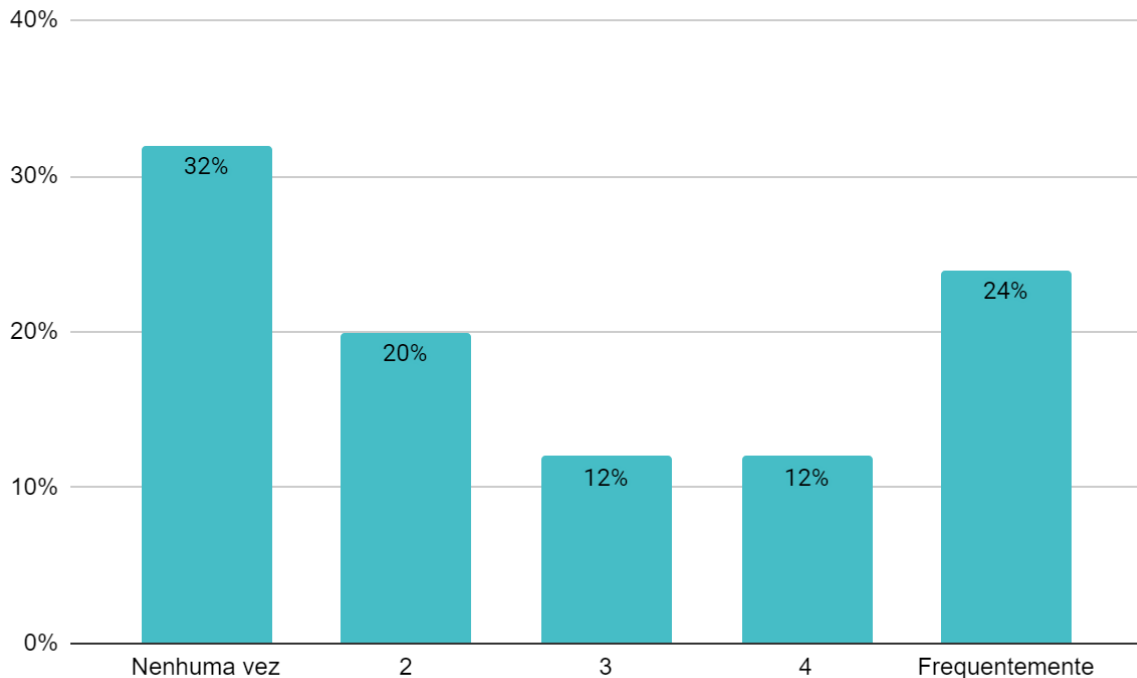
A última seção do questionário adentrou o tema da violência doméstica. Neste caso, optou-se por isolar as respostas dadas pelas mulheres. Foi utilizada uma escala do tipo Likert, variando de 1 (“nenhuma vez”) a 5 (“frequentemente”), o que permitiu captar com maior precisão as variações nas experiências relatadas pelas participantes.

Esse recurso metodológico possibilita não apenas identificar a presença ou ausência de episódios de violência, mas também mensurar a intensidade e a recorrência desses comportamentos, proporcionando uma compreensão mais detalhada dos diferentes graus de exposição à violência doméstica entre a população pesquisada.

Inicialmente, questionou-se sobre a frequência com que as mulheres sofreram violência verbal ou moral por parte do parceiro durante a pandemia. Se, por um lado, 32% das mulheres

respondentes afirmaram que não sofreram insultos e xingamentos por parte do companheiro durante a pandemia, outros 24% sofreram frequentemente esse tipo de violência.

Gráfico 12 - Frequência com que as mulheres respondentes sofreram insultos/xingamentos por parte do companheiro durante a pandemia



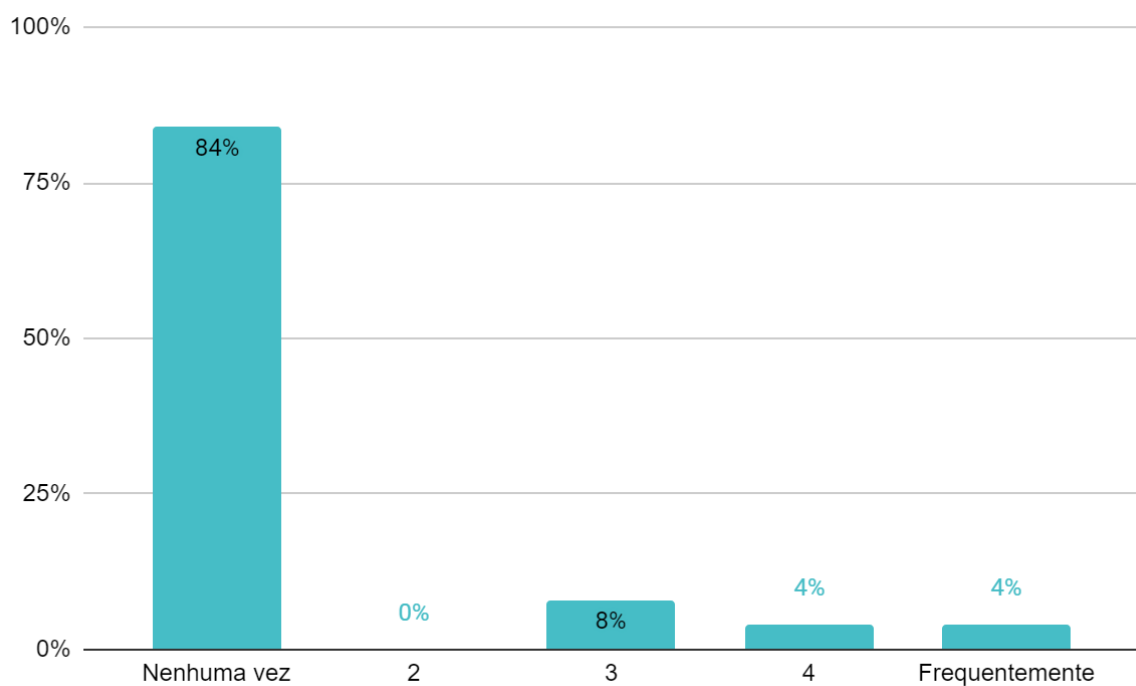
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em uma revisão sistemática de 35 estudos empíricos publicados entre 2020 e 2021, a maioria de delineamento quantitativo e com aplicação de questionários online, Stock et al. (2024) identificaram que o tipo de violência doméstica mais recorrente foi justamente a psicológica, emocional e verbal, com taxas variando de 19% a 40% das entrevistadas, e alguns estudos relatando que até 96% dos episódios de violência íntima reportados envolviam agressões não físicas, como insultos, humilhações e ameaças.

O estudo reforça que o contexto do isolamento social potencializou situações pré-existentes de violência, o que vai ao encontro de outras pesquisas anteriormente mencionadas. Os resultados também apontam para a importância de considerar esse tipo de violência como elemento central nas pesquisas sobre rupturas conjugais durante a pandemia, uma vez que a banalização e a subnotificação desse tipo de agressão dificultam o rompimento dos ciclos de abuso e impactam diretamente as decisões de separação.

Muito próxima da violência psicológica, está o que a Lei Maria da Penha denominou violência patrimonial³², que pode ser caracterizada pelo ato de quebrar ou danificar um objeto que pertence à mulher como forma de atingi-la emocionalmente. Entre as mulheres respondentes, 84% não sofreram nenhuma vez esse tipo de violência por parte de seus companheiros durante a pandemia. Por outro lado, 4% das mulheres frequentemente tiveram algum objeto seu danificado por parceiro íntimo.

Gráfico 13 - Frequência com que as mulheres tiveram um objeto danificado pelo companheiro durante a pandemia

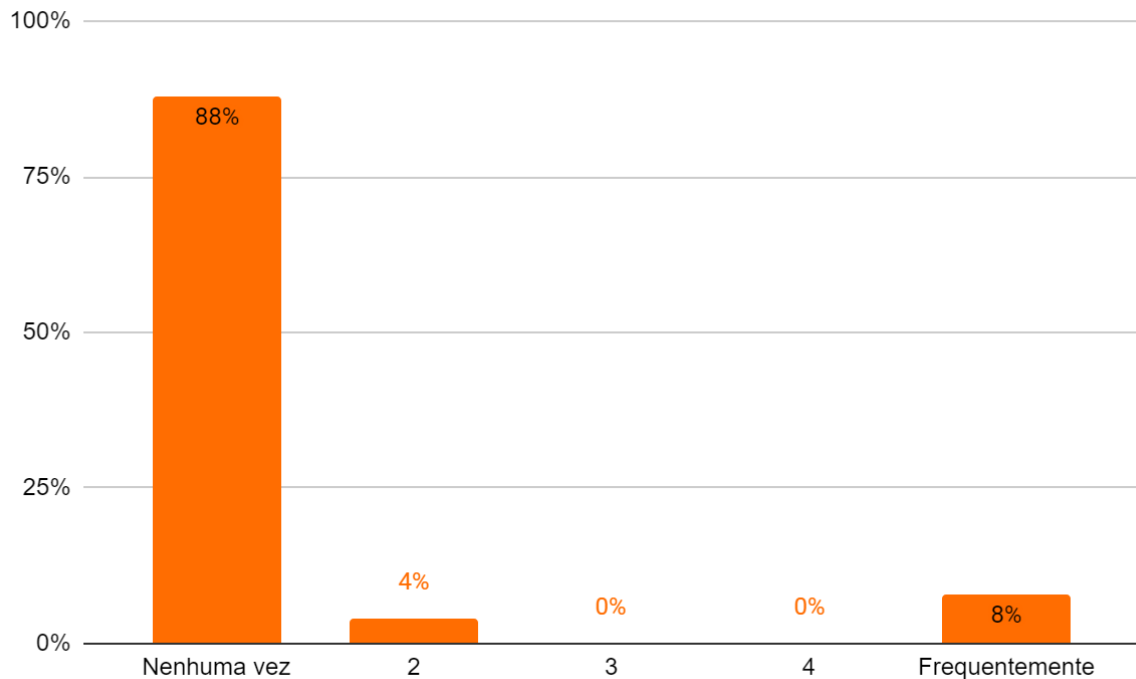


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Já sobre a frequência com que sofreram violência física, 8% marcaram a opção “frequentemente”, como mostra o gráfico abaixo:

³² Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: [...] IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

Gráfico 14 - Frequência com que as mulheres sofreram violência física durante a pandemia



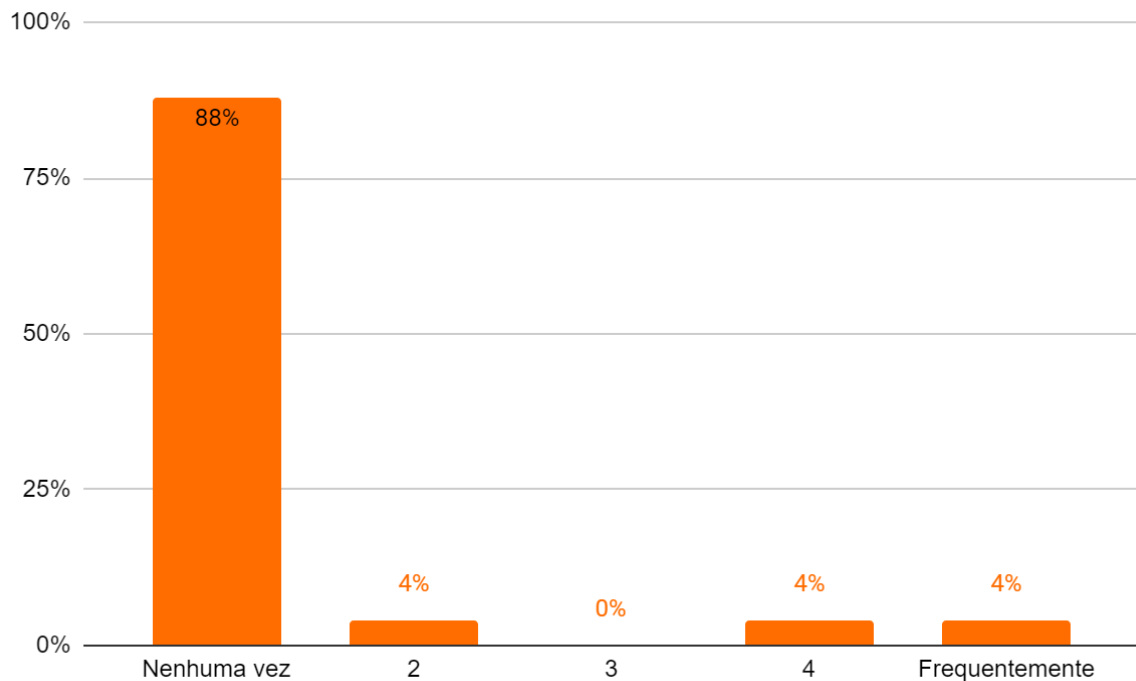
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A revisão sistemática de Stock et al. (2024) mostrou que a prevalência de violência física por parceiro íntimo durante a pandemia variou de 7,3% a 60% entre as mulheres entrevistadas, com maior concentração entre 19% e 40%. Esses percentuais referem-se à proporção de mulheres participantes que relataram ter sofrido violência física nesse contexto, indicando que, em diversos cenários, uma parcela significativa das mulheres vivenciou agressões físicas enquanto medidas de confinamento estavam em vigor.

O estudo identificou aumento ou agravamento da violência física em pelo menos seis países, como Austrália, Índia, Egito, Turquia, República Democrática do Congo, Argentina, Bangladesh e Estados Unidos. Por exemplo, na Austrália, 67% das mulheres que já vivenciavam violência relataram novas formas de agressão durante o *lockdown*, enquanto na Índia a prevalência de violência física chegou a 60% das entrevistadas.

Por fim, o questionário também abordou a violência de cunho sexual, à qual 4% das respondentes foram submetidas durante a pandemia, enquanto 4% marcaram a opção “4”, imediatamente anterior a “frequentemente”. Outros 4% marcaram a opção “2”, indicando que, pelo menos uma vez, foram forçadas a ter relações sexuais com seu companheiro durante a pandemia.

Gráfico 15 - Frequência com que as mulheres foram forçadas a ter relações sexuais com seu companheiro durante a pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O estudo “Ocorrência da violência contra a mulher em tempos de pandemia pela COVID-19” de Silva et al. (2024), publicado na Revista Eletrônica Acervo Saúde, analisou a incidência de diferentes tipos de violência contra a mulher durante a pandemia no estado de Alagoas, utilizando dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) referentes aos anos de 2019 e 2020. Os resultados indicaram que, embora tenha havido uma redução geral no número de notificações de violência contra a mulher em 2020 em comparação a 2019, observou-se um aumento significativo nos casos de violência sexual, com crescimento de 20,6% no período analisado. O estudo destaca que a maior parte dessas violências ocorre no contexto de relações com parceiros íntimos.

2.3.2 Ouvindo profissionais

A partir desse acúmulo inicial de repertório e percepções, iniciou-se a elaboração de um roteiro semiestruturado para uma primeira fase de entrevistas com profissionais que atendem pessoas ou casais em processo de divórcio ou separação, como advogadas (os), terapeutas de

casais e outros que trabalham com esse público específico. O roteiro sofreu adaptações de termos e expressões conforme a (o) entrevistada (o) e sua atuação.

O intuito dessa primeira etapa de entrevistas foi acessar o tema de maneira indireta, buscando um aprofundamento da familiarização com o objeto de pesquisa por vias diversas. Foram realizadas 13 entrevistas, sendo nove por meio da plataforma *Google Meet* e as demais por mensagens de áudio via *Whatsapp*³³. Todas as entrevistas tiveram os áudios gravados e depois transcritos, e tiveram uma duração média de 1h12m. As entrevistas estão listadas no quadro abaixo:

Quadro 3 - Entrevistas exploratórias³⁴

Identificação	Profissão
A.M.	Advogada familiarista
O.P.	Advogada familiarista
A.Z.	Advogada familiarista
M.R.	Empreendedora ³⁵
E.M.	Terapeuta de casais
C.C.	Terapeuta de casais
P.C.	Terapeuta de casais
A.U.	Terapeuta de casais
A.F.	Terapeuta de casais
D.G.	Terapeuta de casais
L.C.	Terapeuta de casais
T.P.	Terapeuta de casais
G.P.	Terapeuta de casais

Fonte: Elaborado pela autora.

³³ Alguns interlocutores alegaram indisponibilidade de tempo para entrevistas via chamada de vídeo e solicitaram que as perguntas fossem enviadas via aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Embora se tenha ciência de que não é o cenário ideal, este recurso foi utilizado como uma forma de alcançar o maior número de percepções diversas sobre o tema nesta etapa exploratória da pesquisa.

³⁴ Aqui é importante chamar atenção para o fato de que todas as profissionais entrevistadas são mulheres. O nicho de Direito das Famílias na advocacia e o campo da psicologia e da terapia de casais é majoritariamente feminino. Mesmo assim, buscou-se contato com homens através das redes sociais, sem sucesso.

³⁵ M.R. possui uma *start up* que auxilia mulheres em processos de divórcio, especialmente a se recolocar no mercado de trabalho.

A seleção dos entrevistados se deu, principalmente, por duas vias. Em um primeiro momento, a busca se deu pelo “boca a boca”, pela indicação de pessoas próximas que conheciam profissionais atuantes nestas áreas. Depois, procedeu-se com a busca de perfis nas redes sociais pelo termo “terapeuta de casal”, seguida de contato direto via mensagem com uma breve explicação sobre a pesquisa e o convite para a entrevista.

A escolha desses profissionais para a realização de entrevistas exploratórias se justifica por uma série de razões. Inicialmente, a busca por terapeutas e psicólogos aumentou significativamente durante a pandemia (Menon, 2022; Santucci, 2021; Cardim, 2020). Além disso, advogados e terapeutas convivem diariamente com pessoas que estão considerando o divórcio ou que já decidiram se divorciar.

A relevância de se ouvir profissionais que atuam diretamente com famílias em situação de crise é reforçada por estudos que evidenciam o aumento expressivo da procura por auxílio psicológico durante a pandemia. Conforme apontado por pesquisa realizada com casais e famílias, o reconhecimento do mal-estar, do sofrimento e o conseqüente aumento das ansiedades e angústias foram fatores determinantes para que muitas pessoas buscassem apoio de profissionais da saúde, especialmente psicólogos (Kerbaui; Bartilotti; Sneiderman, 2020).

Ainda que as impressões obtidas sejam “terceirizadas”, uma etapa inicial de entrevistas com advogados da área de família e terapeutas de casais fornece inspirações para a discussão e a formulação de questões posteriores. Trata-se de uma estratégia metodológica denominada triangulação de dados, que consiste em combinar diferentes fontes, métodos ou perspectivas na investigação de um determinado fenômeno (Denzin, 2009).

A diversidade de interlocutores, isto é, pessoas provenientes de diferentes grupos sociais, para a obtenção de respostas para as mesmas perguntas, confere maior credibilidade e rigor à análise em pesquisa qualitativa, na medida que permite comparar e cruzar dados, validando conclusões e minimizando riscos de interpretações equivocadas. A apreensão do fenômeno estudado a partir de múltiplos olhares favorece uma compreensão mais abrangente e complexa (Creswell, 2014).

As entrevistas tinham como objetivo, portanto, compreender os discursos de casais que estiveram em relacionamentos amorosos durante a pandemia. Buscou-se perscrutar que elementos na fala dos entrevistados parecem conectar, de maneira direta ou indireta, a possibilidade de divórcio ou separação à pandemia.

Para tanto, o roteiro foi elaborado de forma a, inicialmente, estabelecer uma maior aproximação com os entrevistados, por meio de perguntas sobre como escolheram a profissão, sobre visão pessoal sobre casamento, amor e família, adentrando, em seguida, mais diretamente

no perfil de clientes ou pacientes que costumam atender. Posteriormente, foram abordadas as questões diretamente relacionadas à pandemia, como possíveis alterações em sua atuação profissional, mudanças no perfil dos clientes ou pacientes ou mesmo das queixas que eram levadas antes e depois do período pandêmico. Também foram exploradas questões mais específicas, como influência do uso das redes sociais nas relações, divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos, questões políticas, problemas de comunicação, infidelidade, sexualidade, entre outras.

Os dados coletados ensejaram a elaboração do roteiro utilizado nas entrevistas semiestruturadas realizadas posteriormente e também foram postos em diálogo com conceitos teóricos e com as falas dos interlocutores diretos da pesquisa.

2.4 O que dizem as estatísticas oficiais

No contexto da abordagem multimétodo adotada nesta pesquisa, a análise de dados quantitativos secundários serve ao propósito de *demonstrar* a existência do fenômeno que se pretende investigar. Posteriormente, na etapa qualitativa da pesquisa, a ideia será *explicar* o fenômeno, incorporando as percepções e atribuições de sentido de atores diretamente envolvidos.

Anualmente, o IBGE divulga as Estatísticas do Registro Civil através do Sistema IBGE de Recuperação Automática. Essas estatísticas compreendem os registros sobre os nascidos vivos, os óbitos, os casamentos e os divórcios ocorridos no país. Especificamente quanto aos divórcios, as informações são prestadas pelas Varas de Família, Foros, Varas Cíveis e Tabelionatos, isto é, abarcam tanto os divórcios judiciais quanto os divórcios extrajudiciais.

Para os fins desta pesquisa, foi realizada uma análise estatística descritiva. Primeiramente, é desenhado um panorama geral das famílias brasileiras, aproveitando a divulgação dos dados do Censo Demográfico de 2022. As séries históricas disponibilizadas permitem uma avaliação inicial das principais mudanças ocorridas no âmbito das famílias para, então, possibilitar um olhar desde a perspectiva da dissolução dos casamentos e uniões estáveis.

Em seguida, são apresentadas as estatísticas referentes aos divórcios. O intuito é oferecer um retrato das dissoluções matrimoniais realizadas durante e após a pandemia, demonstrando as principais características dessas famílias e, na medida permitida pelos dados, estabelecendo comparações com os divórcios efetuados antes do período pandêmico, a fim de identificar possíveis diferenças ou transformações nas configurações familiares nesse espaço temporal.

O foco serão as estatísticas do Registro Civil dos anos de 2020 a 2022. Isto se deve, em primeiro lugar, ao fato de que foram os anos mais críticos da pandemia da covid-19. Entretanto, sempre que possível e na medida que se mostre relevante para a análise, serão contempladas séries históricas disponibilizadas pelo IBGE, o que permite um olhar mais amplo no tempo.

Antes de passar à análise, porém, alguns comentários preliminares devem ser feitos. Um primeiro ponto a ser destacado diz respeito a uma peculiaridade do contexto brasileiro, onde é bastante comum a não formalização das uniões por parte dos casais³⁶. Embora venha crescendo o número de casais que optam por formalizar sua união em cartório, o número de uniões informais no Brasil ainda é bastante expressivo. Segundo o Censo Demográfico de 2010, do universo de pessoas de dez anos ou mais de idade que viviam em união conjugal, 36,40% não haviam formalizado sua união por meio do casamento civil ou religioso.

Assim, é preciso destacar que todos os dados de Registro Civil disponibilizados anualmente pelo IBGE apenas contabilizam os dados referentes a casamentos e uniões formalizados em cartório e, conseqüentemente, aos divórcios concretizados perante a justiça ou perante o cartório competente.

Um outro ponto a ser destacado diz respeito às informações fornecidas pelas Varas de Família³⁷. Tais informações são de processos judiciais já encerrados, ou seja, é possível que parte dos divórcios finalizados em 2020, 2021 e 2022 tenham se iniciado antes da pandemia. Da mesma forma, divórcios que tenham se iniciado no mesmo período podem não ter finalizado ainda.

Por outro lado, os divórcios consensuais e que não envolvam filhos menores de idade, podem ser realizados extrajudicialmente, isto é, perante um cartório de notas³⁸. Quanto a este tipo de divórcio, vale lembrar que os cartórios permaneceram fechados durante os primeiros meses de pandemia, muitos realizando apenas serviços urgentes, o que não incluía divórcios.

Em maio de 2020, o Provimento 100/2020 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), visando dar continuidade às atividades cartorárias e, ao mesmo tempo, obedecer as medidas de distanciamento social, estabeleceu normas gerais para a prática de atos notariais eletrônicos,

³⁶ Destaca-se que essa realidade também pode ser observada em outros países, conforme apontam Beck e Beck-Gernsheim (2011, p. 29) sobre a Alemanha onde, em 1989, cerca de 3 milhões de pessoas viviam juntas sem serem oficialmente casadas.

³⁷ Os divórcios litigiosos e que envolvem filhos menores de idade devem ser realizados, necessariamente, perante a justiça.

³⁸ Desde 2007, com a promulgação da Lei nº 11.441, tornou-se possível a realização de divórcios pela via extrajudicial, desde que sejam atendidos os seguintes requisitos: o casal não pode ter filhos menores de idade e o divórcio deve ser consensual. Caso um desses requisitos não esteja presente, o divórcio deverá ser realizado pela via judicial.

permitindo assim a realização de divórcios *online*. Todos esses fatores podem interferir consideravelmente nos números que passam a ser apresentados e devem integrar a análise.

Por fim, é importante destacar outras nuances que não aparecem nas estatísticas mas devem ser levadas em consideração. Para além dos divórcios concretizados, houve um aumento do interesse sobre o assunto em forma de buscas na *internet*, maior procura por escritórios de advocacia especializados em Direito de Família e por psicólogos e terapeutas de casais.³⁹

Esses dados complementares revelam que o impacto das crises conjugais vai além dos números oficiais de divórcios. O aumento da procura por informação, aconselhamento jurídico e apoio psicológico sugere que muitos casais, embora não tenham formalizado uma separação, enfrentaram conflitos significativos e ponderaram sobre a possibilidade de divórcio. Dessa forma, o desejo de ruptura pode manifestar-se de formas mais discretas, como dúvidas recorrentes, consultas preventivas ou até mesmo processos terapêuticos voltados à reavaliação da relação.

Por outro lado, algo que foi constatado especialmente na etapa qualitativa da pesquisa e que não aparece nas estatísticas oficiais, é que muitos casais fortaleceram seus vínculos durante a pandemia, intensificaram a intimidade, aproveitaram o maior tempo livre para conversar mais e se conhecerem melhor, renovando acordos e consolidando uniões.

2.4.1 Retrato das famílias brasileiras

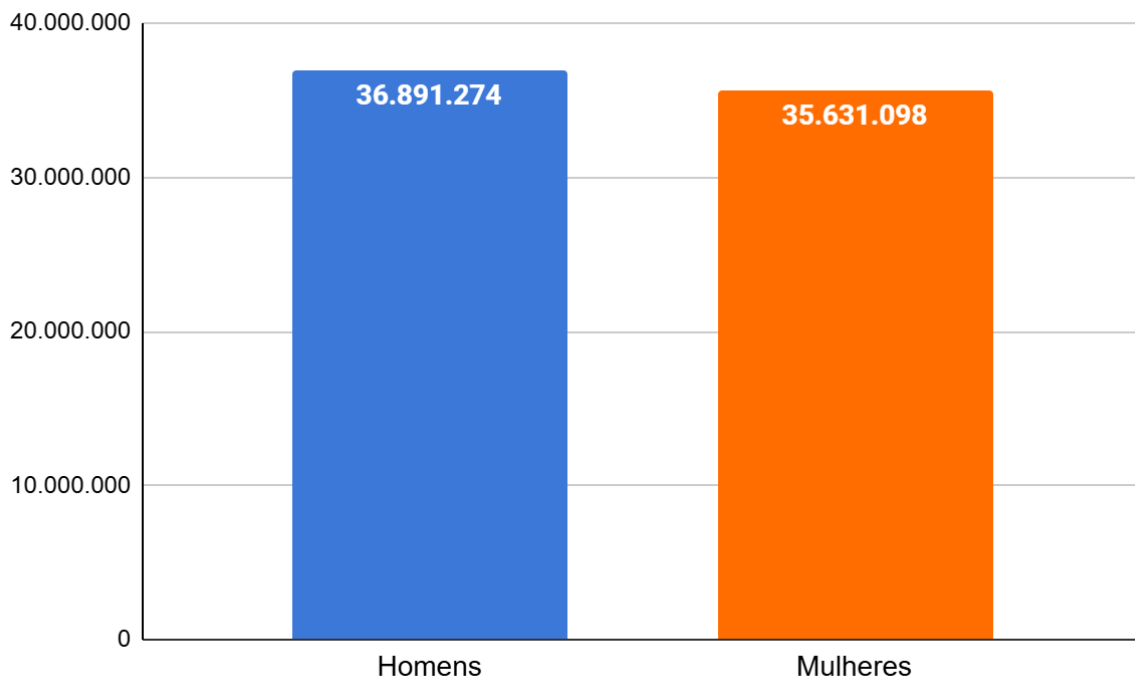
Antes de adentrar os dados sobre casamentos e divórcios, é válido traçar um panorama sobre algumas das principais características dos domicílios e, portanto, das famílias brasileiras, sobretudo no que diz respeito à sua composição. Além disso, não se pode deixar de aproveitar a oportunidade de analisar os dados recentes provenientes do Censo Demográfico de 2022.

Atualmente, há 72.456.368 domicílios particulares permanentes ocupados no Brasil, o que representa 79,88% dos domicílios recenseados. Moram nesses domicílios 202.083.020 de pessoas, o que corresponde a uma média de 2,79 moradores por domicílio particular permanente ocupado.

³⁹Em maio de 2020 o Google Brasil anunciou um aumento de 9.900% nas buscas pelo termo “divórcio online gratuito”. A Revista Pais & Filhos do grupo UOL entrevistou especialistas em questões familiares em sete países (Estados Unidos, Brasil, Austrália, Portugal, China, Itália e África do Sul) e constatou o aumento generalizado da procura por escritórios de advocacia e outros serviços ligados a relacionamentos conjugais.

Entre as espécies de unidades domésticas⁴⁰ consideradas pelo IBGE, segundo o sexo do responsável, há uma divisão praticamente igual entre homens e mulheres, com 50,87% tendo homens como responsáveis, conforme o gráfico 16:

Gráfico 16 - Número de unidades domésticas por sexo do responsável pelo domicílio (2022)

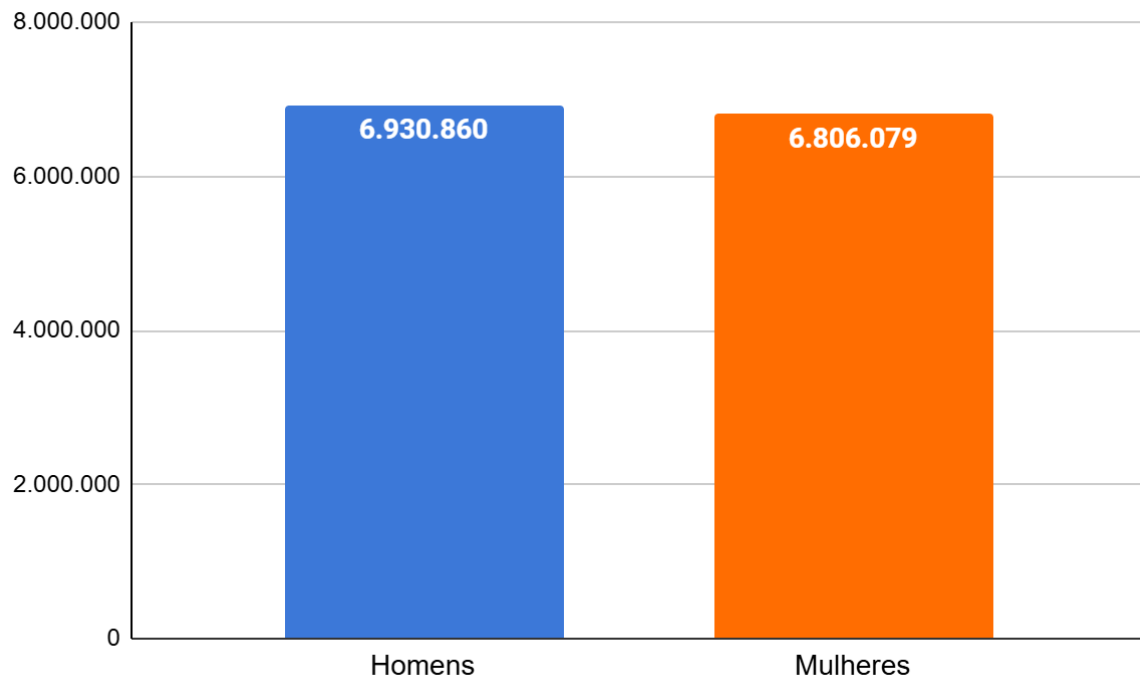


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022. Elaboração própria.

Quando se observa apenas as espécies de unidade doméstica unipessoais, isto é, aquelas com apenas um morador, também é verificada a mesma divisão por sexo, o que significa que cerca de metade das unidades domésticas unipessoais têm homens como responsáveis:

⁴⁰Segundo a categorização do IBGE, há quatro espécies de unidades domésticas. Unipessoais: aquelas com apenas um morador; Nucleares: aquelas que possuem somente um casal, ou somente um casal com filho(s), ou somente uma pessoa com filho(s), sem a presença de nenhum outro membro; Estendidas: aquelas onde existe a presença de algum outro parente (ex: neto(a), avô ou avó, genro ou nora); Compostas: aquelas onde existe a presença de algum não parente (ex: agregado, convivente, pensionista).

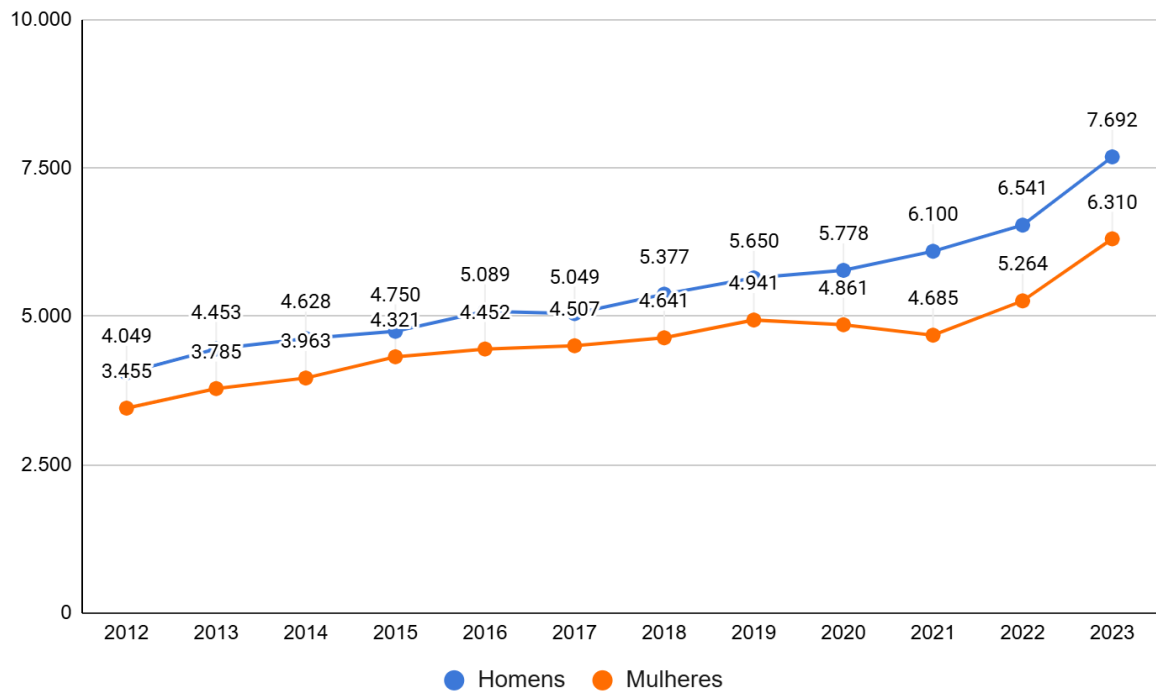
Gráfico 17 - Número de unidades domésticas unipessoais por sexo do responsável pelo domicílio (2022)



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022. Elaboração própria.

Ao analisar os dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)⁴¹, que disponibiliza série histórica da população em unidades domésticas unipessoais, é possível notar que há uma tendência de aumento do número de pessoas vivendo sozinhas, independentemente do sexo:

⁴¹ A pesquisa é realizada trimestralmente através de uma amostra de domicílios, de forma a garantir a representatividade dos resultados para os níveis geográficos em que é produzida. A amostra é planejada de tal forma que haja rotação dos domicílios selecionados, mantendo uma parcela sobreposta entre dois períodos de divulgação subsequentes. No caso da PNAD Contínua, o esquema de rotação da amostra adotado foi o esquema 1-2(5). Neste esquema o domicílio é entrevistado 1 mês e sai da amostra por 2 meses seguidos, sendo esta sequência repetida 5 vezes.

Gráfico 18 - População em unidades domésticas unipessoais, por sexo (mil pessoas⁴²)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022. Elaboração própria.

De 2012 até 2023, houve um aumento de 90% no número de homens vivendo sozinhos, enquanto entre as mulheres esse percentual foi de 82,64%. É possível perceber ainda que, no último ano da série histórica, o aumento foi mais expressivo para ambos os sexos, sendo de 17,60% entre os homens e de 19,87% entre as mulheres. Se comparado com o período anterior, isto é, de 2021 para 2022, o aumento foi de 7,23% para os homens e de 12,36% para as mulheres que vivem sozinhas.

Dados do censo demográfico e da PNAD divulgados mais recentemente revelaram que o número de solteiros ultrapassou o número de casados pela primeira vez no Brasil: são 81 milhões de pessoas solteiras contra 63 milhões de pessoas casadas (IBGE, 2025).

Voltando um pouco mais no tempo, os censos demográficos de 1991 e 2000⁴³ contabilizaram 2.335.840 e 4.021.987 de famílias unipessoais no Brasil, respectivamente. Isto significa dizer que, de 1991 até 2022, o número de pessoas vivendo sozinhas no país aumentou em 488,17%.

⁴² O número deve ser multiplicado por mil.

⁴³ Para o censo de 2010 não foi avaliado o quantitativo de famílias com apenas 1 componente.

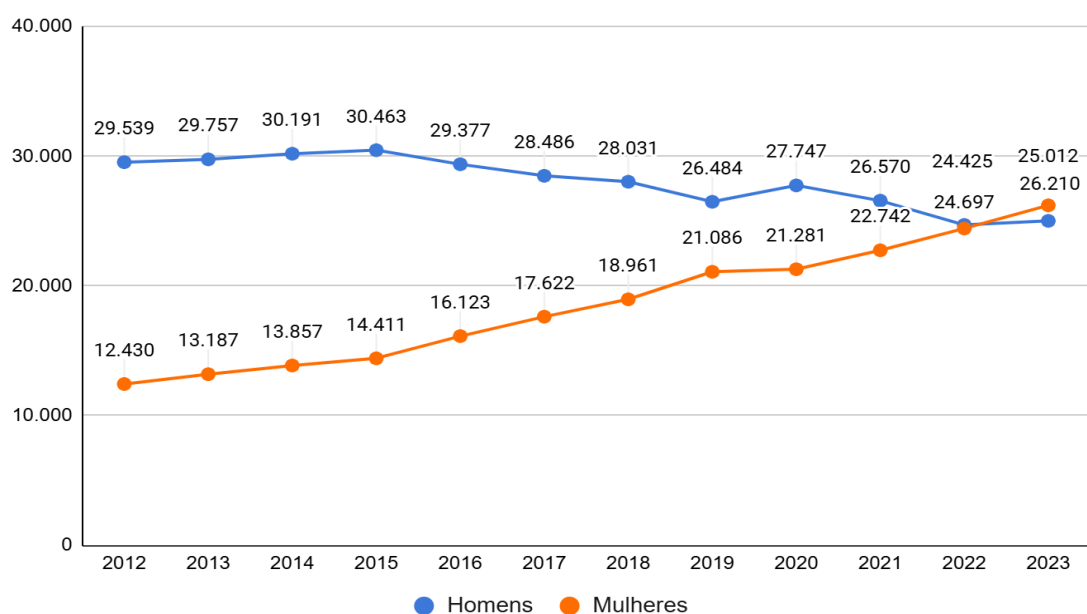
Trata-se de uma tendência global, que pode ser observada em diversos países, sobretudo em sociedades ocidentais e industrializadas. Na Europa, destacam-se a Noruega, onde 45,8% dos lares são compostos por uma única pessoa, a Dinamarca (44,1%) e a Alemanha (41,7%), refletindo uma consolidação desse modelo de residência. Nos Estados Unidos, dados do United States Census Bureau (2023) apontam para um aumento expressivo ao longo das últimas décadas: em 1940, apenas 7,7% dos domicílios eram unipessoais, ao passo que, em 2020, essa proporção atingiu 27,6%.

Esses números evidenciam um conjunto complexo de fatores que apontam para transformações sociodemográficas estruturais, como uma maior urbanização, o envelhecimento populacional, mudanças nas relações conjugais, maior valorização da autonomia individual e outras mudanças culturais e econômicas.

Beck e Beck-Gernsheim descrevem em detalhes o desenvolvimento dessa tendência na Alemanha (2017), especialmente baseados na ideia de processo de individualização, que também pode ser observada no Brasil e será explorada no próximo capítulo.

A partir dos dados divulgados pela PNADC, também é possível observar, isoladamente, as espécies nucleares de unidade doméstica, ou seja, aquelas que possuem somente um casal, ou somente um casal com filho(s), ou somente uma pessoa com filho(s), sem a presença de nenhum outro membro, conforme gráfico 19, abaixo:

Gráfico 19 - Número de unidades domésticas nucleares, por sexo do responsável (mil pessoas)



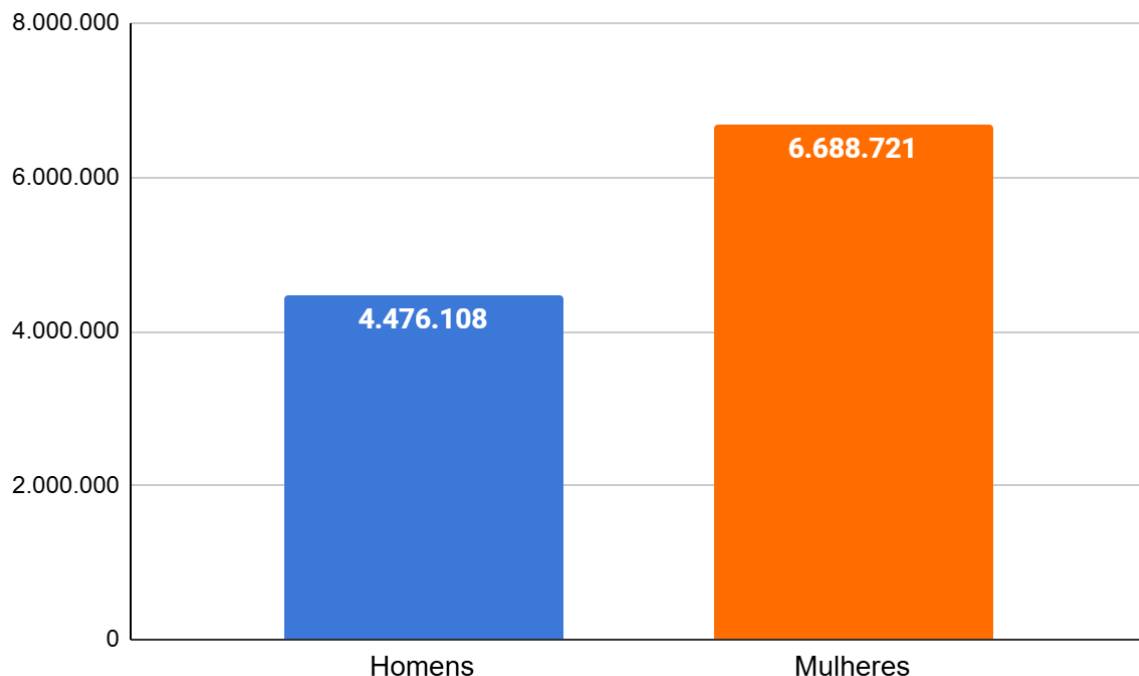
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022. Elaboração própria.

Verifica-se uma nítida tendência de aumento do número de mulheres responsáveis pelas famílias nucleares, inclusive se sobrepondo ao número de homens nessa condição no período do último ano da série histórica analisada, promovendo uma reversão entre as linhas do gráfico.

Enquanto o aumento do número de mulheres responsáveis por famílias nucleares, de 2012 até 2023, foi de 110,87%, o percentual de homens na mesma condição reduziu em 15,32% no mesmo período. Ainda assim, ao menos em relação às famílias nucleares, a quantidade de homens e mulheres responsáveis por esse tipo de domicílio permanece equilibrada entre os gêneros.

Entretanto, se analisadas apenas as famílias estendidas, isto é, aquelas onde existe a presença de algum outro parente, como um neto, genro ou avô, por exemplo, verifica-se que, proporcionalmente, as mulheres são a maioria das responsáveis por esse tipo de família, correspondendo a 59,91% do total. Os dados revelam, portanto, que o tipo de arranjo familiar exerce alguma influência na definição do principal responsável pelo domicílio:

Gráfico 20 - Número de unidades domésticas estendidas por sexo do responsável

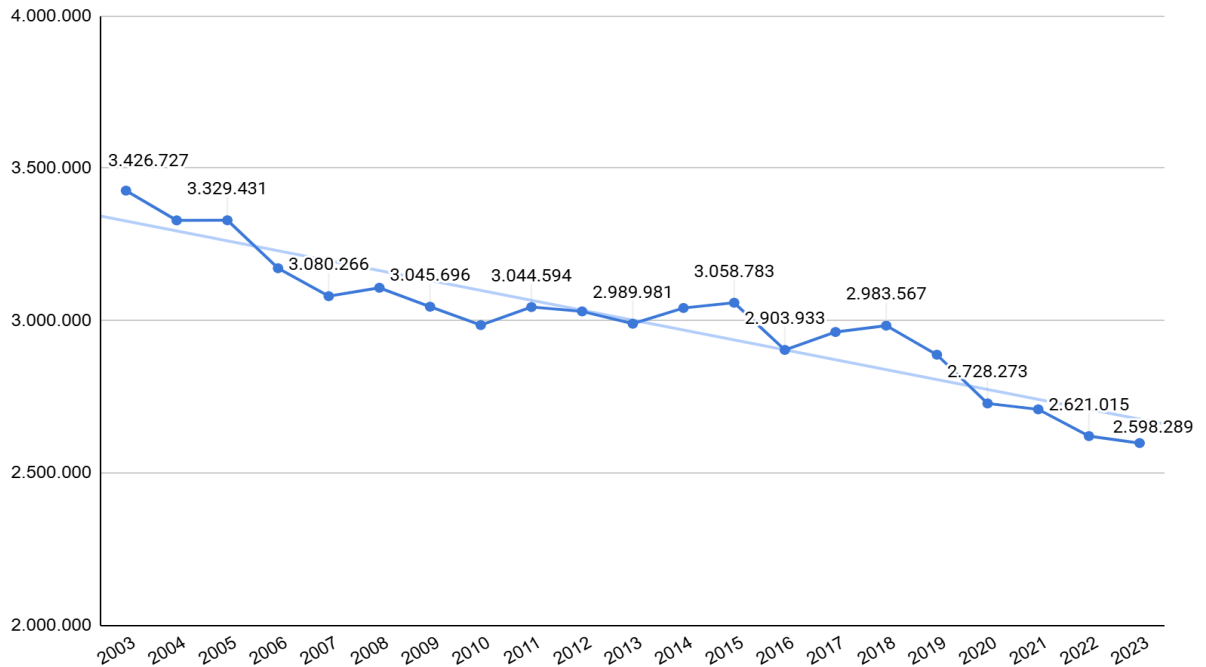


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022. Elaboração própria.

Os dados do Registro Civil do IBGE também possibilitam a análise da fecundidade ao longo do tempo. Diante da série histórica disponível, observa-se que, em 2003, o número de

nascidos vivos foi de 3.426.727, enquanto que vinte anos depois, em 2023, esse número diminuiu para 2.598.289, o que corresponde a uma variação percentual de -24,18%.

Gráfico 21 - Número de nascidos vivos por ano (2003-2023)

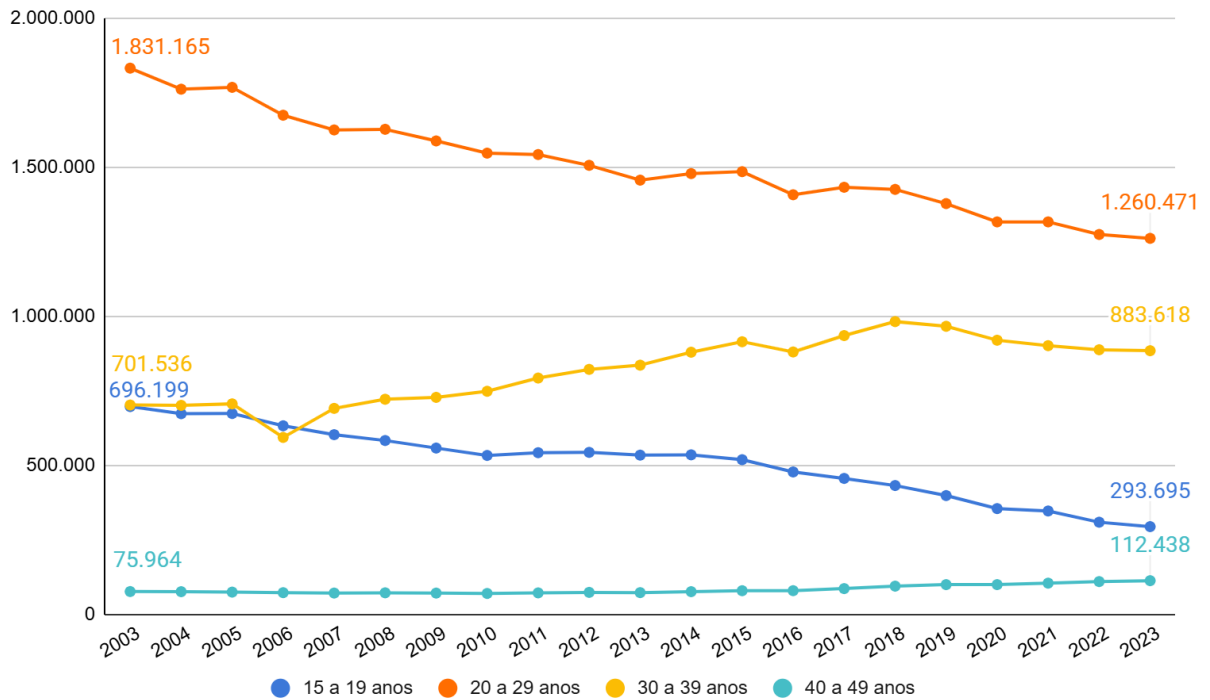


Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Além da nítida redução do número de filhos, o perfil etário das mães também vem passando por transformações. Inicialmente, observa-se que a gravidez precoce, aqui considerada a ocorrência de 15 a 19 anos, sofreu uma redução de 57,81% em um período de vinte anos. As mulheres de 20 a 29 anos também têm adiado a decisão de ter filhos, de modo que a redução de nascidos vivos para essa faixa etária foi de 31,17% (Gráfico 22).

Por outro lado, o mesmo gráfico também mostra que o número de mulheres de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos que têm filhos aumentou, no mesmo período, em 25,95% e 48,01%, respectivamente.

Gráfico 22 - Número de nascidos vivos por grupos de idade da mãe na ocasião do parto



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Esse também é um fenômeno de alcance global. De acordo com relatório recente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a idade média das mulheres ao ter o primeiro filho aumentou de 26,4 anos em 2000 para 29,5 anos em 2022 entre os países membros, evidenciando uma mudança gradual mas consistente nas decisões reprodutivas (OCDE, 2024).

Na Europa, países como Espanha e Itália destacam-se com médias superiores a 31 anos. Já nos Estados Unidos, dados do National Center for Health Statistics indicam que a idade média das mães ao dar à luz atingiu 30 anos em 2019; nas décadas anteriores, entre 1990 e 2019, as taxas de natalidade diminuíram 43% para mulheres entre 20 e 24 anos, enquanto aumentaram mais de 67% entre mulheres de 35 a 39 anos e 132% entre aquelas de 40 a 44 anos (LATIMES, 2022).

O número de filhos por mulher também sofreu uma redução. Sorj, Fontes e Machado (2007) levantam algumas hipóteses para explicar esse fenômeno:

Vários fatores podem explicar a brusca redução da fecundidade. A melhoria e popularização dos métodos contraceptivos, mudanças comportamentais relativas ao lugar da maternidade na identidade social das mulheres e, também, o fato de as mulheres estarem ingressando maciçamente no mercado de trabalho, dando menos prioridade, inicialmente, à formação de um núcleo familiar com filhos. A decisão de ter filhos, muitas vezes, é adiada por um casal de jovens, pois preferem se estabilizar

financeiramente para posteriormente ter filhos. Altos gastos com a educação infantil podem também, de alguma forma, estar influenciando essa estratégia de formação das famílias. Em princípio, o declínio do número de filhos significa uma redução do trabalho reprodutivo e pode repercutir positivamente na capacidade das mulheres de aumentarem sua inserção no mercado e das famílias de conciliarem trabalho e responsabilidades familiares (Sorj, Fontes e Machado, 2007, p. 578).

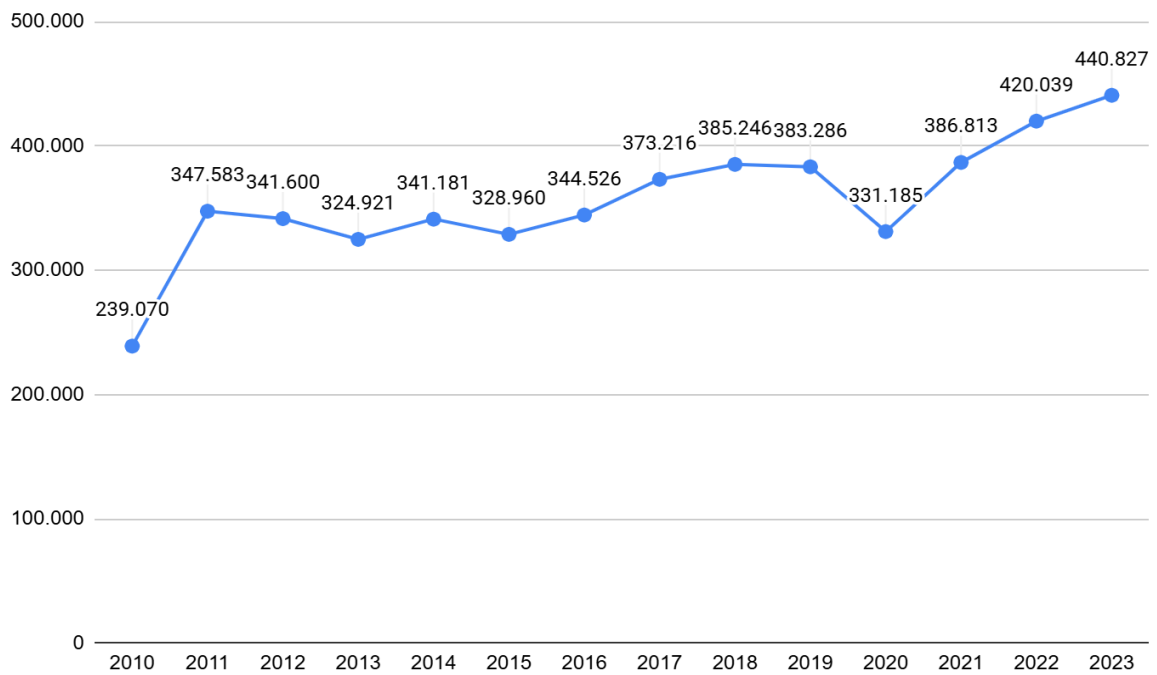
Ainda de acordo com dados da OCDE (2024), a média de filhos por mulher nos países-membros vem caindo de forma consistente nas últimas décadas. Em 1960, a média era de 3,3 filhos por mulher, caindo para 1,5 em 2022, o que está abaixo do nível de reposição populacional, estimado em 2,1. Entre os países com as menores taxas de fecundidade em 2022, destacam-se a Coreia do Sul, com 0,7 filho por mulher, e Itália e Espanha, ambos com 1,2. Já entre os países com as maiores médias, estão Israel, com 2,9 filhos por mulher, seguido de México e França, ambos com 1,8.

Essa tendência reflete transformações profundas nos padrões de vida, relações familiares e expectativas sociais. Os números podem estar associados ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho, ao adiamento da maternidade em busca de estabilidade profissional, e à valorização de projetos individuais que não necessariamente envolvem filhos. Além disso, o alto custo de vida, especialmente em grandes centros urbanos, pode estar levando muitos casais à decisão de não ter filhos. Do ponto de vista cultural, há uma crescente flexibilização dos modelos tradicionais de família e um maior reconhecimento da autonomia reprodutiva, o que contribui para o aumento do número de mulheres que decidem não ter filhos (Sorj, Fontes e Machado, 2007).

2.4.2 Casamentos e divórcios

Outra dimensão que pode dar pistas sobre a realidade das famílias brasileiras e as transformações pelas quais vêm passando é a dos casamentos e divórcios realizados no país nos últimos anos. Embora seja possível identificar oscilações, há uma tendência de aumento no número de divórcios, conforme mostra o gráfico 23:

Gráfico 23 - Número de divórcios concedidos em 1ª instância ou por escritura no Brasil (2010 - 2023)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Os números contabilizados nesta série compreendem os divórcios judiciais concedidos em primeira instância e os divórcios extrajudiciais feitos por escritura, em cartório de notas.

Ao contrário do que era de se esperar a partir de todas as notícias sobre aumento do número de divórcios por causa da pandemia, o que ocorreu foi uma redução de 13,6% de 2019 para 2020. Essa redução pode ser explicada, em parte, pelos longos períodos em que os cartórios e as varas de família permaneceram fechados, sobretudo entre os meses de março e maio de 2020.

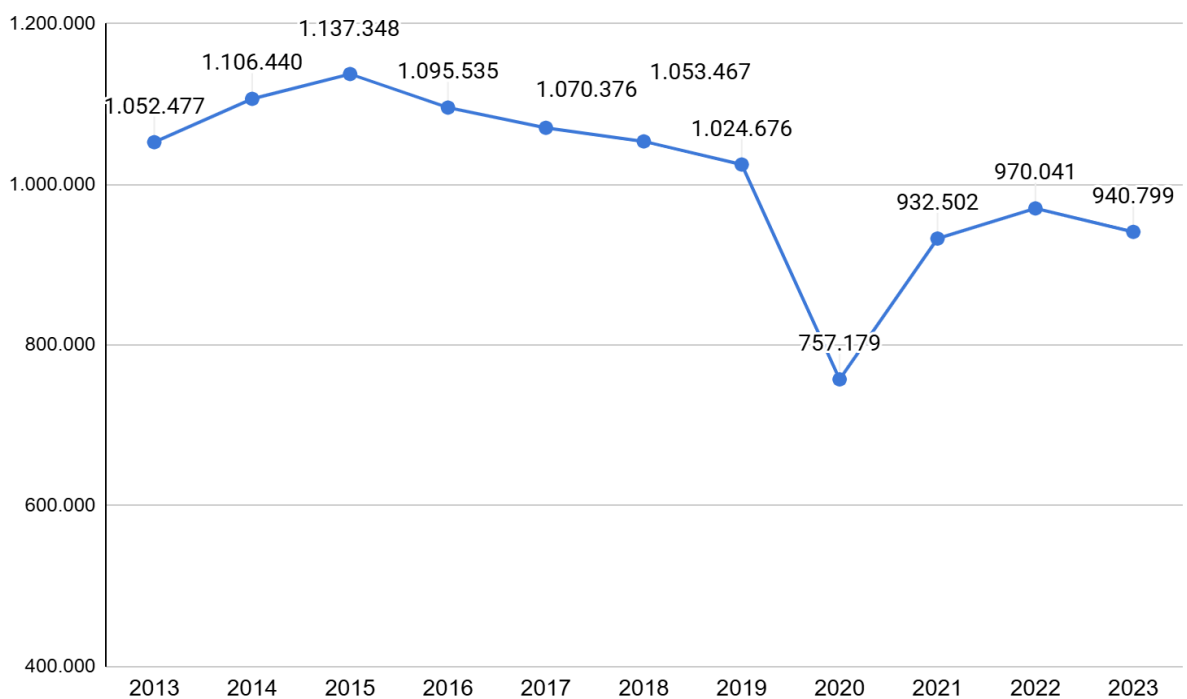
Em 2021, o número de divórcios aumentou 16,79% em relação ao ano anterior, ultrapassando o número registrado em 2019. Já em 2023, esse aumento foi de 4,95%, alcançando o maior patamar da série histórica analisada, em números absolutos, e dando continuidade à tendência de aumento.

Outro ponto que chama atenção no gráfico é o aumento expressivo que ocorreu de 2010 para 2011. A explicação está na Emenda Constitucional nº 66/2010, publicada em 14 de julho de 2010, que passou a autorizar o divórcio sem a necessidade de prévia separação judicial por mais de um ano ou de comprovada separação de fato por mais de dois anos, como ocorria anteriormente. Essa flexibilização permitiu que casais que pretendiam se divorciar mas ainda não tinham cumprido esse requisito, pudessem formalizar o divórcio.

O número de casamentos também sofreu alterações relevantes por conta da pandemia. Embora seja possível observar uma leve tendência de queda a partir de 2015, a redução observada em 2020 foi de, aproximadamente, 26% em relação a 2019, influenciada pela necessidade de distanciamento social, o que impediu a realização de festas e eventos com aglomeração de pessoas.

Em 2021 e 2022 já pode ser identificada uma recuperação, apesar de não chegar a patamares pré pandemia:

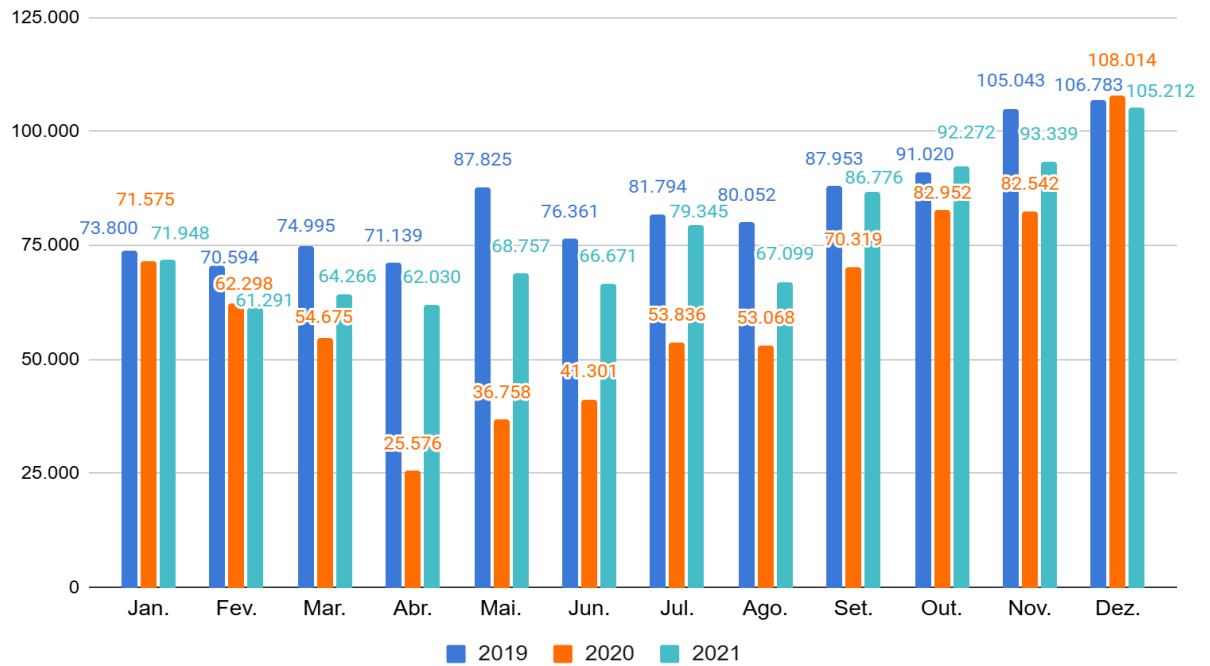
Gráfico 24 - Número de casamentos no Brasil (2013-2023)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Para compreender melhor o impacto que o distanciamento social exerceu sobre os casamentos, o próximo gráfico apresenta os números do ano anterior à pandemia e dos anos de pandemia, mês a mês:

Gráfico 25 - Número de casamentos no Brasil por mês (2019-2021)

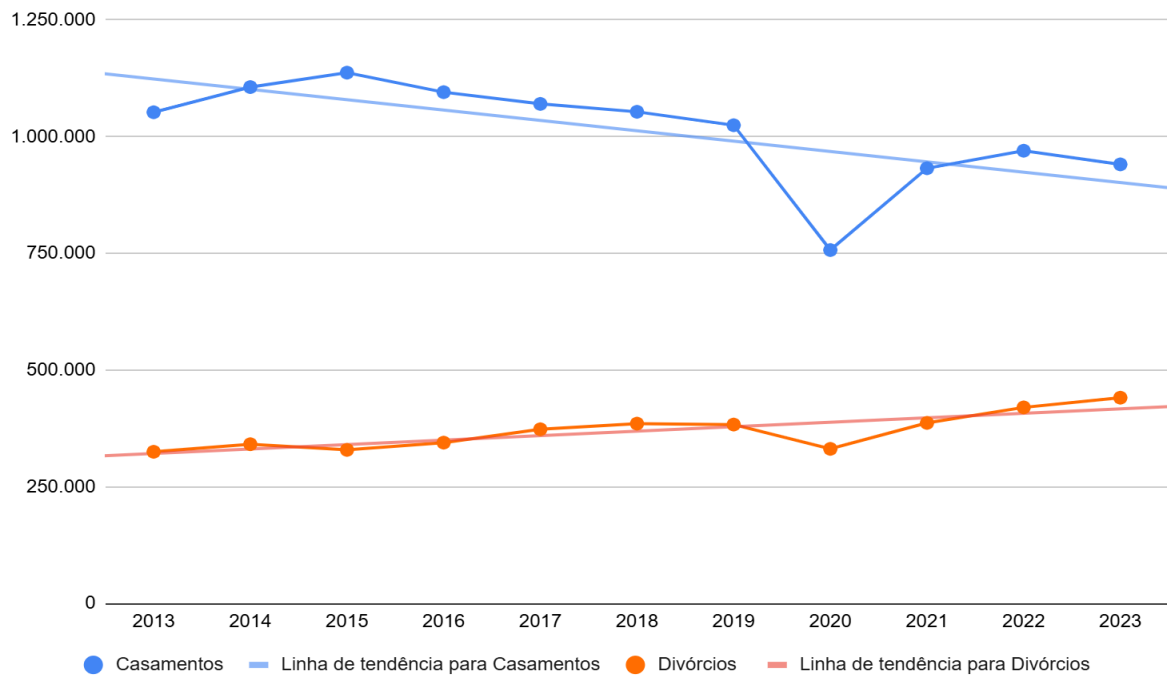


Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Observa-se que, à exceção dos meses de janeiro e dezembro, o ano de 2019 registrou um número muito superior de casamentos se comparado a 2020 e 2021. O ano de 2020, mais crítico da pandemia, chegou a registrar, no mês de abril, 64,06% menos casamentos do que no mesmo período do ano anterior. Já em dezembro de 2020, o número de casamentos superou o registrado em dezembro de 2019, o que é um indício de que muitas pessoas que se casariam no primeiro semestre do ano adiaram as cerimônias.

A apresentação dos dados por mês oferece uma perspectiva de curto prazo, permitindo uma análise mais aproximada do que influencia o comportamento dos números no tempo. Por outro lado, o gráfico 26, abaixo, traz as linhas de tendência para casamentos e divórcios no Brasil, tomando por base os dados já apresentados:

Gráfico 26 - Linhas de tendência de casamentos e divórcios no Brasil



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Observa-se que, enquanto o número de casamentos tende a cair, o número de divórcios tende a aumentar, embora de forma menos brusca.

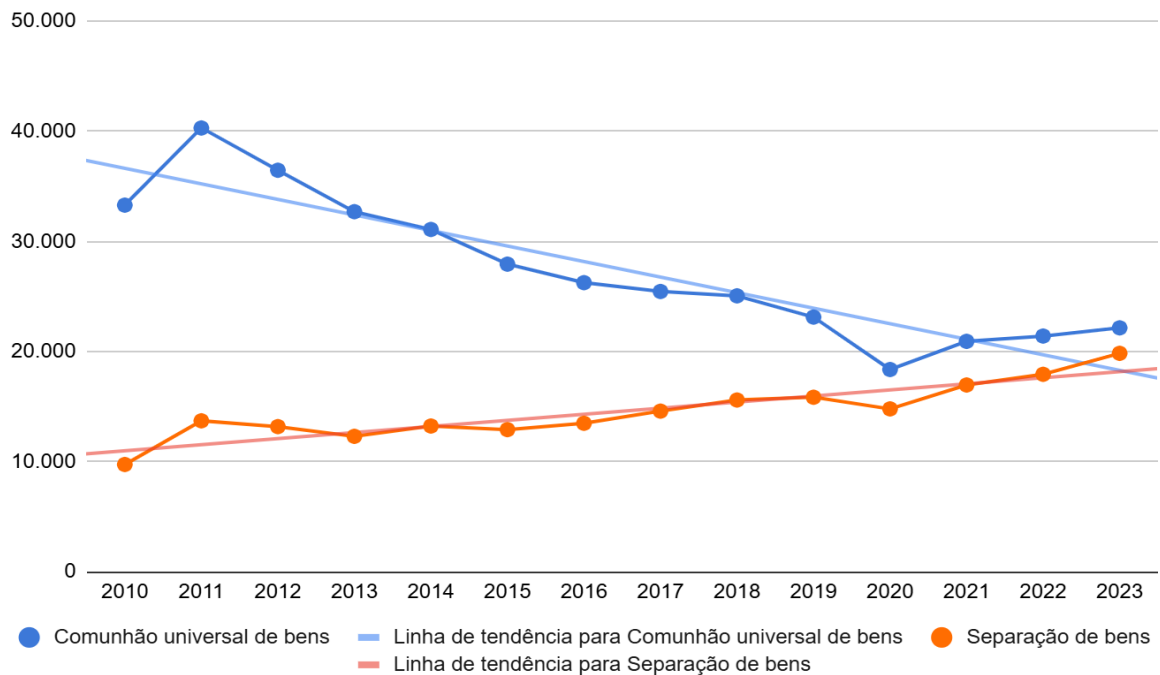
Outro aspecto que vem sofrendo alterações no cenário matrimonial diz respeito ao regime de bens⁴⁴. No Brasil há, basicamente, três tipos de regimes de bens: a) Comunhão universal de bens; b) Comunhão parcial de bens; c) Separação de bens.

De uma maneira geral, no primeiro tipo de regime, tanto os bens adquiridos antes da união como aqueles adquiridos pelo casal na constância do casamento são divididos igualmente em caso de divórcio. Já no segundo tipo, o mais comum no Brasil, apenas os bens adquiridos durante o casamento são partilhados ao final. Por fim, no regime da separação de bens, os patrimônios de ambos são separados e não se comunicam ou são partilhados em caso de divórcio.

Como cerca de 90% dos casais optam pela regra geral, isto é, pelo regime da comunhão parcial de bens, o gráfico 27, abaixo, traz as mudanças que vêm sendo observadas no que diz respeito aos dois outros regimes de bens definidos em lei e as tendências que se evidenciam:

⁴⁴ O regime de bens pode ser definido como um conjunto de regras que dispõem sobre as questões patrimoniais do casal, ou seja, resumidamente, estabelecem a divisão dos bens em caso de divórcio.

Gráfico 27 - Regimes da Comunhão universal e da Separação de bens no Brasil (2010-2023)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

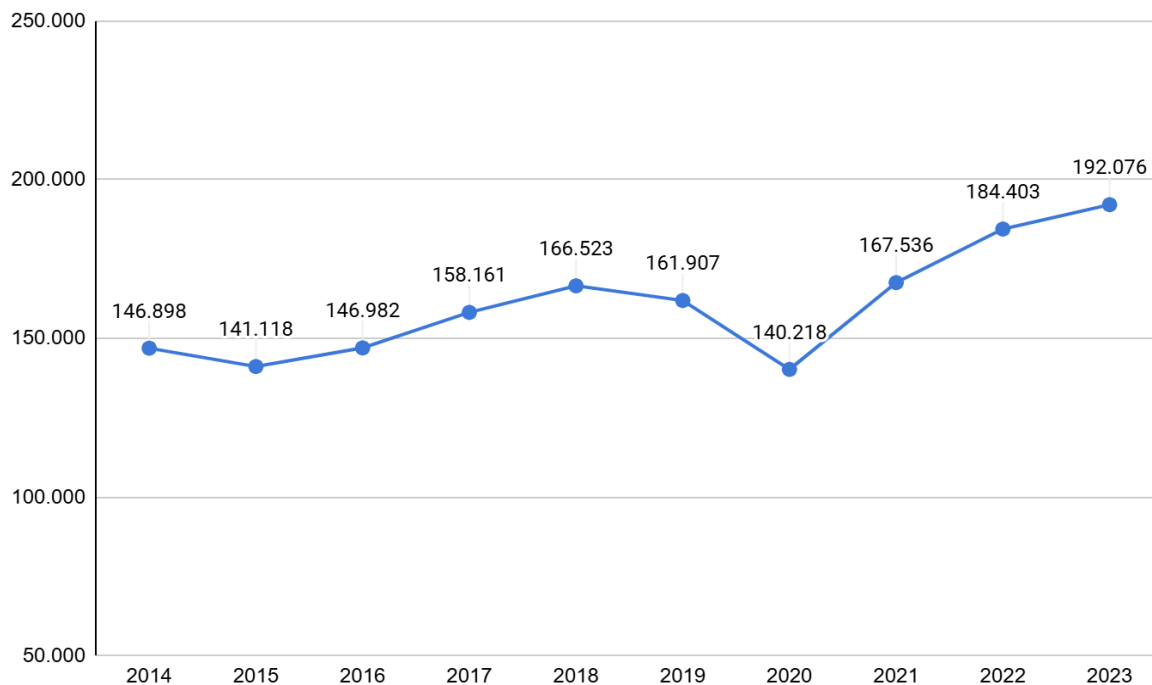
Enquanto o número de casais que optam pelo regime da comunhão universal de bens reduz drasticamente, a tendência para os casais que optam pelo regime da separação total de bens é de claro crescimento. Uma série de mudanças socioculturais pode explicar essa tendência, sendo que, entre elas, certamente está uma maior independência financeira das mulheres. É possível citar ainda uma maior preocupação com a segurança patrimonial em caso de dissolução da união e uma maior conscientização sobre os diferentes regimes de bens disponíveis e suas respectivas implicações legais.

Beck e Beck-Gernsheim (2011) argumentam que, na modernidade reflexiva, os indivíduos tornam-se os principais responsáveis pela condução de suas vidas afetivas, o que implica a busca por maior autonomia e a redefinição dos vínculos conjugais a partir de projetos individuais. Esse processo de individualização se reflete, entre outros aspectos, na escolha de regimes de bens que preservam a independência patrimonial dos cônjuges, como a separação total de bens, em detrimento de modelos tradicionais baseados na comunhão irrestrita.

Os casais contemporâneos, ao optarem por regimes que preservam a autonomia patrimonial, estão materializando a tendência de priorizar projetos pessoais e a possibilidade de dissolução da relação caso ela não se encaixe nesses projetos, de modo que o casamento deixa de ser um destino inevitável e passa a ser uma escolha reversível, marcada por acordos e limites claros.

O gráfico 28, abaixo, apresenta apenas os divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade. Quanto ao ano de 2023, esses divórcios representam 43,57% do total.

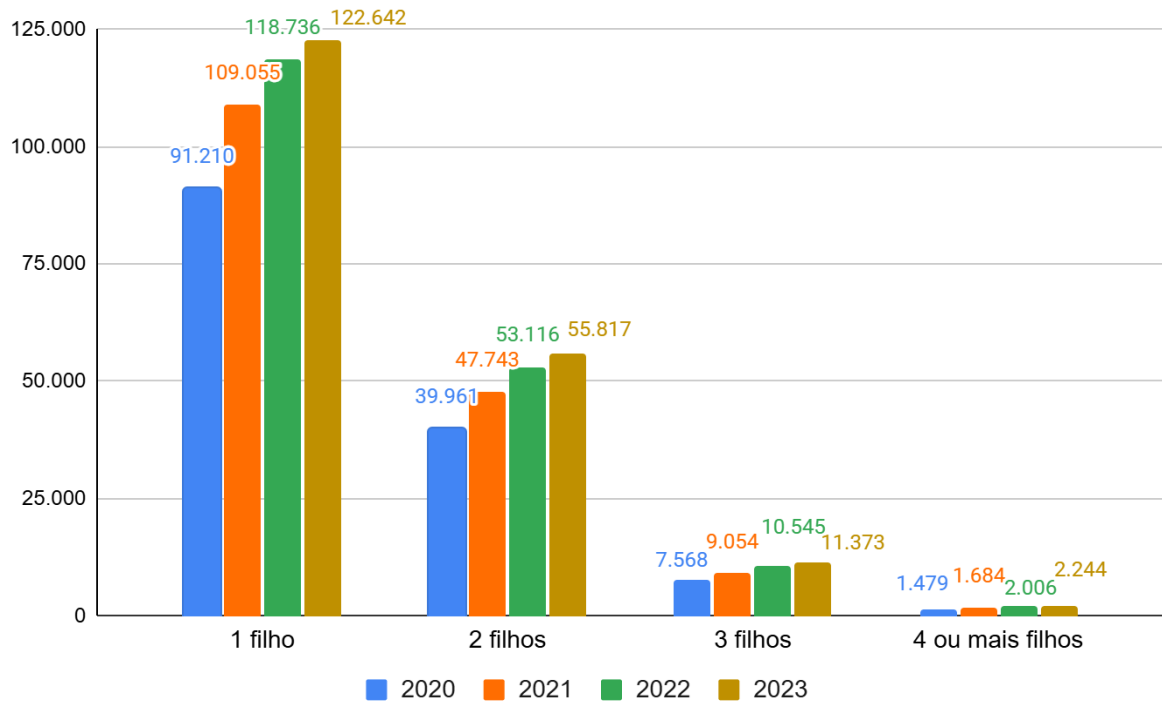
Gráfico 28 - Número de divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade (2014-2023)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Considerando apenas os divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade, o gráfico 29, abaixo, apresenta quantos filhos têm esses casais:

Gráfico 29 - Número de filhos dos casais que se divorciaram (2020-2023)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

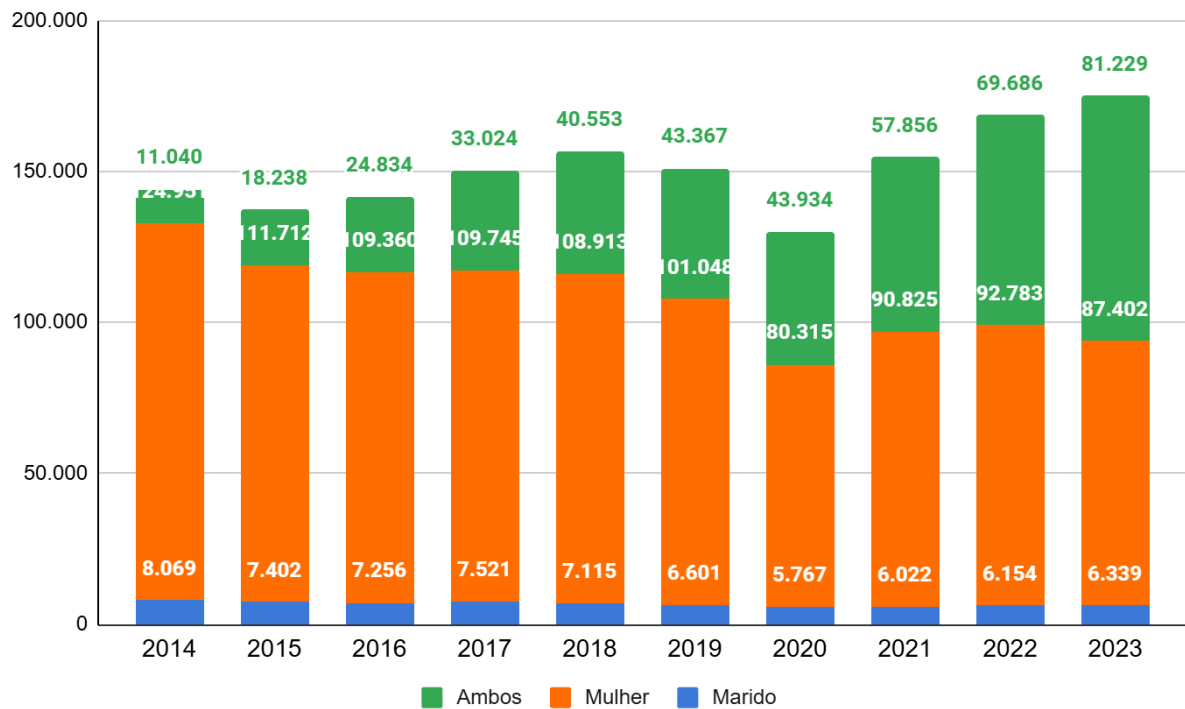
Entre os divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade em 2020, 2021, 2022 e 2023, 65,05%, 65,09%, 64,39% e 63,85% dos casais, respectivamente, têm apenas um filho, o que não representa uma diferença significativa e se repete para os casais que têm dois, três e quatro ou mais filhos.

Quanto ao tipo de guarda dos filhos menores de idade concedida aos pais e mães que se divorciaram, nota-se uma transformação, especialmente a partir da aprovação da guarda compartilhada como regra geral a ser aplicada.

A guarda compartilhada foi consolidada como regra geral no Brasil com a promulgação da Lei nº 13.058/2014, que alterou o Código Civil para determinar que, nos casos de divórcio, separação ou dissolução de união estável, a guarda dos filhos menores deve ser compartilhada entre os pais, salvo se um deles declarar ao juiz que não deseja a guarda, ou se um dos genitores não tiver condições de exercê-la. Essa modalidade visa assegurar o equilíbrio nas responsabilidades parentais e a convivência dos filhos com ambos os pais, promovendo o melhor interesse da criança.

Se, em 2014, a proporção de guarda compartilhada entre os pais com filhos menores era de 7,5%, em 2023 essa modalidade de guarda passou a representar 46,42%.

Gráfico 30 - Sexo do responsável pela guarda dos filhos nos divórcios concedidos a casais com filhos menores de idade (2014-2023)

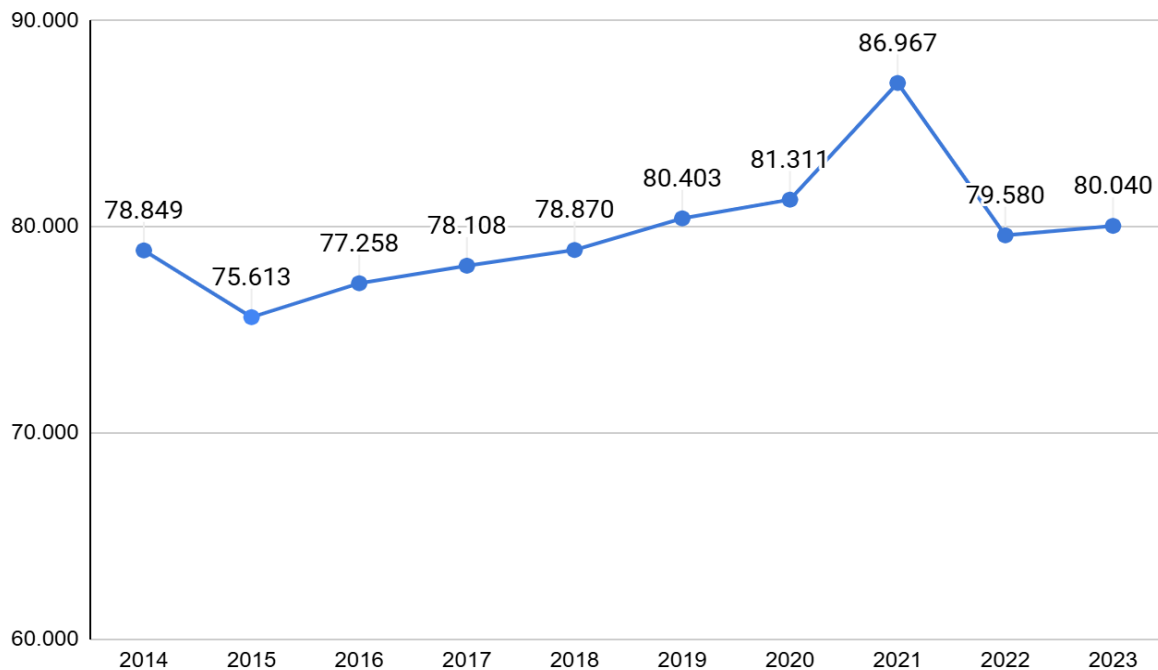


Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

No tocante aos divórcios extrajudiciais, isto é, consensuais e que não envolvem filhos menores de idade, estes podem ser realizados em cartórios e costumam durar cerca de 10 dias, a depender da região do país, motivo pelo qual há mais segurança ao afirmar que os números apresentados pelo IBGE para os anos de 2020 a 2022 são de divórcios que tiveram início nesses anos, isto é, durante a pandemia.

Levando-se em consideração apenas este tipo de divórcio, o cenário é o seguinte:

Gráfico 31 - Número de divórcios extrajudiciais no Brasil (2014 - 2023)



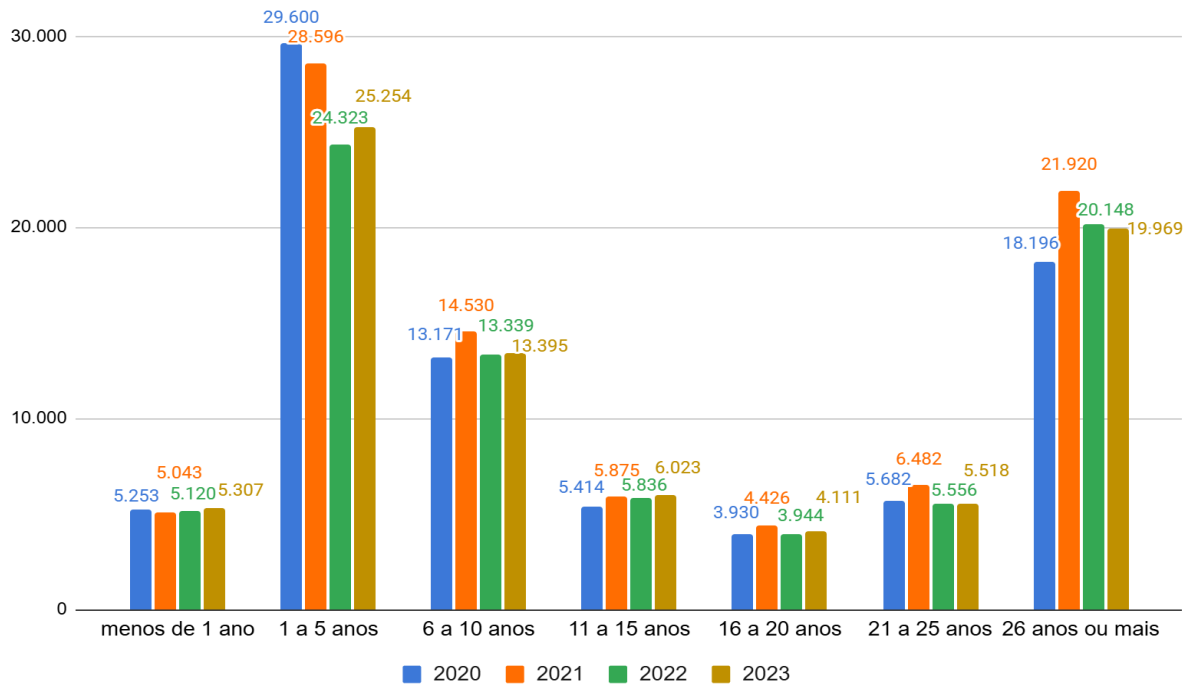
Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Mesmo em 2020, quando o número total de divórcios caiu drasticamente e os cartórios permaneceram fechados, sobretudo ao longo do primeiro mês de pandemia, o número de divórcios extrajudiciais manteve a tendência de aumento.

É possível observar uma tendência geral de crescimento, que mantém percentual em torno de 1% e 2% até 2020. Entretanto, para 2021, verifica-se um aumento bem acima do que vinha sendo registrado nos anos anteriores, de 6,5%. Isso pode ser atribuído tanto ao período em que os cartórios permaneceram fechados, represando parte dos divórcios do país, quanto ao aumento da procura pelo divórcio acarretada pelo distanciamento social mais rígido.

Quanto ao perfil dos casais que se divorciaram extrajudicialmente de 2020 a 2023, o IBGE disponibiliza o tempo de duração dos casamentos:

Gráfico 32 - Tempo transcorrido entre as datas do casamento e da lavratura da escritura de divórcio (2020 a 2023)

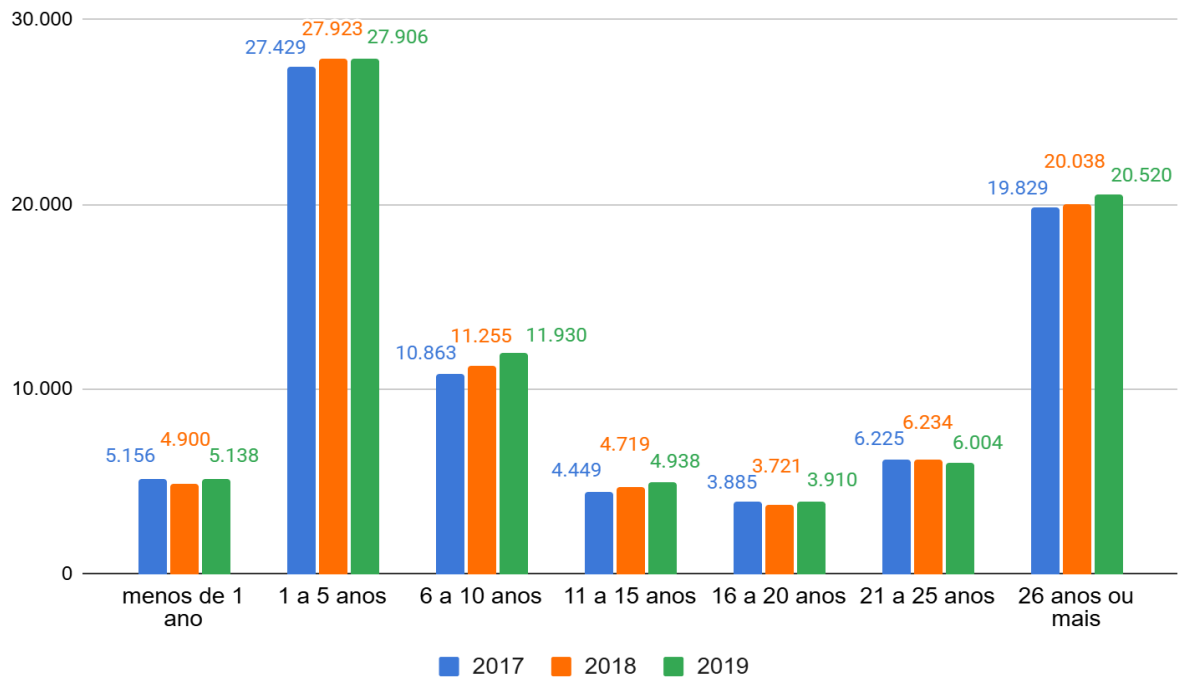


Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Observa-se que a maioria dos casamentos perdurou de um a cinco anos, totalizando 33,06% do acumulado para o período. Em seguida, estão os casamentos que duraram 26 anos ou mais, com 24,61% do total. Vale destacar também os 6,36% de casais que permaneceram casados por menos de um ano e se divorciaram entre 2020 e 2023.

Para fins de comparação, vejamos a duração dos casamentos cujos divórcios se deram antes da pandemia:

Gráfico 33 - Tempo transcorrido entre as datas do casamento e da lavratura da escritura de divórcio (2017 a 2019)



Fonte: IBGE, Registro Civil. Elaboração própria.

Em termos comparativos, no que diz respeito à duração dos casamentos dissolvidos antes e durante a pandemia, não é observada uma diferença significativa. A maior parte dos casais que se divorciaram nos três anos anteriores, tinha de um a cinco anos de união. Em seguida, estão os casais com mais de 26 anos de união.

Enquanto em 2010 o tempo médio entre a data do casamento e a data da sentença ou escritura do divórcio era de cerca de 16 anos, em 2023 houve uma diminuição no tempo de duração do casamento para 11,36 anos. Em 2019, por exemplo, quase metade dos divórcios ocorreu em uniões com menos de 10 anos de duração. Os dados sugerem, portanto, que os casamentos no Brasil têm se tornado mais breves ao longo do tempo (IBGE, 2021).

A análise e sistematização dos dados quantitativos secundários coletados a partir de bases oficiais serviram para demonstrar as transformações pelas quais as famílias brasileiras vêm passando nas últimas décadas, e funciona como um quadro geral sobre o qual podem ser situadas as narrativas colhidas a partir das entrevistas. A análise oferece um retrato a partir do qual é possível compreender, de maneira mais robusta e aprofundada, as dinâmicas relacionais observadas durante e após a pandemia.

2.5 Apreendendo as percepções e os sentidos

Este tópico é dedicado à apresentação do percurso metodológico adotado para a realização das entrevistas semiestruturadas, sendo a técnica utilizada na etapa qualitativa da pesquisa. São descritos os procedimentos de seleção e contato com os interlocutores, os critérios de participação, bem como a técnica de entrevista semiestruturada empregada, com a respectiva elaboração do roteiro, que permitiu a exploração detalhada das trajetórias individuais e das dinâmicas relacionais impactadas pelo contexto pandêmico. A categorização e a análise dos dados provenientes dessas entrevistas são apresentadas e discutidas no capítulo 4.

Começando pelo roteiro, este foi elaborado a partir de todo o conhecimento acumulado nas etapas exploratórias da pesquisa, descritas nos tópicos anteriores. As entrevistas eram iniciadas com uma explicação breve sobre a pesquisa, um agradecimento ao participante e o pedido de autorização para gravação. Para estimular o entrevistado a se expressar de forma aberta e sincera, buscou-se criar um ambiente de confiança e conforto, com uma formulação acolhedora das perguntas e uma postura tranquila, favorecendo o chamado *rapport* (Bauer; Gaskell, 2002).

Para responder as perguntas norteadoras colocadas na introdução da tese, e buscando compreender os sentidos atribuídos pelos entrevistados às suas próprias experiências, o roteiro, disponível no Apêndice D, foi dividido em blocos: *a)* apresentação pessoal e configuração familiar na infância; *b)* trajetória de vida amorosa; *c)* relacionamento amoroso durante a pandemia; *d)* período pós-pandemia. Cada um dos blocos é destrinchado em tópicos específicos que foram mais ou menos explorados conforme cada caso. O intuito era garantir que os tópicos essenciais fossem abordados e, ao mesmo tempo, permitir uma flexibilidade para explorar respostas inesperadas e aprofundar nuances.

No bloco *a*, as perguntas tinham como objetivo conhecer o ambiente familiar em que cresceu o entrevistado, enquanto uma espécie de pano de fundo para a formulação de suas interpretações sobre os temas trabalhados na pesquisa. Nesse sentido, o entrevistado deveria discorrer sobre a formação e a dinâmica de sua família na infância, suas lembranças sobre o casamento de seus pais e outros aspectos que possam ter contribuído para a construção de sua visão sobre amor, família e casamento.

Em seguida, no bloco *b* eram abordados os relacionamentos que o entrevistado teve na adolescência, juventude e vida adulta, a fim de identificar características centrais, possíveis padrões, lições aprendidas, além de aprender sobre como o entrevistado constrói as narrativas a respeito de si e de sua trajetória. Já o bloco *c* era dedicado ao relacionamento vivenciado

durante a pandemia, em que o entrevistado era incentivado a relatar desde o início da relação até o período específico de isolamento social mais rígido.

Por fim, no bloco *d* eram abordadas questões referentes ao período pós-pandemia, como o processo de abertura do comércio, retorno ao trabalho e à rotina anterior, retomada da convivência do casal com amigos e familiares e os impactos de tudo isso para o relacionamento.

É importante observar que o roteiro foi sofrendo adaptações ao longo da realização das entrevistas. O bloco *d*, por exemplo, foi acrescentado após uma entrevistada mencionar que, na verdade, o que impactou seu relacionamento foi justamente o período de reabertura após a pandemia, quando seu marido decidiu recuperar o tempo perdido durante o isolamento social e apresentou mudanças bruscas de comportamento.

Quanto à seleção dos interlocutores, inicialmente, a ideia era entrevistar os respondentes dos questionários que aceitassem conceder entrevista. Entretanto, como ficou demonstrado no tópico 2.3.1, a adesão aos questionários foi baixa e, por consequência, poucas pessoas aceitaram ser entrevistadas. Entre as que aceitaram, após a fase dos primeiros contatos e explicações sobre a pesquisa, apenas uma pessoa foi, de fato, entrevistada.

Posteriormente, abandonado o objetivo de obter uma amostra estatística representativa a partir da aplicação de questionários e, adotada definitivamente a ideia de realizar uma pesquisa essencialmente qualitativa, passou-se à seleção dos possíveis entrevistados visando a construção de um *corpus*, em etapas nem sempre sucessivas, mas cíclicas, incluindo seleção, análise e nova seleção de acordo com as descobertas (Bauer; Gaskell, 2002).

Em um primeiro momento, o intuito era entrevistar pessoas que se divorciaram/separaram durante ou após a pandemia. A busca por interlocutores se deu sempre por meio da divulgação da pesquisa nas redes sociais e pelo chamado “boca a boca”. Novamente houve dificuldade em encontrar pessoas que atendessem ao critério definido e que aceitassem conceder entrevista, especialmente por se tratar de um tema sensível, conforme já relatado. Por outro lado, em meio às tentativas de alcançar pessoas divorciadas, surgiram outras que, ao contrário, haviam casado ou passado a morar com seus companheiros durante a pandemia e se ofereciam para participar da pesquisa.

Surgiu, assim, a necessidade de ampliar o escopo de possíveis entrevistados e investigar essa outra face da mesma moeda. Em uma nova rodada de divulgação e tentativa de captar interlocutores, o critério para seleção passou a ser ter estado envolvido em um relacionamento amoroso durante a pandemia. Foi aí então que os entrevistados começaram a aparecer em maior volume e foi possível alcançar, inclusive, pessoas que se divorciaram.

No total, foram entrevistadas 11 pessoas, sendo dois homens e nove mulheres, todos heterossexuais, de classe média e escolarizados, com idade média de 36 anos, que estiveram em relacionamentos amorosos durante a pandemia. A maior parte das entrevistas foi realizada por meio da plataforma *Google Meet*, sendo que duas foram feitas de forma presencial. Todas as entrevistas tiveram os áudios gravados e depois transcritos. A duração média das entrevistas foi de 1h36min. O quadro abaixo contém um perfil geral das pessoas entrevistadas.

Quadro 4 - Perfil dos entrevistados

Identificação	Gênero	Idade	Profissão	Status durante a pandemia	Divórcio/término do relacionamento?	Duração da entrevista
H.D.	Feminino	37 anos	Advogada	Casada	Sim	1h16min.
S.E.	Masculino	43 anos	Educador físico	Casado	Sim	3h04min.
M.H.	Feminino	23 anos	Designer de moda	Namorando	Sim	1h23min.
S.K.	Feminino	27 anos	Psicóloga	Casada	Não	1h30min.
G.K.	Feminino	29 anos	Analista de Sistemas	Namorando	Sim	59min.
T.L.	Feminino	38 anos	Administradora	União estável	Sim	1h23min.
I.M.	Feminino	40 anos	Fisioterapeuta	Casada	Não	1h06min.
N.N.	Feminino	43 anos	Publicitária	União estável	Não	1h
P.N.	Feminino	37 anos	Jornalista	Casada	Sim	1h43min.
P.K.	Masculino	45 anos	Professor	Namorando	Não	1h36min.
G.S.	Feminino	35 anos	Advogada	Casada	Não	1h02min.

Fonte: Elaborado pela autora.

O número de entrevistas não foi pré-determinado, mas desde o início se buscou o ponto de saturação dos relatos, conforme descrito abaixo:

Um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada. Há duas razões para esta afirmação. **Primeiro, há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais.** Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. Isso pode ser visto em uma série de entrevistas. As primeiras são cheias de surpresas. As diferenças entre as narrativas são chocantes e, às vezes, ficamos imaginando se há ali algumas semelhanças. **Contudo, temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno. A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções** (Bauer; Gaskell, 2002, p. 70-71). (grifo nosso)

Dessa forma, ao contrário do que ocorre com a pesquisa por amostragem aleatória, onde se busca obter dados generalizáveis e representativos do todo de uma população por meio do número ideal de entrevistados, no caso da pesquisa qualitativa o que se busca é explorar pontos de vista sobre um mesmo tema, identificando padrões e diferenças entre os diversos espectros de opiniões e interpretações de uma dada realidade (Bauer; Gaskell, 2002).

A fundamentação teórica que orientou tanto a condução das entrevistas quanto a análise dos dados está ancorada nos referenciais da Sociologia Compreensiva, com foco na investigação das atribuições de sentido dos agentes às suas experiências. A Sociologia Compreensiva busca entender a sociedade a partir das ações individuais e dos significados que os indivíduos atribuem a elas. Diferente de abordagens que focam apenas em estruturas sociais, a proposta é de interpretação da ação social considerando a intencionalidade e os valores dos agentes. Esse método visa compreender não apenas o que as pessoas fazem, mas por que fazem, analisando motivações subjetivas e contextos históricos (Weber, 1999; Goldenberg, 2004).

Bardin (2016, p. 93-94) discorre sobre a dimensão da subjetividade no âmbito da entrevista enquanto técnica de metodologia qualitativa:

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz “Eu”, com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente.

Embora o foco seja a subjetividade dos agentes, não se pode abrir mão da busca pela objetividade. Nesse sentido, é fundamental lembrar a lição de Haguette (1995, p. 87):

O fato de não cremos que a ciência tenha sido historicamente neutra não nos convence de que a objetividade como um ideal não deva ser perseguida. Segundo, **estamos cômicos de que a objetividade é um ideal inatingível mas que, mesmo**

assim, o cientista deve tentar a aproximação. Terceiro, também não acreditamos que o real possa ser captado “como um espelho”, ao contrário, assumimos a postura relativista, de cunho weberiano, de que **fazemos “leituras” do real. (grifo nosso)**

Com isso em mente, o acúmulo inicial de repertório sobre o tema, por meio de fontes secundárias de informações, foi útil na medida em que forneceu *insights* para a estruturação do roteiro das entrevistas e para a definição de pontos a serem abordados com os interlocutores. Buscou-se, nesse processo, mapear os caminhos percorridos pelos entrevistados até a pandemia, incluindo a sua configuração familiar na infância, a convivência com outros casais ao longo da vida, a história do seu relacionamento amoroso, os conflitos, as mudanças de curso, até a influência que a pandemia pode ter exercido sobre a relação.

A trajetória de vida dos entrevistados, neste caso, é fundamental para compreender como experiências individuais se articulam a processos sociais mais amplos. Azevedo (2013) afirma que a abordagem de narrativas de vida permite captar não apenas os fatos objetivos, mas também os sentidos subjetivos atribuídos pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias, revelando como memórias individuais se entrelaçam à memória coletiva e às dinâmicas familiares, sociais e históricas.

Essa perspectiva possibilita acessar os modos como os entrevistados interpretam e ressignificam eventos marcantes de suas vidas, situando-os em um contexto mais amplo de relações, conflitos, mudanças e expectativas de futuro. Assim, ao reconstruir o percurso biográfico dos participantes, o pesquisador amplia a compreensão das lógicas sociais, culturais e afetivas que permeiam a experiência amorosa ou de ruptura, favorecendo análises mais densas e sensíveis sobre o fenômeno (Azevedo, 2013).

Quando se aborda questões sensíveis, também é preciso ter em mente o impacto que a entrevista pode ter sobre o entrevistado e empreender certos cuidados adicionais. Há questões éticas e metodológicas centrais em pesquisas sobre temas complexos, exigindo do pesquisador sensibilidade e postura empática, já que a entrevista pode reativar emoções e sentimentos difíceis.

A postura do entrevistador deve ser marcada por empatia e flexibilidade, indo além de uma aplicação rígida de roteiros ou de uma busca por neutralidade absoluta. A entrevista compreensiva exige do pesquisador não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade para criar um ambiente de confiança e acolhimento, no qual o entrevistado se sinta confortável para compartilhar experiências íntimas e, muitas vezes, dolorosas (Ferreira, 2014).

O entrevistador deve atuar como um interlocutor ativo, capaz de improvisar questões a partir do percurso narrativo do entrevistado, demonstrando interesse genuíno, escuta atenta e

respeito à singularidade de cada história. Isso implica suspender julgamentos, adaptar a linguagem ao universo do interlocutor, garantir anonimato e confidencialidade e estar atento aos sinais de desconforto, oferecendo espaço para silêncios e respeitando os limites do entrevistado (Ferreira, 2014; Boni, Quaresma, 2005).

Goldenberg (2004) reforça que a entrevista é um espaço de negociação simbólica, onde o entrevistado constrói narrativas que podem tanto revelar aspectos íntimos quanto silenciar ou mascarar experiências, guiado por valores culturais, expectativas sociais e estratégias de autopreservação. Assim, o pesquisador precisa estar atento à dimensão performática do discurso, reconhecendo que cada fala é atravessada por desejos, medos e pela busca de reconhecimento social. Compreender o outro, nesse contexto, é também um exercício de reflexividade para o próprio pesquisador (Goldenberg, 2004).

Peters (2013), ao pensar sobre a reflexividade à luz da sociologia bourdieusiana, resgata a proposta de “autossocioanálise”, como um compromisso ético do pesquisador. Nesse sentido, Bourdieu convoca o sociólogo a objetivar suas próprias condições de produção do olhar científico, reconhecendo que suas interpretações são atravessadas por sua trajetória social, valores e posicionamentos no campo acadêmico. Essa postura reflexiva permite ao pesquisador não apenas compreender os mecanismos de dominação e reprodução social, mas também identificar como suas próprias disposições podem influenciar a análise e a relação com os interlocutores.

Bourdieu (1999) chama atenção para o fato de que tanto o pesquisador quanto o entrevistado trazem consigo trajetórias, valores e disposições que atravessam o encontro, influenciando o modo como as perguntas são formuladas, as respostas são construídas e os sentidos são negociados. Assim, a análise das entrevistas exige que o pesquisador esteja atento não apenas ao conteúdo das falas, mas também às condições sociais que estruturam essa interação, buscando objetivar suas próprias posições e evitar que interpretações sejam marcadas por projeções ou por hierarquias simbólicas implícitas.

Em suma, as entrevistas permitem acessar não apenas os eventos objetivos, mas, sobretudo, os sentidos atribuídos a essas experiências, os dilemas vividos e as estratégias de elaboração subjetiva diante das rupturas e transformações familiares. Metodologicamente, essa escolha se justifica por possibilitar a reconstrução de trajetórias e a compreensão dos processos de mudança em contextos de crise, respeitando a complexidade das vivências e a pluralidade de perspectivas.

A partir da realização das entrevistas e da transcrição do material gravado, procede-se com a chamada análise de conteúdo, conforme definida por Bardin (2016) ao estabelecer as diferenças desta técnica para a linguística:

A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades por meio das mensagens. [...] A análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares (Bardin, 2016, p. 49).

Nesse sentido, a técnica de análise do discurso se alinha à perspectiva epistemológica do construcionismo social, que se caracteriza por uma postura crítica em relação ao conhecimento aceito como dado. Essa perspectiva reconhece que as diversas interpretações da realidade são específicas aos contextos históricos e culturais e que o conhecimento é socialmente construído, determinado pelos processos sociais, e não pela natureza objetiva das coisas.

Seguindo as orientações de Bardin (2016), iniciou-se a análise de conteúdo das entrevistas pela chamada leitura flutuante, fase na qual o pesquisador deve realizar uma primeira leitura do material, buscando obter uma visão do todo e desenvolver uma certa intimidade com o *corpus*. Bauer e Gaskell (2002) também abordam o tópico:

O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente. A procura é por temas com conteúdo comum e pelas funções destes temas. [...] Em termos práticos, a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe aqui um método que seja o melhor. **Na essência, elas implicam na imersão do próprio pesquisador no corpus do texto.** [...] Ao ler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevista (Bauer; Gaskell, 2002, p. 85). **(grifo nosso)**

Na etapa seguinte, ocorre a categorização do material. Todo esse procedimento foi realizado com o auxílio do *software* NVivo⁴⁵ e consistiu nas seguintes operações: 1) identificação dos sujeitos entrevistados, sendo que cada sujeito representa um *caso*⁴⁶; 2) codificação em temas, aqui considerados os tópicos definidos a partir do próprio roteiro semiestruturado; 3) segunda camada de codificação, a partir das categorias que emergiram das

⁴⁵Software de suporte para pesquisas que utilizam métodos qualitativos e mistos. Possibilita a organização e análise de informações textuais não estruturadas. O NVivo foi criado por Lyn Richards, uma socióloga que pesquisava temas ligados a relações familiares. Ela desenvolveu o software para facilitar a análise qualitativa de dados, especialmente de textos não estruturados, como transcrições de entrevistas. Disponível em: <http://download.qsrinternational.com/Resource/NVivo10/NVivo-10-Overview-Portuguese.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

⁴⁶Nomenclatura utilizada pelo próprio *software*.

falas dos próprios entrevistados. Tendo sido apresentados os casos acima, o quadro abaixo apresenta a sistematização dos códigos e suas descrições:

Quadro 5 - Sistematização dos códigos e categorias

Código	Descrição	Nº de referências
Autopercepção	Como a pessoa se apresenta, o que considera relevante dizer sobre si mesma. Autopercepção também em sentido mais profundo, incluindo traços da personalidade, gostos, visão de mundo.	19
Infância e adolescência	Configuração familiar na infância/adolescência. Formação da família de origem. Dinâmica da família nuclear na infância da pessoa entrevistada. Memórias sobre acontecimentos específicos. Família extensa.	24
Relação dos pais	Memórias da pessoa entrevistada sobre o relacionamento/casamento dos pais. Como se comportavam os pais enquanto um casal, se havia demonstrações de afeto, se havia conflitos e as razões para os conflitos. Que exemplos foram transmitidos à pessoa entrevistada.	49
Visão sobre relacionamento	Como foi construída a visão da pessoa entrevistada sobre amor e casamento. Quais exemplos absorveu, o que espera de um relacionamento ou como imagina um companheiro ou companheira ideal. Ideias e noções sobre família.	33
Vida amorosa	Trajectoria de relações amorosas que a pessoa entrevistada teve ao longo da vida. Como a pessoa enxerga e narra os próprios relacionamentos. Leitura do passado, lições aprendidas, sinais ignorados. Engloba histórias de traição, ciúmes, controle, arrependimentos, mas também apoio mútuo, amadurecimento, etc.	33
Relacionamento da pandemia	Tudo sobre a pessoa com quem se relacionou durante a pandemia, tendo ou não se divorciado. Como se conheceram, episódios específicos, características, etc. Conflitos, traições, incômodos, tudo que desgastou o relacionamento e pode ter levado à separação. Da mesma forma, tudo que pode ter levado o casal a atravessar a pandemia juntos, como estratégias de convivência, intimidade, apoio mútuo, etc.	124
Período da pandemia	O que a pandemia representou para a pessoa entrevistada e para o seu relacionamento amoroso. Coisas que aconteceram durante a pandemia e a rotina de isolamento que podem ter marcado o relacionamento. Questões relacionadas à hiper convivência, divisão do espaço físico, home office, tarefas domésticas, novos hábitos, cuidados com o vírus, etc.	96
Medo e luto	Como a pessoa entrevistada lidou com o medo de contrair o vírus, medo da morte, luto pela perda de pessoas	19

	próximas e medo de perder pessoas próximas. Luto e medo pela situação geral.	
Saúde mental	Relatos de ansiedade e depressão durante a pandemia; medidas tomadas, causas e questões relacionadas. Como questões de saúde mental foram manejadas dentro do relacionamento.	9
Política	Questões relacionadas ao acirramento da polarização política durante a pandemia; posicionamento político do casal e relação com os cuidados para não contrair o vírus; negacionismo; vacinação; divergências.	14
Reabertura	Como a pessoa entrevistada lidou com a flexibilização do isolamento social e quais as repercussões disso para o relacionamento. Engloba também o pós-pandemia, os aprendizados e as mudanças que a pandemia trouxe em relação à convivência com outras pessoas, costumes, rotina, etc.	18
União	Relatos sobre união, intimidade, aproximação, tempo de qualidade do casal. Relacionamentos iniciados durante a pandemia, relacionamentos fortalecidos durante a pandemia.	30
Separação	Relatos sobre separação. Como aconteceu; o momento da decisão; o motivo da decisão; como se deu o processo.	26

Fonte: Elaborado pela autora.

Como exposto acima, os códigos foram criados, inicialmente, a partir do próprio roteiro utilizado nas entrevistas. Posteriormente, conforme algumas questões se repetiam nos relatos dos entrevistados, outros códigos foram incorporados à análise. De uma forma geral, buscou-se manter sentidos amplos para os códigos, de forma a caber uma variedade de assuntos e possibilidades e evitando a sua rigidez. Já a coluna “nº de referências” apresenta a quantidade de vezes que o conjunto das pessoas entrevistadas mencionou algo relacionado ao código específico. O produto dessa análise está exposto no capítulo 4, mas trechos de falas dos entrevistados permeiam as reflexões realizadas a partir do capítulo 3.

Por fim, cabe destacar que não é possível falar sobre amor romântico e relações amorosas sem tocar na família, seja enquanto instituição social, seja sobre as diversas formas que assumiu ao longo do tempo, suas configurações possíveis e as transformações pelas quais passou. O capítulo seguinte da tese apresenta uma discussão teórica sobre o conceito de família sob diferentes perspectivas. São exploradas as contribuições da sociologia para o entendimento das transformações familiares, os debates feministas sobre gênero e poder nas relações conjugais, os marcos legais que regulam a família no direito brasileiro, bem como as dinâmicas dos relacionamentos amorosos na modernidade e na contemporaneidade.

Essa fundamentação teórica oferece a base necessária para analisar, de forma crítica e contextualizada, as narrativas construídas ao longo das entrevistas, situando-as no campo mais amplo das mudanças sociais e culturais que atravessam as famílias contemporâneas.

3 FAMÍLIA, AMOR E CONJUGALIDADE: O OLHAR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Para este tópico, a ideia é apresentar o processo por meio do qual foi construído, na teoria e no mundo social, o objeto de pesquisa ora em exame, isto é, o amor e a família como questões sociológicas. Trata-se de uma tentativa de desconstruir visões pré-concebidas, estabelecer uma aproximação entre o que foi pensado a partir das teorias e o que foi produzido pelo discurso comum acerca do tema.

O que segue, portanto, é um arcabouço teórico que reúne as principais reflexões sobre a família - nas diversas configurações que essa instituição assumiu ao longo do tempo e em contextos sociais distintos -, realizadas no âmbito das ciências sociais. Tais referências teóricas são importantes na medida em que permitem estabelecer conexões entre a família e fatores sociais estruturais, como divisão do trabalho, desigualdades de gênero, violências e direitos.

O debate público sobre estes e outros fatores estruturais se intensificou no contexto da pandemia e do isolamento social, daí por que se mostra relevante uma discussão mais aprofundada sobre os conceitos e categorias que envolvem a chamada família nuclear, especialmente à luz da sociologia.

Inicialmente, são considerados autores clássicos da sociologia que se dedicaram a compreender as transformações familiares que vinham se apresentando no cenário moderno, e que pavimentaram o caminho para reflexões posteriores. Em seguida, levando em conta a ligação inevitável da família nuclear com a figura feminina, são identificadas autoras feministas centrais para pensar as implicações de ser mulher frente aos papéis de gênero a serem desempenhados na família. Também são introduzidas pistas sobre como o amor se insere nesse cenário.

Seguindo essa linha de raciocínio, o subtópico posterior trata das configurações familiares e dos relacionamentos amorosos no contexto da modernidade, abordando autores que analisaram a forma como a chamada sociedade industrial instituiu um modelo específico de família, que repercutiu nas escolhas e projetos de vida dos indivíduos e que entra em conflito com eles. O amor e as diferentes formas de se relacionar amorosamente são também problematizadas a partir da contemporaneidade.

Por fim, um subtópico é direcionado ao exame da família à luz do Direito brasileiro, bem como da evolução da legislação civil a respeito de questões como poder familiar e parentalidade, buscando estabelecer uma correlação entre norma e prática social.

Para além da exposição teórica, buscou-se estabelecer um diálogo entre as contribuições de diferentes autores, cotejando suas reflexões com as críticas que receberam, de modo a

evidenciar tanto os pontos de convergência quanto as tensões existentes no campo. As produções brasileiras mais recentes também foram incorporadas, de forma a contemplar especificidades culturais e sociais que atravessam o tema no contexto nacional.

Nesse percurso, recorreu-se não apenas à bibliografia acadêmica ou ao conhecimento duto, mas também ao discurso do senso comum, presente em materiais de autoajuda, reportagens e artigos de opinião, além de postagens em redes sociais, cuja linguagem mais voltada ao cotidiano permitiu ilustrar como determinados conceitos teóricos se manifestam (ou não) na prática.

A exposição dos conceitos e categorias foi enriquecida com falas de profissionais entrevistadas para esta pesquisa — como advogadas de família, psicólogas e terapeutas de casais —, cujas vivências e observações ofereceram exemplos concretos e atuais das transformações e desafios enfrentados nas dinâmicas amorosas e familiares contemporâneas. Da mesma forma, as falas dos entrevistados que estiveram em relacionamentos amorosos durante a pandemia também entrelaçam a análise.

3.1 A família como instituição

A sociologia da família se consolidou como um campo específico de estudo apenas a partir do século XX, acompanhando as profundas transformações sociais e familiares que marcaram esse período. Essa consolidação refletiu a necessidade de compreender as mudanças nas estruturas familiares, nas relações de gênero, nas dinâmicas de poder e nas diversas formas de organização familiar que emergiram com a modernidade.

Assim, o estudo da família na sociologia não se limita a uma análise estática, mas envolve uma abordagem dinâmica que considera as múltiplas dimensões e contextos sociais em que as famílias estão inseridas, destacando sua centralidade na reprodução social e nas transformações culturais e econômicas.

Para apresentar uma revisão de literatura no campo da sociologia da família, será aqui adotada, em parte, a linha cronológica desenhada por Anália Maria Cardoso Torres (2010), em seu curso intitulado Sociologia da Família: teorias e debates. Sua proposta serve bem ao presente estudo e oferece um passeio didático pelos sociólogos que se debruçaram sobre o tema das famílias⁴⁷.

⁴⁷ Sempre que possível, os originais foram consultados.

O interesse da sociologia pela família remonta ao seu surgimento enquanto ciência, com Émile Durkheim. No final do século XIX, Durkheim dedicou ao tema um de seus cursos, cuja aula inaugural foi intitulada *Introduction à la sociologie de la famille*⁴⁸. Sob influência fortemente positivista, o autor dava ênfase à família enquanto uma instituição, um conjunto de pessoas que estabelecem determinadas relações entre si. Durkheim chegou a determinar que tipos de relações estava interessado em compreender: a relação entre as pessoas e os bens; entre os esposos e os filhos; entre a família extensa e a família, hoje denominada, "nuclear"; e, por fim, as interferências do Estado na família, de forma que é possível identificar a presença do Direito em seu pensamento (Maior, 2005).

A família sobre a qual Durkheim se debruçava era a *família conjugal*, termo cunhado pelo autor para se referir à família contemporânea, formada por marido, esposa e filhos. Neste tipo de família, há uma maior autonomia dos indivíduos, se tomada em comparação com o tipo de família de períodos históricos anteriores, embora o autor não tenha se dedicado tanto a pensar a questão da individualidade na família (Torres, 2010).

No que diz respeito às transformações na esfera da individualidade, estas podiam ser observadas, entre outros aspectos, em um crescente respeito às crianças e na independência e liberdade de escolha, cada vez maiores, que os filhos passaram a ter em relação aos pais. Já no tocante ao papel do Estado, muitas leis surgiram para regular a vida familiar, o que toca em questões de natalidade, herança, imposição de limites à violência intrafamiliar, direitos e deveres entre seus membros, etc. (Torres, 2010).

Pode-se afirmar que um dos principais empreendimentos do autor nesta área foi uma sistematização e descrição dos tipos de família, destacando-se a transição da família "patriarcal" para a chamada família "conjugal moderna", e estabelecendo semelhanças e diferenças. Durkheim discute como a modernidade e a divisão do trabalho social resultaram em uma família conjugal mais centrada em laços afetivos e na solidariedade, em contraste com a família patriarcal, caracterizada pela autoridade e tradição (Durkheim, 2010).

Por outro lado, naturalmente, Durkheim sofreu críticas à sua abordagem, relacionadas tanto à circunscrição de suas observações, que ignoram alguns grupos e se voltam especialmente para camadas médias urbanas, quanto também a uma certa linearidade subjacente a seu pensamento (Torres, 2010).

Ao considerar a contribuição de Durkheim para a compreensão da família, é fundamental observar que sua análise, embora pioneira, foi construída a partir das experiências

⁴⁸ Introdução à Sociologia da Família (tradução nossa)

e estruturas familiares predominantes na Europa ocidental de seu tempo. Autores contemporâneos destacam que tal abordagem tende a universalizar essas experiências, negligenciando a pluralidade de arranjos familiares existentes em outros contextos sociais e históricos. As críticas atuais à obra de Durkheim ressaltam a importância de ampliar o olhar sociológico para além dos limites impostos por seu contexto original, incorporando as múltiplas formas de organização familiar e as desigualdades estruturais que atravessam a vida social contemporânea (Paugam, 2016).

Para trazer o contexto brasileiro do século XIX, período histórico em que viveu Durkheim, e identificar semelhanças e diferenças na configuração da família conjugal que o autor observou se desenvolver na Europa, é interessante ler as palavras de Del Priore sobre amor e casamento no sertão nordestino da segunda metade do século em análise:

Havia um alto nível de violência nas relações conjugais no sertão. Não só violência física, na forma de surras e açoites, mas a violência do abandono, do desprezo, do malquerer. **Os fatores econômicos e políticos que estavam envolvidos na escolha matrimonial deixavam pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem peso relevante nessa decisão.** Além disso, mulher casada passava a se vestir de preto, não se perfumava mais, não mais amarrava seus cabelos com laços ou fitas, não comprava vestidos novos. [...] Mulheres abandonadas por maridos que buscaram companheiras mais jovens sempre houve em todo o mundo, mas fatores específicos do Nordeste, como o desequilíbrio demográfico nas regiões interioranas, ocasionaram um mercado matrimonial desvantajoso para um número muito grande de mulheres cujos maridos deixavam o sertão para ir trabalhar nas cidades litorâneas (Del Priore, 2005, p. 145-146). **(grifo nosso)**

Enquanto na Europa já se observava uma maior autonomia para as escolhas afetivas, no Brasil, em especial no Nordeste brasileiro, os pais ainda exerciam esse poder e os casamentos eram arranjados, sobretudo com base nos interesses econômicos das famílias. Del Priore atribui ao passado colonial toda uma gama de comportamento em torno dos relacionamentos afetivos e do casamento:

A escravidão e as relações sociais nos grupos patriarcais no Brasil moldaram outra realidade. Formou-se, assim, uma ética que legitimava os sentimentos e a sexualidade vividos em famílias não oficiais. Apesar da variada vida social que vamos encontrar no Nordeste ao Sul, **a fase em que o par devia estabelecer os primeiros laços afetivos foi dada como inexistente no Brasil.** Acreditava-se - que não estava longe da verdade - que familiares ou tutores conservavam em suas mãos as resoluções cruciais sobre a vida de qualquer jovem mulher (Del Priore, 2005, p. 146). **(grifo nosso)**

Apesar disso, é possível afirmar que o Brasil sofreu profunda influência cultural por parte da Europa, em especial da França, notadamente no que diz respeito aos romances literários que retratavam amores platônicos, jovens arrebatadas pelo amor romântico, que contrariavam as famílias para fugir com rapazes cuja situação financeira não agradavam suas famílias. O que

predominou ao longo do século XIX, entretanto, foram os arranjos de casamento por interesse (Del Priore, 2005).

Ainda na Europa do fim do século XIX, mas já adentrando a tradição alemã, Max Weber refletiu sobre as relações entre amor, erotismo e casamento no ensaio *A esfera erótica*. Suas reflexões oferecem uma perspectiva fundamental ao evidenciar como o amor e o casamento, no ocidente moderno, passaram a ocupar uma posição simbólica central, repleta de tensões e contradições frente à racionalização crescente das relações sociais. Weber destacou que o ideal do casamento baseado no amor representa um desenvolvimento histórico recente, cuja valorização autônoma desafia tanto os modelos familiares tradicionais quanto as imposições normativas das instituições sociais modernas.

Weber refletiu sobre o amor em um contexto de transformações, sobretudo no que diz respeito às mulheres da burguesia alemã. Pode-se dizer que o autor assistia à transição do amor cortês para o amor romântico no contexto europeu. Lins (2012) ajuda a compreender o pano de fundo histórico da época:

A paixão revigorante dos românticos cativara a fantasia da classe média, mas seu ataque a instituições desde muito prezadas tornou os românticos inaceitáveis diante da burguesia poderosa. **O código burguês acentuava responsabilidade pessoal pelos atos de cada um, respeito aos pais e adesão formal à religião. Mas o código ignorava o desejo da juventude em adquirir certa medida da animação e liberdade de ação que os românticos pareciam personificar.** Um número crescente de autores criticava os casamentos de conveniência como moralmente errados e previa para seus participantes a infelicidade perpétua. [...] **Assim, os novos ideais de amor e de casamento começaram a dominar o pensamento ocidental** (Lins, 2012, p. 102-103). (grifo nosso)

Para além das mudanças na sociedade, o autor também foi impactado por suas próprias experiências com o amor. Em meio às ideias de profunda racionalidade da vida cotidiana, de responsabilidade moral e ao ascetismo religioso, Weber descobriu a esfera erótica como uma ilha de irracionalidade ao se envolver em um relacionamento extraconjugal. Alguns intérpretes chamam atenção para o modo como suas reflexões sobre o amor e o erotismo podem ter sido diretamente influenciadas pela sua vivência afetiva (Coelho e Vieira, 2019; Ostronoff, 2015).

Segundo Coelho e Vieira (2019), Weber se dedicou a compreender as ambiguidades e o paradoxo entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade, em que a primeira estaria ligada a impulsos internos e a segunda estaria ancorada nos valores morais conjugais de sua época. O agir pela convicção seria pautado por uma dimensão emotiva e irracional, que não observa consequências práticas, enquanto a responsabilidade impõe a consideração racional e ponderada dos efeitos das ações sobre terceiros.

O autor enxerga ambas as éticas na condição humana, numa relação tensionada entre o amor e o erotismo, entre a paixão e a moralidade. A contextualização de Lins (2012) sobre

como se vivia o amor e o que se pensava a respeito do sexo na chamada Era vitoriana pode fornecer elementos para uma melhor compreensão das inquietações de Weber a respeito do tema:

Um amor doméstico, puritano, casto, controlado e também cauteloso em suas maneiras, sob medida para a classe média, passando a guiar uma fração da sociedade muito maior do que aquela que guiara antes⁴⁹. No que diz respeito à repressão sexual, mas não só neste aspecto, foi marcado pela presença avassaladora de uma pequena mulher: a rainha Vitória (Lins, 2012, p. 105). **(grifo nosso)**

A respeito da sexualidade, a descrição de Lins (2012) ajuda a vislumbrar de que forma Weber enquadrou o erotismo no campo da irracionalidade:

A sexualidade é então definida pelos médicos como uma força potencialmente perigosa para a saúde, que deve ser severamente vigiada e enquadrada. O modelo vem de muito longe, da tradição monástica medieval. Ele traduz um medo da sensualidade incontrolável. O orgasmo poderá evocar para o indivíduo uma perda de controle sobre si mesmo e tornar-se o emblema da desordem do mundo (Lins, 2012, p. 107).

Essa aparente contradição entre convicção e responsabilidade desafia a lógica de crescente racionalização da vida, na medida em que a esfera erótica representa uma espécie de redenção em relação à pura racionalidade. Segundo intérpretes weberianos, o autor teria proposto um ideal de amor legítimo, que equilibraria convicção e responsabilidade, erotismo e manutenção dos valores de conjugalidade burguesa (Ostronoff, 2015).

Ainda no cenário alemão, outro autor relevante para pensar a família é Georg Simmel. Diferentemente de Durkheim, Simmel entendia que a dinâmica dos relacionamentos entre homens e mulheres era determinada pelas circunstâncias históricas específicas de cada época, afastando-se da ideia de uma evolução natural e linear, cujo estágio final seria o modelo da família conjugal europeia.

Outro aspecto que diferencia ambos os autores, é a preocupação de Simmel com a questão feminina. A partir de um resgate histórico das configurações familiares, o autor identifica diferentes lugares ocupados pelas mulheres: quando não havia uma divisão sexual do trabalho rígida e cada membro da família ajudava nas atividades produtivas, o casamento de uma mulher representava uma perda para sua família de origem, razão pela qual o marido comprava a esposa; mais tarde, quando passou a vigorar a economia mercantilista, e o homem passou a trabalhar fora de casa, a mulher se tornou um encargo e o casamento passou a se dar pelo dote pago pela família de origem (Simmel, 1998; Torres, 2010).

Aqui também, Lins (2012) oferece uma contextualização histórica que abarca a situação das classes populares nesse processo de transformação econômica:

⁴⁹ A autora faz referência às características tradicionais do amor romântico específico do século XII.

A revolução industrial destroçou a longa e estável tradição da vida familiar camponesa, o sistema onde as mulheres tinham sido muito mais conscientes do próprio valor do que em qualquer outro nível de sociedade, porque haviam desempenhado um papel essencial, em um grupo familiar que fazia trabalho pesado. [...] **A mulher operária, como o marido e os filhos, transformou-se em uma escrava do salário, além de malpaga (sic), às vezes recebendo menos ou pouco mais de metade do que ganhava um homem, pelo mesmo trabalho** (Lins, 2012, p. 114).

Já a mulher de classe média, que não trabalhava mas cuja família não dispunha de dotes significativos, “[...] foi desenvolvendo características de dependência absoluta do marido. Qualquer dote da parte dela era completamente controlado por ele, e o divórcio se tornava impossível” (Lins, 2012, p. 115).

Coelho e Bandeira (2023), reconhecendo o avanço que as contribuições de Simmel sobre o sujeito feminino representaram para a Sociologia, destacam que o autor atribui à mulher uma preservação maior da subjetividade, se comparado ao que ocorre com o homem, que é mais afetado pela objetivação e reificação, características da economia monetária moderna. Isso ocorreria porque as múltiplas funções exercidas pelas mulheres no âmbito familiar as tornam menos sujeitas à alienação promovida pela cultura objetiva e pelo mercado. Assim, o papel da mulher na família não se reduziria a uma função meramente reprodutiva ou doméstica, mas seria uma espécie de resistência à lógica capitalista, preservando formas subjetivas de vivência e relação interpessoal.

Trata-se de uma visão bastante particular. Para trazer um contraponto, Lins (2012, p. 120) retrata o dia a dia das mulheres de classe média da transição provocada pela industrialização com uma conotação mais negativa:

As esposas da classe média foram, aos poucos, sendo despojadas de muitas das suas atribuições. A confecção de roupas, os alimentos, os remédios e o ensino de crianças estavam mudando-se para fora do lar. Entretanto, não era conveniente que ela saísse e se socializasse. **As mulheres deviam permanecer em casa e cuidar dos filhos, enclausuradas numa situação semelhante àquela das mulheres de Atenas, de Péricles.** A mulher passava o seu tempo realizando tarefas, na maior parte das vezes, inúteis. **(grifo nosso)**

Heilborn (2004) observa que, para Simmel, a subjetividade feminina seria marcada por uma estrutura interna não compartimentalizada, direcionada à construção de definições de realidade e à vivência de vínculos afetivos, enquanto o *self* masculino se configuraria como compartimentalizado e capaz de maior distanciamento emocional. Para a autora: “Trata-se de uma disposição psicológica que se manifesta no modo como as mulheres vivenciam o sentimento amoroso [...]” (Heilborn, 2004, p. 176).⁵⁰

⁵⁰ Essa discussão é aprofundada no tópico 3.2.

Seguindo a ordem cronológica, a primeira metade do século XX foi marcada pelas I e II Guerras Mundiais, período em que a sociologia da família ganhou expressão nos Estados Unidos, especialmente com a chamada Escola de Chicago. Um dos autores de destaque foi Ernest Burgess, que propunha tratar a família como “uma unidade de personalidades em interação”, o que o filia à corrente que mais tarde ficaria conhecida como interacionismo simbólico. Suas análises estão mais voltadas para as ações dos indivíduos que compõem a família e para as interações entre eles do que para fatores estruturais ou externos (Hita, 2005; Torres, 2010).

O autor chamava atenção para o elemento do companheirismo, mais presente no casamento à medida que avançava a urbanização e a estabilidade econômica. Aqui se destaca uma transição do casamento arranjado, por conveniência ou interesse das famílias, para a livre escolha do parceiro íntimo. Segundo Torres (2010, p. 61) é uma lógica “que instala a democracia como princípio de funcionamento e que tem como finalidades o bem-estar pessoal do casal e dos filhos.”⁵¹

Para aproximar a discussão do Brasil, vale a pena trazer as observações de Del Priore sobre o contexto histórico em que as transformações na seara do amor e do casamento se deram no país:

Na passagem do século XIX para o XX, enquanto consolidava-se entre nós a República, é lentamente percorrido todo um pedregoso caminho para que os indivíduos ousassem se libertar da influência da religião, da família, da comunidade ou das redes sociais estabelecidas pelo trabalho. [...] **Essa corrente influenciará as formas de viver e pensar, provocando, no meio do século XX, uma fenomenal ruptura ética na história das relações entre homens e mulheres.** [...] Gradativamente, também, o be-a-bá do casamento muda. Os casais começam a se escolher porque as relações matrimoniais tinham de ser fundadas no sentimento recíproco. **O casamento de conveniência passa a ser vergonhoso e o amor... bem, o amor não é mais uma idéia romântica, mas o cimento de uma relação** (Del Priore, 2005, p. 231). (grifo nosso)

Nota-se que aquilo que foi observado por Burgess na sociedade urbana norte-americana, também foi observado nas camadas médias urbanas brasileiras na passagem do século. Os impactos das profundas transformações tecnológicas se faziam sentir nas formas de se relacionar amorosamente. É interessante examinar como a historiadora desenha o quadro geral dessas transformações:

Nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em um tal processo de transformação de hábitos cotidianos, convicções e percepções, influenciadas, querendo-se ou não, pela expansão do capitalismo: a energia, o petróleo, os altos fornos, o desenvolvimento da indústria química e metalúrgica, e também da bacteriologia e da bioquímica, os impactos de novas medidas de higiene e profilaxia, isso e muito mais influenciou definitivamente o cotidiano, bem como controle de

⁵¹ Mais tarde, Giddens se utiliza de valores democráticos e de cidadania para desenvolver seus conceitos de amor confluyente e relacionamento puro, trabalhados no tópico 3.3.

doenças, da natalidade e prolongamento da vida. Surgem os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, os telefones, os utensílios eletrodomésticos, o rádio, o cinema e a televisão, a anestesia, a penicilina etc. (Del Priore, 2005, p. 232).

Retomando Burgess, as principais críticas ao seu pensamento estão relacionadas ao fato de o autor ter feito um corte separando a vida familiar da vida pública, sendo a primeira baseada em proteção, afeto e intimidade e a segunda em uma lógica mais ligada ao interesse e ao lucro. Essa perspectiva teria impedido o autor de vislumbrar as influências das dinâmicas sociais na vida íntima que, segundo os críticos, não são atravessadas somente por trocas afetivas. Como se viu, a expansão do capitalismo e os avanços tecnológicos exercem impactos diretos nas formas de relacionamento. A dicotomização proposta por Burgess contribuiria para reforçar uma visão idealizada da família como espaço protegido e desligado das dinâmicas sociais, minimizando conflitos e desigualdades, sobretudo aquelas decorrentes da divisão sexual do trabalho.

Já na década de 1950, Talcott Parsons se dedica ao tema, dando ênfase ao que, segundo seu pensamento, seria a função da família: a socialização das crianças. Esse processo de socialização se daria a partir de um modelo baseado em papéis sexuais, por meio dos quais os filhos aprenderiam a ser parte da sociedade de acordo com o desempenho de comportamentos já institucionalizados (Hita, 2005).

Nesse modelo parsoniano, o homem seria o líder provedor e a mulher faria o papel de suporte emocional e regulador das tensões familiares. Em sua teoria funcionalista, o autor argumentou que a mulher desempenha a função expressiva, assegurando a socialização primária das crianças e a estabilização emocional dos adultos, enquanto o homem assume a função instrumental, ligada ao sustento econômico.

Ao naturalizar a divisão sexual dos papéis e associar funções instrumentais e expressivas a homens e mulheres, respectivamente, Parsons contribuiu para a legitimação de padrões tradicionais de gênero, desconsiderando as transformações sociais e a pluralidade das experiências familiares. Tal perspectiva foi considerada limitada por não reconhecer que as dinâmicas familiares variam conforme classe, raça e contexto histórico, e por tratar como desvios todos os modelos que escapam ao padrão idealizado da classe média branca ocidental (Hita, 2005).

Aqui reside a motivação para várias das críticas dirigidas ao autor, especialmente no que diz respeito à essencialização de comportamentos, rigidamente ligados ao sexo. Além disso, a teoria parsoniana é nitidamente evolucionista, ao considerar que todo e qualquer modelo

familiar que escapasse ao padrão norte-americano deveria ser considerado um desvio digno de preocupação (Hita, 2005).

Parsons foi, para o bem ou para o mal, uma espécie de divisor de águas na sociologia norte-americana, sendo um dos autores incontornáveis quando se trata do campo de estudos da família. Seu pensamento foi bastante inspirado por Freud, principalmente no que diz respeito à formação da personalidade infantil dentro da família nuclear, com a diferença de que Parsons reinterpreto conceitos freudianos, enfatizando menos os instintos e mais a interiorização de valores culturais (Hita, 2005).

Acompanhando a trilha de Torres (2010), o autor estadunidense William Goode, já citado anteriormente, é relevante para a sociologia da família e influenciou os estudos nesse campo em meados do século XX. Entre as ideias gerais de Goode, é importante destacar que o autor considerava a família uma instituição central e singular, e que estava preocupado em compreender as influências das configurações familiares no conjunto da sociedade. Em suas palavras:

Em tôdas as sociedades conhecidas, quase todos os indivíduos vivem enredados numa trama de direitos e obrigações familiares chamados relações inerentes ao papel. Durante a infância, uma pessoa torna-se conhecedora dessas relações através de um longo período de socialização que é o processo no qual ela aprende de que modo os outros membros da sua família esperam que ela se comporte e ela mesma passa a sentir que êsse é o modo correto e desejável de se comportar. [...] Através do desenrolar da história do homem pôde ser observado que as relações familiares possuem um intenso significado emocional para quase todos os membros de qualquer sociedade. Filósofos e pesquisadores sociais observaram que a sociedade é uma estrutura composta de famílias e que as suas peculiaridades podem ser descritas através do esboço das relações familiares nela vigentes (Goode, 1970, p. 11).

Goode foi pioneiro na análise do impacto da modernização e da globalização sobre os padrões familiares. O autor argumenta que o processo de industrialização e o avanço das economias de mercado conduzem à difusão do modelo de família nuclear, caracterizado por laços conjugais fortes e maior autonomia dos indivíduos em relação às redes familiares extensas. Contudo, ele reconhece que essa difusão não ocorre de forma homogênea, pois diferentes contextos culturais apresentam resistências e adaptações locais que moldam e diversificam as configurações familiares.

Essa perspectiva contribuiu para ampliar o entendimento das mudanças familiares no contexto das transformações sociais globais, mostrando que a modernização não implica simplesmente na substituição de formas tradicionais, mas em um processo dinâmico de negociação e reconfiguração das relações familiares (Pesando, 2019).

Goode também refletiu sobre o lugar do amor no casamento, especialmente no contexto estadunidense de sua época. Para ele, os processos sociais relacionados à seleção conjugal

envolvem uma dinâmica de mercado, onde os indivíduos buscam parceiros capazes de satisfazer suas necessidades psicológicas mútuas:

Os processos de seleção e associação criam grupos de elegíveis que têm, aproximadamente, o mesmo valor no **mercado de casamento**; [...] Partindo da concepção das necessidades psicológicas, exposta por Henry A. Murray, Robert F. Winch e seus colaboradores sugeriram que “na seleção do cônjuge, cada indivíduo busca, dentro de seu campo de elegíveis, a pessoa que mais promete prover a **máxima satisfação de necessidades**.”[...] **Quem precisa ser auxiliado ou protegido, provavelmente será atraído por alguém que precisa auxiliar e ambos obterão satisfação**, recompensa ou prazer na interação recíproca (Goode, 1970, p. 69). **(grifo nosso)**.

O autor não avançou nas questões que envolvem as desigualdades de gênero, demarcando alguns estereótipos: “Na maior parte das sociedades, o homem deve demonstrar realização, dominação e autonomia [...] Uma mulher inteligente, por exemplo, pode dominar seu marido sem deixar que ele o saiba” (Goode, 1970, p. 70).

Em todo caso, Goode deu uma importante contribuição a respeito da centralidade que o amor assume no ocidente, notadamente na sociedade norte americana:

Comparado a outros, o sistema de casamento norte-americano tem dado maior relevância ao amor; lá, como em todas as sociedades ocidentais (se bem que em menor grau), **a criança é socializada para se apaixonar**. O amor é assunto comum na conversa da família assim como nos temas de cinema, televisão, programas de rádio e publicidade. [...] **Supõe-se que, por fim, quase todos decidir-se-ão a se casar, baseados numa ligação romântica** (Goode, 1970, p. 70-71). **(grifo nosso)**

Avançando na linha de raciocínio aqui traçada, Pierre Bourdieu analisou o casamento e a família dentro de sua teoria da reprodução social, enfatizando como essas instituições desempenham um papel crucial na manutenção das desigualdades sociais. Em *A Distinção* (2007), ele argumenta que o casamento não é apenas uma questão de escolha individual baseada no amor, mas um mecanismo estruturado por fatores sociais, econômicos e culturais. Refletindo sobre como se desenvolve o gosto e as afinidades e, para abordar especificamente o tema, as escolhas de parceiros amorosos, o autor afirma:

O limite de todas essas coincidências de estruturas e de seqüências homólogas pelas quais se realiza a concordância entre uma pessoa socialmente classificada e as coisas ou as pessoas - elas próprias, também, socialmente classificadas - que lhe estão vinculadas é representado por todos os atos de cooptação da simpatia, amizade ou amor que conduzem a relações duradouras, socialmente sancionadas ou não. [...] as “afinidades eletivas”, aparentemente, mais imediatas baseiam-se sempre, por um lado, na decifração inconsciente de traços expressivos em que cada um só adquire sentido e valor no interior do sistema de suas variações segundo as classes (Bourdieu, 2007, p. 225).

O autor se refere a modos de andar, falar e até sorrir, mas também ao vestuário e à ocupação profissional, como elementos inconscientemente reconhecidos como “adequados”, que “leva a viver a escolha mútua como um acaso feliz, coincidência que imita a finalidade -

‘porque era ele, porque era eu’ - reduplicando assim o sentimento do milagre.” (Bourdieu, 2007, p. 228). Entretanto, para o autor, a escolha do parceiro íntimo está condicionada ao *habitus* de classe profundamente incorporado à construção dos gostos e das afinidades.

A confirmação mais indiscutível desta espécie de sentido imediato das compatibilidades e incompatibilidades sociais é, sem dúvida, a endogamia de classe ou, até mesmo, de fração de classe, que é quase tão rigorosamente garantida pelo livre jogo da escolha amorosa, quanto pelas intervenções expressas das famílias. Sabe-se que a estrutura dos circuitos de trocas matrimoniais tende a reproduzir a estrutura do espaço social [...] (Bourdieu, 2007, p. 226).

O autor pensou o casamento como um instrumento de reprodução social, na medida em que se constitui em uma forma de perpetuação das classes sociais, pois as escolhas matrimoniais são influenciadas pelo *habitus* e pelas redes de capital social e cultural dos indivíduos. Nesse sentido, famílias de diferentes classes utilizam o casamento para consolidar suas posições e evitar a mobilidade descendente. Bourdieu destaca ainda como as estruturas familiares reforçam a hegemonia masculina, naturalizando desigualdades entre homens e mulheres e moldando expectativas sociais sobre papéis de gênero.

Este autor influenciou o pensamento posterior de feministas que se dedicaram ao tema da família e da desigualdade de gênero. Para além das relações típicas entre gêneros, o autor estava preocupado em compreender a origem do que chamou de dominação masculina enquanto algo que se naturalizou nas sociedades e foi interiorizado pelos sujeitos em suas relações. Exatamente por pensar de forma relacional e construir toda a sua argumentação com base nessa dinâmica, é que suas reflexões serviram aos estudiosos da família. Assim, a análise bourdieusiana envolve uma gama de conceitos e dimensões da vida social para dar conta de explicar como se comporta esse fenômeno:

Outros referentes conceituais servem de subsídio às argumentações construídas por Bourdieu para explicar a dominação masculina: o poder simbólico, que se exerce nas palavras, gestos e expressões rituais e as estratégias de reprodução do mundo social, que se fundam no plano simbólico, mas se centralizam através de diferentes instituições como o Estado, a família, a escola etc. **Assim, a divisão dos sexos que parece estar na ordem das coisas, está na realidade, incorporada ao mundo social através do *habitus* dos agentes, funcionando como sistema de percepção, pensamento e ação. A naturalidade de que se reveste a dominação masculina evidencia-se, de fato, pela dispensa de justificação. Impõe-se como neutra** (Barreira, 1999, p. 178). (grifo nosso)

Nas palavras do próprio autor:

A ordem masculina se inscreve assim nas coisas e nos corpos, ela estrutura o inconsciente coletivo e os esquemas de percepção, de apreciação e de ação. Ela se impõe como evidente, como natural, e é nesse estado que ela contribui para a reprodução das relações de dominação (Bourdieu, 1999, p. 21).

Bourdieu afirma, portanto, que a incorporação dos dispositivos de dominação masculina se dá tanto pelos agentes dominantes quanto pelos dominados (ou dominadas):

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. **A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte [...]** E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. [...] **A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural [...]** (Bourdieu, 2012, p. 45-47). (grifo nosso)

Este ponto suscitou críticas contundentes por parte de teóricas feministas. Segundo Scavone (2008), as críticas mais recorrentes destacam o fato de que, a partir do pressuposto de que os dominados incorporam os esquemas de dominação, as mulheres apareceriam como as responsáveis diretas pela dominação masculina. É preciso lembrar que o autor antecipou essas críticas, mas não logrou êxito em afastar a ideia de que as mulheres estariam irremediavelmente na posição de contribuir para a própria dominação:

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas ("as mulheres são seus piores inimigos") ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas "se deleitam" com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. **Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à "submissão", dadas por vezes como pretexto para "culpar a vítima", são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução** (Bourdieu, 2012, p. 52). (grifo nosso)

Ainda segundo o autor, embora sejam perceptíveis e relevantes as transformações que estão em curso graças aos movimentos feministas, estas não seriam suficientes para promover uma mudança profunda de paradigma, haja vista os dispositivos da dominação masculina ainda estarem presentes - e sendo reproduzidos - em/por instituições centrais da vida social, como a família, a escola e a igreja.

Dessa conclusão decorre uma série de correlações possíveis para compreender as repercussões dessas assimetrias de gênero nas relações conjugais: espaço da mulher no mercado de trabalho e desigualdade salarial, dependência financeira e divisão sexual do trabalho doméstico, maternidade e cuidado, sem deixar de lado o plano simbólico.

Nas últimas décadas do século XX, o campo da sociologia da família foi profundamente enriquecido por novas perspectivas teóricas, que ampliaram o olhar sobre as formas de organização familiar e suas dinâmicas internas. Destacam-se, nesse contexto, as contribuições da sociologia feminista, representada por autoras como Ann Oakley e Judith Stacey, que passaram a questionar as estruturas tradicionais e a visibilizar experiências antes marginalizadas (Oakley, 1974; Stacey, 1996).

Paralelamente, os estudos de masculinidades, com destaque para R. W. Connell, e as abordagens pós-estruturalistas e *queer* trouxeram à tona debates sobre parentalidades não convencionais, arranjos familiares diversos e pluralidade das relações afetivo-sexuais (Connell, 1995). Essas correntes teóricas contribuíram para desconstruir modelos normativos e evidenciar a multiplicidade de experiências familiares na contemporaneidade, preparando o terreno para uma análise mais aprofundada das relações entre família e feminismos, tema que será desenvolvido no subtópico seguinte.

3.2 A mulher no centro

A família sempre foi um tema central para os feminismos e os estudos de gênero, sendo analisada tanto como um espaço de afeto e socialização quanto como uma estrutura de poder que pode reproduzir desigualdades de gênero. Nesse sentido, os estudos feministas contribuem para uma compreensão crítica da família, já que problematizam as relações de poder que se desenrolam em seu âmbito. Ao desafiar concepções tradicionais de família como uma instituição harmoniosa e natural, essas abordagens abriram espaço para o reconhecimento de novas configurações familiares e lançaram luz sobre questões acerca do lugar da mulher na reprodução social, emocional e econômica da unidade familiar. Também no que se refere ao amor afetivo ou amor *eros*, Jardim e Souza (2024) constatam que sempre foram temas diretamente conectados aos estudos de gênero.

Indissociável da família no contexto da modernidade, o amor é apontado como a vocação suprema das mulheres, constituindo uma espécie de eixo organizador das expectativas sociais em torno do feminino (Neves, 2007). Esse ideal serviu historicamente para legitimar a divisão sexual das esferas pública e doméstica, ao associar a realização feminina à entrega incondicional aos outros — seja na qualidade de esposa, mãe ou cuidadora - , extrapolando, portanto, a dimensão individual das emoções.

Ao trazerem uma leitura crítica sobre o modo como a experiência amorosa é genderizada e naturalizada, as autoras feministas problematizam não apenas as consequências dessas

idealizações sobre a autonomia e a subjetividade das mulheres, mas também revelam o amor como uma construção social e histórica, marcada por relações de poder e por interesses econômicos, culturais e políticos. Para hooks (2020, p. 39): “Uma mulher que fala de amor é suspeita. Talvez isso ocorra porque tudo que uma mulher esclarecida teria a dizer sobre o amor representaria uma ameaça direta [...] às visões que nos foram oferecidas pelos homens.”

Iniciando uma trilha por autoras feministas que se orienta tanto cronologicamente quanto por questões conceituais úteis a esta discussão, pode-se afirmar que uma das precursoras é Simone de Beauvoir que, na metade do século XX, lançou sua obra seminal *O Segundo Sexo*, em que analisa a construção social do papel da mulher, as relações de poder no casamento e a divisão sexual do trabalho.

No âmbito dos relacionamentos afetivos, especialmente no casamento, Beauvoir problematiza a forma como a sociedade tradicionalmente direciona a mulher ao matrimônio, estabelecendo-o como um destino central para sua identidade social. Ela analisa o casamento como uma instituição que impõe às mulheres uma multiplicidade de funções — como mãe, esposa e cuidadora do lar — configurando para elas um papel limitado pela repetição dessas responsabilidades e pela dependência econômica e simbólica em relação ao homem. Em suas palavras:

Os pais ainda educam suas filhas antes com vista ao casamento do que favorecendo seu desenvolvimento pessoal. E elas vêem nisso tais vantagens, que o desejam elas próprias; e desse estado de espírito resulta serem elas o mais das vezes menos especializadas, menos sólidamente formadas do que seus irmãos, e não se empenham integralmente em suas profissões; desse modo, destinam-se a permanecer inferiores e o círculo vicioso fecha-se, pois essa inferioridade reforça nelas o desejo de encontrar um marido. Todo benefício tem, como reverso, um encargo; mas se os encargos são demasiado pesados, o benefício já se apresenta como uma servidão; para a maioria dos trabalhadores, o trabalho é hoje uma corvêia ingrata; para a mulher não é essa tarefa compensada por uma conquista concreta de sua dignidade social, de sua liberdade de costumes, de sua autonomia econômica; **é natural que numerosas operárias e empregadas só vejam no direito ao trabalho uma obrigação de que o casamento as libertaria** (Beauvoir, 1970, p. 176). (grifo nosso)

O ideal de casamento vinculado ao amor romântico serviria, assim, como um dos mecanismos centrais de legitimação da divisão sexual dos papéis e de perpetuação da dependência feminina. Nesse sentido, o discurso amoroso — naturalizado e difundido culturalmente — contribui para enredar as mulheres em projetos de vida pautados pela dedicação ao outro e pela busca da felicidade no interior da vida a dois, sendo frequentemente utilizado para justificar e suavizar desigualdades estruturais. O casamento, longe de ser mero contrato privado, configura-se como espaço privilegiado onde os discursos sobre o amor e a feminilidade se entrecruzam, convertendo-se em instrumentos eficazes na manutenção das

hierarquias de gênero e na repetição de padrões sociais que restringem o potencial emancipatório das mulheres (Neves, 2007).

Ainda no contexto francês, cerca de três décadas após Beauvoir, Elisabeth Badinter (1985) avança na problematização dos papéis femininos, direcionando seu olhar especialmente à maternidade. Enquanto Beauvoir expôs a subordinação das mulheres no casamento, Badinter rompe com a ideia do instinto materno inato, demonstrando, por meio de uma pesquisa histórica detalhada, que a maternidade como conhecemos — com sua aura de missão feminina e entrega total — é, na verdade, um produto social, moldado por uma série de fatores culturais, políticos e econômicos próprios de cada época. Sua perspectiva tensiona a idealização da maternidade e reconhece o comportamento materno como algo socialmente moldado, e não como uma predisposição biológica inerente.

Ao resgatar práticas e discursos históricos, ela evidencia que o amor materno esteve longe de ser uma expressão automática de afeto, variando significativamente conforme os contextos e interesses sociais, o que revela sua dimensão construída. Com isso, Badinter amplia a crítica feminista ao mostrar como as expectativas vinculadas às mães são instrumentos de regulação social que restringem a liberdade das mulheres e reforçam desigualdades.

A autora aponta uma mudança radical no discurso a respeito da maternidade, especialmente a partir do final do século XVIII. Publicações em várias áreas passaram a recomendar que as mães cuidassem pessoalmente dos filhos, amamentando-os e dando total atenção nos primeiros anos. Os autores dessas publicações argumentavam que as mulheres que seguissem essas recomendações seriam respeitadas e obteriam o direito à cidadania:

Inconscientemente, algumas delas perceberam que ao produzir esse trabalho familiar necessário à sociedade, adquiriam uma importância considerável, que a maioria delas jamais tivera. Acreditaram nas promessas e julgaram conquistar o direito ao respeito dos homens, o reconhecimento de sua utilidade e de sua especificidade. Finalmente, uma tarefa necessária e “nobre”, que o homem não podia, ou não queria, realizar. Dever que, ademais, devia ser a fonte da felicidade humana (Badinter, 1985, p. 147).

Segundo Badinter, a disseminação dessa ideia nasce da necessidade do Estado de reduzir a mortalidade de crianças, para que crescessem e chegassem à fase produtiva. Trata-se do discurso econômico, um dos três discursos apontados pela autora como responsáveis por incutir nas mulheres a ideia de instinto materno: “Esse discurso resulta da tomada de consciência da importância da população para um país. Essa tomada de consciência foi, em grande parte, obra de uma nova ciência: a demografia.” (Badinter, 1985, p. 149).

Voltando um pouco no tempo e partindo para o cenário estadunidense do período pós-guerra, destaca-se Betty Friedan (1963) com sua obra intitulada *A Mística Feminina*. A autora investigou a realidade de centenas de mulheres norte-americanas, especialmente donas de casa

de classe média, no contexto dos anos 1950 e início dos anos 1960. Friedan identificou o que chamou de “problema sem nome” — um sentimento difuso de insatisfação, vazio e frustração, apesar da aparente conformidade com os papéis tradicionais de esposa e mãe. Esse mal-estar, longe de ser individual ou patológico, revelou-se estrutural, resultado da imposição de um ideal que restringia as aspirações femininas ao espaço doméstico.

No Brasil das décadas de 1960 e 1970, foi possível observar uma produção midiática intensa dedicada a reforçar o ideal de família nuclear e a figura da mulher como dona de casa, mãe dedicada e responsável pelo bom funcionamento do lar. Isso se deu especialmente por meio de revistas femininas de grande circulação, campanhas publicitárias e também das telenovelas, que pautaram modelos de comportamento e definiram o que seria o sucesso feminino naquele momento histórico.

A historiadora Mary Del Priore (2005, p. 291) destaca um conselho para cônjuges da revista *O Cruzeiro*, publicado em edição de 1960 que vale a pena transcrever para ilustrar a discussão:

A felicidade conjugal nasce da compreensão e da mútua solicitude entre os esposos. Em uma união feliz, os cônjuges se complementam, porque cada um tem o seu papel naturalmente definido no casamento. E de acordo com esse papel natural chegamos a acreditar que **cabe à mulher maior parcela na felicidade do casal**; porque a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma espécie de sociedade matrimonial poderia sobreviver bem. **Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais (grifo nosso).**

A autora arremata com exemplos práticos prescritos na época pelos mais diversos meios de comunicação para o alcance da felicidade conjugal:

O bem-estar do marido era a medida da felicidade conjugal e essa adviria, em consequência, de um marido satisfeito. E, para tal bem-estar, qual a fórmula? Seu primeiro componente eram as “prezadas domésticas”. Afinal, a mulher conquistava pelo coração e prendia pelo estômago. Outro quesito: a reputação de “boa esposa” e de “mulher ideal”. Quem era essa? **A que não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestisse sobriamente, a que limitasse passeios quando o marido estivesse ausente, a que não fosse muito vaidosa nem provocasse ciúme no marido** (Del Priore, 2005, p. 291-292). (grifo nosso)

Dimambro (2019) destaca o papel central de produtos culturais como as fotonovelas publicadas em revistas de grande circulação, a exemplo da *Capricho*, bem como das telenovelas exibidas pela TV Globo. As fotonovelas contribuíram para a consolidação do ideal de feminilidade ao retratar heroínas jovens e delicadas, geralmente ocupando profissões tradicionalmente femininas, e sempre com o horizonte do casamento e da constituição de uma família como destino principal. Esses enredos enfatizavam valores como a pureza, o sacrifício

e o amor romântico, servindo para reafirmar a ligação entre felicidade e realização no âmbito doméstico.

Paralelamente, as telenovelas da Globo consolidaram-se como veículos de enorme alcance, promovendo modelos de mulher que conciliavam — quase sempre de modo idealizado — dedicação ao lar, à maternidade e ao casamento, ainda que, em algumas narrativas, se observasse a incorporação de certos elementos ligados à emancipação feminina⁵². De um modo geral, contudo, prevaleceram valores que reforçam o padrão da mulher como cuidadora e responsável pela harmonia familiar (Dimambro, 2019).

Não obstante esses exemplos terem sido extraídos de materiais midiáticos da década de 1960, é possível encontrar atualmente, sobretudo em perfis de redes sociais de nichos específicos, especialmente religiosos, o mesmo discurso. O perfil do Instagram @anadrumont_⁵³, que conta com 226 mil seguidores, compartilhou em julho de 2025:

Figuras 10 a 12 - Postagem do *Instagram* sobre papel da esposa no casamento



Fonte: @anadrumont_, 2025.

Esse exemplo, que se multiplica nas mídias digitais, demonstra que mudanças de comportamento não são lineares, que diferentes valores convivem simultaneamente em diferentes períodos históricos, podendo assumir, é certo, diferentes roupagens. Nesse sentido, é interessante notar que os conselhos se transformaram em produtos. A psicanalista por trás do perfil vende um curso denominado Escola para Esposas, que promete ensinar mulheres a serem esposas doces, carinhosas, sábias e maduras, de forma semelhante ao que revistas de grande circulação pregavam há sessenta anos.

⁵² É preciso considerar que, no mesmo período histórico, a chamada revolução sexual estava fortemente difundida, especialmente em grupos mais progressistas.

⁵³ Consta na biografia do perfil: “Despertando em você a identidade da mulher & esposa que Deus te fez para ser.”

T.L., uma mulher de 38 anos que passou por uma separação na pandemia e concedeu uma entrevista para esta pesquisa, discorre sobre como foi construída sua visão sobre casamento ao longo de sua adolescência e juventude:

Então, eu ia pra toda missa que tinha, eu ia, eu fazia parte da comunidade da igreja católica. Teve uma época na minha vida que eu pensava que eu tinha nascido pra ser freira e comecei a estudar e ler sobre isso. E depois entendi que não. Então, assim, eu acho que a minha concepção de relacionamento, do que seria um casamento, veio muito disso. **E principalmente da ideia de que a mulher tinha que suportar tudo porque era o casamento. E eu sempre ouvi uma frase, que eu até nem gosto dela porque eu acho que tem aí um machismo embutido, mas que tem gente que fala que a mulher sábia edifica sua casa e a tola destrói.** Então, eu cresci ouvindo isso [...] Então, assim, na minha cabeça, a mulher tinha que aguentar tudo por um casamento. Porque era o sinônimo de amor, de paciência, que era isso que se esperava, era isso que as religiões pregavam, essa ideia de que a mulher tinha que suportar tudo. Então, eu construí na minha cabeça essa ideia de que, num relacionamento, era a mulher que tinha que fazer tudo. Tudo para o casamento dar certo. Cuidar dos filhos, cuidar das coisas do marido, cuidar de casa, sabe? (T.L., 2025) **(grifo nosso)**

Nos últimos anos, tem-se identificado um aumento na valorização de um discurso tradicionalista que enaltece o papel da mulher dedicada exclusivamente ao lar e à família. Essa perspectiva tem sido impulsionada pelo crescimento da presença de influenciadoras digitais, perfis associados a valores religiosos e grupos conservadores atuantes nas redes sociais brasileiras. Neste contexto, movimentos como o das “*tradwives*” (esposa tradicional, em tradução livre) ganham força ao promoverem a idealização dos papéis de dona de casa e esposa submissa, frequentemente permeados por referências a ensinamentos bíblicos⁵⁴ (Braun, 2024; Firpo, 2024).

Simultaneamente, observa-se a popularização do conceito de “esposa troféu”, uma figura na qual a mulher é valorizada por sua aparência, discrição e dedicação ao marido, resgatando padrões de feminilidade associados à submissão controlada e ao compromisso com a manutenção da harmonia doméstica. Essa tendência intensifica as expectativas relacionadas à realização feminina, que passa a ser entendida não apenas pela eficiência na gestão do lar, mas também pelo cumprimento de um ideal estético e comportamental (Braun, 2024; Firpo, 2024).

Esse fenômeno pode ser identificado tanto com uma reinterpretação contemporânea de representações midiáticas conservadoras do passado quanto uma reação contrária às conquistas

⁵⁴ Beauvoir (1970, p. 118) chamava atenção para o discurso bíblico a respeito do casamento e de como as mulheres deveriam se comportar enquanto esposas: “São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. [...] ‘Assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres a seus maridos’.”

feministas recentes, trazendo à tona debates sobre autonomia, diversidade e liberdade da mulher em um cenário marcado por retomadas conservadoras e desigualdades sociais persistentes.

Na contramão das esposas tradicionais e esposas troféu, identifica-se uma tendência, sobretudo entre mulheres jovens, a uma certa resistência ou desânimo em relação ao envolvimento amoroso com homens. Um norte-americano que se dedica ao estudo da sexualidade cunhou o termo *heteropessimismo* para se referir ao fenômeno. Um artigo publicado na Folha de São Paulo apontou a “imaturidade emocional, falta de interesse, comunicação deficiente e superficialidade nas interações masculinas” como os principais motivos para esse pessimismo (Basílio, 2025).

O perfil no *Instagram* @minabemestar, que conta com 314 mil seguidores, publicou em março de 2024:

Figuras 13 e 14 - Postagem do *Instagram* sobre relacionamentos heterossexuais



Fonte: @minabemestar, 2024.

Na mesma linha, está em voga a expressão *boysober* para se referir a uma espécie de *detox* de homens. A revista Gama publicou uma reportagem em que ouviu mulheres que decidiram se afastar de relacionamentos amorosos para investir em seu desenvolvimento pessoal e identificou uma busca por experiências antes limitadas pelo contexto dos relacionamentos, como dedicar-se a estudos, viagens, amizades e hobbies, fomentando um movimento coletivo de apoio mútuo e libertação feminina (Faria, 2024).

Em certa medida, essa tendência encontra ressonância nas estatísticas apresentadas no tópico 2.4.1 e no processo de individualização proposto por Beck e Beck-Gernsheim (2017), que revelam uma predisposição das pessoas - e, aqui, especificamente das mulheres - a viverem sozinhas ou, pelo menos, adiarem o plano de casar e construir uma família. Isso também apareceu nas falas de mulheres entrevistadas para esta pesquisa, embora todas tenham vindo a se casar:

Eu acho que, justamente pelos modelos que eu tive de relacionamento, [...] eu nunca quis um relacionamento. Na verdade, eu nunca pensei em ter um casamento, nunca pensei em ter filhos, eu nunca quis ter filhos, nunca quis ter um casamento, não me cabia essa ideia de uma relação convencional, inclusive com uma pessoa que eu vou, sei lá, casar e ficar com essa pessoa eternamente. Tipo, pra mim isso não fazia sentido (S.K., 2025).

Eu sempre fui muito independente, né? Eu tive que me criar sozinha, porque eu vivia na casa dos meus tios e na minha casa era essa dinâmica muito conturbada. E também não me interessava em ter um casamento. Se eu tivesse, ótimo. Era um plus na vida. Mas o que eu tinha de ter era independência para ter a minha casa e sair daquilo ali. Eu tinha que estudar e ter dinheiro, e sair daquilo ali e ter a minha casa. [...] O que eu almejava era uma casa e um cachorro. Se eu tivesse um casamento, bem, ótimo. Mas se não, também, não era uma coisa que permeava a minha imaginação não. E filho, eu nunca quis. Hoje eu tenho um, mas eu fui pega de surpresa (I.M., 2025).

Eu sempre tive um péssimo exemplo de casamento, né? Na minha cabeça, eu sempre tive um bom exemplo de pai, mas um péssimo exemplo de casamento. Tanto é verdade que eu sempre, sempre, sempre fui muito machucada com essa questão de casamento e falava muito que, inclusive, pra quem me perguntasse, falava muito que eu ia focar mais na minha vida e não me casar. E eu falava desse jeito mesmo, assim: “Nunca vou casar na minha vida, não quero isso pra mim, pra eu ficar vivendo a mesma coisa que a minha mãe já viveu.” (G.S., 2025).

É interessante observar como as mulheres se pautam nos exemplos que vivenciaram na infância, no sentido do que não gostariam de reproduzir em suas vidas no que diz respeito a um casamento. Não há, portanto, uma linearidade nos processos de transformação das formas de relacionamentos entre homens e mulheres e não cabe falar em uma evolução contínua, caminhando sempre rumo à igualdade.

Retomando a trilha do pensamento feminista sobre amor e família, a filósofa britânica Carole Pateman (1988) elabora uma crítica ao conceito liberal de contrato social, elaborado por filósofos contratualistas como Thomas Hobbes, Jean Jacques Rousseau e John Locke, para argumentar que essa ideia serviu para institucionalizar a subordinação das mulheres aos homens por meio do casamento, que seria uma espécie de contrato sexual implícito, que garante e legitima o controle dos homens sobre a sexualidade e reprodução femininas.

Corroborando, ainda que sem citar diretamente, com as ideias de Beauvoir, Pateman (1988, p. 236) alerta para as condições sociais que empurraram as mulheres para o casamento, como uma espécie de tábua de salvação: “Os costumes sociais destituíram as mulheres da

oportunidade de ganharem o seu próprio sustento, de modo que o casamento era a sua única chance para elas terem uma vida decente.”

A autora argumenta ainda sobre o motivo pelo qual a ideia de contrato aplicada ao casamento, tão defendida por algumas feministas, não é vantajosa para as mulheres, consistindo no cerne de sua discussão:

As críticas feministas tomam o “contrato” como um acordo entre duas partes iguais que negociam até chegarem a termos que sejam vantajosos para ambas. **Se o casamento fosse um contrato propriamente dito, as mulheres teriam que ser inseridas na vida civil exatamente nas mesmas bases que seus maridos.** [...] Uma mulher casada é destituída de existência civil, então ela não poderia ter feito um contrato com seu marido (Pateman, 1988, p. 232-233). **(grifo nosso)**

Mais adiante Pateman aprofunda, deixando clara a falsa sensação de paridade presente na base da noção de contrato:

O contrato aparece como a solução para o problema do direito patriarcal (status), porque ele é encarado como uma categoria universal capaz de abranger as mulheres. O contrato, no mundo público, é uma troca entre iguais, entre “indivíduos”, e, por isso, parece que, se o contrato for estendido à esfera privada, as diferenças de status entre homens e mulheres desaparecerão (Pateman, 1988, p. 248).

Silvia Federici (2017, p. 191) retrocede um pouco mais no tempo para retomar o período anterior à Revolução Industrial e desenha o contexto histórico - ao menos no que diz respeito à Europa Ocidental -, a partir do qual se consolidou o modelo de contrato sexual proposto por Pateman, demonstrando como as mulheres se tornaram “bens comuns” a partir de uma análise das transformações na divisão sexual do trabalho:

Foi a partir desta aliança entre os artesãos e as autoridades das cidades, junto com a contínua privatização da terra, que se forjou uma **nova divisão sexual do trabalho** ou, melhor dizendo, um novo “contrato sexual”, segundo as palavras de Carol Pateman (1988), que definia as mulheres em termos - mães, esposas, filhas, viúvas - que ocultavam sua condição de trabalhadoras e davam aos homens livre acesso a seus corpos [...] **Esta foi uma derrota histórica para as mulheres (grifo nosso).**

A autora aprofunda a discussão detalhando as repercussões dessas mudanças nas dinâmicas familiares, delineando as bases para o surgimento da chamada família moderna, cujo advento se deu principalmente a partir do século XIX:

Nesse contexto, são significativas as mudanças que se deram dentro da família, que começou a se separar da esfera pública, adquirindo suas conotações modernas enquanto principal centro para a reprodução da força de trabalho. Complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da disciplina capitalista e da dominação patriarcal, **a família surgiu no período de acumulação primitiva também como a instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento do trabalho das mulheres** (Federici, 2017, p. 193). **(grifo nosso)**

Baseando-se no modelo de família formada por trabalhadores da indústria artesanal, Federici demonstra como, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres foram perdendo autonomia e protagonismo em várias áreas da vida social, antes da total ascensão da família

moderna e do trabalho totalmente voltado para o âmbito doméstico, no movimento de transição para o capitalismo:

O que se destaca nesse tipo de organização é que, embora a esposa trabalhasse junto ao marido, produzindo também para o mercado, era o marido que recebia o salário da mulher. [...] Tal política, que impossibilitava que as mulheres tivessem seu próprio dinheiro, criou as condições materiais para sua sujeição aos homens e para a apropriação de seu trabalho por parte dos trabalhadores homens (Federici, 2017, p. 194-195).

A demonstração de como se deu o afastamento das mulheres do trabalho produtivo e do acesso ao próprio sustento oferece as bases históricas para os argumentos de Beauvoir e Pateman sobre a condição da mulher no contexto familiar nuclear a partir do século XIX, auxiliando na compreensão do quadro mais amplo.

Promovendo um deslocamento no espaço para aproximar a discussão do contexto brasileiro, Heleieth Saffioti (1969) foi pioneira nas reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade capitalista, especialmente no que diz respeito ao mundo do trabalho, desde uma perspectiva marxista. Sua obra é considerada um marco importante para os estudos feministas no país, ainda que a própria autora tenha recusado expressamente a etiqueta de “feminista” para o livro, quando de seu primeiro lançamento (Guimarães; Hirata, 2021).

Na obra *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*, a autora analisou o casamento e a família nuclear como instituições que reforçam a opressão da mulher dentro da sociedade capitalista. Para ela, o casamento não é apenas uma relação afetiva, mas um mecanismo de controle social que subordina a mulher ao homem, perpetuando sua dependência econômica e sua função como reprodutora do sistema. Saffioti destacou o trabalho reprodutivo – as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos – como um pilar invisível da economia, pois, embora não remunerado, garante a reprodução da força de trabalho e sustenta toda a estrutura.

Pode-se afirmar que Saffioti abriu caminho para o aprofundamento do tema por diversas autoras brasileiras. Em *Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil* (2007), Bila Sorj e Adriana Fontes analisam os desafios enfrentados pelas mulheres na tentativa de equilibrar as demandas do trabalho remunerado e as responsabilidades domésticas. Inspiradas pelo pensamento de Saffioti, as autoras demonstram como a desigualdade de gênero no mercado de trabalho está diretamente ligada à divisão sexual do trabalho dentro da família, perpetuando a sobrecarga feminina.

Elas destacam que, apesar da crescente participação das mulheres no mercado formal, as políticas públicas e organizacionais ainda são insuficientes para garantir uma divisão mais equitativa das tarefas domésticas e do cuidado. Há um descompasso entre uma maior igualdade

de gênero no mercado de trabalho e o respectivo equilíbrio na divisão do trabalho na esfera privada, demandando ações mais efetivas do Estado no sentido de conciliar essa realidade.

A insuficiência de políticas públicas que facilitem a gestão das demandas conflitivas entre trabalho e cuidados da família, aliada à baixa participação masculina na divisão do trabalho não remunerado, repercute nas oportunidades laborais das mulheres, notadamente das mães com filhos dependentes, e reforça as desigualdades de gênero no mercado de trabalho [...] (Sorj; Fontes; Machado, 2007, p. 577).

Ao observar mais de perto a situação concreta de mulheres determinadas no que diz respeito à interseção entre mercado de trabalho formal, tarefas domésticas e de cuidado e dependência financeira em relação aos respectivos companheiros, é preciso atentar para os recortes de classe que atravessam essas questões. H.D., uma mulher que se divorciou pouco tempo após o fim da pandemia, revelou que o seu trabalho foi fundamental e decisivo para superar a fase difícil da separação. Em sua fala fica evidente como o trabalho externo, fora do âmbito doméstico, a resgatou de um contexto que a oprimia:

[...] a pandemia pra mim, ela mostrou, eu acho que foi muito isso, pra sociedade, é de ver que a gente consegue passar por crises muito importantes, mas especialmente sendo quem a gente tá construindo ser, né? **No meu caso, eu tava trabalhando, continuei trabalhando, consegui continuar trabalhando, e esse meu ponto foi crucial pra eu poder sair e aceitar o divórcio.** Porque foi ele quem pediu, na verdade, e eu não aceitava, de jeito nenhum, por uma questão minha, uma trava emocional mesmo. Até que eu: “Quer saber? Agora que passou, você tem toda a razão, a gente não tem por que ficar junto.” **Mas só porque eu tinha essa condição de trabalho, né? Não é nem financeira não, é trabalho. Eu acho que o trabalho, o trabalho externo, né, que eu digo, não que o trabalho de casa me menospreze, não, mas eu não acho que ele é nosso qualificante.** A gente, nós mulheres, a gente é muito inteligente, a gente é muito habilidosa, a nossa visão de empatia, solidariedade, ela é essencial pros ecossistemas públicos e privados, né, que a gente faz acontecer com mais humanização, e ele realmente fortalece a gente, a gente é quem tem que estar nesses espaços. A casa é legal, é importante, a educação dos filhos é crucial. A gente tem que repensar, talvez, nosso modelo de trabalho. Mas dizer que a gente foi feita pra estar dentro de casa, eu não concordo. Eu achei que, assim, pra mim, foi isso aqui (o trabalho) que não me fez pirar, foi me sentir útil, sabe? (H.D., 2025) (grifo nosso)

S.K., entrevistada que mantém um relacionamento estável há 9 anos, relata a visão que construiu sobre casamento e maternidade, com base nos modelos a que teve acesso durante a infância e adolescência, destacando o receio de depender financeiramente de um homem e de não poder realizar seus sonhos e planos. Ela enfatiza a importância da independência financeira em sua visão sobre casamento:

A única coisa que eu tinha certeza é que eu nunca ia querer casar na minha vida, que eu não ia querer ter filhos, nada disso, eu só queria tentar focar em construir um futuro diferente pra mim, de independência mesmo, que eu não necessitasse de um homem pra fazer coisas que são importantes. [...] Na minha família por parte de pai já tem uma pessoa que é formada. Duas, na verdade. Mas por parte de mãe eu sou a primeira pessoa a me formar. Então, pra mim, essa era a prioridade: estudar, fazer alguma coisa por mim, né? Eu acho que era isso, assim, que se passava na minha cabeça. **Porque, primeiro, eu não queria ficar dependente de alguém; segundo, que eu achava que era muito sofrido ter um relacionamento e que,**

provavelmente, sei lá, eu iria engravidar e aí eu não iria poder fazer todas as coisas que são importantes pra mim (S.K., 2025). (grifo nosso)

Uma empreendedora entrevistada para esta pesquisa comanda uma espécie de *start up* que atende mulheres que estão atravessando um processo de divórcio e as auxilia, entre outras coisas, na sua recolocação no mercado de trabalho. Em sua fala, ela destaca que todas as mulheres atendidas dependiam financeiramente de seus companheiros, ao menos em alguma medida:

Mas a primeira coisa que pega, a primeira dúvida que sempre surge, quando a mulher tem filhos, são os filhos. E a dúvida complementar é o dinheiro, porque a preocupação da mulher é sustentar os filhos; se ela não tem filhos, a preocupação primeira é o dinheiro, porque ela quer manter o mesmo padrão de vida que ela vinha levando enquanto casada. E isso nunca acontece, nunca! Nunca! **A gente não pegou ainda nenhum caso de uma mulher que se separou e continuou, manteve o mesmo padrão de vida. [...] Vamos lá, talvez setenta por cento das mulheres que nos procuram viviam no lar, até tinham uma profissão, até tinha, mas quando casaram... quando casaram nem tanto, mas quando tiveram filhos, pararam a sua profissão, o seu emprego, pararam para cuidar dos filhos. (M.R., 2022). (grifo nosso)**

Segundo sua experiência, mesmo com a dependência financeira, essas mulheres fazem parte de um grupo de classe média, possuem uma certa subjetividade, um conhecimento sobre si mesmas e sobre o processo que atravessam, o que as permite experimentar sentimentos e preocupações que outras mulheres, de classe social mais baixa, não acessam:

As mulheres que estão nessa classe D e E, elas estão preocupadas com o operacional, com o básico, né? Com as necessidades fisiológicas. Então elas querem comer, elas querem vestir, apenas isso! Então elas não choram de madrugada porque estão angustiadas, elas não desabafam com as amigas porque o filho tirou uma nota baixa devido aquele processo de divórcio e tudo, porque o filho se rebelou. Então tem que ter um nível social que possa ter um mínimo conhecimento de si mesma e de ações que ela pode fazer, que ela pode se resguardar enquanto ser humano, para passar aquilo de forma mais leve (M.R., 2022). **(grifo nosso)**

Nota-se que a entrevistada demarca bem as diferenças entre mulheres de classe média e mulheres pobres no que diz respeito às preocupações que as consomem no contexto de uma separação. A fala da entrevistada evidencia que o acesso a determinados recursos permite às mulheres de classe média vivenciar emoções e elaborar subjetivamente o processo de separação, enquanto mulheres que vivem em condições materiais mais precárias concentram suas preocupações nas necessidades básicas do cotidiano.

Arlie Hochschild (1979) argumenta que a gestão das emoções é um processo profundamente moldado pela estrutura de classe social. O "trabalho emocional" exige recursos subjetivos que são desigualmente distribuídos. Em contextos de vulnerabilidade econômica, a urgência pela sobrevivência material muitas vezes restringe o espaço psíquico necessário para a elaboração afetiva.

Para além das consequências práticas da não inserção da mulher no mercado de trabalho e da falta de autonomia financeira, durante a pesquisa foi possível identificar a disseminação de um discurso, sobretudo nas redes sociais, no sentido de que há papéis determinados a serem desempenhados por homens e mulheres, e que estariam relacionados com a “energia masculina e a energia feminina” que estariam presentes em todas as pessoas. Segundo esse discurso, entre outras questões, a energia masculina estaria mais ligada ao papel de provedor, enquanto a energia feminina estaria mais voltada para a gestão emocional da relação, e deveria haver, no âmbito do casal, um equilíbrio entre essas energias.

Essa ideia aparece de forma bastante explícita na fala de uma terapeuta de casal, contactada por meio do *Instagram*, que possui 211 mil seguidores em sua página:

E quando a gente fala desses papéis bem delineados, as pessoas levam muito pra: "ah, então a mulher tem que cozinhar!" Não é que a mulher tem que... ela pode pagar uma empregada doméstica, se ela quiser. [...] Mas quando esses papéis, por exemplo... **o homem, ele tem o seu papel provedor, e a mulher tem um papel - não é submisso, e não é que ela não trabalhe -, mas ela não tem o peso de sustentar a casa, é muito diferente, é muito sutil.** Inclusive, fala-se muito de energia masculina e feminina, mas falam de uma forma muito caricata, porque Yung, ele fala sobre isso. Inclusive, a filosofia hermética também fala sobre isso, dessa energia masculina e feminina, que está dentro de nós. E que dentro do casamento é preciso estar equilibrada [...] (D.G., 2025). **(grifo nosso)**

Outra terapeuta de casal entrevistada, também encontrada via *Instagram* mas com um alcance menor - 3.800 seguidores -, expressa uma ideia muito semelhante ao falar sobre as mulheres solteiras:

Antes de casar, ela quer saber e se questiona, no ponto de vista dela, se tá tudo bem o homem prover mais, o homem trabalhar mais. Por quê? **Porque ela quer casar, trabalhar um pouco menos.** Então, quando essa mulher tem essa consciência, que ela pode ser cuidada, que ela pode ser amada, que ela pode trabalhar menos, que ela pode ser o feminino... Porque não adianta, vai ter muitos momentos que tu vai precisar da tua energia feminina, que a gente tem, e tu vai precisar da tua energia masculina, que a gente também tem. **Porém, aquele relacionamento (em) que a mulher é muito masculina, ela vai ser sobrecarregada.** Ela naturalmente é uma mulher sobrecarregada. [...] **Então, aquela mulher solteira que quer casar e ela tem um perfil, que ela quer ser cuidada, mas ela vai fazer a parte dela. Ela também vai, porque ela não pode ficar dependente do homem. Ela também quer ter uma função na vida dela.** [...] Mulher também precisa deixar que o marido faça a parte dele sem ela controlar tanto (L.C., 2025). **(grifo nosso)**

Há alguns pontos a serem destacados a respeito desse discurso. O primeiro é que ele vai de encontro a décadas de lutas feministas por igualdade de condições entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Ou seja, não se trata de buscar uma divisão mais equânime das tarefas domésticas para possibilitar que as mulheres avancem em suas carreiras profissionais, mas de manter a maior parte das responsabilidades familiares com a mulher, a fim de que o homem continue sendo o provedor.

Outro aspecto que chama atenção é que a fala parece estar dirigida a um público bastante específico quanto à classe. Isto é, segundo a terapeuta, a mulher a quem é dirigido o discurso sempre tem a opção de contratar uma empregada doméstica, se ela quiser. A mulher interlocutora dessa narrativa não estaria, necessariamente, obrigada a realizar o trabalho doméstico, mas a solução para que não fique sobrecarregada não é dividir esse trabalho com o companheiro, mas terceirizá-lo.

Neste cenário, não há preocupação com igualdade de acesso a oportunidades no mercado formal de trabalho ou aspirações profissionais. Também não há, é preciso explicitar, uma defesa à dedicação exclusiva da mulher aos assuntos da família e do lar. Desenha-se uma nova configuração, em que a mulher até pode ter uma profissão e se dedicar a um trabalho fora de casa, mas é preciso que ela contenha sua energia masculina e assuma suas responsabilidades domésticas de forma prioritária, permitindo que o homem seja o provedor, sob o risco de haver um desequilíbrio na dinâmica do casal.

Para demarcar o contraponto, outra terapeuta de casal entrevistada deixa claro que não utiliza esses conceitos em sua prática clínica:

É curioso, em geral, quando os casais vão falar de questões de gênero, eles trazem esse contexto: energia masculina, energia feminina, papel de homem, papel de mulher, lugar de esposa, lugar do marido. **E aí é um processo de desconstrução também, de mostrar que eu, pelo menos, não sigo essa linha, não acredito que exista energia masculina, energia feminina, considero que é uma construção social.** Eu até costumo dizer para os casais assim: “Olha, fora as diferenças físicas e biológicas... Fora isso, o resto é construção social.” [...] E aí não tem muito, eu não gosto muito de trabalhar essa coisa de energia feminina, masculina, porque é construção social e, no fundo, essas construções sociais, elas são divididas em questões de gênero, quando na verdade são questões humanas. Então, quando às vezes falam assim: “A mulher é mais emotiva, o homem é mais racional”... Não, ser racional e emotivo todos nós somos, é uma questão humana, a questão é o que a gente desenvolve, qual é a habilidade que a gente desenvolve [...] **numa sociedade conservadora, a gente incentiva a mulher a ser mais emotiva, e incentiva o homem a ser mais racional, mas no fundo os dois têm as mesmas habilidades, a mesma questão.** Então, eu não gosto de trabalhar com esse viés, na verdade, eu acho que o meu trabalho é desconstruir essas questões (T.P., 2025). **(grifo nosso)**

Aqui é preciso destacar o contraponto colocado por feministas negras no debate. Angela Davis (2016) lembra que, no contexto norte americano, as mulheres negras sempre acumularam as tarefas domésticas e o trabalho fora de casa. Ao contrário das mulheres contempladas no estudo de Friedan, que sofriam do “problema sem nome”, Davis ressalta que as mulheres negras já conhecem há muito mais tempo o que hoje se chama de dupla jornada, uma vez que sempre acumularam o trabalho remunerado com as tarefas domésticas:

A “dona de casa” refletia uma realidade parcial, pois ela era, na verdade, um símbolo da prosperidade econômica de que gozavam as classes médias emergentes. [...] Como consequência direta de seu trabalho fora de casa - tanto como mulheres “livres” quanto como escravas -, as mulheres negras nunca tiveram como foco central de sua vida as tarefas domésticas. Elas escaparam, em grande medida, ao dano psicológico que o

capitalismo industrial impôs às donas de casa brancas de classe média, cujas supostas virtudes eram a fraqueza feminina e a submissão de esposa. [...] **As mulheres negras, entretanto, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram e pela relativa independência de que gozavam. Embora raramente tenham sido “apenas donas de casa”, elas sempre realizaram tarefas domésticas** (Davis, 2016, p. 231-232-233). (grifo nosso)

A realidade descrita por Davis em relação às mulheres negras estadunidenses também pode ser encontrada, guardadas algumas especificidades, no contexto histórico brasileiro e nas heranças escravistas que persistem até hoje. Lélia Gonzalez (2020) resgata o processo por meio do qual as mulheres negras passam a enfrentar não uma dupla, mas uma tripla jornada de trabalho, acumulando tarefas domésticas, trabalho fora de casa e, muitas vezes, responsabilidades comunitárias. Destaca-se que esse trabalho fora de casa, no mais das vezes e especificamente no Brasil, refere-se ao trabalho doméstico realizado em residências de famílias de classe média branca.

Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da “inferioridade”, da subordinação. **No entanto, foi ela quem possibilitou e ainda possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa dentro do sistema de dupla jornada, como já vimos. [...] a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra** (Gonzalez, 2020, s.p.). (grifo nosso)

A constatação de Gonzalez continua atual. Um estudo realizado em 2025 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Ministério da Igualdade Racial revelou que 69,9% das pessoas que realizam trabalho doméstico e/ou de cuidado remunerado no Brasil são mulheres negras. Destas, 52,4% não concluíram o ensino médio, enquanto entre as trabalhadoras não-negras esse percentual é de 42,9% (Camarano et al, 2025).

De acordo com o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, embora o rendimento médio das mulheres negras tenha crescido 5,2% em 2024, elas continuam na base da pirâmide salarial, recebendo apenas 43% do rendimento dos homens não negros. As famílias chefiadas por mulheres negras no Brasil enfrentam níveis muito mais elevados de insegurança alimentar, com 22% dessas famílias passando fome, percentual superior à média nacional de 15,5%.

Adentrando mais especificamente o terreno do amor e suas interseções com o casamento e a posição da mulher na família, interessa o caminho proposto por Neves (2007) para elaborar uma crítica feminista aos discursos sobre o amor que levam mulheres a modelos de relacionamento que tendem a colocá-las em posições de subalternidade e dependência.

As concepções feministas sobre o amor reivindicaram o seu carácter debilitante e opressor para as mulheres, na medida em que as tem enclausurado num ideal de

felicidade e de realização social que não tem sido mais do que uma falsa promessa de liberdade e de autonomização. **O amor romântico, concebido durante décadas como o elixir para a consagração dos afectos entre os sexos, fundamentou (e fundamenta ainda) a reprodução de relações de poder estatutariamente desiguais entre os homens e as mulheres, cujas repercussões se fizeram (e se fazem) sentir na organização da vida social.** Os discursos da aspiração à romanticidade parecem continuar a ecoar no pensamento colectivo e a propagar-se como legitimação para a sustentação da intimidade (signifique ela um contexto de paz ou de guerra). Os discursos genderizados sobre a intimidade e o amor romântico têm fortes implicações nas relações entre os sexos, porque, ao estarem imbuídos de concepções de poder desniveladas e legitimadoras de acções que visam garantir a continuidade do sistema patriarcal, tornam-se discursos de risco para as mulheres (Neves, 2007, p. 620). **(grifo nosso)**

A autora também chama atenção para a imposição de determinadas funções, a serem desempenhadas por homens e mulheres conforme o gênero, especialmente no interior da família. Invariavelmente, em seu ponto de vista, tais funções acabam por restringir as vivências das mulheres, na medida que as isolam no espaço doméstico:

Na realidade, as relações sociais de género constroem e determinam papéis, funções, comportamentos e expectativas sociais sobre o amor e a intimidade, não facilmente transponíveis, nem abandonáveis. E fazem-no impondo espaços diferenciados para homens e para mulheres (colocando os homens no espaço institucional ou público e empurrando as mulheres para o espaço doméstico ou privado), **valorizando assimetrias entre os sexos (usando o argumento dos desideratos biológicos e das dissemelhanças naturais), cimentando hierarquias onde o masculino é sinónimo de autoridade, de poder, de controlo e de eficácia e o feminino é sinónimo de vulnerabilidade, sensibilidade, subordinação e dependência,** criando uma cultura de direitos e de deveres assente nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos genderizados (profundamente minorizantes para as mulheres) (Neves, 2007, p. 622). **(grifo nosso)**

O trecho acima, embora não faça qualquer referência à narrativa do senso comum, reflete com muita precisão os discursos sobre energia feminina e energia masculina amplamente disseminados nas redes sociais, tanto por leigos quanto também por psicólogos e terapeutas de casal. Segundo esses discursos, a energia feminina estaria associada à doçura, acolhimento, sensibilidade e cuidado, enquanto a masculina se vincula à objetividade, força, proteção e ação — categorias que retomam estereótipos tradicionais de gênero, naturalizando funções e comportamentos distintos para homens e mulheres⁵⁵.

Inúmeras páginas de influenciadores digitais, mas também de pessoas que se apresentam como profissionais da psicologia, compartilham a ideia de que as mulheres precisam investir na sua energia feminina para ter sucesso no relacionamento, uma vez que assumir posturas consideradas masculinas, como autonomia, liderança e controle, pode colocar em risco a harmonia do casal. Ao mesmo tempo, recomendam que os homens devem afirmar sua virilidade

⁵⁵ A maior parte desses discursos parece se basear na teoria do yin e yang, que tem origem na filosofia chinesa e parte da observação de fenômenos naturais para determinar que todas as coisas do universo se manifestam em pares de opostos que são complementares e inseparáveis, aí incluído o par masculino-feminino.

para proporcionar segurança e proteção, tomando o posto de provedores para que as mulheres exerçam o papel de suporte emocional da família (Guimarães, 2025).

Esse discurso, embora frequentemente apresentado como uma proposta de desenvolvimento pessoal e harmonia conjugal, perpetua a lógica binária e hierárquica entre os gêneros, reforçando práticas que limitam o protagonismo feminino e fomentam relações de dependência e subalternidade. O “poder” feminino, nesse universo discursivo, se manifesta paradoxalmente pela aceitação da própria subordinação, legitimando o espaço público para os homens e confinando as mulheres ao privado.

Nesta seara também é preciso compreender como esses discursos atingem mulheres que não se enquadram no padrão estabelecido por quem os dissemina, notadamente mulheres negras, pobres e subalternizadas. Como se sabe, no campo do amor também há desigualdade de raça. Jardim e Paoliello (2022) têm refletido sobre as razões pelas quais as mulheres pretas parecem ser simplesmente excluídas do mercado afetivo e matrimonial no Brasil. Para as autoras, o fenômeno tem raízes históricas marcadas pelo legado da escravidão, quando as mulheres pretas foram hipersexualizadas, desumanizadas, e tiveram negada a possibilidade de constituir família.

Portanto, concordando com Florestan Fernandes (1978) e bell hooks (2000), afirmamos que, mesmo com a abolição da escravatura, os negros não ficaram imediatamente livres para amar, por pelo menos dois motivos: o primeiro, a **dificuldade em lidar com as emoções**, especialmente a expressão do amor; o segundo a **existência do racismo na sociedade**, que limita a entrada e o movimento dos negros no mercado do amor e do casamento, especialmente para as mulheres pretas (Jardim e Paoliello, 2022, p. 103). (**grifo nosso**).

Esse passado recente faz com que o racismo ainda permaneça profundamente incorporado como prática social, ao que o mercado afetivo não escapa. Isso reverbera na subjetividade das mulheres pretas e impacta sua postura diante da vivência amorosa. As autoras apontam ainda as experiências traumáticas com o racismo na infância e na adolescência, o preterimento por parte dos homens pretos e o histórico de relacionamentos abusivos como fatores potencialmente desencadeadores de baixa autoestima e da construção de uma barreira protetora contra decepções amorosas (Jardim e Paoliello, 2022).

Obviamente os exemplos encontrados na realidade social são mais complexos e extrapolam os ideais hegemônicos de família e de feminilidade que estão postos no imaginário social. O fato, porém, é que há um padrão historicamente construído e imposto, especialmente às mulheres, e que, conscientemente ou não, é perseguido, apesar de também tensionado e questionado.

Para se compreender o caminho através do qual esse imaginário sobre a mulher e a família foi elaborado e consolidado, é importante olhar para estudos que tomaram como pano de fundo o contexto da modernidade. Afinal, nas palavras de Biroli (2014, p. 10): “[...] é como esposa e como mãe que a mulher adentra o universo simbólico da modernidade.”

3.3 O amor é moderno

“O amor é, na vida moderna, tanto um ideal como uma de nossas maiores promessas de
felicidade.”

(Martuccelli, 2016)

A ideia para este tópico é sistematizar as principais reflexões, produzidas pelas ciências sociais, sobre o amor e as formas de se relacionar amorosamente no contexto da modernidade. Eva Illouz (2011) chama atenção para a pouca atenção dada por sociólogos que pensaram sobre a modernidade às questões relacionadas à afetividade. A autora inaugura sua obra intitulada *O amor nos tempos do capitalismo* (2011) com essa reflexão:

Tradicionalmente, os sociólogos têm concebido a modernidade em termos do advento do capitalismo, da ascensão das instituições políticas democráticas ou da força moral da ideia de individualismo, porém dão pouca atenção ao fato de que, paralelamente aos conhecidos conceitos de mais-valia, exploração, racionalização, mal-estar ou divisão do trabalho, **a maioria das grandes narrativas sociológicas da modernidade conteve, em tom menor, uma outra história: as descrições ou os relatos do advento da modernidade em termos dos afetos** (Illouz, 2011, p. 19).
(grifo nosso)

Para apoiar a tarefa de fazer um levantamento bibliográfico das principais reflexões sociológicas sobre o amor na modernidade, foi considerado o artigo de Jardim e Souza (2024), intitulado *Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais*.

As autoras demonstraram que o amor, especialmente o amor-Eros, tornou-se central para a compreensão das relações conjugais, que passam a ser atravessadas por processos de individualização, flexibilização dos papéis de gênero, racionalização das escolhas afetivas e influência crescente das tecnologias digitais. Concluem ainda que o amor romântico permanece como um ideal e uma busca, embora tensionado por novas formas de relacionamentos e demandas por autonomia, igualdade e reconhecimento individual.

Tomando como base o panorama apresentado por Jardim e Souza (2024), o que se segue é um breve percurso pelas principais contribuições teóricas sobre o tema, desde a perspectiva sociológica. Todos os textos originais citados no artigo foram consultados, privilegiando a

fidelidade às ideias dos autores incluídos no levantamento. Em seguida, foram mapeadas as principais críticas da literatura especializada a cada conceito, o que consiste na novidade em relação ao artigo tomado como norte neste tópico. Essa abordagem permite sistematizar o estado da arte dos estudos sociológicos sobre amor, intimidade e relações amorosas, incrementada, sempre que possível, com a análise dos dados primários coletados.

Este percurso teórico se inicia com Zygmunt Bauman, um dos autores mais conhecidos e cujos conceitos foram mais disseminados quando se fala em modernidade. O sociólogo elaborou o conceito de modernidade líquida, por meio do qual descreveu como as relações sociais, o trabalho e as identidades tornaram-se instáveis e voláteis na contemporaneidade, contrastando com a solidez das estruturas do período anterior. Bauman pensou sobre o consumismo, a insegurança e a efemeridade dos laços humanos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das incertezas do mundo globalizado.

Ao refletir sobre os impactos dessa característica fluida da modernidade nas relações amorosas, o autor escreveu:

A presente versão “liquefeita”, “fluida”, dispersa, espalhada e desregulada da modernidade pode não implicar o divórcio e ruptura final da comunicação, mas anuncia o advento do capitalismo leve e flutuante, marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho. **Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o “viver junto”, com todas as atitudes disso decorrentes e consequências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão, uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo** (Bauman, 2001, p. 187). (grifo nosso)

Nota-se que a reflexão do autor sobre as relações afetivas na modernidade líquida revela uma profunda transformação na maneira como os vínculos amorosos são estabelecidos e vivenciados, em comparação com o período histórico anterior. Em um contexto marcado pela lógica do consumo e pela efemeridade, as relações amorosas são marcadas pelo uso e descarte rápidos. O parceiro afetivo é tratado como uma espécie de mercadoria, consumido e substituído à medida que perde o apelo da novidade. Nessa dinâmica, o compromisso profundo e estável é frequentemente evitado, cedendo lugar ao prazer imediato e à busca incessante por variedade e satisfação.

Assim, embora haja o desejo por afeto e conexão, ganha força a prática do desapego, acompanhada por um ambiente de insegurança típica das sociedades contemporâneas, em que tudo pode mudar rapidamente, de forma que vínculos duradouros deixam de ser a regra e passam a ser exceção (Bauman, 2004; Jardim; Souza, 2024).

Autores das ciências sociais têm problematizado a abordagem de Bauman, especialmente no que se refere ao tom nostálgico e, por vezes, conservador de sua crítica à

efemeridade dos relacionamentos na modernidade (Vandenbergue, 2006). Essas análises ressaltam que, apesar de a sua perspectiva destacar importantes dilemas das relações contemporâneas, ela tende a se pautar pela valorização de modelos tradicionais de estabilidade e profundidade afetiva.

Falas de entrevistados sobre a experiência de “viver junto”, mencionada por Bauman como um sinal da liquidez das relações, revelam outras nuances dessa prática contemporânea. Tanto podem ser identificadas tensões em relação à desaprovação dos pais sobre não formalizar a união, como também traços de indiferença em relação ao modelo tradicional de casamento:

Em março de 2019 eu fui morar com ele. Foi exatamente um ano antes. Inclusive, foi um grande problema para o meu pai, porque ele podia tudo, mas mulheres não podem nada. Então, ele deu um grande “xilique” porque eu ia morar junto. E eu disse: “Sim, vou sim. Vou ser agora amancebada daqui pra frente.” Ele quase morreu. E aí, quando chegou em março de 2020, a gente já morava junto, mas ainda não tinha planos de casar. Era realmente morar junto (I.M., 2025).

A gente conversou sobre morar juntos. Então não foi um caminho tradicional, não teve noivado, nada disso. A gente só basicamente decidiu que ia morar juntos, quando a casa ficou pronta, e eu acho que foi isso. [...] Aí eu conversei com a minha mãe e, num belo dia, eu arrumei minhas coisas e me mudei, basicamente fui pra essa casa, acho que foi assim que aconteceu. A gente só foi casar, na verdade, vai fazer dois anos. Mas foi uma análise também de interesses, de certa forma. Porque o meu esposo... Como eu sempre quis estudar fora, tinha vontade de fazer alguma coisa fora, ganhar uma bolsa, alguma coisa assim, e ele tem descendência portuguesa, ele é cidadão português também. Então agora, nos últimos anos, ele conseguiu tirar o passaporte, a cidadania dele, e aí ele falou: “Olha, se tem alguém que eu acho que merece muito ter esse passaporte, mesmo que em algum momento a gente não fique juntos, é você (S.K., 2025).

Dando continuidade às críticas a Bauman, em contraposição à noção de “liquidez”, Jardim (2019) afirma que o amor permanece profundamente condicionado por normas e valores sociais, como o machismo e o racismo, tornando-o restrito e, muitas vezes, inacessível a determinados grupos. A autora evidencia, a partir de pesquisa empírica, que muitas mulheres têm preferência por relações fixas e compromissos duradouros, recorrendo a experiências efêmeras não por desejo, mas pela ausência de alternativas concretas. Suas pesquisas sobre agências de casamento e cursos de autoajuda para encontrar o “par ideal” revelam como o ideal romântico e a maternidade seguem fortemente internalizados, mesmo entre mulheres de alta qualificação profissional, que chegam a investir recursos substanciais para tentar realizar esses desejos (Jardim, 2019; Jardim, 2021).

A análise de Bauman lança luz sobre o paradoxo das relações amorosas atuais: o indivíduo anseia por laços significativos, mas teme o envolvimento a longo prazo devido à

instabilidade do próprio mundo em que vive⁵⁶. Ao destacar tais características do amor líquido, Bauman prepara o terreno para pensadores como Anthony Giddens, que retomam e aprofundam o debate sobre os modos de vinculação no contexto da modernidade tardia.

Giddens introduz o conceito de “relacionamento puro”, referindo-se a vínculos estabelecidos não pela tradição, laços econômicos ou deveres sociais, mas pelo compromisso mútuo de satisfação emocional contínua, uma relação que existe enquanto for capaz de proporcionar realização para ambos os envolvidos. Segundo Giddens, essa reconfiguração reflete a crescente reflexividade e a plasticidade dos laços afetivos, em que os indivíduos negociam constantemente desejos, expectativas e limites, promovendo relações menos estáveis, porém mais autênticas e abertas à autonomia pessoal. Nas palavras do autor:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente “normal”, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro (Giddens, 1993, p. 68-69). **(grifo nosso)**

É interessante perceber como essa transformação na maneira de se estabelecer um vínculo amoroso pode ser observada de forma clara na fala de S.K., uma mulher de 27 anos, em um relacionamento estável que atravessou a pandemia. Ao discorrer sobre o que pensa acerca do casamento e do que almeja em um relacionamento amoroso, ela diz:

O que mais fazia sentido e que era uma visão bem... eu já vi algumas pessoas falando que é uma relação, esqueci a palavra, mas seria basicamente, tipo, uma relação por uso. **Tipo, se você for interessante pra mim e se você, de alguma forma, puder me levar aos meus objetivos, então tudo bem, a gente pode, talvez, se relacionar. Mas se não, talvez seja melhor eu ficar sozinha, né?** Mas eu acho que era isso, se essa pessoa atende a alguma necessidade que possa me auxiliar nos meus objetivos, talvez eu queira me relacionar com ela, mas se não, eu acho que é melhor eu não me relacionar e focar naquilo que é importante pra mim (S.K., 2025). **(grifo nosso)**

O autor aponta que a intimidade moderna está ligada à busca por comunicação transparente e igualdade, embora essa dinâmica também gere novas ansiedades e fragilidades nas experiências amorosas. Ao enfatizar que o amor contemporâneo exige altos níveis de negociações emocionais e redefinições constantes, Giddens permite compreender como a democratização dos vínculos afetivos coexiste com um cenário de incertezas e vulnerabilidades (Giddens, 1993; Giddens, 2002).

⁵⁶ Essa ideia também está conectada com as reflexões de Beck e Beck Gernsheim (2011) sobre os processos de individualização e a ambivalência intrínseca que se estabelece na busca por relações duradouras, ideia que será aprofundada mais adiante.

Giddens (1993) propõe empregar os valores democráticos na vida pessoal, embora reconheça os entraves práticos envolvidos, especialmente nos relacionamentos íntimos, e sobretudo ligados às desigualdades estruturais de gênero; por outro lado, admite o peso das conquistas nesse sentido e não abre mão de imaginar e propor ideais democráticos e de cidadania no âmbito da intimidade, pelo que recebeu críticas contundentes que serão abordadas mais adiante:

Assim como na esfera pública, a distância entre os ideais e a realidade é considerável. [...] Colocam-se no caminho profundas diferenças psicológicas, e também econômicas, entre os sexos. Mas aqui o utopismo pode mais uma vez ser prontamente compensado pelo realismo. As mudanças que ajudaram a transformar os ambientes da ação pessoal já estão bem avançadas, tendendo para a realização das qualidades democráticas (Giddens, 1993, p. 206).

Comentando sobre a ideia do autor de democratização da intimidade, Neves (2007) destaca:

A transposição dos princípios da cidadania para as relações entre as pessoas, para a esfera “privada”, para as ligações familiares e, sobretudo, para os relacionamentos íntimos reveste-se de enorme legitimidade, porque pode permitir a efetivação de liberdades, de direitos e de deveres essenciais à manutenção do equilíbrio da vida em sociedade. **Definir a equidade como um princípio regulador das práticas interpessoais e especialmente das práticas íntimas deve ser por isso uma questão de fundo na abordagem da intimidade e do amor** (Neves, 2007, p. 622). (grifo nosso)

Diretamente ligada ao conceito de relacionamento puro, está a ideia de “amor confluyente”, também trabalhada pelo autor. O conceito descreve uma forma de vínculo afetivo marcada pela busca de reciprocidade e igualdade entre os parceiros, centrada na negociação, satisfação mútua e transparência nas trocas emocionais e sexuais, sem ser ancorada em compromissos duradouros ou obrigações tradicionais. Nesse modelo, a continuidade da relação depende do interesse e do bem-estar de ambos, de modo que a perenidade e a fidelidade não são pressupostos, mas podem ser objetos de negociação conforme a autonomia dos envolvidos.

Nesse contexto, os relacionamentos amorosos na modernidade exigem dos sujeitos envolvidos habilidades de comunicação e reflexividade cada vez mais sofisticadas, já que a manutenção dos vínculos depende do diálogo aberto sobre sentimentos, conflitos e sexualidade.

As reflexões de Giddens sobre as trocas emocionais presentes nos relacionamentos contemporâneos encontram ressonância na fala de S.K. sobre seu casamento, que resistiu à pandemia:

Meu esposo é a pessoa (com quem) eu mais consigo me vulnerabilizar emocionalmente [...] Então, eu acho que como meu esposo era a pessoa que eu mais me vulnerabilizava, falava sobre essas relações da minha mãe, do meu padrasto, conseguia me abrir, de fato, né, sobre tudo que acontecia, então, eu acho que é uma pessoa que sempre me acolheu muito desde o início. E ele também conseguia se vulnerabilizar. Então, eu acho que a gente foi se conectando pelas vulnerabilidades e

as ideias que a gente tinha sobre o futuro, então, eu considero que o meu relacionamento [...] então, eu não vou dizer que o nosso relacionamento é, tipo, super fofinho e tal, assim, super, ultra, mega romântico, de flores e tal, não. **Mas a gente, digamos, demonstra que ama o outro através dessas coisas, de como a gente apoia um ao outro, de como a gente influencia naquilo que são seus sonhos, naquilo que é importante, estar apoiando, de fato, de alguma maneira prática. Eu acredito que é a maneira que o nosso relacionamento se desenvolveu** (S.K., 2025). (grifo nosso)

A comunicação seria, para o autor, o requisito básico, a condição *sine qua non* para a democratização dos relacionamentos, para a concretização do verdadeiro “relacionamento puro”. Nas palavras de Giddens:

Para que este padrão seja satisfeito, é necessário não somente o respeito pelo outro, mas uma abertura em relação a essa pessoa. **Um indivíduo cujas verdadeiras intenções são ocultas de um parceiro não pode oferecer as qualidades necessárias à determinação cooperativa das condições do relacionamento.** Todo e qualquer texto terapêutico sobre a questão dos relacionamentos vai demonstrar porque a revelação para o outro - mais como um meio de comunicação do que como um esvaziamento emocional - é uma aspiração obrigatória da interação democraticamente ordenada (Giddens, 1993, p. 208).

Essa ideia se reflete de maneira clara nas falas de psicólogas e terapeutas de casais entrevistadas para essa pesquisa, que relatam sobre como a comunicação tem sido um ponto central nos relacionamentos:

[...] essa questão da traição é um ponto muito forte para eles buscarem terapia, né? Era antes da pandemia o grande motivo da busca de psicoterapia, a traição. **Mas hoje, como eu te falei, né? A questão da comunicação,** de o casal perceber: "Mas espera aí, a gente tá com pouco desejo, assim, a relação sexual, a frequência tá muito baixa, a gente tá com pouco investimento aqui na nossa relação. Será que é isso mesmo? Será que a gente sustenta?" **Eu vejo mais... isso mais presente, sabe? A comunicação está ruim.** (C.C., 2022) (grifo nosso)

Geralmente eles vêm assim: "ah, a gente está brigando muito, tá tendo muito conflito no casal, piorou com a pandemia e tudo mais". Na verdade, eles nem dizem muito isso, assim, que piorou com a pandemia, eles vão percebendo que algumas coisas, pela convivência, foram piorando. **Comunicação é um ponto muito, muito frequente, a comunicação do casal, como que eles se comunicam, é um ponto, assim, importantíssimo.** Aí vem sexualidade e, dentro dessa comunicação, vêm meio que subtópicos, né? Tarefas domésticas, divisão dessa tarefa doméstica... o que mais? Filhos. Educação dos filhos, que às vezes um pensa de um jeito e o outro pensa do outro, né? Assim, são os principais temas que eu percebo. **E o principal, assim, o número um é a comunicação. É como que eles se comunicam e, principalmente, como que eles ouvem o que o outro tá falando** (E.M., 2022). (grifo nosso).

Aqueles casais mais conservadores, em geral, eles vão trazer muito questão de comunicação, tarefas domésticas e, às vezes, muitas das mulheres trazendo os homens para a terapia numa lógica de: “ah, eu não aguento mais, então eu exigi uma terapia para que a gente pudesse conversar”, se queixando de comunicação, coisas nesse sentido. [...] **Mas, ultimamente, eu recebi alguns casais mais conservadores e que eu vejo um pouco esse padrão mais repetitivo, da mulher querendo um diálogo, o homem mais fechado...** [...] porque em geral, casais que têm problemas, eles não vão conseguir se comunicar bem, eles vão ter problemas de comunicação, mas esses casais, em geral, chegam dizendo: “**ah, nosso problema é comunicação, a gente não consegue conversar, a gente não consegue dialogar**” E aí quando a gente vai

explorando, a gente vai entendendo que o problema da comunicação é que não tem um diálogo [...] (T.P., 2025) **(grifo nosso)**

G.K., uma mulher de 29 anos cuja relação terminou após a pandemia, mencionou em sua entrevista que a falta de comunicação foi o principal problema do seu relacionamento. O companheiro não conseguia comunicar o que queria ou o que sentia e isso a sobrecarregava e desgastava a relação:

A falta de comunicação. Assim, eu também não sou muito flor que se cheire não, sabe? Quando eu fico emburrada... **Mas ele não sabia falar, tipo assim, não sabia expressar o que ele tava sentindo. Eu tinha que ficar perguntando, às vezes ficava chato, eu tinha que insistir. E a pessoa: “Não, tá tudo bem, não, tá tudo bem.” E aí não dava. [...] Ele não dizia realmente o que ele estava sentindo, sabe?** Tanto que ele veio passar na minha cara depois, quando a gente terminou, tentando conversar ali pra finalizar, aí ele disse: “Ah, eu não conseguia ser aberto com você.” É como se eu sufocasse tanto ele que ele não... Sabe? Coisas menores do dia a dia também, assim, do nosso relacionamento principalmente, né? Mas qualquer coisa. A resposta dele era: “É, pode ser”. “É, tanto faz.” Ele nunca realmente dizia o que queria. Eu sempre tinha que estar à frente, entendeu? Aí, depois, depois que eu ia saber que ele não tinha gostado daquilo, por alguma conversa que a gente estava tendo, entendeu? Então, assim, muita coisa ele ficava calado, ele só aceitava (G.K., 2025). **(grifo nosso)**

Nas redes sociais também podem ser encontrados exemplos da centralidade da comunicação para o sucesso dos relacionamentos íntimos, potencializando a normatização das emoções e comportamentos. O perfil do *Instagram* @institutoterapiadecasal, que conta atualmente com mais de 14 mil seguidores, publicou uma postagem destacando a importância da comunicação para os casais:

Figura 15 - Postagem do Instagram sobre comunicação de casais



Fonte: institutoterapiadecasal, 2025.

A legenda da postagem era:

Muitas vezes, um dos parceiros não sabe ou não consegue nomear suas emoções, o que gera um desgaste constante e um ciclo de desentendimentos. Quando o **repertório emocional** é limitado, a comunicação se torna falha, e a relação começa a ser marcada por brigas, acusações e distanciamento emocional. É importante observar que, em muitos casos, “não saber conversar” sobre o que se sente pode ser mais cômodo para um dos lados da relação, que evita se expor ou se vulnerabilizar. Porém, esse comportamento acaba sendo uma fuga que agrava o sofrimento da outra pessoa, que pode sentir-se isolada ou negligenciada. Quem já não passou pela experiência de “ter a famosa DR” (discussão de relacionamento), onde um dos parceiros parece fugir do confronto emocional ou sequer sabe como dialogar sobre o que sente? A falta de um **vocabulário emocional** adequado agrava o conflito, e faz com que a relação perca o equilíbrio. Na terapia de casal, aprendemos a construir um vocabulário emocional mais saudável, que permite que as necessidades de ambos sejam expressas de forma mais assertiva e respeitosa. Conceitos como **Comunicação Não Violenta (CNV)**, criado por Marshall Rosenberg, ajudam a estabelecer uma comunicação empática e sem julgamentos, fundamental para uma convivência mais harmoniosa, o que pode transformar a compreensão e o vínculo no relacionamento. [...] (**grifo nosso**)

Fica nítida a importância atribuída à capacidade de se comunicar, à habilidade de expressar as próprias emoções para que se tenha uma relação considerada saudável e harmoniosa no contexto da contemporaneidade. As figuras 16 a 19, abaixo, foram publicadas também na rede social *Instagram*, pelo perfil *@eurekka(2025)*⁵⁷, e igualmente recomendam posturas a serem adotadas durante uma discussão de casal para que ela seja construtiva e não destrutiva:

⁵⁷ Trata-se de um grupo de psicólogos e psiquiatras que abordam assuntos diversos, entre os quais dicas e recomendações para casais.





Figuras 16 a 19 - Postagem do *Instagram* sobre estratégias de comunicação para casais

Fonte: @eureka, 2025.

As figuras 20 a 23, também do perfil @eureka (2025), são de uma postagem que, para além da comunicação, prescreve comportamentos e estratégias práticas para manter uma

relação saudável. As recomendações vão desde atitudes relacionadas ao afeto desinteressado, passando pelo incentivo à realização de atividades lúdicas como alternativa à televisão e à prática conjunta de esportes, mas sempre reservando tempo para a individualidade sem culpa.

Figuras 20 a 23 - Postagem do *Instagram* sobre como manter a saúde mental em um relacionamento

<p>Cinco coisas para fazer em casal toda semana para manter a saúde mental da relação</p>  <p>#1 Carinho sem segundas intenções nem todo beijo e abraço precisa 'evoluir' pra algo mais.</p>	<p>Cinco coisas para fazer em casal toda semana para manter a saúde mental da relação</p>  <p>#2 Noite dos jogos escolher um jogo simples e divertido (Uno, Dixit...) pra substituir a TV.</p>
<p>Cinco coisas para fazer em casal toda semana para manter a saúde mental da relação</p>  <p>#3 Fazer esporte juntos pra fazer algo ativo e criar uma rivalidade positiva.</p>	<p>Cinco coisas para fazer em casal toda semana para manter a saúde mental da relação</p>  <p>#5 Ter Tempo Sozinho - para desenvolver seus próprios hobbies sem culpa</p>

Esse discurso passa a ter um alcance cada vez maior a partir da popularização das redes sociais e busca normatizar e regular as emoções e comportamentos no âmbito das relações. Ele se reflete também nas falas de pessoas entrevistadas. G.S., uma mulher casada, que se tornou mãe durante a pandemia, descreve estratégias que ela e seu marido colocaram em prática para aliviar o peso emocional que aquele período impôs ao relacionamento. Eles criaram um espaço dentro do condomínio onde moravam para que pudessem ter momentos de escape da rotina:

No momento em que nosso filho estava tirando um cochilo em casa, a gente subia com a babá eletrônica e a gente tentava bater um papo sobre coisas que não eram da nossa rotina. A gente tentava bater um papo e se reconectar enquanto casal, se reconectar enquanto seres humanos que precisam ali de algo diferente do que estava ali dentro daquela nossa realidade. Então essa foi a nossa válvula de escape. A gente praticamente viveu a pandemia inteira nesse lugar, onde a gente conseguia respirar o ar, onde a gente conseguia olhar para as estrelas, onde a gente conseguia se reconectar não só enquanto casal, mas enquanto amigos que somos. A gente conseguia, enfim, dar uma aliviada no peso, em todo o peso emocional que a pandemia trouxe pra gente. **A gente conseguia fazer atividades com o M. (filho do casal), colocava a bicicletinha lá e ele brincava naquele espaçozinho. Tomava banho de chuveiro, a gente conseguia fazer um churrasquinho pra gente.** [...] E praticamente foi isso que nos aliviou durante essa pandemia (G.S., 2025). **(grifo nosso)**

Se, por um lado, a comunicação transparente e a regulação das emoções e comportamentos representam uma conquista para os relacionamentos na contemporaneidade, por outro, pela profunda e constante reflexividade praticada pelo casal, também pode aprofundar sensibilidades, conflitos e intensificar vulnerabilidades.

Tais características diferenciam o amor confluyente do amor romântico, pois se afastam das ideias de exclusividade, sacrifício e permanência para sempre, privilegiando relações mais contingentes e baseadas em acordos renováveis entre indivíduos dotados de maior autonomia. Novamente nas palavras do autor:

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico. **A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa.** [...] O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro (Giddens, 1993, p. 72-73). **(grifo nosso)**

A principal crítica dirigida ao pensamento de Giddens sobre os relacionamentos amorosos na modernidade tardia, refere-se ao seu caráter idealista e, em certa medida, utópico. A perspectiva do autor tem sido contestada por estudiosos que apontam os limites do chamado “relacionamento puro” enquanto realidade empírica, ressaltando que o modelo funciona muito mais como um “tipo ideal” do que uma descrição efetiva dos vínculos contemporâneos (Fridman, 2014).

Para os críticos, as ideias de “relacionamento puro” e “amor confluyente” minimizam a permanência de estruturas sociais, pressões externas e desigualdades de gênero e poder que ainda atravessam as relações íntimas, tornando a promessa de igualdade frágil diante das limitações concretas que ainda caracterizam a experiência afetiva na vida real. Como sugere Neves (2007), trata-se de identificar se as mudanças de valores de fato transformam a intimidade e, portanto, a conjugalidade em um lugar de igualdade e de “amor confluyente”.

Neves (2007) pondera que a noção de amor segue sendo orientada por questões de gênero e desequilíbrio de poder, retomando a tese bourdieusiana sobre a dominação masculina:

A observação das contingências relacionais em função do gênero permite-nos perceber as diferenças de poder que perpassam grande parte dos relacionamentos íntimos – diferenças de poder que outorgam diferentes manifestações de amor, diferentes significações de intimidade, **diferentes níveis de investimento nas relações, diferentes patamares de permissividade e de aceitação em face do comportamento do outro membro do relacionamento**, diferentes ideais de satisfação pessoal, familiar e social. A intimidade e o amor, bem como os seus significados, estão impregnados de variáveis conjunturais, onde as relações de poder institucionalizadas dentro e fora das relações íntimas desempenham um papel determinante (Neves, 2007, p. 623).

Em diálogo com Lipovetsky (2000), Zanello (2018) reflete sobre o funcionamento do dispositivo amoroso para homens e mulheres e sobre a assimetria de investimentos nas relações amorosas:

O amor não deixa de ser um dispositivo que se edificou socialmente a partir da desigualdade estrutural dos lugares dos homens e das mulheres (...) ao longo da história, os homens e as mulheres não atribuíram ao amor o mesmo lugar, não lhe conferiram nem a mesma importância nem o mesmo significado (...) **o amor no masculino não é senão uma ocupação entre outras, ao passo que, no feminino, preenche sua existência** (Lipovetsky, 2000, apud Zanello, 2018, p. 81). **(grifo nosso)**

Nas palavras de Zanello (2018, p. 82): “Essa moral defende a monogamia e a dedicação intensa para elas; enquanto para eles, permite a poligamia e o baixo investimento.” Esse modelo geraria, portanto, relações desiguais de dependência para as mulheres e privilégios para os homens.

Heilborn (2004), em sua pesquisa sobre o sentido de valores igualitários entre os sexos no âmbito dos relacionamentos íntimos, observou que, entre seus entrevistados, há uma ideia de que as mulheres costumam se dedicar mais para que a relação tenha sucesso:

A expressão nativa “**cuidado da relação**” refere-se à dedicação dirigida à vida a dois, no que se reporta a um “**investimento emocional**”. **Segundo a opinião comum entre os entrevistados heterossexuais, as mulheres inclinam-se a fazer do casamento uma dimensão importante de suas vidas, como se lhes fosse reservado o papel de mantenedoras da relação.** Isso não significa dizer que os homens não possam desempenhar tal papel, mas há um consenso de que o “cuidado” e a “celebração” do casal, cruciais para promover a vida a dois no entender dos nativos, são desempenhados prioritariamente pelas mulheres (Heilborn, 2004, p. 175). **(grifo nosso)**

Lynn Jamieson (1999) também tece críticas ao conceito giddensiano, enfatizando que a retórica do “relacionamento puro” alimenta a individualização dos problemas, relegando explicações sociológicas e estruturais a um segundo plano, o que é reforçado pelo chamado “discurso terapêutico”, ideia que será aprofundada mais adiante. Isso faz com que dificuldades vividas nos relacionamentos sejam frequentemente interpretadas como falhas pessoais, ao invés de serem reconhecidas como efeitos de desigualdades mais amplas. Jamieson ressalta que, mesmo em contextos em que há discurso de busca por igualdade, as práticas relacionadas ao cuidado, à divisão de tarefas domésticas e ao gerenciamento das emoções continuam a reproduzir assimetrias tradicionais:

No entanto, a natureza da relação entre a narrativa ideológica e os relacionamentos do cotidiano não é simples. É possível, por exemplo, que o discurso de 'especialistas em relacionamentos' permeie as conversas cotidianas enquanto outros fatores modificam os parâmetros das práticas diárias. Questões como essas não são plenamente exploradas em *The Transformation of Intimacy*. [...] Em contrapartida, muitos comentaristas acadêmicos e populares manifestam preocupação com o individualismo ‘indo longe demais’ e criticam as tendências individualizantes da terapia por distorcerem o reconhecimento dos problemas sociais e dificultarem a resistência coletiva (Jamieson, 1999, p. 480) (tradução nossa).⁵⁸

Ainda que reconheça expressamente a persistência de desigualdades entre os sexos, a solução dada por Giddens a esse impasse se restringe muito ao âmbito individual, o que fica claro no trecho transcrito abaixo, em que o autor aborda o desequilíbrio econômico e de responsabilidades com o trabalho doméstico e de cuidado, ao passo em que tenta apontar possibilidades de remediar esse desequilíbrio:

[...] o objetivo, no entanto, não seria necessariamente uma paridade completa, mas pelo menos um arranjo equitativo, negociado segundo o princípio da autonomia. Seria negociado um certo equilíbrio das tarefas e das compensações, que ambas as partes considerassem aceitável (Giddens, 1993, p. 213).

Os apontamentos de Jamieson fazem sentido na medida em que chamam atenção para o risco de se reduzir fenômenos coletivos e estruturais a processos individuais. Giddens estaria, portanto, aproximando-se de um “discurso terapêutico”, privilegiando a transformação subjetiva em detrimento de explicações sociológicas que abarquem dinâmicas sociais mais amplas.

O discurso terapêutico é aqui entendido como o conjunto de narrativas e práticas psicológicas que passam a organizar a forma como os indivíduos compreendem a si mesmos e

⁵⁸ However, the nature of the fit between the ideological story and everyday relationships is not simple. It is possible, for example, for the discourse of ‘relationship experts’ to infuse everyday talk while other factors modify the parameters of everyday practice. Such issues are not fully explored in *The Transformation of Intimacy*. [...] In contrast, many academic and popular commentators express concern over individualism ‘going too far’ and critique the individualising tendencies of therapy for distorting recognition of social problems and mitigating against collective resistance.

seus relacionamentos, transformando emoções em objetos de análise e trabalho sobre si. A partir do reconhecimento da associação entre sofrimento psíquico e biografia, o discurso terapêutico prescreve a busca por autoconhecimento e controle emocional, contribuindo para uma redefinição da identidade moderna (Illouz, 2011).

Eva Illouz (2011) argumenta que o século XX foi marcado, ao menos no que diz respeito à sociedade estadunidense, por um novo estilo afetivo, a que ela denominou de “estilo afetivo terapêutico”, formulado pelas inúmeras abordagens da psicologia clínica. Esse discurso terapêutico passou a exercer influência significativa nas relações amorosas e familiares. Sua adoção para interpretar e tratar problemas individuais se deu, inicialmente, por meio do Estado, diante do momento pós-guerra e da preocupação com a saúde mental.

Se, antes, a aplicação da psicologia se dava de maneira mais concentrada nas empresas e nas forças armadas, ela passou a alcançar as “pessoas normais” da classe média, prometendo, entre outros valores, a harmonia familiar.

Utilizo a expressão “estilo afetivo terapêutico” para designar as maneiras pelas quais a cultura do século XX ficou “preocupada” com a vida afetiva, com sua etiologia e morfologia, e concebeu “técnicas” específicas – linguísticas, científicas, interativas – para apreender e gerir esses sentimentos. **O estilo afetivo moderno foi moldado, sobretudo (embora não exclusivamente), pela linguagem da terapia**, que emergiu num período relativamente curto entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. [...] Tratou-se de um novo conjunto de práticas culturais que, por estarem na posição singular de se situarem no âmbito da produção científica e nos campos gêmeos das culturas de elite e popular, reorganizaram as concepções do eu, da vida afetiva e até das relações sociais (Illouz, 2011, s.p.). **(grifo nosso)**

As relações íntimas passaram a ser mediadas pelo discurso terapêutico e cada vez mais pessoas recorrem a técnicas, narrativas e modos de se relacionar prescritos em terapia. Sentimentos são analisados, racionalizados e observados e, tal como objetos, podem ser controlados e negociados. Os comportamentos podem ser examinados e calculados de forma a corresponder a uma certa estrutura de relacionamento almejada. Assim, diante das dificuldades impostas pela pandemia, muitos casais buscaram os serviços prestados por terapeutas para lidar melhor com o novo contexto que se apresentava.

Trazendo a discussão para o contexto específico da pandemia, mostra-se relevante, para aproveitar ao máximo as contribuições de Giddens, a sua reflexão sobre a relação imbricada entre as dimensões micro, dos relacionamentos amorosos e íntimos, e macro das estruturas sociais e da democracia:

Há condições estruturais na sociedade mais ampla que penetram no coração dos relacionamentos puros; inversamente, a maneira como tais relacionamentos são ordenados tem consequências para a ordem social mais ampla. A democratização no terreno público, não somente em relação ao Estado-nação, promove as condições essenciais para a democratização dos relacionamentos pessoais. Mas o inverso também se aplica. O avanço da autonomia própria no contexto dos relacionamentos

puros é cheio de implicações para a prática democrática na comunidade mais ampla. (Giddens, 1993, p. 213). **(grifo nosso)**

A passagem é útil para pensar sobre os impactos diretos da pandemia e do isolamento social na intimidade e nas dinâmicas conjugais e familiares; ao mesmo tempo, também é possível refletir sobre como eventuais transformações nas relações conjugais e familiares, aceleradas pela pandemia, podem repercutir na sociedade pós-pandêmica. Os longos períodos de distanciamento social influenciaram casais a implementar mudanças em seus relacionamentos? Uma maior busca por saúde mental e equilíbrio entre vida e trabalho e a implementação de novas formas de organização da domesticidade e da parentalidade podem influenciar a dinâmica social mais ampla?

Nesse aspecto as reflexões de Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2011) oferecem um contraponto importante em relação a Giddens, na medida que deslocam o foco da pura subjetividade para localizar certos fenômenos em um quadro mais amplo e estrutural:

A psicologia (e a psicoterapia) que atribuem às condições da socialização familiar o sofrimento dos clientes que as procuram massivamente sofrem curto-circuito. Quando os conflitos advindos das formas de vida prescritas explodem contra as pessoas, quando a convivência entre elas já não tem modelos para seguir, não podemos mais remeter seu sofrimento a faltas e desvios sofridos na primeira infância (Beck, 2011, p. 53).

E prescreve uma tarefa para os psicoterapeutas e, especialmente, aos que trabalham com casais; justamente o exercício que os críticos de Giddens o acusam de não realizar:

Sob as condições de libertação dos modernos destinos estamentais de gênero, a sexualidade, o casamento, o erotismo e a parentalidade têm muito a ver com desigualdade, profissão, mercado de trabalho, política, família e com as formas de vida nela admitidas e tornadas inviáveis para o futuro. **Essa historicização e revisão sócio-histórica das suas categorias são algo de que a psicologia ainda precisa se ocupar** (Beck, 2011, p. 53). **(grifo nosso)**.

Beck-Gernsheim resume, em três fases que descrevem a passagem da sociedade pré-moderna para a moderna, o pano de fundo histórico sobre o qual se desenrolaram as relações íntimas entre homens e mulheres:

Na primeira, a da família como uma comunidade econômica, não havia uma biografia independente para nenhum dos parceiros. Na segunda, onde a “casa completa” começou a se desintegrar, a biografia do homem se abriu para processos de individualização. A coesão da família foi preservada - ainda que sob rigorosa repressão dos direitos das mulheres. E, mais ou menos desde os anos sessenta do século XX, vê-se claramente o início de uma época em que ambos os sexos (embora em graus variados) experimentam as bênçãos e fardos de ter uma vida própria (Beck-Gernsheim, 2011, p. 92).

O “ter uma vida própria” é precisamente o processo de individualização, definido pelos autores como o conceito central da obra *O caos totalmente normal do amor*. Se antes os casais construía um projeto de família conjuntamente, com referenciais em comum, hoje as relações

se formam a partir do encontro de duas biografias autônomas, trajetórias moldadas por processos de individualização particulares, cuja conciliação exige um esforço contínuo de negociação e ajustes. Esse cenário é bem ilustrado pelas falas de psicólogas e terapeutas de casais entrevistadas:

Então essas visões de mundo precisam ser e são muito bem trabalhadas no consultório, entende? Para que a gente perceba o que é que tá fazendo sentido para o que eles acreditam, e o que eles querem viver. Inclusive eles podem, neste momento, perceber que eles não têm mais nada a ver! Já tive casal que casou porque a mulher engravidou, e aí vieram pra terapia e perceberam que a vida deles... eles casaram porque tinha um filho e que a vida deles é completamente diferente! **As prioridades, os desejos, as vontades, tudo! É completamente diferente, né? E aí eles olham e dizem: "pra quê a gente sustenta isso?"** Antigamente sustentava porque era assim: casou, é pra vida toda, né? Que "o que deus uniu, o homem não separa", né? E hoje em dia não se pensa tanto assim, né? (C.C., 2022) **(grifo nosso)**

Todo comportamento de uma pessoa vai impactar, no caso do casal ela vai impactar o outro membro do casal, né? **São duas pessoas distintas que têm a sua história de vida, têm a sua história familiar** e que, quando se juntam, elas vão interagindo e essa interação, ela dá, muitas vezes, alguns conflitos, alguns problemas e a terapia vai então intervir nessa relação (E.M., 2022). **(grifo nosso)**

A terapia sistêmica, ela vai trabalhar nesse olhar de conseguir entender as famílias de origem, as crenças, os modelos que o casal traz. Mas a gente também não limita o olhar às famílias de origem, a gente vai tentar entender a história daquela pessoa, a gente vai tentar entender a rede de apoio que aquela pessoa teve, porque às vezes a pessoa não vai ter uma conexão com a sua família de origem, mas ela vai ter conexão com outras pessoas [...] **Pensando na terapia sistêmica, ela traz essa ideia de que a gente vai sendo construído e a gente vai criando nossas crenças conforme o ambiente** [...] O ambiente tem muita influência naquilo que a gente pensa, naquilo que a gente acredita. Então a gente explora muito isso, assim, e explorando também a questão das famílias, [...] enfim, entendendo essas histórias, né, e esses modelos [...] (T.P., 2025) **(grifo nosso)**

Essa é uma questão que também aparece na fala de P.K., entrevistado que compartilhou a experiência de ter decidido morar junto com sua parceira quando iniciou o isolamento social. Ele discorre sobre o processo de compatibilização de diferentes comportamentos, hábitos e formas de ver o mundo naquele período de profundo isolamento social, com o agravante da presença de sua mãe. É interessante notar ainda o ensinamento de sua avó, que utilizou para traduzir o que estava acontecendo naquele momento:

E aí, aquela coisa, a gente nunca... a gente, como geralmente, passava sempre os finais de semana juntos, naquele período que tava todo mundo trabalhando em home office, em casa, convivendo, de fato, 24 horas, foi, assim, foi um pouco, digamos assim, um pouco mais desafiador. Porque até então, aquela coisa, realmente você só conhece, de fato, a pessoa, no convívio, no diário, né? No dia a dia. E aí foi que a gente foi começar a perceber que, às vezes, assim, conhecendo melhor a pessoa no dia a dia, o que é que irrita [...] Você vai conhecendo a pessoa pelo silêncio, pelo gesto, pelo olhar, e tal... Aí você vai conhecendo, de fato, o que é que agrada, o que é que desagrada, e aí, às vezes, até mesmo algumas coisas que eu não sabia que, talvez, eu fazia, que a irritava, e aí você começa a se policiar mais [...] Assim, a gente foi se ajustando, se acertando, né? **São duas pessoas, dois universos diferentes, duas formações, criações, duas maneiras de ver o mundo diferentes.** E aí, a gente tentar, exatamente, achar esse meio termo. E uma coisa que causou, talvez, um embaraço maior, talvez uma

dificuldade maior, é porque minha mãe também estava aqui. E, assim, uma coisa que a minha avó falava, eu nunca tinha entendido por quê, mas, assim: **“Olha, uma casa só tem uma dona de casa.”** Aí, quando estavam aqui as duas, as duas sempre se deram muito bem, mas aí a mamãe queria sempre as coisas do jeito dela, e aí a C. estava aqui [...] e ela queria fazer, também, as coisas dela. E aí ficava, assim, um choque, as duas. Aí foi um momento, assim, que teve esse estremecimento, até mesmo da relação entre elas, e eu estava tentando, no meio, mediando (P.K., 2025). **(grifo nosso)**

Em diálogo com Beck e Beck-Gernsheim sobre a relação que se estabelece entre biografias individuais nos relacionamentos íntimos, Rossi (2022) enfatiza que o amor atua como um elemento central para o reconhecimento e validação do eu. Para o autor, a experiência amorosa contemporânea expressa a busca por uma confirmação singular e socialmente reconhecida da identidade, mesmo que cada parceiro mantenha sua biografia própria. O autor argumenta ainda que o amor não resulta apenas da subjetividade individual, mas é socialmente construído e mediado por discursos, práticas e instituições.

Beck e Beck-Gernsheim (2011) destacam ainda que o processo de individualização se deu de maneira desequilibrada entre homens e mulheres. Isto é, enquanto os homens já estavam plenamente inseridos e adaptados à esfera pública, para as mulheres esse movimento só ganhou impulso a partir da expansão do acesso à educação, trazendo uma nova expectativa de autonomia e autorrealização. Essa nova perspectiva gera conflitos nas dinâmicas familiares na medida que as mulheres deixam de ser as únicas responsáveis pelo trabalho emocional e afetivo nos casamentos, passando a exigir reciprocidade emocional dos homens.

Esse tipo de conflito apareceu na fala de uma das psicólogas entrevistadas para esta pesquisa. Ela enfatiza precisamente o fato de que, com a ascensão profissional, as mulheres passaram a exigir uma maior participação de seus companheiros no trabalho realizado no âmbito doméstico:

As que procuram terapia, uma parte delas já têm consciência, mas elas não usam o termo "carga mental", elas falam, assim, de uma sobrecarga, né? Que agora... com a contribuição da renda, né? **Quando elas contribuem também em casa, e aí que elas se veem mais sobrecarregadas ainda, a mulher também, agora ela passa a exigir do homem que ele também participe, assim "já que eu também participo nas contas, vamos também participar aqui comigo".** [...] Então, algumas têm consciência e outras não. Quando elas falam, nem sempre elas usam a palavra "carga mental", né? De novo, mas elas falam de uma sobrecarga e de um pedido que nem sempre é sobre as tarefas domésticas, mas é mais voltada aos filhos (E.M., 2022). **(grifo nosso).**

Heilborn (2004) realizou ampla pesquisa com casais de camadas médias urbanas no Brasil, analisando, especificamente, a vigência de valores igualitários no âmbito dos relacionamentos. A autora cunhou o termo *contabilidade conjugal* como forma de aferir o que cada membro do casal entrega ao outro em termos de disponibilidade, requisito para manutenção do vínculo. Nas palavras de Heilborn:

A contabilidade conjugal refere-se então [...] a um ajuste permanente do fluxo de trocas que se dá entre um casal. Trata-se de um recurso de conferência das trocas, dos “serviços prestados” entre os dois. **A “contabilidade” parece incidir especialmente sobre o bem maior - a companhia -, cuja mensuração é difícil.** [...] Faz parte do mecanismo de harmonização da relação mostrar-se disposto a realizar os serviços que expressam a concessão de tempo para o parceiro (a), por exemplo, fornecendo-lhe companhia para enfrentar as agruras mais ou menos ácidas do cotidiano (Heilborn, 2004, p. 147). (grifo nosso)

Beck e Beck-Gernsheim identificam ainda duas outras contradições no processo de individualização. A primeira diz respeito ao desafio de conciliar liberdade e vínculo afetivo. Trata-se de um círculo de condições que se retroalimentam. Ao mesmo tempo em que a conquista da autonomia impulsiona as pessoas à busca pela experiência amorosa, a partir da solidão imposta pelo próprio processo que leva à independência, ela também aprofunda o grau de exigência em relação ao outro. Isto é, o processo de construção da sua autobiografia e o alcance da liberdade torna o amor tanto mais importante e almejado quanto difícil e instável.

Mary Del Priore (2005) descreveu o quadro geral:

A liberdade amorosa tem contrapartidas: a responsabilidade e a solidão. [...] Especialistas afirmam que queremos tudo ao mesmo tempo: o amor, a segurança, a fidelidade absoluta, a monogamia e as vertigens da liberdade. Fundado exclusivamente no sentimento que sobrou do amor romântico, o sentimento mais frágil que existe, o casal está condenado à brevidade, à crise. (p. 320-321)

Outra consequência desse cenário é que o vínculo amoroso, uma vez conquistado, precisa ser constantemente renovado e justificado, o que o torna cada vez mais vulnerável diante de frustrações. De todo modo, conforme lembra bel hooks (2020, p. 41): “Em todos os lugares aprendemos que o amor é importante, mas somos bombardeados por seu fracasso. [...] Essa imagem desoladora não altera, de modo algum, a natureza de nosso desejo.”

A segunda contradição ocorre entre uma busca por igualdade de gênero nas relações privadas e uma sociedade estruturalmente desigual para os gêneros. Nas palavras de Beck:

Os “conflitos do século”, que desembocam em atribuições de culpa pessoais e decepções nas relações entre os gêneros, também se devem à insistente tentativa de experimentar uma libertação dos estereótipos de gênero quase somente na contraposição privada entre homens e mulheres, no âmbito da família nuclear, enquanto as estruturas institucionais são mantidas constantes. [...] **A noção central é que a equiparação de homens e mulheres não poderá ser alcançada em estruturas sociais que pressupõem a desigualdade entre homens e mulheres** (Beck, 2011, p. 43). (grifo nosso)

Nesse sentido, o autor se refere, por exemplo, a questões que vão desde o direito e assistência social, passando pelo trabalho, educação e o próprio planejamento urbano. A esse rol podem se somar remédios à desigualdade salarial e o acesso ampliado a creches e escolas em tempo integral, além de outras políticas públicas que facilitariam a conciliação entre trabalho e cuidado familiar. Ou seja, a busca por igualdade de gênero nas relações íntimas só

se torna plenamente possível quando articulada a transformações mais amplas nas estruturas institucionais e nas condições concretas de vida.

Se Giddens destaca o predomínio da autorreflexividade como fundamento das relações modernas e Beck e Beck-Gernsheim enfatizam as contradições entre autonomia, vínculos afetivos e estruturas institucionais, Eva Illouz aprofunda a análise ao examinar o impacto da cultura midiática e das redes sociais, dos discursos terapêuticos e dos mercados nos modos de experienciar e vivenciar o amor. Exponente da terceira geração da Escola de Frankfurt, sua perspectiva traz à tona como, na modernidade tardia, o amor se reconfigura a partir da interseção entre práticas emocionais e racionalidades mercadológicas, produzindo novas formas de negociação afetiva e de gestão dos vínculos (Illouz, 2011).

Suas ideias se disseminaram amplamente entre pesquisadores de diversas áreas interessados nas relações amorosas. Um exemplo brasileiro é Carol Tilkian, psicanalista e pesquisadora sobre o tema, que escreve a coluna intitulada Amor Crônico no jornal Folha de São Paulo. Recentemente a colunista publicou um artigo sobre compartilhar ou não fotos com o parceiro amoroso nas redes sociais. No texto, a autora cita Eva Illouz como referência, tanto para admitir que há superexposição, quanto para reconhecer a legitimidade de reivindicar presença nas redes sociais do parceiro íntimo. Vale a pena transcrever alguns trechos do artigo:

Em geral, o parceiro que não quer tornar o relacionamento público nas redes se coloca como "ser superior": crítico da **lógica mercadológica dos afetos**, imune ao jogo do "**capital cultural do amor**", em que cada gesto romântico vira espetáculo e moeda simbólica. [...] **A crítica dele encontra respaldo em Eva Illouz, por exemplo, que mostra como o amor se tornou produto cultural e se inscreve em narrativas midiáticas e de consumo.** É verdade: há espetacularização. Mas entre a hipertextualização e a simples vontade de existir na vida digital do parceiro há muitas gradações frequentemente ignoradas por quem detém o poder simbólico do "privado". [...] não aparecer nas páginas do parceiro não é apenas uma questão de vaidade: é estar ausente da arena onde se joga grande parte do nosso reconhecimento simbólico. As redes são hoje a nossa praça pública digital, onde também circula o vínculo amoroso. [...] Nesse contexto, invisibilizar o parceiro não soa como neutralidade, mas como uma escolha de **permanecer com a "porta aberta" no mercado simbólico**, sustentando a persona livre e potencialmente disponível. [...] **É como manter ações em alta na bolsa afetiva: não para vender, mas para testar o próprio valor** (Tilkian, 2025). (grifo nosso)

Tilkian se apropriou das ideias de Illouz para refletir sobre o comportamento de casais no âmbito de seus perfis em redes sociais, especificamente no tocante à decisão de expor ou não registros do parceiro amoroso. Para a autora do artigo, o perfil na rede social é como uma vitrine no mercado afetivo e, a atitude de omitir registros do parceiro íntimo, equivale a manter possibilidades em aberto, na medida que não sinaliza claramente o envolvimento em uma relação amorosa. Tilkian, portanto, assume a existência de uma lógica mercadológica que

permeia o amor nas redes sociais, ao mesmo tempo em que legitima a posição de quem exige presença no perfil de seu parceiro.

Illouz argumenta que não há uma oposição estrutural entre amor romântico e capitalismo, mas uma complementaridade reforçada pelo consumo de bens e rituais românticos. Para a autora, as experiências amorosas contemporâneas são permeadas pela simbologia da indústria cultural, pelos cenários de vivência romântica promovidos pelo consumo (viagens, entretenimento, etc.) e pela escolha do parceiro baseada em capitais culturais determinados.⁵⁹

A.F., psicóloga e terapeuta de casal que se descreve como cristã e possui mais de 47 mil seguidores em seu perfil no *Instagram*, foi entrevistada para esta pesquisa. Em uma de suas falas, a terapeuta comenta sobre como essa lógica, massivamente replicada nas redes sociais, pode exercer forte influência sobre os relacionamentos:

Olha, as redes sociais, elas têm um impacto muito grande de destruir o imaginário das pessoas. **Quando as mulheres abrem as redes sociais e na rede social só tem mulher feliz, ganhando presente, comemorando bodas, viajando, joias, isso alimenta o imaginário da mulher e do homem de que o casamento é só satisfação pessoal, é só presente, é só coisa boa.** E isso destrói ainda mais os casamentos por que a pessoa abre a rede social, olha e pensa assim: **“Fulana vive recebendo flores do marido, ela tem um ótimo marido, meu marido não me dá flores, eu tenho um péssimo marido. Fulana vive viajando com o marido, ela é mais feliz do que eu, que não viajo com meu marido.”** Então isso alimenta o imaginário das pessoas de voltar o casamento pro materialismo e pra auto satisfação, né? (A.F., 2025) **(grifo nosso)**

A fala da terapeuta, mais concentrada na experiência das mulheres que atende, reflete a noção de que a performance do amor está diretamente ligada ao consumo, a experiências determinadas - como ganhar flores e viajar com o marido -, sem as quais um relacionamento amoroso seria fracassado.

Nesse sentido, um conceito central para compreender o pensamento da autora é o de “capitalismo afetivo”. Illouz destaca que as relações interpessoais, incluídas aí as relações amorosas, são influenciadas pela cultura do consumo e incorporam modelos de negociação próprios das transações econômicas:

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva - especialmente a da classe média - segue a lógica das relações econômicas e da troca (Illouz, 2011, p. 3).

As relações amorosas seriam formatadas não só pelas expectativas românticas, mas por critérios de valor, eficiência, escolha, autoaperfeiçoamento e até desempenho, típicos do

⁵⁹ Sérgio Costa (2005, p. 118) exemplifica bem isso, lembrando a instituição do “*dating*”, desenvolvida nos Estados Unidos ao longo do século XX e vivenciada em “espaços comerciais de lazer”, como o “escurinho do cinema”, por exemplo.

universo econômico. O resultado é que os vínculos afetivos se tornam objetos de escolha, autoavaliação, cálculo e comparabilidade, submetendo-se à lógica da maximização de benefícios, da gestão de riscos e da construção estratégica do *self*.

A autora mobiliza o conceito bourdieusiano de capital para analisar o que denominou “capital afetivo”. Illouz argumenta que, na modernidade, desenvolveu-se um verdadeiro “campo afetivo”, no qual competências emocionais passam a ser altamente valorizadas e funcionam como formas de capital simbólico e social. A “competência afetiva”, ou seja, a capacidade de exibir estilos emocionais legitimados pela psicologia e aprovados socialmente, converte-se em vantagem estratégica para a obtenção de reconhecimento, bem-estar e ascensão nos relacionamentos íntimos e profissionais. Nesse sentido, o capital afetivo é especialmente relevante para as classes médias e está associado à aplicação dos repertórios terapêuticos e do gerenciamento emocional em situações cotidianas (Illouz, 2011).

O discurso terapêutico, linguagem por meio da qual as pessoas passaram a contar as próprias trajetórias, a construir suas identidades e a compreender seus papéis no âmbito das relações, foi disseminado principalmente pela chamada literatura de aconselhamento, conhecida no Brasil como auto ajuda.

Com a expansão do mercado de consumo, a indústria do livro e as revistas femininas apossaram-se avidamente de uma linguagem que era capaz de acolher a teoria e a história pessoal, o geral e o particular, a ausência de juízos de valor e a normatividade. **Embora a literatura de aconselhamento não tenha um impacto direto em seus leitores, sua importância na produção de um vocabulário para o eu e para a negociação das relações sociais não tem sido suficientemente reconhecida. Grande parte do material cultural contemporâneo nos chega sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer** e, considerando-se que em muitos loci sociais o eu se faz sozinho - recorrendo a diversos repertórios culturais para decidir seu curso de ação -, é provável que a literatura de aconselhamento tenha desempenhado um papel importante na configuração dos vocabulários pelos quais o eu compreende a si mesmo (Illouz, 2011, p. 6). **(grifo nosso)**

Especificamente no campo do amor e da conjugalidade, a literatura de autoajuda se mistura ao discurso religioso e bíblico, fornecendo exemplos práticos abundantes. O livro *Casamento blindado* combina ensinamentos bíblicos a um vocabulário terapêutico e prescritivo, voltado para a gestão dos afetos no matrimônio. Como afirmam os autores:

[...] Há uma maneira eficaz em que homens e mulheres podem resolver os problemas conjugais e evitar que se repitam sem ferir ninguém no processo. Eu chamo essa maneira de **“tratar seu casamento como uma empresa.”** [...] **O casamento também é uma empresa.** Ninguém se casa sem objetivos nem sem buscar resultados (Cardoso; Cardoso, 2010, p. 59). **(grifo nosso).**

Patriota et al. (2022) observam que o discurso terapêutico presente em *Casamento Blindado* articula uma combinação entre fé racional, alicerçada na Teologia da Prosperidade, e uma linguagem de gestão pessoal e emocional típica do capitalismo contemporâneo. Essa

racionalização dos afetos, mediada por recomendações práticas e uma fé “inteligente”, reflete as dinâmicas de responsabilização individual e planejamento estratégico destacadas por Illouz no estudo da literatura de autoajuda terapêutica.

G.S., uma das interlocutoras desta pesquisa, declaradamente cristã e participante de grupos evangélicos de casais, tem uma visão sobre seu casamento bastante ilustrativa do raciocínio exposto acima. Ela enxerga a pandemia como um momento difícil, durante o qual o casal precisou adotar estratégias de convivência e diálogo para enfrentar a crise:

Dentro da nossa rotina a gente conseguiu entender que, na verdade, nós somos uma equipe, que a gente precisa trabalhar juntos pra fazer dar certo. [...] Então, assim, a gente conseguiu ser resiliente, a gente conseguiu ser disciplinado, a gente conseguiu ser respeitoso (G.S., 2025).

Outro exemplo de literatura de aconselhamento que combina os discursos terapêutico e religioso é o *best seller As cinco linguagens do amor*, escrito pelo pastor batista Gary Chapman e publicado originalmente em 1992. Com mais de 20 milhões de cópias vendidas mundialmente e traduções para cerca de 50 idiomas, Chapman afirma que cada pessoa manifesta o amor através de uma linguagem predominante⁶⁰.

O conceito das cinco linguagens do amor foi incorporado pelo discurso popular no vocabulário cotidiano, especialmente nas redes sociais. São muitos os perfis no *Instagram* de psicólogas e terapeutas de casais, com números variados de seguidores, disseminando conteúdos sobre esse tema. Essa difusão pode contribuir para a demasiada simplificação das complexas dinâmicas afetivas. Uma das terapeutas de casal entrevistada utiliza a ideia de linguagens do amor em sua prática clínica:

[...] por exemplo, tu precisa conhecer a tua linguagem do amor, porque se tu não conhece a tua linguagem do amor, tudo que o outro tá fazendo pode ser que tu entenda que ele não te ama, mas é a forma que ele está te amando, só que é a linguagem dele. Então eu vejo que tem muitos casais que não se conheciam, por incrível que pareça. Entravam na sessão e diziam: “mas como assim, tu nunca me falou isso?” Então por isso que eu aplicava também testes, que são das necessidades emocionais, testes das linguagens do amor (L.C., 2025).

Neste ponto também é interessante notar uma semelhança entre o discurso religioso voltado para casais e o discurso terapêutico reproduzido por profissionais da psicologia, notadamente no que diz respeito à linguagem empresarial. O uso de expressões típicas desse meio é perceptível nos serviços de orientação direcionados a casais, tanto por parte de organizações religiosas quanto por psicólogos e terapeutas especializados.

⁶⁰ Segundo Chapman, as cinco linguagens do amor são: palavras de afirmação, tempo de qualidade, presentes, atos de serviço e toque físico.

Uma das psicólogas entrevistadas para esta pesquisa aplica o verbo *gerenciar* para se referir a casais com filhos durante o período de distanciamento social: “Aí, quem tem filho, tem até um estudo que mostra isso, com filho foi pior, porque além do casal ter que se *gerenciar* agora em casa [...]” (E.M., 2022). Outra entrevistada é ainda mais direta:

[...] mas é interessante observar que, assim, por exemplo, eu trabalhei em empresa, a demanda da empresa, por exemplo, era comunicação. Tipo, **"boa comunicação com os funcionários, entre os funcionários", e nos casais é do mesmo jeito.** Acho que é uma grande demanda social, né? Assim, é comunicação. Mas nos casais tem muito disso, né? (P.C., 2022) **(grifo nosso)**

Outra expressão característica do meio de negócios e que é utilizada com frequência para fazer referência à dinâmica dos relacionamentos amorosos é *investimento*:

O casal procura a terapia de casal quando eles já estão super desgastados, né? A energia já está super baixa para **investimento** e, muitas vezes, inclusive, o casal já está separado e a mulher coloca: "olha, a gente só vai continuar junto se a gente fizer a terapia de casal". Normalmente essa proposta vem da mulher. (C.C., 2022) **(grifo nosso)**

Por exemplo, um dos dois é muito tímido e aí vai ter uma dificuldade de comunicação muito grande, né? Então às vezes não é nem porque não quer **investir** ou alguma coisa do tipo, mas é porque tem dificuldade mesmo. Então a gente vai trabalhar essas habilidades, né? (C.C., 2022) **(grifo nosso)**

Na era da *internet*, a lógica mercadológica se transfere para as plataformas digitais que são, ao mesmo tempo, espaço para divulgação de narrativas pessoais e para recebimento de *feedback* social constante, por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, o que reforça um processo contínuo de autorreflexividade e gestão estratégica da identidade. A autora destaca:

A internet estrutura a busca do parceiro como um mercado, ou, mais exatamente, formaliza a busca de um parceiro sob a forma de uma transação econômica: transforma o eu num produto embalado, que compete com outros num mercado aberto, regulado pela lei da oferta e da procura; transforma o encontro no resultado de um conjunto mais ou menos estável de preferências; faz com que o processo de busca seja cerceado pelo problema da eficiência; estrutura os contatos como nichos de mercado; atribui um valor econômico (mais ou menos) fixo a perfis (isto é, a pessoas) e deixa as pessoas nervosas quanto a seu valor nesse mercado estruturado, e ansiosas por melhorar de posição nesse mercado. Por último, deixa-as sumamente cômicas dos aspectos de custo-benefício de sua busca, seja em termos de tempo, seja no sentido de que elas querem maximizar os atributos da pessoa encontrada (Illouz, 2011, p. 133). **(grifo nosso)**

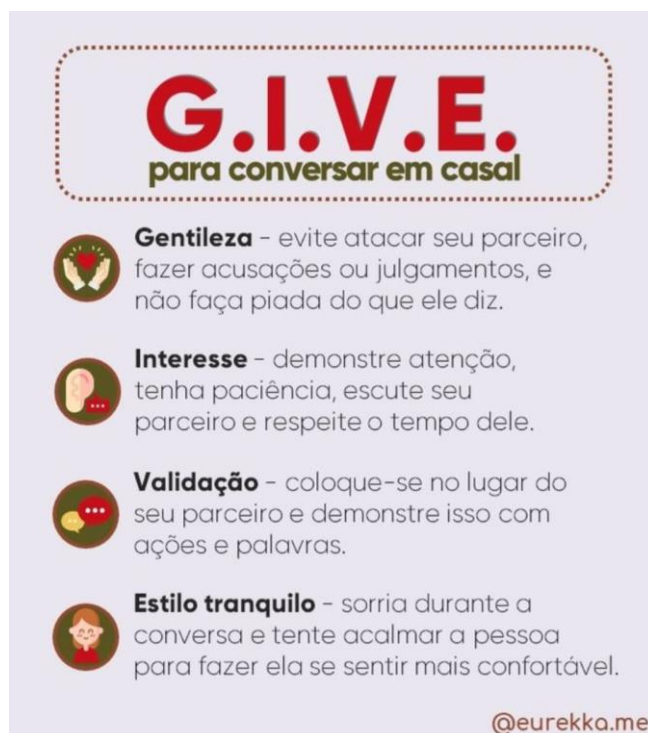
Essa dinâmica coloca os usuários em uma posição paradoxal, na qual buscam autenticidade e pertencimento enquanto se submetem às exigências do capital simbólico das redes. Nesse sentido, as redes sociais funcionam como um dispositivo cultural decisivo para a difusão e a naturalização do discurso terapêutico na vida cotidiana, ampliando suas consequências para as práticas relacionais. Além disso, rompe com a lógica do amor romântico, marcadamente espontânea, caracterizada pela atração sexual e pela presença física, enquanto

que, no “mundo virtual”, a interação se dá de maneira “textual” e “incorpórea” (Illouz, 2011, p. 134).

A intensificação do uso de redes sociais durante a pandemia de covid-19, especialmente nos períodos mais críticos de isolamento social⁶¹, teve efeito sobre o espaço íntimo dos casais. Houve um bombardeio de conteúdos de autoajuda e de saúde mental nas redes, que passaram a prescrever não só maneiras de buscar o equilíbrio individual, mas também protocolos para “salvar o relacionamento”, “evitar conflitos” ou “crescer juntos durante a crise”.

Uma rápida busca na *internet* leva a uma gama variada de exemplos, desde reportagens que convidam especialistas a dar dicas de convivência e postagens em redes sociais, passando por cursos práticos para casais, até campanhas educativas provenientes do governo federal. A Figura 24, abaixo, é uma postagem do perfil @eurekka (2021) no *Instagram*, publicada durante período de distanciamento social, em fevereiro de 2021, recomendando um método para conversar em casal, composto por cinco regras ou princípios básicos: gentileza, interesse, validação e estilo tranquilo.

Figura 24 - Postagem do *Instagram* sobre método de conversa para casais

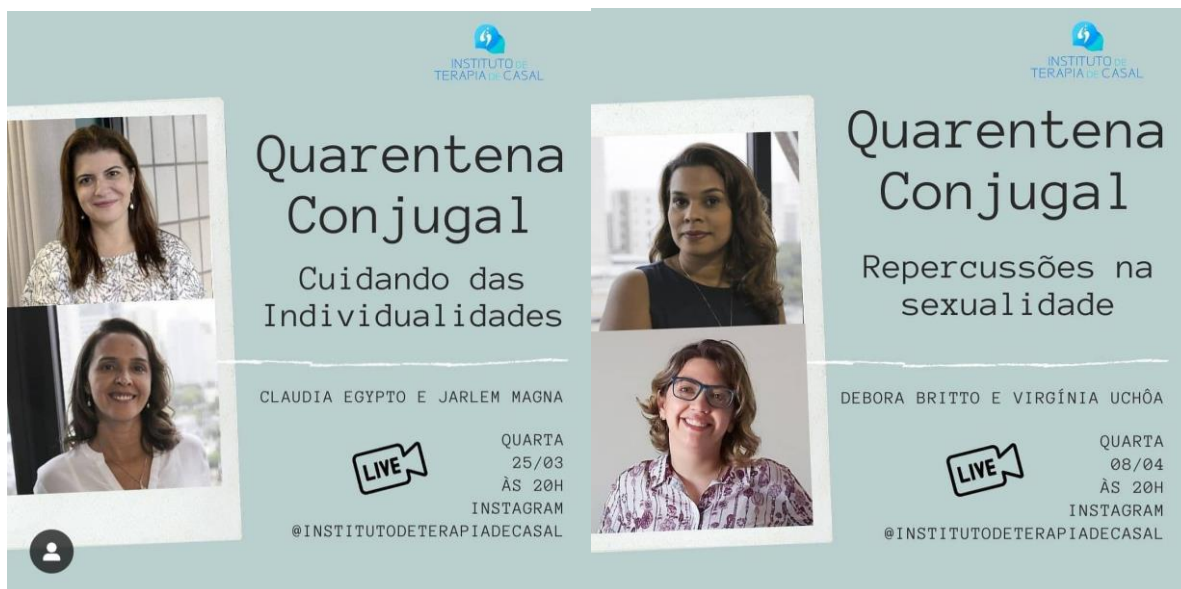


Fonte: @eurekka, 2021.

⁶¹ Pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2021).

O perfil do *Instagram* @institutodeterapiadecasal, já no dia 25 de março de 2020, isto é, cerca de dez dias após o início do primeiro período de distanciamento social, lançou uma série de *lives*⁶² com o título “Quarentena conjugal”, para abordar questões que atravessavam a vida dos casais. As Figuras 25 e 26, abaixo, divulgam duas dessas *lives*, que tinham como objetivo debater individualidade e sexualidade no contexto da quarentena.

Figuras 25 e 26 - Postagem do *Instagram* de divulgação de *lives* sobre quarentena conjugal



Fonte: @institutoterapiadecasal, 2020.

No mês de maio de 2020, o mesmo perfil promoveu um ciclo de cinco encontros terapêuticos, com foco em casais, divulgado conforme a Figura 27. É interessante observar os temas propostos para os encontros: “Função do casal diante das novas necessidades”; “Construindo fronteiras: espaço do casal, espaço familiar e espaço profissional”; “Negociando papéis e novas tarefas no contexto da crise”; “Princípios para desenvolver uma boa comunicação”; “Investindo na intimidade”.

⁶² São transmissões ao vivo promovidas em plataformas digitais como *Instagram* e *Youtube*, geralmente com o objetivo de manter a conexão com o público e gerar interação em tempo real, que alcançaram grande projeção durante os períodos mais rígidos de distanciamento social.

Figura 27 - Postagem do *Instagram* de divulgação de um ciclo de encontros terapêuticos para casais

CICLO DE ENCONTROS TERAPÊUTICOS
INSTITUTO DE TERAPIA DE CASAL

11 MAIO | 20h
FUNÇÃO DO CASAL DIANTE DAS NOVAS NECESSIDADES

13 MAIO | 20h
CONSTRUINDO FRONTEIRAS: Espaço do Casal, Espaço Familiar e Espaço Profissional

15 MAIO | 20h
NEGOCIANDO PAPÉIS E NOVAS TAREFAS NO CONTEXTO DA CRISE

19 MAIO | 20h
PRINCÍPIOS PARA DESENVOLVER UMA BOA COMUNICAÇÃO

21 MAIO | 20h
INVESTINDO NA INTIMIDADE

5 ENCONTROS ONLINE COM FOCO EM CASAIS

Cuidando das relações afetivas na quarentena

Garanta sua inscrição no site:
www.cicloterapeuticoitc.webnode.com

Informações: ☎ (85) 99702.1839

PROFISSIONAIS
Claudia Egypto // Jarlem Magne
Virginia Uchôa // Adriana Gurjão
Debora Britto

INSTITUTO DE TERAPIA DE CASAL

Fonte: @institutoterapiadecasal, 2020.

Deixando o universo das redes sociais, onde predominam textos mais curtos, e partindo para jornais de grande circulação, uma psicóloga ouvida em reportagem para o El País Brasil recomenda que o período de distanciamento social seja aproveitado pelos casais para fortalecer o vínculo e promover bem-estar:

Aproveitar para cozinhar aqueles pratos que não temos tempo para fazer no dia a dia, assistir aos vídeos de Marie Kondo no YouTube e organizar a casa do zero (isso pode criar conflito, mas talvez seja o momento de fazer algo construtivo), tirar o pó do tapetinho (e da Wii Fit) para praticar ioga, alongamentos e outros exercícios em casa, resgatar jogos de tabuleiro, etc. [...] pode ser uma boa ideia limpar a mente da crispação causada pela situação ou pela atitude do nosso parceiro, por exemplo, praticando o relaxamento progressivo de Jacobson por cerca de vinte minutos ou exercitando a respiração abdominal ou diafragmática durante cinco minutos, especialmente quando estamos prestes a perder a paciência. (Sob o mesmo teto..., 2020)

Destaca-se o caráter fortemente prescritivo das recomendações feitas pela psicóloga que, além de sugerir práticas cotidianas detalhadas, ainda indica técnicas específicas de regulação emocional, incluindo relaxamento e respiração diafragmática. Essas prescrições não se limitam a conselhos genéricos, mas orientam de modo concreto o comportamento dos casais,

oferecendo um verdadeiro manual de como agir diante das adversidades impostas pelo isolamento social.

Essa abordagem se insere no campo do discurso terapêutico, na medida em que a linguagem das ciências do comportamento passa a estruturar o modo como as pessoas compreendem, narram e organizam sua vida íntima. Nesse cenário, os relacionamentos se deslocam da espontaneidade para se tornarem objeto de constante auto-investigação e intervenção. O espaço doméstico e afetivo passa a ser permeado por fórmulas terapêuticas e rotinas de autocuidado, reforçando a ideia de que o bem-estar conjugal depende da adoção consciente de práticas recomendadas por profissionais.

É interessante notar ainda que a reportagem foi publicada no dia 18 de março de 2020, isto é, cerca de dois dias após o início do primeiro *lockdown*. Não havia ainda um entendimento claro sobre o alcance ou gravidade da pandemia no Brasil, ou mesmo por quanto tempo seria necessário ficar em casa. Inicialmente, o período de isolamento recomendado era de apenas quinze dias, mas já havia uma preocupação acerca dos possíveis problemas conjugais que a convivência excessiva poderia causar.

Em maio de 2020, a psicoterapeuta belga-americana Esther Perel concedeu entrevista ao *The New Yorker* (Syme, 2020) sobre a convivência dos casais durante o distanciamento social. Perel dá recomendações sobre a melhor forma de conduzir conflitos conjugais, especialmente em situações extremas como a que foi imposta pela pandemia:

Mantenha o foco na questão. Se você quer falar sobre a louça, não acabe abordando cinco assuntos diferentes, dois dos quais aconteceram há anos. Não “jogue tudo na pia”. Limite-se ao único ponto que está incomodando no momento. Além disso, faça um *pedido* e não apenas um *protesto*. [...] Argumente a partir de um lugar de interesse próprio esclarecido [...], e não apenas para “colocar para fora”. Para desabafar, ligue para seus amigos.⁶³ (Syme, 2020) (tradução nossa).

Há, portanto, prescrições bastante claras a respeito de como conduzir os conflitos de maneira construtiva e o menos danosa possível, incluindo estratégias e cálculos nem sempre simples de colocar em prática em contexto de tensão. Trata-se de uma autorregulação que requer atenção constante e altos níveis de reflexividade, além de uma grande capacidade de comunicação.

Aprofundando e exemplificando a forma como se manifesta o discurso terapêutico, dentre as inúmeras *lives*, *workshops* e cursos ofertados para casais durante a pandemia, destaca-

⁶³ Stay focussed on the task. When you want to talk about the dishes, don't end up talking about five different things, two of which are years old. Don't “kitchen sink” it. Keep yourself to the one thing that you're upset about at this moment. Also, make a *request* and not just a *protest*. [...] Fight from a place of enlightened self-interest [...], not just to get it out of your system. To get it out of your system, call your friends.

se a jornada terapêutica denominada *Reconstruindo nosso casamento*, do Instituto Aripe⁶⁴, cujos facilitadores são um casal de psicólogos e terapeutas que atendem casais. Destinada a casais que enfrentam sucessivas crises conjugais, a proposta é oferecer orientação profissional baseada em uma abordagem sistêmica, a fim de facilitar a identificação de espaços de diálogo dentro da relação para encontrar alternativas de reconstrução (Instituto Aripe, [2025]).

Conforme esses exemplos ajudam a ilustrar, o espaço íntimo do relacionamento amoroso passa a ser permeado de uma reflexividade e necessidade contínua de ajustes, que demandam dos indivíduos envolvidos competências afetivas sofisticadas, que se traduzem em capacidade de administrar conflitos e habilidades para o diálogo, gerando um ciclo constante de negociação e reconfiguração da relação, com o objetivo de conciliar biografias construídas individualmente.

Essa ideia é encontrada de maneira muito clara nas falas de pessoas entrevistadas sobre como atravessaram o período da pandemia no tocante aos seus relacionamentos amorosos. São exemplos os relatos de G.S. e S.E. transcritos abaixo, respectivamente:

A gente tirou muito proveito positivo desse momento. Porque ali a gente conseguiu entender que nós somos uma equipe, que a gente precisa trabalhar para fazer dar certo. Então assim, a gente conseguiu ser resiliente, a gente conseguiu ser disciplinado, a gente conseguiu ser respeitoso com o espaço um do outro, com a opinião um do outro. A gente conseguiu encontrar um canal de diálogo porque, ou a gente encontrava esse canal de diálogo, ou a gente ia sucumbir. Porque hoje a gente tem um relacionamento onde a gente tem esse lugar de fala, onde a gente consegue falar sem ferir, onde a gente consegue falar sem machucar ou sem apontar (G.S., 2025).

Eu tenho um relacionamento muito bom com M. há quatro anos. Porque, em quatro anos, a gente não alterou a voz com o outro até hoje. Porque a gente conversa o que a gente precisa conversar. A gente discute o que tem para discutir. A gente não cala naquilo que está magoando. “Eu não gostei disso, não gostei daquilo. Como é que a gente pode fazer? Como é que fica legal?” Então, hoje, virou adulto. Virou saudável (S.E., 2025)

Misturando-se ao discurso terapêutico, o discurso religioso, notadamente de tradição cristã, também se engajou na questão durante a pandemia. A Faculdade Luterana de Teologia criou o curso *Você e eu: ative o amor em seu casamento* a partir da necessidade, identificada durante a pandemia de covid-19, de “fortalecer matrimônios que estão em crise”. O objetivo do curso, segundo os organizadores, é “Ajudar casais a gerenciarem 4 áreas essenciais de um casamento: a sexualidade, as emoções, as finanças e a espiritualidade.” Note-se, aqui também, o uso do verbo *gerenciar* para se referir ao casamento. Entre os assuntos presentes no conteúdo

⁶⁴ O Instituto ARIPE, fundado pelo psicólogo e terapeuta de casais Alexandre Coimbra Amaral, é uma plataforma de cursos online para psicólogas (EAD), psicanalistas, terapeutas individuais, psicoterapeutas, psicopedagogas e demais interessados. Disponível em: <https://www.youtube.com/@InstitutoAripeOficial>.

programático, destaca-se: “Gerenciar melhor os sentimentos pelo cônjuge e identificar emoções negativas, conflitos e traumas” (*Ative o amor em seu casamento*, [2025]).

Assim como o livro *Casamento Blindado*, cujos autores formam um casal, a jornada terapêutica *Reconstruindo nosso casamento* e o curso *Você e eu: ative o amor em seu casamento* têm casais como facilitadores. Em todos os casos, é possível perceber que os casais facilitadores assumem o papel de modelos de harmonia e longevidade conjugal, prescrevendo práticas visando a recuperação de relacionamentos e exercendo influência sobre os casais em crise que buscam o aconselhamento.

Contudo, há diferenças importantes entre as narrativas. Enquanto psicólogos e terapeutas de casais se ancoram em técnicas clínicas para promover a comunicação aberta, o autoconhecimento e a negociação entre os parceiros, o aconselhamento religioso fundamenta-se na adesão a valores bíblicos e cristãos, priorizando a manutenção do casamento como uma missão sagrada, frequentemente colocando a preservação da união acima da busca individual pela felicidade. Nesse contexto, o divórcio não costuma ser uma possibilidade aventada.

Psicólogos e terapeutas, em geral, tendem a encorajar a reflexão sobre a qualidade da relação, valorizando o direito de cada indivíduo à felicidade e ao bem-estar emocional, incluindo no processo a perspectiva real de término, como enfatiza uma terapeuta de casal entrevistada:

[...] tanto que eu bato muito na tecla que a terapia de casal não é para salvar casamento, ela é para ajudar o casal a ficar bem, independente do resultado, se ele vai ficar junto ou não, isso é com eles. [...] terapia de casal não é sobre salvar casamento, não é sobre restaurar casamento [...] eu não quero restaurar um casamento que é abusivo, eu não quero restaurar um casamento que faz mal para as pessoas, eu quero que as pessoas enxerguem a relação como ela é, e tomem as suas decisões, para que eles fiquem bem (T.P., 2025).

Por outro lado, o aconselhamento religioso traz de maneira mais incisiva a ideia de salvar o casamento a qualquer custo, enfatizando o perdão e a permanência como valores quase inegociáveis, refletindo uma dinâmica que privilegia o compromisso assumido com o outro em detrimento dos interesses individuais.

Para somar à lista de exemplos de iniciativas que surgiram a partir da preocupação com casais durante o período de distanciamento social, é interessante observar o material de cunho educativo divulgado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁶⁵, existente

⁶⁵ Chama-se atenção para o contexto de criação deste ministério, isto é, à época o presidente da república era Jair Messias Bolsonaro, um político de extrema direita, que se elegeu com discurso ultra conservador sobre família. A ministra, por sua vez, era Damares Alves (2019-2022), uma pastora evangélica e fundamentalista religiosa, posteriormente eleita senadora pelo Distrito Federal.

à época. Segundo o texto publicado no sítio eletrônico⁶⁶, seriam “dicas para ajudar os casais a cuidarem do relacionamento durante a pandemia de coronavírus” (MMFDH, 2020).

Mostra-se relevante a incorporação, no corpo do texto, das imagens contidas no material divulgado nas redes sociais, visto que os elementos visuais e a estética empregada constituem parte integrante da mensagem e contribuem para sua compreensão global:

Figuras 28 a 31 - Material de divulgação de campanha do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Como manter uma boa vida conjugal?
A vida a dois depende, em grande parte, do reconhecimento do valor da pessoa com quem estamos.

O casal deve ter uma rotina juntos
em meio às obrigações na casa, no trabalho e com os filhos. Aproveitem para organizar a rotina e as finanças.

Nesse momento de incertezas, a vida a dois exige de cada um dos cônjuges cuidado e dedicação.

Valorize o seu cônjuge
identificando pontos positivos, com gestos de carinho, respeito e compreensão.

SECRETARIA NACIONAL DA FAMÍLIA
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL

SECRETARIA NACIONAL DA FAMÍLIA
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL

SECRETARIA NACIONAL DA FAMÍLIA
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL

SECRETARIA NACIONAL DA FAMÍLIA
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL

Fonte: Site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/ministerio-divulga-dicas-para-casais-e-familias-durante-a-quarentena>.

Quando o governo manifesta preocupação com a dinâmica dos casais diante do isolamento social imposto pela pandemia, essa ação institucionaliza um discurso que atribui relevância social a práticas comunicativas e negociações constantes no relacionamento conjugal. Trata-se de uma demonstração clara da validade do argumento teórico dos autores apresentados até aqui, que destacam a necessidade de comunicação reflexiva, ajustes contínuos e construção mútua da intimidade como elementos centrais para o fortalecimento dos vínculos afetivos em contextos de crise.

O ideal do parceiro emocionalmente competente tornou-se um imperativo constantemente avaliado, monitorado e compartilhado em *stories*, *lives* e grupos de apoio *online*. O uso intensivo das redes sociais intensificou problemas advindos da sobrecarga da convivência, aumentou a vigilância mútua e a comparação entre pares, já que o cotidiano de outros casais é exibido como padrão idealizado, potencializando sentimentos de inadequação e inveja. A circulação massiva de discursos desse tipo pressiona os casais a revisar constantemente seus padrões de comunicação e ajustar expectativas, muitas vezes convertendo fragilidades relacionais em falhas individuais de gestão emocional (Illouz, 2011).

Pelúcio (2017), dialogando com Illouz, analisa a mediação tecnológica nas relações amorosas, destacando como aplicativos e *sites* de relacionamento não apenas facilitam encontros, mas também promovem uma racionalização intensa das escolhas afetivas. A autora define os usuários desses ambientes digitais como "investidores emocionais", que calculam riscos e ganhos no "mercado afetivo". Essa racionalização imposta pelas tecnologias redefine as estratégias de autopromoção e seleção, condicionando as experiências amorosas a um regime de negociações e à busca pela otimização dos investimentos emocionais.

Além disso, Pelúcio acrescenta à discussão a forma como essa dinâmica é capaz de afetar as construções de masculinidade, criando novos modelos marcados pela tensão entre vulnerabilidade e controle emocional. Sua análise contribui para expandir as reflexões de Eva Illouz sobre a mercantilização das emoções, ao incorporar as especificidades das tecnologias digitais e suas implicações para as relações afetivas e as identidades de gênero contemporâneas.

Em outra perspectiva, Sérgio Costa (2005, p. 113)⁶⁷, interpretando Illouz e se contrapondo a ela, destaca que, enquanto a autora considera que o "consumo massivo de rituais

⁶⁷ Para o autor, o amor romântico se desdobraria em cinco dimensões: no campo das emoções, manifesta-se como um vínculo intenso entre os indivíduos; como idealização, seria o reconhecimento pleno da individualidade do parceiro; enquanto modelo de relação, reúne paixão sexual, afeição emocional, união matrimonial e projetos de vida em comum; na dimensão das práticas culturais, traduz-se em discursos, ações e rituais amorosos próprios de cada contexto; e, finalmente, no campo das interações sociais, constitui-se através de uma comunicação simbólica exclusiva e diferenciada que distingue os amantes do restante da sociedade (Costa, 2005, p. 113-114).

amorosos constitui o núcleo do amor romântico contemporâneo”, interessa-lhe recuperar a “microsociologia da interação amorosa” de Luhmann para retomar as “tensões entre o amor romântico e o mercado.”

Para Costa (2005), a perspectiva culturalista de Illouz se limitaria a observar o amor de fora, reduzindo-o a seus rituais e objetos visíveis, sem considerar os sentidos atribuídos pelos atores diretamente envolvidos, ignorando a interação simbólica que singulariza a relação amorosa e extrapola o simples consumo. A crítica do autor pode ser entendida pela passagem transcrita abaixo:

Não obstante, falta à análise da autora algo caro à sociologia pelo menos desde Weber: considerar adequadamente os **sentidos construídos e atribuídos pelos próprios amantes à interação amorosa**. Com efeito, a análise de Illouz, extremamente útil para a descrição da dimensão institucional do amor na contemporaneidade (os objetos e rituais que envolve), perde de vista, contudo, aquilo que diferencia as relações amorosas das demais interações sociais, que é justamente a atribuição pelos atores de **um sentido único, particular, mítico ao amor**. Ao se limitar a uma perspectiva externa à relação amorosa e definir o amor como uma prática cultural, a autora acaba tomando o amor por seus rituais, não levando em conta o modo como esses rituais e objetos são integrados à relação amorosa (Costa, 2005, p. 119). **(grifo nosso)**

Com a crítica de Costa ao pensamento de Illouz, retorna-se a Weber e se fecha, embora sem pretensão de esgotamento, o grande círculo do pensamento sociológico sobre o amor, a família e os relacionamentos amorosos, cujo resumo pode ser visto no quadro conceitual abaixo:

Quadro 6 - Sistematização dos principais autores e conceitos abordados

Autor clássico	Conceitos e ideias centrais	Autor contemporâneo	Conceitos e ideias centrais
Émile Durkheim	Transição da família patriarcal para a família nuclear ou conjugal; visão linear e eurocêntrica.	Talcott Parsons	Visão funcionalista e instrumental da família; família como espaço de socialização das crianças; papéis tradicionais dos sexos.
		William Goode	Análise sobre o impacto da modernização e da globalização sobre os padrões familiares; família nuclear.
Max Weber	Ação social; racionalização; Erotismo como esfera de irracionalidade autônoma; especificidade histórica do ideal romântico.	Pierre Bourdieu	Dominação masculina; habitus; casamento como reprodução social de desigualdades.
		Anthony Giddens	Relacionamento puro; amor confluyente; reflexividade e negociação; incorporação dos valores democráticos para a esfera íntima.
Georg Simmel	Ênfase na dinâmica relacional; análise da subjetividade e formas de experiência moderna do amor.	Ernest Burgess	Dimensão relacional dos vínculos familiares; personalidades em interação; companheirismo.
		Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim	Individualização; ambivalência entre liberdade e solidão; instabilidade e riscos dos vínculos.
		Zygmunt Bauman	Amor líquido; instabilidade e fluidez das relações; tom nostálgico com relação à estabilidade do passado.
		Eva Illouz	Capitalismo afetivo; discurso terapêutico; influência do capitalismo e da indústria cultural na vida íntima.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.4 A família no discurso jurídico

O Estado e o Direito exercem influência direta e de variadas maneiras sobre as famílias. Especificamente no que diz respeito ao reconhecimento legal e, conseqüentemente, ao acesso a determinados direitos, essa influência se dá na forma de imposição do casamento como uma condição. Benefícios como herança, pensão, adoção, divisão de bens e até o direito à cidadania foram, historicamente, condicionados ao vínculo matrimonial, reforçando um modelo de família baseado na união formal, notadamente entre um homem e uma mulher, excluindo outros arranjos familiares.

Iris Marion Young (1997, p. 102) explica como casamento, heterossexualidade e procriação formam uma tríade que caracteriza a família padrão normalizada e legitimada pelo Direito: “Taking a cue from the "family values" debate, we can say that marriage is the keystone of The Family as denning order and legitimacy. The institution of modern marriage normatively links the regulation of sexuality, procreation, and property.”⁶⁸

Flávia Biroli também trata do assunto:

A ideia de que casamento, heterossexualidade e procriação, conjuntamente, definem o que é uma família determinou por muito tempo a fronteira da legitimidade no âmbito do casamento, da parentalidade e de outros direitos associados modernamente à família. E, claro, produziu assim seu outro lado, as formas de opressão e de exclusão que essa definição restrita produz. O casamento heterossexual, como dito anteriormente, é uma peça fundamental da noção moderna de família (Biroli, 2014, p. 54).

Especificamente no Brasil, esses valores encontram raízes profundas na religião, que regulava as relações familiares até o final do século XIX, quando o Estado passa a fazê-lo. Entretanto, as regras ainda tinham origem nos fundamentos da Igreja Católica (Biroli, 2014).

A legislação civil sobre casamento e família é o âmbito de acomodações e de disputas entre o poder secular e as igrejas. Na história brasileira, assim como na de outros países latino-americanos, o advento da República institui o Estado laico, mas não significa na prática uma ruptura com o poder e as disposições da Igreja Católica (Biroli, 2014, p. 51).

Há no país um tensionamento entre influência religiosa e laicidade no que diz respeito à regulação da esfera doméstica. Ainda que o advento do Direito Civil codificado tenha buscado atenuar a interferência de valores cristãos nas normas concernentes às famílias, o que se verifica na prática, até os dias atuais, é a permanência de resquícios do discurso religioso na forma como

⁶⁸ Seguindo a linha do debate sobre os "valores familiares", podemos dizer que o casamento é a pedra angular da Família, pois define a ordem e a legitimidade. A instituição do casamento moderno, de forma normativa, vincula a regulação da sexualidade, da procriação e da propriedade. (tradução nossa)

se interpreta as dinâmicas familiares à luz do Direito, especialmente no tocante à posição da mulher.

É notório que, entre nós, a Igreja influenciou decisivamente na vigilância inquieta de costumes misóginos e do abafamento do feminino, o que se transmitiu às mãos do Estado ao tomar com exclusividade as rédeas oficiais da domesticidade. [...] Do tempo de que se oxigenou a codificação, assistiu-se à crescente competição pelo poder estatal de dizer o Direito das Famílias temperada pela resistência generalizada quanto ao desvanecer da ordem religiosa nos assuntos matrimoniais. [...] A afirmação da laicidade marcou o pensamento jurídico moderno, do qual o Código é edifício ímpar, mas é inegável que o Direito das Famílias teve, como continua tendo, conteúdo disputado pelo discurso religioso, o que influencia na compreensão da situação feminina (Oliveira, 2016, p. 60-62).

O ordenamento jurídico brasileiro possui um conjunto de leis que tratam da família, tanto levando em consideração os direitos individuais e patrimoniais de seus membros, como atentando para deveres que advêm da solidariedade e da afetividade, próprias da família moderna. A principal legislação a condensar as disposições sobre a família é o Código Civil.

O Código Civil de 1916 vigorou no Brasil até o ano de 2002, quando passou a vigor a atual legislação. Se o Direito deve acompanhar as transformações da sociedade, talvez se possa afirmar que a legislação civil atual chegou um pouco atrasada para garantir direitos relacionados à família. É certo que a Constituição Federal de 1988 já antecipou algumas concepções mais modernas sobre a família, mas outros direitos só vieram a se concretizar mais tarde.

A lei de 1916 determinava que o requisito para a constituição de uma família era o matrimônio, isto é, se não houvesse casamento formalizado, não havia família. Essa disposição deixava de fora uma série de configurações familiares, como aquelas que hoje se conhecem como uniões estáveis, sobretudo formadas por pessoas pobres, que ficavam desamparadas pela lei. Quanto à parentalidade, por exemplo, apenas eram considerados filhos legítimos aqueles havidos dentro do casamento, regra que também deixava desassistidos muitos “filhos do adultério”.

Além disso, o Código Civil de 1916 dispunha que:

Art. 233. **O marido é o chefe da sociedade conjugal.** Compete-lhe: I. A representação legal da família; II. A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher, que ao marido competir administrar em virtude do regime matrimonial adotado, ou do pacto antenupcial; III. direito de fixar e mudar o domicílio da família; IV. O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do tecto conjugal; V. Prover à manutenção da família [...]. (grifo nosso)

Sob a égide do Código Civil 1916, a mulher casada era considerada incapaz para praticar os atos da vida civil sem a autorização do marido, isto é, era equiparada a menores de idade e pessoas com deficiência mental. Na prática, a autonomia financeira da mulher era severamente limitada, já que ela não podia administrar seus próprios bens, celebrar contratos, trabalhar sem o consentimento do esposo ou mesmo mover ações judiciais em seu nome.

Apesar das profundas transformações sociais e culturais da época, impulsionadas pela expansão do capitalismo e que impactaram decisivamente as formas de relacionamento, “o Código Civil de 196 mantinha o compromisso com o Direito Canônico e com a indissolubilidade do vínculo matrimonial.” (Del Priore, 2005, p. 246) A historiadora Del Priore traz a forte influência que a religião exercia sobre as leis no Brasil, sobretudo no que diz respeito aos laços familiares:

A pá de cal veio com um documento do Vaticano assinado por Pio XI. O pontífice considerava uma “iniquidade abusar da fraqueza feminina” obrigando mães de família a trabalhar “por causa da mesquinhez do salário paterno”. Deixar a esposa ganhar a vida fora das paredes domésticas descuidando de deveres próprios e da educação dos filhos era, na visão machista da Igreja Católica, uma vergonha! (Del Priore, 2005, p. 248)

Em 1962, com o advento do chamado Estatuto da Mulher Casada, algumas mudanças no status civil da mulher foram implementadas. A mulher casada deixou de ser considerada incapaz, podendo exercer livremente sua profissão sem precisar da permissão do marido. Além disso, passou a ter direito à administração de seus bens, salvo nos casos de regime de comunhão universal, onde a gestão ainda era majoritariamente do esposo.

O marido continuava a ser considerado o chefe da sociedade conjugal, mas agora essa função era exercida com a colaboração da mulher, segundo os interesses comuns do casal e dos filhos. A introdução da ideia de pário poder compartilhado permitiu, do ponto de vista legal, que as mães tivessem mais voz na educação e guarda dos filhos, o que antes era um direito exclusivo do pai. É importante destacar, entretanto, que se trata de um paradoxo, na medida que mulheres, historicamente e na prática, já eram incumbidas de questões relacionadas ao cuidado e educação dos filhos.

Mais tarde, foi aprovada a chamada Lei do Divórcio, de 1977, que trouxe a possibilidade de dissolução da sociedade conjugal por meio do divórcio. Antes dessa lei, a separação só era possível através do desquite, que garantia a separação de corpos mas não dissolvia o vínculo conjugal, impedindo as pessoas de contraírem matrimônio novamente. Para uma melhor compreensão da figura do desquite:

O chamado “desquite” não dissolvia a sociedade conjugal. Esta marginalização, de nítido caráter punitivo, tinha por objetivo obrigar as pessoas a permanecerem casadas. Os vínculos afetivos constituídos fora do casamento não eram considerados uma família. Independente do tempo de convívio, do número de filhos, ficavam à margem do Direito das Famílias e das Sucessões. Tais uniões – com o nome de “concubinato” – eram consideradas meras sociedades de fato. Via de consequência, não existia direito a alimentos, previdenciários ou sucessórios. Exclusões que vinham sempre em prejuízo da mulher (Dias, 2021, n.p.).

Ainda que tenha representado um avanço significativo, a Lei do Divórcio foi aprovada com inúmeras restrições. Em primeiro lugar, só se podia divorciar-se uma vez, o que

permaneceu válido até 1989. Até a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/1988), atualmente vigente, era preciso provar a separação de fato por um período de cinco anos para que o divórcio fosse efetivado. Com a promulgação da constituição, esse período foi reduzido para dois anos.

A Emenda Constitucional nº 66/2010 veio modificar esse cenário para permitir o divórcio direto. Isto é, até o ano de 2010, um casal não poderia simplesmente, como ocorre atualmente, divorciar-se de imediato. O intuito por trás da norma era, portanto, postergar ou dificultar a dissolução do casamento, dando uma espécie de última chance ao casal.

A resistência da igreja católica e de setores conservadores à possibilidade de divórcio era tão grande no Brasil, que o país foi um dos seis últimos do mundo a instituir o divórcio. Travou-se uma verdadeira batalha para que finalmente fosse aprovada a lei que permitia a dissolução da sociedade conjugal por meio do divórcio. Os argumentos contrários iam desde afirmar que a possibilidade do divórcio acabaria com a família e seria responsável pela redução drástica da natalidade, até dizer que fomentaria a criminalidade infantil.

Atualmente não há mais entraves jurídicos ao divórcio. Entretanto, é possível observar uma série de obstáculos sociais e culturais que influenciam, sobretudo, a decisão das mulheres. Essas questões foram verificadas na fala de P.N., que relata episódios negativos concretos, inclusive de preconceito, que enfrenta por ser uma mulher divorciada:

Então, por isso que eu digo, eu entendo demais, né? Quando alguém chega pra mim e diz: “Olha, eu não consigo.” Porque não é fácil mesmo, assim. **Às vezes, você acaba se submetendo a outros tipos de violência, porque quando você se separa você passa por outros tipos de violência e preconceito também, sabe?** Por exemplo, aqui no meu prédio são oito apartamentos, né? Estava até falando pra minha mãe. Tem um senhor que se ofereceu pra me ajudar e eu, assim, como eu não tenho maldade, né? Eu aceitei. E aí depois a esposa dele estava com a cara feia pra mim, assim, né? Aí eu me toquei. Meu Deus, tipo assim, eu sou divorciada. Assim, se eu fosse casada, ela poderia achar ruim? Poderia. Mas a gente passa, sabe? Tem a questão da escola, né? A minha filha, eu matriculei ela com seis meses, né? Na escolinha. E aí tem a questão da construção familiar na escola, que eu acho que a escolinha dela tem muito cuidado. Mas a gente mesmo tem a nossa construção tipo, de família, né? Então tem muitos momentos, ou sou eu que vou buscar ou é ele, separado. E lá, quando a gente vai, tem os casais, né? Aí tem as festinhas. Aí a gente vai encontrando, assim, a nossa forma, né? Mas é difícil. Dá um bug na nossa cabeça, sabe? (P.N., 2023) **(grifo nosso)**

Com a promulgação da CF/1988, também conhecida como Constituição Cidadã, passou a vigorar uma série de princípios norteadores que apontam para uma nova visão de família, abarcando novas possibilidades de configuração familiar, cujo centro são os vínculos afetivos e não a consanguinidade:

Mas não só a família, também a filiação foi alvo de profunda transformação. O afeto, elemento identificador das entidades familiares, igualmente passou a servir de parâmetro para a definição dos vínculos parentais. [...] De um lado existe a verdade biológica, comprovável por meio de exame laboratorial que permite afirmar, com

certeza praticamente absoluta, a existência de um liame biológico entre duas pessoas. De outro lado há uma verdade que não mais pode ser desprezada: o estado de filiação, que decorre da estabilidade dos laços de filiação construídos no cotidiano do pai e do filho, e que constitui o fundamento essencial da atribuição da paternidade ou maternidade (Dias, 2015, n.p.).

Essa ideia inaugurou um marco no Direito e abriu espaço para uma série de inovações e ampliação de direitos, como o reconhecimento da união estável enquanto entidade familiar (posteriormente regulamentada pelo Código Civil de 2002), a filiação socioafetiva, a garantia de direitos iguais entre filhos biológicos e aqueles advindos da adoção, entre outros.⁶⁹

A partir de então, os casais que, por qualquer motivo, não formalizaram o casamento, passaram a acessar alguns direitos, como partilha de bens e alimentos. Essa regra promoveu a inclusão de milhares de famílias e o reconhecimento do Direito e do ordenamento jurídico brasileiro a configurações familiares diversas. Ainda assim, outros grupos continuaram a ser excluídos, como é o caso da população LGBT+. Apenas em 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) se posicionou no sentido de reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar; e só em 2013 foi efetivamente garantido o direito ao casamento.⁷⁰

Assim, nas últimas duas décadas, vem ganhando força a ideia de afetividade como o requisito fundamental caracterizador da família. Entraram em cena o dever de solidariedade entre seus membros e a noção de direito fundamental à felicidade. Esse novo conjunto de interpretações sobre a família trazem repercussões diversas, que envolvem tanto o reconhecimento de direitos para uma parcela significativa da população que se via desassistida, como também lança luz sobre um cenário em que a família passa a ser menos uma imposição rígida e mais uma construção fluida e plural, em que prevalece a busca por realização afetiva e liberdade.

Essa ideia geral aparece na fala de uma das advogadas familiaristas entrevistadas para essa pesquisa, no sentido de compreender como essas profissionais enxergam essas mudanças em sua prática cotidiana:

Mas para além disso, acho que essa visão das pessoas de se prevenirem e também de **estarem cada vez mais comprometidas com seus próprios propósitos pessoais e de não se apegarem mais a um modelo de família tradicional, assim, de estarem realmente buscando a sua própria felicidade de uma forma mais livre, mais sem amarras.** E as famílias... e aí surgem novos desafios, porque se as pessoas estão mais livres, elas vão... as famílias são cada vez mais diferentes, mais cheias de aspectos, **paternidade e maternidade socioafetiva junto com famílias mosaicos ou famílias**

⁶⁹ Artigo 226, §3º e artigo 227, §6º da Constituição Federal.

⁷⁰ Atualmente, está em discussão na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família (CPASF) da Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 5.167/2009, que visa proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. A proposta busca alterar o Código Civil para definir o casamento como a união exclusiva entre um homem e uma mulher.

reconstituídas, aí isso tudo repercute no direito sucessório também. (A.M. 2022) **(grifo nosso)**

A visão de família baseada mais no afeto do que na consanguinidade também emergiu da fala de P.K., um dos interlocutores que concedeu entrevista sobre como seu relacionamento atravessou a pandemia. Discorrendo sobre sua configuração familiar na infância, ele aborda o relacionamento dos pais que, embora tenham se divorciado, mantiveram uma amizade até o falecimento de sua mãe. Em suas palavras:

Então, pra mim, essa questão de família, até hoje eu tenho isso muito arraigado a mim. **Pra mim, família é onde a gente se sente acolhido, é onde a gente se sente... A família, pra mim, não é só o laço sanguíneo, é, de fato, onde a gente... é um laço maior de afeto mesmo. [...] Então, pra mim, essa questão, realmente, família foi sempre mais essa questão da construção, né? Do ambiente, da solidez, de você estar ali, tendo um amparo emocional.** Até as pessoas falam: “Nossa, mas teus pais eram divorciados e tal. Isso te impactou de alguma forma?” Eu digo: “É, a gente sente um pouco no começo, porque eu era adolescente e tal, mas depois eu comecei logo a ver que foi melhor, da maneira como tava... Então, pra mim, não, não afetou. E, como eu disse, meu pai sempre foi muito presente, ele mantinha, manteve uma amizade muito boa com a minha mãe, minha mãe com ele e tal. E até minha mãe falecer, minha mãe faleceu em 2021, eles sempre mantiveram esse bom relacionamento. Inclusive, a minha mãe foi pros casamentos dele. Então, mantinha um relacionamento bacana com as esposas dele. Então, bem, pra mim, esse modelo de família era muito baseado nisso aí mesmo, nessa questão do afeto, do laço que você constroi (P.K., 2025). **(grifo nosso)**

A antropóloga Cláudia Fonseca usa a expressão “primado do afeto” para se referir à importância dos laços afetivos na constituição das relações familiares, muitas vezes sobrepondo-se aos laços biológicos. O primado do afeto teria tornado a separação conjugal algo natural: “quando termina o amor, termina a relação.” (Fonseca, 2000, p. 772) Para Biroli (2014, p. 50), essas novas configurações das relações “[...] definem um ambiente moral e institucional em que os casamentos se dissolvem mais facilmente [...]”.

Trata-se da perspectiva eudemonista, que enfatiza a realização do bem-estar individual como princípios fundamentais na interpretação e aplicação das normas jurídicas, especialmente no âmbito do Direito das Famílias (Oliveira, 2016). Tal perspectiva coaduna com as configurações familiares e com o modelo de relações amorosas que são observados na modernidade, como visto no tópico anterior.

Apesar de muitos avanços legislativos e jurisprudenciais, percebe-se que as instituições ainda operam, muitas vezes, “em categorias juridicamente fixas de ‘biografias normais’, que correspondem cada vez menos à realidade”, conforme destaca Ulrich Beck (2011, p. 57). O ordenamento jurídico brasileiro, embora mais plural, frequentemente não contempla a enorme diversidade de arranjos afetivos e familiares já existentes, evidenciando um descompasso entre a experiência social contemporânea e as classificações ainda predominantes na legislação e na jurisprudência sobre famílias.

No Direito das Famílias, tem ganhado força, sobretudo entre advogadas, uma tendência de atuação com base em teorias e interpretações feministas das leis. Por meio dessa linha de argumentação, juristas têm tentado desafiar noções sexistas do judiciário sobre guarda de filhos, impactos da maternidade na carreira das mulheres, pensão alimentícia, partilha de bens e sobrecarga doméstica. Uma advogada familiarista, entrevistada no âmbito desta pesquisa, relata sobre como se dá seu trabalho junto a mulheres que a procuram para causas de divórcio, guarda de filhos e pensão alimentícia:

Além disso, a própria consulta também tem características diferentes. É muito interessante, uma consulta com uma mulher exige todo um trabalho necessário de empoderamento, e com isso eu não tô querendo dizer que eu me torno psicóloga, de forma nenhuma! A gente deixa muito claro que não temos essa expertise, mas por uma identidade feminina, por uma solidariedade, por uma empatia, né? Por um compartilhamento, inclusive, do que acontece com outras mulheres para que elas não se sintam também alienígenas. Então, a consulta, ela também passa por esse viés, tá entendendo? **E aí são consultas bem mais demoradas, mais minuciosas, né? Onde há uma preocupação exorbitante em relação ao filho. Uma consulta com homem, eu normalmente percebo algo diferente, né? São consultas onde eles são mais objetivos, eles são mais diretos, menos... pensando, assim, em tantos detalhes, né? Não tem domínio sobre as minúcias do cotidiano e do dia a dia, então falta realmente tudo isso que ainda hoje sobrecarrega mais o lado materno (O.P., 2022). (grifo nosso)**

Outra advogada familiarista entrevistada relata diferenças entre clientes homens e mulheres que a procuram:

Inclusive eu sou estudiosa, né? Dos feminismos, das masculinidades e das feminilidades, e uma das coisas que a gente vê é que realmente **o poder aquisitivo feminino é bem menor por vários motivos, vários motivos, né? Existe ainda aquela cultura de que a responsabilidade familiar pertence à mulher, ela culturalmente tem o dever de cuidado, então a mulher fica com o dever de cuidado dos filhos, fica com o dever de cuidado dos idosos, caso tenha na família, ou das pessoas que tenham algum tipo de necessidade especial, alguma deficiência. E elas também precisam auferir renda, né?** Então é bem mais comum que clientes homens me procurem, porque as mulheres têm medo de chegar por não poder pagar, entendeu? (A.Z., 2022) **(grifo nosso)**

Nesse sentido, destaca-se o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero, publicado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2021, como um instrumento para o alcance do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº5⁷¹ da Agenda 2030 da ONU. O protocolo estabelece diretrizes para que magistrados considerem as desigualdades estruturais entre homens e mulheres ao proferir decisões judiciais.

O protocolo orienta a aplicação de uma análise contextualizada em casos que envolvem violência doméstica, divisão do trabalho doméstico, guarda dos filhos, direitos sexuais e reprodutivos, entre outros temas. Além disso, recomenda que os tribunais evitem interpretações

⁷¹ Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2025).

baseadas em estereótipos de gênero, garantindo que mulheres em situação de vulnerabilidade tenham seus direitos plenamente respeitados.

Por outro lado, não se pode ignorar, especialmente entre os homens, uma mudança de comportamento em curso que, embora lenta, vem se mostrando cada vez mais consistente, principalmente entre camadas médias da sociedade. Beck (2011, p. 57) já observava essa mudança: “O grupo crescente de homens que são pais criando os filhos sozinhos se vê discriminado por leis de divórcios atreladas ao monopólio materno.”

Uma advogada de família atuante há mais de duas décadas, quando questionada sobre que mudanças destacaria em sua área de atuação, responde:

Destaco uma maior vontade na participação paterna na vida dos filhos, destaco isso. Eu tenho vários clientes homens e esses clientes homens, uma característica em comum é que eles desejam se fazer mais presentes na vida dos filhos, isso aí é uma grande mudança! (A.Z., 2022)

Há ainda uma nova tendência que requer atenção dos operadores do Direito, observada de forma ainda incipiente no Brasil, mas já apontada por Beck-Gernsheim (2011, p. 89) há algumas décadas. Estaria surgindo um “novo tipo de mãe solteira.” Nas palavras da autora:

Trata-se da mulher que quer um filho sozinha, sem marido e fora do âmbito da relação a dois tradicional. [...] Esses desejos podem receber novo impulso com a tecnologia reprodutiva moderna. Já há relatos - dos Estados Unidos e da Austrália - de mulheres que passaram por tratamento *in vitro* durante o casamento e agora, apesar do fracasso no casamento, querem um implante de embriões congelados; por outro lado, os homens vão aos tribunais contra isso, porque rejeitam uma possível paternidade após a dissolução do casamento (Beck-Gernsheim, 2011, p. 89).

É fundamental ressaltar, porém, que essa tendência é mais observada entre mulheres de classe média e alta. Esse recorte se deve, sobretudo, ao fato de que o acesso a tratamentos como a fertilização *in vitro* demanda recursos financeiros consideráveis, além de informação qualificada sobre os caminhos possíveis e disponibilidade de tempo para enfrentar os procedimentos médicos e legais envolvidos. Além disso, mulheres com carreira profissional consolidada e autonomia econômica têm maior poder de decisão sobre seus projetos de vida e conseguem arcar com os custos e desafios de criar um filho sem apoio conjugal — realidade que ainda está distante para aquelas em situações de maior vulnerabilidade social.

Mesmo diante dos avanços legislativos e das profundas transformações nas configurações familiares, persiste uma concepção de família profundamente conservadora e patriarcal, que atribui às mulheres o papel central de responsáveis pelo núcleo familiar e pela criação dos filhos. Essa representação, atravessada por múltiplas nuances — que podem oscilar entre percepções positivas e negativas —, ainda exerce forte influência sobre o imaginário

social e o sistema de justiça, reverberando diretamente sobre a experiência cotidiana das famílias brasileiras.

É levando em consideração todo esse contexto jurídico e sociocultural esboçado nas páginas anteriores que foi realizada a análise das falas dos entrevistados, apresentada no capítulo seguinte.

4 “A PANDEMIA MUDOU A MINHA VIDA”: DESVENDANDO PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS

A análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas se destina a explicar os impactos da pandemia nos relacionamentos amorosos, mergulhando nos sentidos atribuídos pelos atores às suas vivências. É nesse sentido que a técnica da entrevista está alinhada à perspectiva teórica já exposta, uma vez que busca se aprofundar na dimensão microsociológica do problema.

Antes de avançar, porém, são necessárias algumas considerações. Como já exposto no Capítulo 2, os interlocutores foram selecionados a partir da divulgação da pesquisa em redes sociais e por meio do “boca a boca”. Inevitavelmente, as pessoas entrevistadas, em geral, fazem parte da classe média e tiveram acesso ao ensino superior, possuindo, portanto, um certo capital educacional. Também é possível afirmar que possuem recursos discursivos que os permitem elaborar suas emoções e refletir sobre seus relacionamentos a partir da linguagem e dos conceitos utilizados no roteiro das entrevistas e na pesquisa em si. Em suma, os interlocutores não viviam em condições precárias ou mesmo enfrentavam quaisquer ameaças à sua subsistência durante a pandemia.

Em segundo lugar, é preciso reforçar a não linearidade do processo de seleção dos interlocutores, sobretudo pela resistência e pouca abertura para se falar sobre o assunto. Nesse sentido, foi ampliado o escopo da pesquisa para incluir pessoas que não se divorciaram na pandemia, cujas relações se fortaleceram nesse período, além de outras que, pelo contrário, uniram-se durante a pandemia. Esse movimento exigiu um exercício de observação atenta do campo e abertura para aquilo que não estava inicialmente no radar.

Outro ponto relevante diz respeito ao fato de que parte das entrevistas foi realizada já em 2025, isto é, pelo menos quatro anos após os períodos mais rígidos de isolamento social. Por um lado, as memórias sobre minúcias do cotidiano já não são tão claras; por outro, pode-se dizer que certos temas não são mais tão sensíveis e a distância temporal pode ter feito com que as pessoas se sentissem mais confortáveis para falar sobre o período da pandemia. Outro aspecto a ser considerado é que o tempo transcorrido permitiu uma maior elaboração dos sentimentos e percepções sobre o que a pandemia representou; refletir sobre um evento passado, olhando para ele em retrospectiva e com maior distanciamento, pode trazer interpretações diferentes do que aquelas que se teria à época dos acontecimentos.

Além disso, é importante ter sempre em mente o que Goldenberg (2004, p. 85) ensina sobre a entrevista enquanto uma técnica de pesquisa qualitativa: “Trabalhando com estes

instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros.”

Assim, este capítulo é dedicado a sistematizar os dados qualitativos coletados em categorias de análise que auxiliem na compreensão do problema de pesquisa proposto. Neste ponto, é importante destacar que é possível distinguir dois grupos de pessoas entrevistadas: aquelas cujos relacionamentos amorosos foram rompidos durante ou após a pandemia e aquelas cujos relacionamentos atravessaram a pandemia e se mantiveram até o momento da entrevista.

Entretanto, há gradações e nuances significativas dentro de cada um dos grupos. Há casos, por exemplo, em que a pessoa não chegou a se separar, mas reconhece que o relacionamento enfrentou momentos de incertezas durante a pandemia. Por outro lado, há relatos de pessoas que vieram a se separar, mas contam sobre boas memórias do período de isolamento social. Isso demonstra a complexidade do tema e a impossibilidade de uma análise engessada ou rígida.

A tarefa aqui empreendida também consiste na tentativa de contornar o problema exposto por Bardin na passagem abaixo:

A principal dificuldade da análise de entrevistas de inquérito deve-se a um *paradoxo*. De forma geral, o analista confronta-se com um conjunto de “x” entrevistas, e o seu objetivo final é poder inferir algo, por meio dessas palavras, a propósito de uma realidade (seja de natureza psicológica, sociológica, histórica, pedagógica...) representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social. Mas ele encontra também - e isto é particularmente visível com entrevistas - *peças* em sua unicidade. Como preservar a “equação particular do indivíduo”, enquanto se faz a síntese da totalidade dos dados verbais proveniente da amostra das pessoas interrogadas? (Bardin, 2016, p. 94).

Ou seja, a análise aqui exposta é um esforço de sistematizar em categorias o conjunto de percepções e vivências coletado nas entrevistas, sem perder de vista aspectos individuais dos relatos. Em pontos específicos, as falas dos sujeitos da pesquisa são postas em diálogo com as falas dos terapeutas e com dados qualitativos coletados no âmbito de outras pesquisas. Em alguns momentos, a análise gira em torno de categorias generalizáveis para todo o grupo de entrevistados. Em outros, é possível que a experiência individual de um interlocutor se sobreponha a quaisquer categorias, justamente por sua especificidade.

4.1 “A pandemia foi uma catalisadora dos problemas”: o discurso de quem se distanciou

Neste tópico, são analisados os relatos dos interlocutores que, tendo encerrado seus relacionamentos durante ou após a pandemia, consideram que ela teve um papel de *catalisadora* dos problemas que levaram à separação. Surpreendentemente, a palavra “catalisadora” foi

empregada mais de uma vez por diferentes entrevistados, além de ter sido encontrada em outros materiais, como reportagens e artigos científicos (Souza, Almeida e Gomes, 2022). Expressões como “lupa”, “gota d’água” e “elefante branco na sala” também foram utilizadas para fazer referência a como a pandemia intensificou ou, simplesmente, escancarou problemas já existentes.

4.1.1 A hiper convivência e seus desdobramentos

Segundo Arraichi e Ghourdou (2023), 42% dos casais britânicos reconheceram que as medidas de isolamento social impactaram seus relacionamentos amorosos. No artigo intitulado *Analysing the Effect of COVID-19 on the Divorce Rates in England- Post-Pandemic: London as a Case Study*, os autores afirmam que a pandemia da covid-19 alterou profundamente as dinâmicas conjugais, com a imposição de maior proximidade entre parceiros, provocando atritos por um lado, mas fortalecendo vínculos por outro.

Kerbaui, Bartilotti, Sneiderman (2020) aplicaram questionários junto a 30 indivíduos casados, moradores da cidade de São Paulo e com idades entre 30 e 50 anos. Os resultados foram publicados em um artigo intitulado *Reflexões sobre o impacto da pandemia de covid-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da psicoterapia psicanalítica*. Segundo os pesquisadores, para 35% dos entrevistados, a hiper convivência foi a maior geradora de conflitos.

Outro estudo qualitativo, realizado com casais australianos com filhos de até 18 anos de idade, intitulado *From “It Has Stopped Our Lives” to “Spending More Time Together Has Strengthened Bonds”*: *The Varied Experiences of Australian Families During COVID-19*, revelou que as medidas restritivas e a intensificação da convivência atuaram como fatores de estresse para grande parte das famílias, variando em diferentes graus. Isto é, para alguns casais os problemas já existiam e foram exacerbados pelas condições impostas pela pandemia, enquanto que, para outros, essas condições desencadearam o estresse:

Muitas famílias indicaram que as restrições estressaram seus relacionamentos. As respostas variaram em gravidade, com alguns pais comentando que a separação ou divórcio era um resultado provável de ficarem confinados em casa com o parceiro. **Os comentários sobre separação podem refletir a pressão adicional sobre o relacionamento do casal no contexto do distanciamento social e do tempo forçado juntos, ou podem ter sido iniciados pelo estresse das restrições.** Para algumas dessas famílias, dificuldades relacionais existentes foram exacerbadas por estressores relacionados à pandemia. Para outras, o impacto da pandemia pareceu mais complicado, com estressores intensificando vulnerabilidades existentes nos próprios

pais (isto é, problemas de saúde mental), o que tornou mais difícil manter efetivamente a satisfação conjugal (Evans et al., 2020, p. 6). **(grifo nosso)** (tradução nossa)⁷²

O estresse causado pela intensificação da convivência também esteve presente nas falas de terapeutas de casal entrevistadas no âmbito desta pesquisa:

[...] eu percebi que os casais estão muito, muito adoecidos! **A questão da hiper convivência que a pandemia gerou nos casais**, o que eles tinham de possibilidade de sair... de escape mesmo, né? De sair pra trabalhar e aí voltar mais tranquilo, de se nutrir de outras coisas, de outras pessoas e voltar pra relação de casal, ficou uma coisa muito "um pra um", né? (C.C., 2022) **(grifo nosso)**

Com a convivência forçada e a necessidade de distanciamento social, o espaço da casa passou a ser utilizado para estudo, trabalho, lazer, facilitando o surgimento de conflitos:

Essa convivência, que passou a ser dentro de casa, né? Aí, quem tem filho, tem até um estudo que mostra isso, com filho foi pior porque, além do casal ter que se gerenciar agora em casa... porque antes como era? "Ah, a gente trabalhava oito horas por dia, cada um na sua vida, já chegava à noite cansado... ah, é uma dor de cabeça, ou estou muito cansado". Então essa interação, você podia fugir dela muito facilmente. Quando veio essa coisa "vamos para dentro de casa", o próprio compartimento da casa, não era toda casa que tinha um canto privativo, por exemplo, pra cada um ficar, um canto onde os filhos tinham que ter aula online, eles tendo que trabalhar também home office. **Então, tudo isso foi uma configuração que forçou uma convivência pra quem fugia, né?** (E.M., 2022) **(grifo nosso)**

Perguntada sobre os principais motivos relatados por mulheres que se divorciaram durante a pandemia, M.R., empreendedora que ajuda mulheres a se recuperarem após o divórcio, cita a hiper convivência atrelada à perda da admiração. É interessante perceber o paradoxo presente em sua fala, já que, mesmo com a hiper convivência, o fator apontado pelas mulheres é a “ausência” do marido de seu papel de companheiro, responsável pela casa e pelo cuidado com os filhos. Neste caso, a falta de interesse pela vida conjugal e familiar fica evidente a partir da intensificação da convivência:

É a convivência, é o fato de conviverem muito e se evidenciam falta de afinidade, falta de companheirismo, falta de admiração. As mulheres se separam porque elas realmente perdem a admiração. [...] Porque, tipo: "Ele não consegue passar uma tarde com as crianças aqui, ele não consegue dedicar-se ao casamento, um jantar comigo, uma noite, ele não consegue fazer determinadas coisas, ele não consegue porque o foco dele é o trabalho e ponto final, então ele tá casado pra quê?" (M.R., 2022)

O ponto colocado por M.R. encontra ressonância no conceito de contabilidade conjugal elaborado por Heilborn (2004) e nas assimetrias entre os gêneros no que diz respeito ao

⁷² Many families indicated that the restrictions had stressed their relationships. Responses varied in severity, with some parents commenting that separation or divorce was a likely outcome of being housebound with their partner. Comments regarding separation may reflect the additional pressure placed on the couple relationship in the context of social distancing and enforced time spent together, or may have been initiated by the stress of the restrictions. For some of these families, existing relationship difficulties were exacerbated by pandemic-related stressors. For others, the impact of the pandemic seemed to be more complicated, with stressors heightening existing vulnerabilities in parents themselves (i.e., mental health problems), which made it harder to effectively maintain relationship satisfaction.

investimento emocional depositado nos relacionamentos amorosos, apontada por Zanello (2018). Nessa como em outras falas coletadas, fica evidente o esforço feito pelas mulheres para manter o relacionamento estável e saudável durante a pandemia.

As falas acima são de profissionais que lidam diretamente com pessoas que estão em processo de separação. Elas consideram a hiper convivência um dos fatores de aumento dos conflitos. Essas questões aparecem de forma muito nítida na fala de uma das interlocutoras diretas da pesquisa e se desdobram em uma variedade de outros temas. P.N. relata seu incômodo especificamente com a divisão do espaço da casa e a conciliação do trabalho com a rotina doméstica:

Olha, assim, eu já estava mais acostumada ao home office, né? Porque eu era PJ (pessoa jurídica), então uma parte do dia eu passava em casa e tal. Aí, depois, ele veio mais para casa, né? Porque ele trabalhava fora. **E aí, já começaram até os conflitos, né? Tinha hora que eu estava em reunião e ele estava também.** E olha que a gente está falando de um cenário sem filhos, né? Só os dois, né? E aí, ele começou a fazer planos, né? [...] Aí, ele contratou um arquiteto e aí queria, tipo, fazer como se fosse esse home office. Só que eu achava assim: não, a gente mora num apartamento alugado, daqui a pouco vai terminar...” E eu pensava que esse dinheiro podia ser a entrada do carro. Enfim, como eu estou te falando, né? **Eu acho que a pandemia, assim, ela só, sei lá, como se fosse, o que eu posso dizer? Acentuou certos conflitos, certas coisas que já existiam, né? Só que, tipo assim, antes um ia para um lado e o outro ia para o outro, né? Um ficava em casa e ia para o trabalho ou um ia para o trabalho e o outro ia também e só se encontrava de noite. [...] Você se relaciona com outras pessoas no trabalho, e até é saudável, né?** A gente veio para o mesmo ambiente e ele ficou naquele plano e eu queria uma outra coisa. Mas, enfim, ficou mais ou menos nisso, né? Mas eu achava incômodo, porque, no meu caso, era como se o meu trabalho fosse em casa. Então eu perdi o espaço, assim, do meu trabalho, né? Porque, enfim, tinha uma outra pessoa ali, né? Com uma outra dinâmica agora, né? (P.N., 2023) (grifo nosso)

Mesmo entre casais que não se divorciaram, esse aspecto foi apontado como um desafio.

É o caso de S.K.:

Eu continuava tendo aulas em 2020, então eu fazia minhas aulas pela manhã. **A gente morava numa casa muito pequena, então eu tinha uma escrivaninha dentro do nosso quarto.** Então quando eu ia ter aula, ou fazer algum atendimento da faculdade, ou fazer os estágios, eu tinha que acordar ele, arrancar ele da cama, que ele fosse para a sala, porque, enfim, eu não podia ir na sala também, porque geralmente a L. já estava acordada, já estava, sei lá, assistindo TV, ou fazendo alguma coisa, assistindo algum filme, alguma coisa, então eu precisava usar o quarto. **Então, essa parte foi ruim, porque não tinha muita privacidade em casa, e aí eu precisava fazer com que ele acordasse muito cedo e saísse para eu poder ficar ali atendendo, fazendo as coisas que eu precisava** (S.K., 2025). (grifo nosso)

No estudo de Kerbaui, Bartilotti, Sneiderman (2020), a falta de privacidade e o desconforto com a divisão dos espaços foram reportados como causas de irritabilidade e conflitos por 22% dos entrevistados. No estudo intitulado *Coabitação durante a pandemia de covid-19: a experiência de casais jovens adultos*, em que os pesquisadores entrevistaram oito casais de adultos jovens que coabitavam durante a pandemia, também foram encontrados

relatos sobre a dificuldade de administração dos espaços físicos, sobretudo no que diz respeito ao *home office*:

No caso dos participantes que dividiam um ambiente físico pequeno, o estabelecimento de tais fronteiras parece ter sido ainda mais desafiador: *“Eu acabava invadindo o espaço de trabalho dele e ele invadindo o meu espaço de trabalho... A gente estava meio que... faltando espaço físico mesmo”* (Gisele). Diante dessas dificuldades e desafios, os participantes compartilharam algumas estratégias de enfrentamento que se mostraram úteis. A prática de exercício físico destacou-se como um meio de *“dar uma arejada na cabeça”* (Gisele), bem como encarar a situação com foco no que é possível fazer, evitando antecipar situações de sofrimento não controláveis (Maesima et al., 2024, p. 5).

Para além da convivência em si, a necessidade de isolamento social também fez emergir conflitos em torno de outras questões, sendo a divisão das tarefas domésticas uma das mais relatadas em discursos do senso comum, principalmente em redes sociais. Isso é corroborado pelo estudo de Kerbauy, Bartilotti, Sneiderman (2020, p. 91), em que: *“38% dos entrevistados relataram desentendimentos relacionados aos afazeres domésticos, falta de empatia e sobrecarga para um dos membros da família ou do casal.”*

G.K. percebeu uma mudança no comportamento do companheiro no que diz respeito aos serviços domésticos quando começou a se sentir sobrecarregada. Os dois passavam o dia trabalhando juntos em casa. O que antes era agradável - escutavam música, conversavam nos intervalos - tornou-se desgastante para ela, que passou a acumular muitas tarefas:

Começou a ficar tudo nas minhas costas. Começou a... eu ter que fazer, eu ter que limpar, entendeu? E aí, ele não tinha coragem de lavar um prato. Mas a gente passava o dia trabalhando, aí eu tinha que parar tudo que eu tava fazendo aqui do trabalho pra poder limpar a casa, pra poder lavar a louça, porque ele não se movia. Mas isso já foi mais pro final do relacionamento, sabe? Acho que já tava bem desgastado, a gente já... E aí, é isso. Eu comecei a pedir ajuda, coisa que eu não precisava fazer. *“Pô, pode me ajudar aqui?”* O cara chegava, ele tinha um cabelão, né? Ele deixava o meu banheiro todo molhado, usava minha escova, usava minhas coisas, deixava a escova molhada, cheia de cabelo, em cima da minha cama. Poxa! A pia, não sabe pegar um prato, não sabe lavar. Entendeu? É isso, eu comecei a reclamar (G.K., 2025).

M.R. chama atenção para como, em sua percepção sobre as vivências das mulheres que acompanha em seu empreendimento, a hiper convivência trouxe à tona a sobrecarga das mulheres em relação às tarefas domésticas:

Existe muito esse questionamento da mulher em relação ao posicionamento do homem e na pandemia isso ficou muito evidente. Porque quando ele tava trabalhando fora, ele saía e aí voltava à noite, e aí a mulher ficava assim: *“Ah, que bom que ele passou na padaria e trouxe o pão.”* Só de ele fazer isso já era fantástico. **Só que agora na pandemia ele tava em reuniões online, por exemplo, ele podia fazer supermercado, ele podia botar uma roupa pra lavar ou uma louça, ou varrer uma casa, e não existia essa parceria.** Mesmo os casais ricos, mesmo os casais abastados, a mulher sempre reclama dessa falta de companheirismo, dessa falta de parceria. Então, a mulher está cansada, está cansada! Tem outro meme que fala assim: *“Ah, eu não quero ser guerreira não, eu quero é ser herdeira.”* **A mulher tá cansada de chegar em casa e ir pro terceiro turno. E na pandemia isso se evidenciou**

demais, porque o ‘muído’ da casa é o dia todo, né? A mulher não pára e o homem começou a ver isso e começou a reclamar. A reclamar da blusa de vereador, reclamar do cabelo estar sempre feio, né? Então, pra mim, o que chamou atenção nessa pandemia, realmente, foi a convivência e o fato dos homens continuarem tendo a mesma rotina que eles tinham antes ou pior (M.R., 2022).

H.D. já se sentia incomodada com o comportamento pouco participativo do marido em relação aos cuidados com a filha desde o seu nascimento, dois anos antes da pandemia. O efeito da intensificação da convivência para seu relacionamento foi a ausência cada vez maior do marido, fazendo com que se sentisse sozinha mesmo casada:

Enfim, eu me sentia só. Eu não fazia nada disso com outro adulto. Eu tomava decisão de casa, tudo sozinha. Era uma coisa quebrada que eu pedia pra ajustar: “Chama o fulano, que sábado eu não vou estar em casa.” Então, eu comecei a ter minha vida sozinha com a minha filha. Uma mãe solo casada. E aí isso começou a pesar pra mim. Comecei a me incomodar. Depois que a gente teve a bebê, algo que ele me reclamava muito era ter que ficar as noites acordadas, né? Ele já me reclamava muito disso, muito, muito mesmo, não aguentava! Tanto é que, quando a M. nasceu, ele saiu da minha cama, da nossa cama, que era a cama do casal, porque ele não queria ser incomodado pelo choro dela. **Por isso que eu digo não foi só na pandemia. A partir daí, a gente não tinha mais vida de casal, porque eu não tinha mais aquele companheirismo.** E aí, nessa época, inclusive, ele começou a dizer: “Porque eu tenho o sono muito leve, você consegue voltar a dormir, você tem facilidade pra trabalhar, pra no outro dia acordar e trabalhar, eu não tenho, eu passo o dia com sono.” Várias excusas, né? Eu sou a mulher maravilha, guerreira pra caramba! E no final de semana não era diferente, não era diferente. [...] E aí, foi escalando num nível, que eu fazia assim: “Pelo amor de Deus, vai, vai, pode ir, eu fico aqui.” **Aí eu fui me acostumando a ter a minha vida com ela, sozinha, era quase que melhor.** (H.D., 2025) (grifo nosso)

Ela destaca que a pandemia não foi, isoladamente, o fator que causou seu divórcio. Sua insatisfação com o distanciamento do marido já estava presente. Em suas palavras, a pandemia chegou para ser a “cereja do bolo”, foi a catalisadora dos problemas que já existiam.

Já na experiência de P.N., a falta de apoio e a sensação de abandono sentidas a partir do nascimento de sua filha, que ocorreu durante a pandemia, foram decisivas para sua separação. Com um bebê de apenas 1 mês de vida, ela se viu completamente desamparada pelo companheiro, que mudou de comportamento de forma repentina e radical, segundo seu relato:

Mas, assim, depois que a M. (bebê) nasceu, o primeiro mês dela, ele esteve muito comigo. E aí, depois desse primeiro mês, pronto. **Aí virou uma chave. E ele passou a ser uma outra pessoa.** Quer dizer, eu não sei se a mesma pessoa, na verdade, que ele era. E aí, nesse momento, eu me senti assim... Sabe quando tem coisa, assim, que é tipo uma coisa inegociável para você? **Eu me senti totalmente desamparada, abandonada no momento que eu mais precisava dele.** Porque, assim... Eu não cheguei a ser abandonada, como muitas mulheres são ainda na gravidez. Não foi isso. Mas ele voltou a ir para festas. Ele ficava, assim, nitidamente forçando viagens a trabalho. E ele saía, sabe? Ficou uma coisa assim, meu Deus. **Parecia que não era real, assim.** E aí ele ia para essas viagens. Mas eram muitas, assim. Tipo, em outubro - ela nasceu em agosto - em outubro foram três. Então, assim, não dava nem para respirar. [...] **E naquele momento eu estava amamentando em casa, sabe? E aí começou a ficar, assim, um buraco, sabe? Tipo assim, eu fiz uma cirurgia que cortou sete camadas da minha pele, né? Eu tava ali totalmente dependente mesmo.** [...] Era uma situação em que eu não conseguia amarrar um cadarço por conta da barriga, né? Você começa a ficar ali com uma série de limitações e tal, né? **Então,**

eu achava, assim, muita sacanagem, assim. Eu achava que não ia, sei lá, conseguir passar, sabe? Achava, assim, sei lá, outras pessoas podiam fazer isso comigo, mas ele não tinha esse direito, ele não podia. Foi mais ou menos isso, sabe? [...] **E ele, tipo, como se fosse, sei lá, vivendo uma vida, assim, de solteiro, né?** (P.N., 2023) (grifo nosso)

Em momentos críticos da pandemia, seu companheiro, apesar de não ser o que se chama de negacionista, burlava as medidas de distanciamento social em “encontros clandestinos”, sob a justificativa de que precisava preservar sua saúde mental. Nas palavras de P.N.:

Então ele saía de casa sem poder, naquela época que não podia. Porque, assim, naquela época tinha tipo como se fossem encontros clandestinos, né? Então ele tem um grupo de amigos, e esse grupo de amigos sempre estão juntos, e aí já tem as esposas dos caras, e o grupo é enorme, já tem filhos, enfim, o grupo é enorme. Então, mesmo na pandemia, eles se encontravam, sabe? **Porque na época a justificativa: “Ninguém aguenta mais, se não morrer desse vírus vai morrer de problema mental, porque ninguém aguenta mais ficar em casa.” E acabava se encontrando, tu sabe? Então começaram a ter aqueles furos, né? E aí, enfim, a gente tinha conflitos, né? Porque quando tinha esses encontros, eu não queria ir e ele queria ir** (P.N., 2023). (grifo nosso)

Em meio às ausências do marido e agravando a situação, P.N. suspeitava de traições virtuais e passou a se posicionar, aumentando ainda mais os conflitos e culminando em alguns episódios de violência psicológica:

Eu acho que os conflitos eram essa questão que eu te falei, a questão da... **Como se fossem essas traições, né? Até, assim, mais no campo... eram virtuais, sabe?** Essa coisa, assim, de: “Ah, estou flertando aqui, mas não acontece (nada).” Mas eu não sei se aconteceria. Porque, como eu te disse, né? Como eu ficava naquele papel de: “Ah, estou aqui observando.” E a gente sempre tendo conversas. Então, é como se eu estivesse ali no papel de evitar, né? Algo que, enfim, não estava sob o meu controle. Enfim, começaram a ter essas situações, né? **E aí foi agravando, porque aí eu fui me colocando, fui falando, e aí ele... Aí foi só piorando, porque aí ele foi me... Na época, ele me acusou de... Tem um termo, né? Ele chegou a me chamar de louca, né? Que eu estava louca. Que não era nada daquilo. E eu, ali no meio da situação, me achava louca.** Que aquilo não estava acontecendo. E misturava com a história dos meus pais. Teve essa questão que eu te falei, que foi grave, né? Da questão psicológica, né? **Ele dizia que eu estava louca, que eu estava vendo coisa onde, né? Onde não tinha e tal. Que eu não quero nunca mais, assim. E assim, para tu ter noção, eu cheguei ao ponto de registrar um b.o., né? Contra ele. Porque ele ficava nessa violência, assim, psicológica. Isso estava me fazendo muito mal.** Eu não estava conseguindo, assim, né? Mesmo, assim, lidar com o meu trabalho. Estava me sentindo mal. Isso ia me afetar como mãe. Eu tinha que fazer alguma coisa e tal (P.N., 2023). (grifo nosso)

Ela conta que estava sempre em alerta com relação ao marido, pois se sentia insegura e monitorava seu comportamento com o intuito de evitar a infidelidade de sua parte. O companheiro, por seu turno, negava as traições e se defendia afirmando que ela estava criando

coisas que não existiam, acusando-a de louca, praticando o que se conhece hoje por *gaslighting*⁷³.

M.R., a partir de conversas com mulheres em processo de divórcio, identificou a persistência e até o aumento da infidelidade especificamente durante a pandemia. Ela justifica essa percepção principalmente no fato de que o uso de aplicativos e sites de relacionamento aumentou exponencialmente nesse período:

E por incrível que pareça, talvez eu te surpreenda com isso, mas durante a pandemia os maridos continuam traindo. Me parece, aí é uma percepção minha, né? De ouvi-las, né? Que, pra eles, é um escape, é: "Eu estou aqui no meu lar, eu não tenho mais, eu não tenho afinidade com a minha esposa, eu não tenho uma parceria com ela, eu não convivo bem com ela, então eu vou buscar fora." Os aplicativos de relacionamentos, de paquera, explodiram na pandemia, explodiram! Assim, de número, o Tinder já chegou a onze bilhões de faturamento ano passado. Então, só uma das redes sociais de paquera, só um dos aplicativos de paquera. Então, a meu ver, elas falam isso, mas não dessa forma direta como eu tô te dizendo, né? Elas usam algum... porque é muito difícil pra mulher casada chegar e admitir: "Estou me separando porque não aguento o meu marido." E, ao mesmo tempo, dizer: "Estou me separando porque ele me traiu." (M.R., 2022)

Como se depreende dos relatos, a hiper convivência extrapola os problemas com a divisão do espaço físico e da divisão de tarefas domésticas, atingindo a saúde emocional dos casais de formas diversas. A situação de G.S. em março de 2020, quando foi decretada a primeira medida de isolamento social, era a de uma mulher casada e mãe de um bebê. Ela destaca a privação de sono extrema e a falta de uma rede de apoio como as principais adversidades que enfrentaram durante a pandemia. Se os primeiros meses de um bebê já são naturalmente desafiadores para qualquer casal em tempos normais, em um contexto de pandemia esses desafios podem se agravar consideravelmente. Embora não tenha se divorciado, ela lembra como o período foi difícil:

A gente estava com um bebê de sete meses de idade. Então, a gente teve que viver todas as dificuldades da pandemia dentro de casa. [...] E nessa época nós conseguimos ficar em casa os seis meses, os primeiros seis meses de forma integral. **Para a gente foram momentos difíceis, porque a gente precisava se reinventar. Todo mundo ali dentro de casa com muitas incertezas, a gente extremamente cansado por causa do nosso filho, que criança acaba sendo muito... tem muita energia e a gente precisa muito acompanhar.** Então a gente precisou acompanhar muito do crescimento do nosso filho dentro de casa. A gente sem rede de apoio nenhuma, porque os familiares do M. já são idosos, e não podiam de forma alguma correr nenhum tipo de risco de contaminação, enfim, de pegar a doença. E os meus familiares nunca me auxiliaram em absolutamente nada, em relação às necessidades mesmo de ficar com o nosso filho na época. Então, por exemplo, se eu precisasse ir ao supermercado, eu não tinha com quem deixar o nosso filho, não tinha, simplesmente não tinha. Então a gente precisava se revezar, inclusive nisso. Precisava se organizar nessa questão de rotina mesmo, de como que a gente ia se virar. E, além disso, a gente tinha um agravante. Nosso bebê não dormia, praticamente. Ele acordava de 10 a 12

⁷³ Quando uma pessoa manipula sistematicamente a percepção de realidade de outra, fazendo-a duvidar da própria memória e julgamento. No contexto de relacionamentos amorosos, isso ocorre quando o agressor nega fatos evidentes e distorce acontecimentos, acusando a parceira de exagero ou loucura.

vezes toda noite que Deus nos deu até os 2 anos de idade. **Então assim, foi muito, muito, muito pesado pra gente. Muito difícil, muito. Porque nós estávamos trancados dentro de casa, sem poder ter o mínimo de descanso. O mínimo de, sei lá, de válvula de escape. Não existia. A gente estava com uma criança que demandava muita energia e a gente ainda estava com privação de sono extrema [...] Dentro da nossa rotina a gente conseguiu entender que, na verdade, nós somos uma equipe. Que a gente precisa trabalhar juntos pra fazer dar certo** (G.S., 2025). (grifo nosso)

Percebe-se pelo relato de G.S., que ela e o marido não tiveram contato com qualquer outra pessoa, pelo menos durante os seis primeiros meses de pandemia. A expressão “válvula de escape” aparece inúmeras vezes em sua fala como uma forma de representar qualquer possibilidade de sair um pouco do ambiente do apartamento em que viviam. Nesse sentido, ela conta a estratégia que adotaram, enquanto uma “equipe”, para “fazer dar certo” o casamento naquelas condições:

Uma válvula de escape que nós conseguimos encontrar - E aí, quando eu falo válvula de escape é por uma questão emocional, por uma questão também de descanso físico. Lá no nosso condomínio, o nosso condomínio era baixinho, só tinha três andares, e era um apartamento por andar. E aí a gente tinha um terraço que simplesmente não tinha nada, nada. Era só um terraço. O que a gente fez? Nós, por iniciativa própria, pedimos autorização do síndico e de todo mundo pra gente construir um ambientezinho, que a gente pudesse pelo menos ficar ao ar livre. Porque lá era um terraço ao ar livre total. E aí a gente, devagarzinho, foi trabalhando ali, pintou, a gente mesmo que fazia as coisas... Pintou, a gente colocou umas arandelas, colocou churrasqueira, colocou um chuveirão pra gente levar o M. pra tomar um banho lá em cima. E aí, no momento em que ele estava tirando um cochilo em casa, a gente subia com a babá eletrônica. E a gente tentava bater um papo sobre coisas que não eram da nossa rotina. A gente tentava bater um papo e se reconectar enquanto casal, se reconectar enquanto seres humanos que precisam de algo diferente do que estava ali dentro daquela nossa realidade **Então essa foi a nossa válvula de escape.** A gente, praticamente, viveu a pandemia inteira nesse lugar, onde a gente conseguia respirar o ar, onde a gente conseguia olhar para as estrelas, onde a gente conseguia se reconectar. Não só enquanto casal, mas enquanto amigos que somos. A gente conseguia, enfim, dar uma aliviada no peso, em todo o peso emocional que a pandemia trouxe pra gente. **E praticamente foi isso que nos aliviou durante essa pandemia. Eu acredito que se a gente não tivesse, primeiro, a decisão e a postura de manter um ambiente harmonioso, e ter essas pequenas válvulas de escape, a gente não conseguiria ter sobrevivido a essa pandemia. Porque foi muito desafiador, muito desafiador mesmo** (G.S., 2025). (grifo nosso)

G.S. atribui a manutenção de seu casamento diretamente a essa válvula de escape que criaram. Para além de um espaço físico diferente do apartamento, para onde podiam escapar um pouco da rotina, o terraço representava um lugar onde podiam se “reconectar”. Seu relato dá a dimensão do quão desafiador foi o isolamento para alguns casais.

Maesima et al. (2024) também identificaram nas entrevistas realizadas o impacto psicológico que as restrições impostas pela pandemia causaram, individualmente, nos membros dos casais entrevistados, e como isso reverberou na relação. Um dos entrevistados também usou a expressão “válvula de escape”:

O primeiro subtema – impacto psicológico individual – revela a percepção dos indivíduos sobre a vivência da pandemia, em geral, compreendida como um período “*bem difícil*” (Amanda), “*bem caótico*” (André) e “*conturbado*” (Bárbara). Nota-se uma recorrência de falas indicando o impacto psicológico agravado, à medida que se sentiram mais estressados, ansiosos, inseguros e frustrados: “*Essa semana foi a primeira vez em um ano que eu tive um pré-ataque de ansiedade por causa dessa situação toda*”(André); “*A gente tem sofrido muito de um estresse, de uma exigência emocional, uma insegurança, um medo de tudo*” (Cesar). Percebe-se, assim, quão difícil foi a vivência da pandemia para os participantes. As privações impostas diante do contexto inseguro da pandemia foram bastante mencionadas como importantes desafios. Tais privações referem-se à impossibilidade de realizar atividades que antes faziam livremente, como os momentos de lazer e de socialização com amigos, colegas de trabalho e familiares. Os casais relataram sentir falta de desenvolver essas atividades: “*Eu sinto muita falta de outras pessoas, de conversar com outras pessoas, de conviver com outras pessoas, de abraçar outras pessoas*” (Claudia); “*Eu sempre fui muito ativo [refere-se a atividades físicas], e essa falta de válvula de escape tem sido foda, porque fisiologicamente, às vezes, eu preciso extravasar*” (Cesar). Assim, essas privações somaram ainda mais desafios ao atravessamento da pandemia, por contribuírem para a estagnação da rotina, gerando sensação de tédio e maior estresse: “*Eu, principalmente, estava ficando muito estressada dentro de casa, muito cansada, muito entediada, porque eu gosto de conviver com pessoas*” (Gisele) (Maesima et al., 2024, p. 5).

O estudo de Rocha et al (2023), cujos resultados foram publicados no artigo intitulado *Impacts of Social Distancing on Marital Life During the COVID-19 Pandemic*, demonstrou que a intensidade do confinamento foi relevante na predisposição das pessoas ao divórcio. Quem suspendeu totalmente qualquer atividade externa ou ao ar livre apresentou 2,27 vezes mais chances de desejar o divórcio do que quem manteve algum nível de rotina fora de casa.

Essa intensificação da convivência trouxe desafios também no que diz respeito à libido e à sexualidade. O estudo de Rocha et al (2023) revelou que a diminuição da frequência de relações sexuais aumenta em cerca de 1,8 vezes as chances de disposição para o divórcio. Esse aspecto foi destacado em algumas entrevistas:

O impacto foi que as pessoas não transam! Mas assim, a baixa libido, assim, porque, justamente, todo mundo no mesmo ambiente, zero espaço pra fantasias, **zero espaço pra poder se distanciar e se reencontrar**. A gente, enquanto terapeuta, ficou muito mais limitado também com os recursos que a gente pode sugerir, né? (P.C., 2022) **(grifo nosso)**

Outra entrevistada levantou uma questão interessante. Antes da pandemia, com a correria do dia a dia, as pessoas tinham sempre uma desculpa relacionada ao cansaço ou à falta de tempo para evitar o sexo. Porém, com as medidas de distanciamento social e o tempo integral dentro de casa, tornou-se mais difícil lançar mão dessa justificativa.

Os casais que já tinham uma boa relação sexual, tiveram mais relações sexuais de qualidade e tudo o mais. Os que já não vinham, muitas vezes piorou e aí aumentou a queixa: “*porque estamos juntos?*” E aí a pessoa agora é sempre cansada. Porque uma coisa é você estar fora de casa trabalhando, agora a gente tá dentro de casa, e aí? É o quê agora? Estamos descansados! Ninguém tá no corre corre de casa e tudo mais, né? (E.M., 2022)

A diminuição da libido também foi apontada no estudo publicado por Kerbauy, Bartilotti, Sneiderman (2020, p. 90), embora tenha sido reportado por apenas 10% dos entrevistados: “A diminuição da libido foi outro fator desencadeador dos conflitos conjugais, justificada pelas sensações de cansaço, de estresse, de ansiedade e de angústia, aspectos considerados importantes para a falta de desejo e de prazer.” Afora as terapeutas de casal, entre as pessoas entrevistadas para esta pesquisa, nenhuma tocou na questão da sexualidade como um fator gerador de conflitos ou mesmo como algo que tenha fortalecido a relação durante a pandemia.

Algo que também foi destacado pelas terapeutas de casal como perceptível nos discursos de casais que buscaram auxílio profissional foi o fato de que a pandemia escancarou problemas que estavam sendo “jogados para debaixo do tapete”. Os períodos de distanciamento social mais rígidos obrigaram as pessoas a olharem para dentro, para os próprios relacionamentos, algo também diretamente relacionado à hiper convivência:

Durante a pandemia, o fato do isolamento fez com que muitos casais que ignoravam algumas questões não puderam mais ignorar, assim... Seja pela convivência, seja por situações da história do casal. Eu lembro de escutar muitos casais na época dizendo assim: “Ah, isso sempre foi um problema, mas antes da pandemia, a gente meio que não tinha tempo de olhar pra isso, porque tinha o trabalho, a escola, o colégio dos filhos, o não-sei-quê, o blá-blá-blá, então a gente não parava pra olhar pra isso, né? **E aí, quando vem a pandemia, todo mundo dentro de casa, e aí o problema, ele sempre existiu, mas ele parece que virou maior.** Aí o problema literalmente virou um elefante branco na sala, que tu passava o dia inteiro ali, né? E aí eu lembro de ouvir muito esses relatos nesse sentido, assim, de “não puderam mais ignorar o problema.” (T.P., 2025) (**grifo nosso**)

E aí eu vejo que o fato dos casais começarem a conviver dentro de casa piorou muito. Por que? **Eles começaram a conviver com os próprios defeitos, com as próprias mazelas. E quando cada um tava trabalhando, eles não precisavam lidar tanto com suas mazelas, com seus defeitos, com suas falhas. E aí os dois juntos, lidando com suas falhas, só ia dar problema.** E aí deu muito mais problema porque simplesmente a pandemia trouxe à tona uma realidade: casais que não estavam cumprindo o seu dever, casais que não estavam fazendo seu papel, que não estavam dando a devida importância para sua família. Aí ficou evidente na pandemia isso, porque não tinha como fugir. Ou eles tratavam o casamento como prioridade, porque tava todo mundo dentro de casa, ou eles tratavam com a falta de prioridade, que era o que eles estavam fazendo, né? Ficou bem evidente. (A.F., 2025) (**grifo nosso**)

Em alguns casos, não foi a convivência em si que ensejou a separação, mas o que essa convivência, agora mais intensa, proporcionou. Nesse sentido, T.L. considera que a pandemia foi uma oportunidade para enxergar a falta de responsabilidade de seu companheiro. Eles viviam na casa dos pais dele quando a pandemia chegou e tinham uma excelente convivência, harmoniosa, respeitosa e sem conflitos, como ela descreve no trecho abaixo:

Eu lembro que a gente ficava muito, assim, vendo filme, vendo séries, e a gente inventava no final de semana coisa diferente pra comer. Então, teve um dia que a gente foi fazer pizza, teve um dia que a gente ficou fazendo torta, bolo, não sei o quê. Sempre era alguma coisa diferente pra ver se passava o tempo, né? Até as coisas irem

melhorando, né? **Mas, assim, foi muito tranquilo, assim. Não tinha discussão, não tinha briga, não tinha, sabe? Todo mundo respeitava muito o espaço do outro.** Apesar de estar todo mundo dentro de casa, tinha horas que ficava, assim, estressado, mas a gente acabava respirando e tudo. Eu imagino que em algumas outras famílias tenha sido muito mais complicado, mas pra gente não foi. Porque a gente sempre se deu muito bem. Então, a gente sempre fazia as coisas muito juntos. Assistindo coisas juntos, séries juntos, sabe? Fazer comida, sabe? **Era uma rotina legal, assim, tranquila. Apesar de estar numa pandemia** (T.L., 2025).

Com as restrições financeiras impostas à família, que vivia do comércio de alimentação, a falta de responsabilidade financeira do companheiro veio à tona. Um fator que, não fosse a pandemia, ela não sabe se identificaria antes de dar passos maiores no relacionamento:

De mim, o que foi que cansou? Foi de ver que a pessoa não tinha responsabilidade. Porque foi o que eu pude perceber na pandemia, que não tinha responsabilidade nenhuma, nem de pagar uma conta de 50 reais. [...] **A pandemia, pra mim, serviu pra isso. [...] Se não fosse a pandemia, talvez eu não tivesse percebido.** Porque enquanto o meu dinheiro tava dando tranquilamente, eu não precisava me preocupar em cobrar dele. Tanto que nunca cobre. Eu falava assim: “Se o meu tá dando pra gente, então não tem porque me preocupar.” **Com a pandemia, teve redução salarial, aumentou um pouco as despesas, porque as minhas despesas continuaram as mesmas.** Apartamento, faculdade, enfim, coisas do carro. As minhas despesas continuaram as mesmas, porém, aumentou porque eu tive que ajudar. Eu quis ajudar nas despesas da casa, que eu não tinha antes. Então, foi dividido o valor de água, luz, internet. Como o comércio dele estava com movimento fraco, não ia dar. Então, eu vi que eu tinha que fazer aquilo ali. E com isso, eu fui pra ele: “Eu vou precisar que você ajude agora na parte financeira.” Coisa que eu nunca tinha feito antes. Então, com a pandemia, eu vi que teve a necessidade de eu chegar pra ele e dizer: “Olha, agora você precisa também ajudar.” E aí foi que eu vi que não ajudava, e eu acabava tendo que me virar. **Mesmo eu pedindo, cobrando, falando. [...] Então, quando eu fiz as contas, eu vi que ia faltar, que eu não ia conseguir dar conta de tudo só, eu fui cobrar dele.** E aí eu vi que tinha essa resistência. [...] E aí chegou o momento que eu falei assim: “Eu não posso fazer isso. Porque ele precisa ter responsabilidade e saber das obrigações dele também, sabe?”. [...] Ele queria só viver charlando e tudo, sem responsabilidade nenhuma. [...] **E aí, eu acho que quando chegou esse momento de: “Pronto, agora eu preciso que você tenha responsabilidade.”** E eu vi que ele não estava tendo, aí foi quando eu vi que o negócio não era tão... Não estava tão bom quanto eu estava imaginando que fosse. (T.L., 2025) (grifo nosso)

H.D., por outro lado, já enxergava alguns sinais vermelhos no comportamento do ex-marido antes da pandemia. O excesso de bebida alcoólica e cigarro, além da divisão de cuidados com a bebê de dois anos já eram problemas que a incomodavam antes, mas que se intensificaram com a pandemia:

E aí, quando a bebê tinha dois anos, aí veio a pandemia, pra ser a cereja do bolo. **Mas o efeito da pandemia foi só um catalisador, o problema já vinha desde antes, né? [...] Eu já notei que a gente tinha uma discrepância muito grande na nossa divisão de responsabilidades e tarefas, isso já me incomodava brutalmente, brutalmente!** Eu já tava extremamente incomodada, já tinha tido várias conversas, já tinha tido vários pedidos, a gente já tinha feito alguns alinhamentos, mas não tava dando resultado, não tinha consistência naquilo. **Aí a pandemia acelerou.** [...] Não teve a hiper convivência realmente, as 24 horas por dia, né? Não teve. Porque ele saía pra trabalhar, mas era um ritmo muito reduzido. Então voltava e tinha mais coisas pra fazer. Nessa época não tinha funcionária, então eu ficava em casa o dia todo, todo dia,

né? Cem por cento com a M. E quando ele voltava, ele não tinha pra onde sair. **Aí entram alguns fatores: ele trazia bebida alcoólica pra dentro de casa, então bebia em casa, ficava bêbado e ia dormir.** (H.D., 2025) (grifo nosso)

Em seu relato, H.D. deixa claro que, para além da intensificação da convivência em si, o consumo excessivo de cigarro e bebida alcoólica tornou-se mais evidente. Ela explica que tinha poucas experiências com relacionamentos anteriores e não tinha pensado ainda sobre sua “lista de inegociáveis”.

Só que ele tinha uns comportamentos que eu negligenciei, porque eu achava que eu estava no meu grau de intolerância, que era a questão do cigarro e a questão da bebida. Não era um problema ainda, mas já era um alerta. Se eu fosse um pouquinho mais madura, se eu tivesse ouvido o meu pai, porque o meu pai conversou comigo sobre isso, eu não teria tomado a decisão de ter continuado. Mas aí eu estava nesse nível de carência, achei legal, e a gente tinha umas afinidades interessantes (H.D., 2025). (grifo nosso)

S.E. também já tinha uma relação desgastada quando chegou a pandemia. Ele e sua companheira à época ainda tentavam levar o relacionamento adiante quando, no primeiro mês de *lockdown*, descobriram a gravidez. Segundo S.E., foi o que os manteve juntos por mais alguns meses, a despeito de os problemas terem ficado mais evidentes e exacerbados com o isolamento social:

O R. nasceu de cesárea em novembro de 2020, ainda era um tempo em que a gente ainda esperava saber de alguma coisa de vacina, muita máscara, só saíamos, esporadicamente, para uma coisa ou outra. **Muito tempo confinado, muita live, muita televisão, muita coisa realmente que fazia com que isso ficasse mais próximo, mas que todos os problemas relacionados a essa ciuemeira e a rejeição da minha filha também ficassem muito mais evidentes. Porque ela não tinha para onde correr, ela não tinha para onde provocar um tempo de afastamento, para, pelo menos, dar uma respirada, porque era algo que era todo dia.** [...] Quando o R. nasceu, durante um tempinho inicial, era: “Ave Maria, minha vida é maravilhosa com você, que bom que a gente está junto!” Montamos o quartinho dele, fizemos uma obra para a chegada dele nessa casa que a gente morava [...] E aí o R. começou a apresentar problemas digestivos, não conseguia manter a comida na barriga. [...] Um mês, assim, pesquisa, médico, manda fazer exame e tal, vários diagnósticos diferenciados, até encontrar que ele tinha, provavelmente, alergia à proteína do leite de vaca. [...] **Esse estresse constante e, como a gente estava em casa o tempo inteiro, todo mundo era muito saturado com muita coisa, não era só ela, não era uma coisa que eu trabalhava fora e voltava para poder atender quando eu chegasse ou ajudar quando eu chegasse. Eu ajudava o tempo inteiro. Era lavando roupa, quem lavava roupa era eu, quem separava a roupa dele e dela era eu, quem fazia as comidas separadas era eu, porque ela tinha que cuidar mais dele.** [...] **Muita briga, muita confusão, chateação, dizendo que eu não fazia nada, que eu não cuidava, sendo que eu estava dentro de casa cuidando o tempo inteiro.** [...] **Era totalmente ruim a convivência, a relação e tudo mais.** [...] Então, teve um dia que eu peguei uma cerveja que estava guardada na geladeira, me sentei na mesa, cansado, comecei a beber, e ela veio soltar os cachorros em cima de mim, (dizendo) que eu era um imprestável. E aí, me mandando trocar a fralda do R. E quando eu fui trocar a fralda: “Está errada, você não presta para trocar uma fralda. Vá pegar um cueiro.” Eu voltei com uma toalha. “Isso não é um cueiro, é uma toalha, não sabe nem qual é a diferença entre um cueiro e uma toalha” Não sei o que, tal, tal, tal. Eu sei que eu cheguei para conversar com ela, eu disse assim: “Olha, para. Vamos conversar um negócio aqui, porque não está dando certo dessa maneira não. E ela disse: “É, não está dando certo mesmo não. Amanhã eu peço um carro para pegar o frete, eu vou

embora.” E aí, aquelas coisas que viram a chave, juntou tudo, já era para ter ido embora realmente há muito tempo. Aí, quando foi nesse dia, a gente terminou. [...] E isso ilustra quem era a pessoa com quem eu vivi o tempo de isolamento [...] **E isso era, assim, mudanças pequenas dentro do mesmo dia, porque a convivência era muito insistente, era muito fixa, não tinha um momento de relaxar, não tinha um momento de se afastar, não tinha um momento de nada disso. Então todas essas características que ela trazia ficaram extremamente condensadas e só foi amenizada, vamos colocar assim, durante a fase inicial por causa que ela estava grávida e durante a gravidez. Então foi (um período) de muita, muita perturbação** (S.E., 2025).

É interessante observar como ele atribui ao isolamento social a intensificação do estresse e das características que a companheira já apresentava antes da pandemia. É possível acompanhar em seu relato como se deu o escalonamento do desgaste, sobretudo a partir do nascimento do filho. A convivência em si não parece ser o motivo central da separação, mas sim o clima de tensão constante e a impossibilidade de trégua, ainda que momentânea.

Como se observa a partir dos relatos transcritos, o mero aumento do tempo de convivência imposto pela necessidade de distanciamento social não deve ser considerado de forma isolada como fator ensejador de divórcios. Trata-se de um elemento que se desdobra em diversos outros problemas, como divisão do espaço físico e das tarefas domésticas, distanciamento emocional e falta de interesse na relação, excessos e abusos, infidelidade, diminuição da libido, entre outros.

Outra questão a ser observada é a desigualdade de gênero que atravessa algumas das experiências expostas, notadamente no que diz respeito à maternidade, ilustrando os limites à abordagem de Giddens (1993) quando trata de relacionamento puro ou confluyente. H.D. e P.N., por exemplo, evidenciam situações em que seus companheiros não cumpriram com os papéis da paternidade, sobrecarregando-as física e emocionalmente, apesar das tentativas de ajustes por meio do diálogo.

Segundo o que já foi discutido no capítulo anterior, há uma assimetria de investimento e energia depositados por homens e mulheres nas relações amorosas e na construção de uma família. Embora se perceba uma maior reflexividade e a busca por igualdade e justiça nos relacionamentos, há estruturais sociais que se impõem e, por vezes, provocam desequilíbrios (Neves, 2007; Zanello, 2018; Heilborn, 2004).

4.2 Medo da morte, luto e fragilidade da vida

A partir do tópico anterior, ficou claro que a pandemia apenas tornou mais evidentes problemas de relacionamento que já existiam e, durante um período de crise, foram exacerbados. Kerbauy, Bartilotti, Sneiderman (2020) também concluíram que, em geral, os

conflitos familiares e conjugais ocorridos neste período não têm como causas diretas fatores relacionados à pandemia. Entretanto, o estudo cita como exceção, isto é, como um fator ensejado diretamente pela pandemia, o medo da morte:

É importante ressaltarmos, além desses aspectos, que é por meio da possibilidade do adoecer que muitas pessoas se deparam pela primeira vez na vida com uma das questões mais angustiantes da existência humana: a finitude, geralmente só falada e pensada na fantasia ou, então, colocada no futuro, no envelhecimento, no outro, mas quase nunca em nós mesmos. **É evidente que, no contexto da pandemia, a constante ameaça do adoecimento e da possibilidade da morte é um fenômeno capaz de atingir o casal e a família como um todo, romper o equilíbrio e causar importante instabilidade no grupo, em cada um de seus membros ou na relação entre eles.** Cabe-nos ainda ressaltar que, a esse cenário, somam-se sentimentos de desamparo pela “natureza intolerável de se experimentar alguma coisa que não se sabe quando termina” (Winnicott, 1963/1993, p. 327), atingindo o casal ou o grupo familiar, como uma crise ameaçadora (Kerbaudy, Bartilotti, Sneiderman, 2020, p. 92). **(grifo nosso)**

Kerbaudy, Bartilotti, Sneiderman (2020, p. 91) destacam no âmbito de seu estudo que: “[...] 38% dos entrevistados “[...] fizeram referência ao medo de serem infectados ou terem um membro da família infectado, bem como ao medo de morrer ou perder um ente querido, aspectos indicadores de significativa angústia de morte.”

O medo da morte e a percepção sobre a fragilidade da vida também foram elementos identificados a partir das entrevistas realizadas para esta pesquisa. Porém, é importante destacar que nem sempre foi citado como fator considerado para a decisão de divórcio, tendo sido citado também de maneira desconectada da dinâmica do casal e até como fortalecedor da união, daí estar sendo analisado em tópico à parte.

P.N., que veio a se divorciar em 2021, fala sobre o medo da morte como algo que trouxe união para seu relacionamento, especialmente nos períodos em que o número de mortes era diariamente acompanhado por meio do noticiário:

Enfim, o medo da morte rodeava. A gente acordava, não sabia como ia ser o dia. Todo mundo ficava ali tentando se cuidar, se informar e tal. A gente, como era jornalista, passava o dia naquela Globo News acompanhando as coisas. **Ficava ali também se fortalecendo, querendo ou não. Por mais que tivesse os conflitos, porque estava perto, não sei o quê, mas eram as pessoas que você tinha naquele momento também ali, sobrevivendo.** A gente não sabia quem ia ser a próxima pessoa. Só ia vendo na TV as coisas, ia perdendo pessoas próximas. Eu não perdi nenhum ente querido muito próximo, mas perdi amigos. [...] O pai, inclusive, da minha amiga. Ele faleceu. Ele era até médico. **Então isso me abalou muito. Ele faleceu, ele tinha diabetes. Meu pai é diabético. Então você ficava ali fazendo as conexões: “Ai meu Deus, está muito perto.” Quando é uma vida mais próxima, você fica... Fala: “É real, é real mesmo.”** (P.N., 2023) **(grifo nosso)**

Havia muita tensão provocada pela enxurrada de informações desencontradas, causada pelo próprio desconhecimento sobre o vírus, acerca da relação entre certas comorbidades e o risco de morte causado pelo contágio. Quem convivía ou trabalhava diretamente com pessoas

que sofriam com comorbidades, lidavam com níveis ainda mais elevados de tensão e medo. É o caso de I.M.:

Eu sou fisioterapeuta. Nessa época, eu atendia fisioterapia respiratória. Eu não atendia estética. Apesar da loucura, da grande loucura que ainda tinha muitos pacientes procurando pra fazer drenagem, limpeza de pele. Eu disse: “Vou não.” Estava maluca. Eu ia fazer fisioterapia respiratória. **Mas aí, eu tinha medo de andar na rua, porque não tinha ninguém na rua. Eu tinha medo de entrar na casa das pessoas e ter alguém com covid. E de contaminar os meus pacientes, que eram de fisioterapia respiratória. Então, em casa também, eu tinha muito medo. Era uma pessoa que eu estava em alerta o tempo todo.** Aí eu entrava no carro, passava álcool na mão e no carro. Porque eu tinha uma paciente que tem fibrose cística. É uma doença congênita, pulmonar. E se ela pegar a covid, ela morre. **Eu disse: “Se eu pegar a covid, eu posso matar uma pessoa.” Então, eu tinha um medo muito grande (I.M., 2025). (grifo nosso)**

Hipertensão, diabetes, problemas cardíacos e asma, por exemplo, eram motivos para grande preocupação e maiores cuidados, trazendo apreensão para o dia a dia:

Sim, a gente tinha muito medo de morrer. Porque a gente tinha muito medo do nosso filho também, porque o M. é extremamente alérgico, e essa alergia dele causa asma, causa algum nível de asma. Então a gente também estava com muito medo de ele pegar essa doença, pelos familiares do M. serem idosos, a gente também tinha muito medo. Porque, querendo ou não, são pessoas que a gente ama muito. Minha sogra é, assim, um apoio enorme para mim, sabe? Então, jamais queria que algo acontecesse com ela. **E minha mãe é hipertensa, meu pai também hipertenso.** Passar a pandemia inteira sem vê-lo, sem ver minha mãe, sem ver meu pai... E aí, apesar de muito jovens, hoje eles têm 55 anos de idade, ainda são muito jovens, naquela época um pouco mais, mas eles são hipertensos. Então a gente sempre teve muito medo disso. **O pai do M., meu marido, faleceu muito cedo de um infarto fulminante. Então a gente também tinha muito medo disso. Porque, até então, ninguém sabia de absolutamente nada como era aquela doença (G.S., 2025). (grifo nosso)**

O cotidiano e as mais simples atividades diárias eram permeadas de tensão e alerta constantes:

A gente tinha essa preocupação e esse receio mesmo, enorme, do contato. Eu saía de casa, eu já tinha medo, assim, de ter alguma coisa dentro do elevador do prédio. Então, eu já andava borrifando o corredor do elevador, era andando com álcool gel o tempo inteiro e tudo. Então, era essa questão de higienizar tudo. A gente não pedia nada de iFood, era tudo fazendo em casa, tendo o maior cuidado. Então foi um período, assim, foi um período meio complicado, até nesse sentido, assim. Eu não ia visitar nem minha irmã nesse período. Foi, talvez, a coisa que eu senti mais falta. Minha sobrinha era muito nova, minha sobrinha estava com 2 ou 3 anos, meu xodó, minha sobrinha. E a gente não podia ter esse contato com eles, a gente evitava realmente. E foi mais ou menos isso mesmo, foi um período bem complicado, porque a gente passou bem tenso, muito tenso (P.K., 2025). **(grifo nosso)**

G.S., cujo relacionamento resistiu à pandemia apesar dos desafios, também relata a perda de uma pessoa próxima e como esse evento abalou o casal:

Nós perdemos... Nessa época, eu estava num cargo público comissionado lá no xxxxx e eu era assessora de um xxxxx, e ele era extremamente negacionista, extremamente. Não andava de máscara. Já idoso, tinha 74 anos de idade, na época hipertenso, já tinha feito duas cirurgias no coração, mas não estava nem aí, nem aí, nem aí mesmo! E aí, em março de 2021, quando a pandemia estava completando um ano, ele faleceu de complicações da covid. **E essa perda foi muito significativa para mim e para o meu**

marido. [...] Ele era uma pessoa que eu gostava demais, um excelente chefe, realmente. Tinha muito apreço por ele e ele era pai de um dos melhores amigos do meu marido. Então, acabou que a gente sofreu muito. Tanto é que, ainda hoje, nós somos muito ligados à família dele. Então, assim, foi uma perda. Ainda hoje eu sinto muito a presença dele. Foi uma perda realmente muito difícil para a gente. A gente sofreu bastante. E tivemos alguns familiares que passaram questões muito delicadas na época, que quase perderam a vida, realmente. Então hoje a gente agradece por eles estarem com a gente aqui, com saúde (G.S., 2025).

I.M. se emocionou ao relembrar a perda de um ente querido. Ela destaca o fato de que não foi possível se despedir do tio e a sensação de impotência que isso gerou:

Na primeira onda, foi tudo bem. Não deu nada errado. Na segunda, eu perdi um desses tios que me criou, né? E aí foi bem difícil, porque eu estava em isolamento, que era a segunda onda. E eu fiquei bem depressiva de novo. E muito tensa. Eu fiquei tão tensa que isso aqui doía, cara. Deixa eu pegar só um guardanapo. (choro de emoção) E aí... E foi bem difícil. E foi no crato. **A gente não podia ir pra lá. A gente tinha que ficar aqui. Até porque se fosse, não ia adiantar de nada, porque não podia entrar no hospital. Não tinha o que ser feito. Era realmente esperar. E foi bem ruim** (I.M., 2025). (grifo nosso)

Seu relato sobre a experiência do luto é bastante forte e ilustrativo do que muitas pessoas vivenciaram durante a pandemia:

Mas sobre o luto mesmo, não tem muito o que fazer. Tu já passou por um luto realmente forte com alguém que tu perdeu? Minha amiga, é muito punk. Nada adianta, nada resolve. Assim, tu tá precisando de alguma coisa? Não. Sabe? Você não está, mas também não está bom. **E não passa. Fica lá, um ano desse jeito. Não é uma coisa que passa rápido. E assim, não é assim: “Perdi uma avó que já estava doente.” É diferente de perder uma pessoa que está ali do lado. Enfim, é bem doido.** Porque você está no meio das pessoas que você gosta, mas aquilo ali, tanto faz. Você entra num “tanto faz”. Aí o A. (esposo) diz assim: “Você quer alguma coisa?” Não. Não quero não. “Tem alguma coisa que eu possa fazer?” Não, não tem. Porque não vai botar a pessoa viva de novo. Então, não tem. **E é só realmente esperar voltar para a rotina e esperar conseguir parar de chorar. Porque, uma hora, você consegue falar nisso sem chorar.** E voltar a trabalhar, voltar para a rotina. Eu acho que quanto mais rápido você volta a trabalhar e ocupar a cabeça, melhor. Porque se você fica sem fazer nada, a cabeça fica naquele assunto, é pior. Acho que para qualquer problema. E para o luto também (I.M., 2025). (grifo nosso)

No contexto da pandemia, o luto vinha com novas camadas de sofrimento, adicionadas pelas condições próprias daqueles tempos. Alguns entrevistados passaram por situações e experiências impactantes, semelhantes a muitas que foram contadas em reportagens que se acompanhavam pelos jornais. P.K. precisou providenciar o traslado do corpo do tio e definiu a experiência como “chocante”:

Quando estava começando, bem no começo mesmo, assim, da pandemia e tudo, do distanciamento social, eu perdi um tio meu, irmão da minha mãe. Ele estava trabalhando lá em Mossoró. E aí, ele estava lá, passava a semana lá e, no final de semana, ele vinha para cá, e tal, para ficar com a família. E aí, quando ele estava lá, ele veio a falecer. **E aí, eu tive que ir lá para Mossoró, para fazer o traslado, cuidar do traslado do corpo, para vir para cá, e tal. Foi bem naquele período, e foi, assim, bem chocante na época.** E aquilo foi que despertou mais o medo, o receio assim: “Poxa, a gente já perdeu aqui uma pessoa próxima e tal. Então a gente tinha um receio muito grande da mamãe, por conta das comorbidades dela (P.K., 2025). (grifo nosso)

A experiência de N.N. com o medo e o luto foi diferente. Desde o início da pandemia, ela se engajou na distribuição de comida para pessoas em situação de rua. Perguntada sobre se sentiu medo da morte, ela respondeu: “Não senti, porque eu ia todo dia pra Praça do Ferreira, né? Então... Que diabo era a minha vida? O povo batendo no vidro com fome. Entendeu?” N.N. atravessou a pandemia - e permanece até hoje - casada com um médico que, como muitos, precisou tomar decisões duras diante da escassez de leitos e equipamentos para tratar todos os pacientes. Ela relata que ambos sofreram mais pela situação de pessoas desconhecidas, já que os familiares e amigos próximos estavam bem protegidos em suas casas:

O mais sofrido pra gente, assim, em termos de... Era a fome na rua. Era o desconhecido. Assim, o que aconteceu com os desconhecidos foi muito ruim. Tipo... Ele ter que escolher quem ele intubava porque não tinha tubo. Então, eu vi várias vezes ele chorando como uma criança, né? Ou então ele ligar pra mim e dizer: “Eu não preciso sofrer não, né? Um tinha 88. O outro tem 42. Eu fiz certo, não fiz? (N.N., 2025).

Esse tipo de experiência e o luto pela perda de parentes próximos e amigos por conta do vírus, trouxeram à tona sentimentos de apego à vida, a busca por aproveitar ao máximo todos os momentos, enfim, a vontade de ser feliz simplesmente. Esse aspecto foi destacado por Arraichi e Ghourdou (2023):

A pandemia certamente levou as pessoas a refletirem sobre seus relacionamentos e o que valorizam na vida. Com muitos casais passando mais tempo juntos em casa, eles podem ter tido a oportunidade de fortalecer seus laços e aprofundar sua conexão. No entanto, a pandemia também gerou tensão em muitos relacionamentos, com estressores financeiros e emocionais agravando problemas existentes. **Como resultado, algumas pessoas podem estar repensando suas visões sobre casamento e divórcio. Elas podem perceber que a vida é curta demais para permanecerem em um relacionamento infeliz ou prejudicial e que é importante priorizar o próprio bem-estar.** Por outro lado, algumas pessoas podem estar reconhecendo o valor do compromisso e a importância de se apoiarem mutuamente em tempos difíceis (Arraichi e Ghourdou, 2023, p. 36). (**grifo nosso**) (tradução nossa)⁷⁴

Essa ideia encontrou ressonância, de forma muito evidente, nas falas de terapeutas de casal entrevistadas no âmbito desta pesquisa:

Porque as pessoas não querem mais ser infelizes, assim, casar e viver infeliz para sempre, né? Não, as pessoas não estão mais dispostas a isso, né? **E eu acho que a pandemia teve um... teve um papel muito importante nesse sentido, sabe?** [...] As pessoas vivenciaram situação de morte iminente ou morte mesmo de familiares, de amigos próximos, né? Muito forte agora nesses últimos dois anos, né? Então, eu percebo isso na psicoterapia individual. As pessoas estão começando a se questionar

⁷⁴ The pandemic has certainly caused people to reflect on their relationships and what they value in life. With many couples spending more time together at home, they may have had the opportunity to strengthen their bond and deepen their connection. However, the pandemic has also put a strain on many relationships, with financial and emotional stressors exacerbating existing issues. As a result, some people may be rethinking their views on marriage and divorce. They may realize that life is too short to stay in an unhappy or unhealthy relationship and that it's important to prioritize their own well-being. On the other hand, some people may be realizing the value of commitment and the importance of supporting each other through difficult times.

sobre a qualidade de vida mesmo: "Será que realmente eu quero viver a minha vida trabalhando assim?" **Será que realmente nós, enquanto casal, somos felizes o suficiente pra gente sustentar essa relação? Será que não seria melhor a gente separar e viver uma vida melhor?"** (C.C., 2022) (grifo nosso)

E também a pandemia trouxe, assim, reflexões diversas de quanto a vida é frágil, então muitos casais também pensaram assim: "A vida é agora! Não vou perder meu tempo num casamento que eu não estou feliz". Isso também foi algo que fez... e a depender das perdas ou, nem sempre uma perda familiar direta, mas eu tenho um amigo que perdeu a esposa, o marido, o filho... **então a finitude da vida, ela ficou muito próxima da gente.** E essa coisa, assim, do "**eu quero viver e eu quero viver feliz porque a vida é curta e ela é um sopro**", isso ficou ainda mais latente, né? (E.M., 2022) (grifo nosso)

Os trechos transcritos mostram que essa aproximação da morte e a ideia de fragilidade da vida podem ter contribuído para a tomada de decisão de muitas pessoas que vinham refletindo sobre a possibilidade do divórcio. H.D. é uma das entrevistadas que foi fortemente impactada pela ideia de fragilidade da vida. Ela atua como advogada de hospitais e descreve como era sua rotina durante os períodos mais críticos da pandemia e como isso a impactou emocionalmente:

No meu dia a dia, eu estava de *home office*. **Todos os dias a minha vida era uma loucura, todo dia, todo dia, não sei quanto tempo.** Tinha que pedir autorização para aumentar leito, pra fazer importação de equipamento, de respirador, fazer termo pra trocar respirador de um hospital pro outro, de unidade, pra pedir emprestado de um estado, fretar avião. Tudo isso era jurídico! E as pessoas que morreram, tinha que ter os espaços... **Eu ficava louca, louca, assim. Eu era muito pesada, de fato** (H.D., 2025).

Além disso, H.D. perdeu duas pessoas muito próximas e o luto desencadeou uma crise existencial:

Eu fiquei muito preocupada na época, eu fiquei com medo... **Quando foi 2021, eu perdi uma pessoa, duas pessoas muito próximas. E aí eu comecei todo um trabalho: "Meu Deus, se eu pegar e morrer? Os meus últimos dias não estão sendo com a minha filha, os meus últimos dias estão sendo eu trabalhando para os outros."** Aí eu caio numa crise, uma crise existencial, eu não queria mais aquilo. **Aí não queria mais, não queria. E aí eu criei uma repulsa de sair sem ela, de ficar sem ela, porque eu já tinha que trabalhar, então eu só fazia o mínimo do que eu precisava. [...]** O meu negócio era viver com a minha filha, porque eu morria (de medo), eu tinha medo de pegar e morrer. **E não viver o que eu tinha pra viver com ela.** Aí nessa época, inclusive, eu comecei um diário pra ela, porque eu fiquei com tanto medo de morrer e ela não saber o quanto ela foi amada, o quanto a mãe dela tava dedicada a ela. Enfim, de ela se sentir sozinha no mundo. Fiz um diário. Até hoje eu tenho, ele é... Eu fico alimentando ele até hoje, mas começou nessa época. De todas as coisas dela, como é que ela era, como é que tinha sido a história dela, como é que eu tinha engravidado, como é que eu escolhi o nome dela, o que é que ela representava, enfim. (H.D., 2025) (grifo nosso)

Diretamente relacionada ao medo da morte e à ideia de fragilidade da vida está a questão da saúde mental. Esse é um tema que ganhou muito espaço no debate público a partir da pandemia e para o qual as pessoas estão dando muito mais atenção desde então. O agravamento de problemas de saúde mental durante a pandemia envolve uma gama complexa de fatores,

desde a ansiedade pelo contexto geral, passando pelo medo de contágio, perda de emprego ou reduções salariais que, por sua vez, geram receio com relação ao futuro, chegando até, em muitos casos, ao luto pela perda de amigos e familiares, apenas para citar os exemplos mais recorrentes.

Evans et al. (2020) identificaram os impactos da pandemia na saúde mental de casais australianos com filhos, sendo que alguns entrevistados relataram que a possibilidade de suicídio chegou a ser cogitada:

Para algumas famílias, as restrições pesaram fortemente, envolvendo-as em estresse e impactando múltiplas áreas da vida familiar. Pais usaram diversos adjetivos expressivos para indicar o custo, notando que sua família foi afetada "pesadamente", "massivamente" e que a experiência foi "caos". Outros pais relataram "parou nossas vidas" e "minha vida familiar praticamente virou merda". Para uma família, a pandemia resultou em uma cascata de estresse tão insuportável que o suicídio foi considerado. [...] Muitas famílias relataram preocupação com a deterioração da saúde mental em si mesmas, seus filhos e famílias. Às vezes, isso parecia relacionado à exacerbação de dificuldades mentais existentes, incluindo sintomas de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático. (Evans et al., 2020, p. 4) (tradução nossa)⁷⁵

S.E. já tinha um histórico de ansiedade e depressão. Durante a pandemia, ele perdeu amigos com quem guardava semelhanças físicas, especialmente com relação à obesidade, que era considerada uma das comorbidades que aumentavam o risco de óbito para quem contraísse o vírus. Além disso, sofreu com a perda de dois cachorros. S.E. conta que, para ele, esse foi o pior período da pandemia, quando sentiu muitos sintomas de depressão. Ele relata que sua companheira se revelou insensível diante de seu sofrimento, sendo mais um dos motivos que ensejaram a separação:

Ele era meu colega de trabalho, era um grande amigo. De formação e, agora, colega de trabalho. Foi uma das primeiras vítimas mais próximas que eu tive da pandemia. E o perfil corporal parecido, mais gordinho. Ele era mais baixo que eu um pouquinho. E aí, tinha uma complicação da diabetes e da asma. Eu tinha um grande amigo, na época de igreja, que foi meu padrinho de casamento, do meu primeiro casamento. O mesmo perfil corporal que eu. Veio a falecer por Covid. E um aluno meu da (universidade), também o mesmo perfil corporal, faleceu. **Então, esses três casos foram dentro de um espaço de dez dias. E foi um baque atrás do outro. [...] E tudo isso foi me derrubando, me derrubando psicologicamente. E antes de acontecer algo com os meus cachorros, eu já estava muito mal de cabeça. Deitado. Passava um tempo deitado. Então, uns dois dias, assim, eu fiquei malzão.** E aí, beleza. Continuou-se a vida, aquela tristeza. E eu me lembro muito bem de uma sexta-feira, já virando de fevereiro para março, que o meu golden, o K., ele estava trôpego. Não queria comer muito, já fazia muito tempo. Passear era raro. [...] Fui dar o alimento deles, fui me despedir deles para dormir, porque eles dormiam fora de casa. E quando

⁷⁵ For some families, restrictions weighed heavily, blanketing families in stress, and impacting multiple areas of family life. Parents used a variety of expressive adjectives to indicate the toll, noting their family was affected "heavily," "massively," and the experience was "chaos." Other parents reported "it has stopped our lives" and "my family life has pretty much gone to shit." For one family, the pandemic resulted in a cascade of stress that felt so unbearable that suicide had been considered. [...] Many families reported a concern over deteriorating mental health in themselves, their children, and their families. Sometimes this appeared to be related to an exacerbation of existing mental health difficulties, including symptoms of depression, anxiety, and post-traumatic stress.

eu fui procurá-lo, ele estava num jardimzinho, deitado, dando arfadas já, faltando ar. Faleceu neste dia. E, nesse dia, a S. (companheira), em vez de me acolher, ela pegou e disse que eu era irresponsável, que eu não passeava com o cachorro, que eu não cuidava do cachorro, que eu era culpado de ter morrido. Teve algumas situações que me aperrearam mais ainda, me deixaram mais em luto, mais pesado. **E essa semana acabou virando, no final de semana, que eu acabei me separando da S., porque a gente teve mais brigas. [...] Nessa hora, foi o meu pior momento da pandemia. Ali em março de 2021. Eu tinha perdido os amigos, tinha perdido o meu cachorro. A pessoa que podia me acolher, não me acolheu (S.E., 2025). (grifo nosso)**

A experiência de I.M. mostra outro lado da moeda. Ela também sofreu com fortes crises de ansiedade e depressão durante a pandemia e relata que o apoio emocional do companheiro foi indispensável para que conseguisse atravessar o período.

Eu tive várias crises de ansiedade. Daquelas de achar que vai morrer, o coração vai sair, que eu estou infartando. A crise mesmo. Eu acho que, no estado de ansiedade, existem várias coisas. E aquela crise, aquele pico, eu tive algumas. **E se eu não estivesse com ele, eu não sei se eu teria ficado normal depois não. Ele me dava muito suporte.** Eu lembro que eu acordava, saía de casa de manhã para atender os meus pacientes, e aí eu voltava em casa, tomava banho, lavava o cabelo, me desinfetava toda de novo para atender outro paciente na parte da tarde, e voltava para casa. **E o A. (esposo) é que fazia café da manhã, fazia almoço e fazia jantar. E tentava me fazer viver, minimamente, as coisas da vida, do cotidiano, porque senão eu não fazia não (I.M., 2025). (grifo nosso)**

Maesima et al. (2024) também concluíram que esse período de crise favoreceu reflexões sobre a fragilidade da vida e o realinhamento de prioridades:

A pandemia também proporcionou aprendizados e reflexões aos participantes. O fato de se depararem com a finitude da vida e a fragilidade humana parece ter suscitado reflexões aos casais, no sentido de os impulsionar a perseguir sonhos e desejos, contactar pessoas queridas e demonstrar afeto: *[Deu] pra enxergar o quanto a gente é frágil, o quanto a gente é finito e às vezes a gente vai “ah tá, vou, não sei quê”, e acaba não fazendo. . . . Tem que aproveitar, sabe? É o momento que a gente tem, querendo ou não a gente é jovem ainda, então tem várias coisas que eu almejo fazer, que eu posso dizer que a pandemia me aflorou (Cesar)*. Outras falas sugerem a valorização de aspectos corriqueiros, mas cerceados durante a pandemia, como passear livremente, o contato com outras pessoas, o toque físico: *“Eu já tenho esse pensamento de que a vida é muito frágil, sabe? E que tu tem que aproveitar os momentos... e como as pequenas coisas fazem diferença, enfim, contato com o outro” (Bárbara)*. Também foi mencionada a percepção sobre o aumento do senso de coletividade e de união entre as pessoas, assim como do quão resilientes e solidárias as pessoas podem ser: *Acho que a gente é muito mais capaz do que a gente imagina, de abdicar de coisas e de se importar com o outro. . . . Acho que a gente virou muito mais resiliente nesse sentido, muito mais solidário com o mundo, sabe? Eu vejo as pessoas se ajudando mais, estreitando relações também, as pessoas – a meu ver – finalmente valorizando as coisas que devem ser valorizadas (Claudia)* (Maesima et al, 2024, p. 7).

Como ficou evidente, os relatos obtidos por meio do estudo citado estão em consonância com os dados aqui expostos, confirmando que não se trata de uma sensação isolada, mas de um impacto reportado por pessoas com características diversas e advindas de diferentes contextos e realidades.

4.3 A política, o vírus e o negacionismo

Levando em consideração a revisão bibliográfica realizada, chama atenção uma peculiaridade do Brasil em relação a outros países. Aqui, um elemento surgia espontaneamente nas falas dos entrevistados: a “polarização” política.

Inicialmente, não estavam contempladas no roteiro de entrevistas questões diretamente relacionadas à política. Entretanto, esse foi um tema que se mostrou presente e relevante desde o início, notadamente quando abordados aspectos referentes aos cuidados para evitar o contágio da doença.

O período da pandemia foi marcado por um aumento da tensão política no país, especialmente provocado pela gestão e declarações desastrosas de Jair Bolsonaro, presidente da república em exercício à época. Muitas relações familiares, de amizade e conjugais foram impactadas e até mesmo rompidas desde a sua eleição, ainda em 2018.

A partir da chegada da pandemia ao Brasil, os discursos sobre saúde, vacina, medidas de isolamento e cuidados para evitar o contágio se misturaram ao discurso político. Não era incomum ver pessoas alinhadas ao campo político da extrema direita desrespeitarem regras de distanciamento social ou negligenciarem o uso da máscara. Por outro lado, pessoas que respeitavam rigorosamente o isolamento social ou que defendiam a compra de vacinas, por exemplo, poderiam ser consideradas, automaticamente, alinhadas ao campo político da esquerda.

O acirramento das divergências políticas também atingiu os relacionamentos familiares e amorosos. O caso de H.D. foi o mais emblemático nesse sentido pois, segundo sua percepção, as posições políticas antagônicas representaram o fator mais significativo para sua separação:

Foi um momento extremamente polarizador politicamente, né? E algumas intolerâncias aconteceram. Então, eu era de uma visão e ele não concordava, ele era negacionista. **O que pesou pra gente foi muito mais o nosso posicionamento quanto à pandemia. Ele era negacionista, eu não era, ponto, né? E isso fazia com que a gente chocasse, não sei. Se ele passasse uma hora em casa, era uma hora brigando, porque não queria usar a máscara, não queria passar álcool, não queria, e eu queria.** Eu tinha medo das sacolas que chegavam ali. Ele ia pro supermercado, chegava cheio de coisa, pegava a M. (bebê) e eu: “Meu deus do céu!” Corria, lavava a mão dela. Então isso que desgastou, né? Foram visões antagônicas. (H.D., 2025) (grifo nosso)

A gota d’água para H.D. veio quando a sua bebê contraiu o vírus. H.D. trabalha como advogada de hospitais e testemunhou, ainda que remotamente, muitos casos de mortes e complicações causadas pelo vírus.

A gente ficou dentro da mesma casa, sendo que ele saía todo dia, ele voltava todo dia e não queria saber: “Era tudo besteira, não tem essa loucura.” E aí o que aconteceu?

Ele pegou covid, não sentiu nada, fumante, não sentiu nada! Então aí é que ele ficava mais negacionista ainda. E eu peguei, quer dizer, eu não sei se eu peguei porque eu não “positivava”, mas a M. “positivou”. Aí quando ela positivou, a bebê que pegou dele, eu fiquei louca. Eu: “Não, se acontecer alguma coisa com ela...” **Até que eu cheguei no extremo: “Não dá pra mim desse jeito, porque eu vou ficar doida, né? E aí, ele saiu de casa, foi lá pro pai dele.** (H.D., 2025) (grifo nosso)

Outras pessoas entrevistadas mencionaram um certo impacto da questão política em seus relacionamentos, embora não tenham atribuído o mesmo peso. É o caso de S.K., que conseguiu contornar esse problema por meio do diálogo com seu marido:

Até o momento, a gente teve um combinado, mas em algum momento, eu lembro que a gente começou a ter algum tipo de conflito sobre. Eu, normalmente, tenho uma ideia de política muito mais de esquerda, enquanto meu esposo está muito mais para um centro-direita. E aí, isso eu acho que acabou sendo influenciado na pandemia, porque a gente tinha um presidente de direita, o Bolsonaro. E aí isso, com certeza, acabou impactando de alguma forma porque, querendo ou não, as coisas que ele falava - e a forma que a família dele, meu esposo, principalmente, (é muito de direita), acabam lidando com as coisas que o Bolsonaro falava. Então: “Ele tem razão, não deve ser nada demais, não deve ser isso.” Não, dentro dessa casa, a gente vai seguir o que precisa, o máximo que a gente conseguir. Porque ainda tinha que sair, o certo seria ficar em isolamento total, mas não era o que acontecia. E aí, a gente tinha um pouco de divergência. Ele achava que eu estava neurótica demais com isso. Não era essa palavra que ele usava, mas achava que eu estava pilhada demais com isso (S.K., 2025).

É possível perceber que o discurso político do presidente da república influenciava diretamente o comportamento das pessoas em relação à pandemia, prejudicando, inclusive, os cuidados contra o contágio. Nesse sentido, impactou também os relacionamentos, na medida que, se alguém não tomava as medidas necessárias, consequentemente expunha ao vírus as pessoas com quem convivia, gerando conflitos. Esse aspecto da convivência entre casais na pandemia não foi encontrado em nenhum artigo científico levantado na revisão bibliográfica, revelando-se uma peculiaridade do contexto brasileiro.

G.S. também conta sobre sua experiência com o marido bolsonarista. É interessante notar a partir do seu relato a ligação direta estabelecida entre o fato de ser um eleitor de Bolsonaro e, ao mesmo tempo, assumir uma posição anti-vacina.

Ainda temos um detalhe: Eu sou pró-vacina e o meu esposo é totalmente negacionista. Mas conseguimos lidar bem com essas diferenças. Por exemplo, os meus filhos são vacinados, eu sou vacinada, ele se vacinou. Apesar de ser mais negacionista em relação a isso, também se vacinou. E aí, a gente teve muitas faíscas políticas. Porque a gente via muita coisa ruim, a gente via muita fake news, a gente via muito essa polarização. E assim, eu sou mais neutra, já ele é completamente Bolsonaro e tal... Mas ele é uma pessoa muito sensata. E ele sabe dividir, ele sabe separar o que, de fato, está certo, e o que, de fato, está errado. Apesar de se manter nessa postura mais negacionista em relação à vacina em si. Mas a gente teve muito essas questões políticas dentro desse período. Nunca deixamos que isso prejudicasse verdadeiramente nosso casamento, graças a Deus. Mas nos “faiscamos” dentro desse assunto, nos “faiscamos”. Divergimos em muitos pensamentos ainda hoje, divergimos. Mas eu acredito que de forma muito respeitosa (G.S., 2025).

A politização da pandemia extrapolou os contornos do ambiente doméstico, da dinâmica restrita ao casal, e atingiu também as relações com as famílias extensas de cada um, repercutindo, inevitavelmente, na relação conjugal. S.K. deixou isso bastante claro em seu relato:

E a família dele piorou! A gente nem convivia, obviamente, com a família dele nessa época. Com ninguém, na verdade, assim, além de quem precisava conviver por conta do trabalho. **Mas a família dele era mais anti-vacina ainda, sério! Era um negócio muito... Meu Deus do céu, me incomodava aquilo!** E a única pessoa que pegou covid fui eu. E peguei três vezes, como se não bastasse pegar mesmo, assim, tipo, de trazer o covid, fui eu. Então, eles que eram anti-vac... Basicamente, lá da família dele, ninguém pegou! Estava todo mundo, sei lá, vivendo a vida normalmente, praticamente. E eu, que estava cuidando, que estava, assim, usava sempre máscara, nós sempre usamos, né? Higienizar com álcool, a gente sempre higienizou, compra no mercado, essas coisas. Mas, assim, não convivia com as outras pessoas, mantinha distância. Então, sim, a gente divergiu de opinião, a gente lidou com ela entrando no que seria a segurança para todos, da casa, de alguma forma, e foi basicamente isso, assim. Então, querendo ou não, na pandemia a gente tinha o Bolsonaro como presidente, então me irritava as coisas que ele falava, me irritava o posicionamento político, a maneira que expressava sobre as coisas, e isso já desde o início. [...] **Então, eu acho que mais afetado do que o relacionamento amoroso, foi o relacionamento com os familiares, na verdade. A minha família é bem dividida. E a família do R. que gosta de ficar falando sem parar sobre política. Então, eu acho que ele criou uma certa aversão à família dele nesse sentido, sabe? E que demorou para se restabelecer, na verdade.** Eu acho que agora que está mais de boa, mais tolerável, mais tranquila. Porque eu confesso que, durante a pandemia e depois da pandemia, eu ficava meio arisca, de certa forma, com eles, com as coisas que eles falavam, com as coisas que eles reproduziam de discurso (S.K., 2025). **(grifo nosso)**

Os relatos evidenciam o fato de que, além de todas as dificuldades impostas pela crise de saúde global, no Brasil havia ainda outra camada de tensão, esta imposta pela política. Nas entrevistas, quando era pedido que falassem sobre sua rotina durante os períodos de isolamento social da pandemia ou sobre a perspectiva de contágio e morte pelo vírus, invariavelmente as pessoas acabavam chegando a este ponto. Na fala de T.L., os cuidados que ela e a família do companheiro - com quem passou a maior parte da pandemia - tomavam para evitar o contágio e a política se misturam naturalmente:

Eu tinha muito cuidado, tipo, ficava de máscara e tudo mais. Mas se a mãe dele, por exemplo, não usasse, eu não me incomodaria, assim, sabe? Falava assim: “Olha, é bom ficar de máscara” e tudo mais, mas não era uma coisa que seria motivo de atrito, sabe? Porque eu sempre tive muito isso: “Olha, a pessoa sabe o que a gente tá passando. Tá vendo o que a gente tá passando na televisão, é só o que mostra. E se ainda quer sair sem máscara, aí é por conta da pessoa, né?” Mas assim, não teve muito, assim, atrito por isso, sabe? Era uma coisa ou outra pontual que a gente conversava ou que eu via, assim, sei lá... Saía e chegava, não passava álcool, não higienizava a mão, os pés e tudo mais. Eu falava assim: “Cadê, vamos pegar o álcool, vai passar aqui, vou passar aqui o álcool.” **Uma coisa muito sutil, justamente pra não ter conflito. Principalmente porque envolvia questões políticas também. Então, assim, lá na casa, eu, o D. (companheiro à época) e o pai dele, a gente sempre foi de esquerda. A mãe e o irmão mais novo, de direita. Então, na época, quem era o presidente era o Bolsonaro. Então: “Se o Bolsonaro tá dizendo que não precisa usar máscara, eu não vou usar máscara não.”** Aí eu só dizia assim: “Então tá. Eu, por via das dúvidas, eu vou resguardar minha saúde porque eu não quero correr o

risco de morrer. Pelo sim, pelo não, melhor usar máscara. Mas a senhora que sabe aí, se a senhora quer correr o risco ou não.” Então, eu via que, quando eu falava assim, a pessoa meio que ficava com receio e acabava usando máscara, sabe? (T.L., 2025)

Outras pessoas, embora não tenham enfrentado conflitos em torno da política em seus relacionamentos amorosos ou na família, com a pandemia e todas as repercussões agravadas por uma gestão política negligente, para dizer o mínimo, optaram por se afastar de amigos com quem conviviam antes, especialmente motivados por certo discurso político. I.M. desenvolveu ansiedade em relação a pessoas que mantêm esse discurso, mesmo após a pandemia:

Inclusive as pessoas me geravam muita ansiedade. Eu tinha primos que eu convivi muito. E que hoje eu acho que não faz mais sentido estar dentro da minha casa. São pessoas que eu gosto. Que a gente se encontra em aniversário, casamento, algum evento da família. Mas que não me faz bem mais dentro da minha casa. **Porque são pessoas que fazem comentários. Que dizem coisas, que levam uma vida que não faz mais sentido pra mim. As pessoas estão muito polarizadas. É aquela história da polarização da política também. Ou você é igual a mim, ou você não presta. E aí, essas pessoas, eu cortei todas.** Porque eu acho que nós não estamos num cenário político em que um é melhor do que o outro. Um é ruim e o outro é pior. Não tem ninguém muito bom. Não tem ninguém pra gente estar defendendo. E muito menos brigando por causa disso. **E aí, esse tipo de gente, que traz esse tipo de assunto que me gera ansiedade, e que me traz gatilhos de depressão e ansiedade sobre o assunto do luto, eu cortei todos** (I.M., 2025). (grifo nosso)

P.K., ao falar sobre mudanças provocadas pela pandemia em sua rotina, conta que, com os longos períodos de *lockdown*, houve um distanciamento natural nas relações em geral. Encontros com amigos se tornaram menos frequentes, mesmo com o processo de reabertura nos últimos meses de pandemia. Nesse contexto, ele traz o assunto da política também de maneira espontânea:

E a outra coisa também dessas amizades que a gente meio que se afastou um pouco também, não tem como a gente negar, não tem como a gente dizer que não, mas a gente, desde, por exemplo, de 2018 pra cá, a questão política pesa. Então, digamos assim, de 2018 pra cá, houve meio uma clivagem dessas pessoas, né? Então, assim, essa galera que a gente tinha uma proximidade maior, mas assim, bem bolsonarista, bem da extrema direita, a gente acabou meio que isolando. A gente não desfez amizade, não desfez amizade com nenhum deles em redes sociais e tal, tudo tranquilo. Mas são pessoas que a gente mantém, assim, uma certa distância saudável. Porque eu sei que, se a gente chegar próximo, e é o tipo da coisa que se eu começar a escutar algo, eu não consigo ficar... Eu não vou bater boca, mas eu vou ali tentar argumentar, né? **Aí teve também essa questão que também tá associada, né? Porque, quando você vai observar, essas pessoas, muitas delas não quiseram tomar vacina no período, queriam tomar cloroquina. Então, não tem como você desassociar uma situação como essa.** Eu digo: “Gente, a gente perdeu pessoas próximas, a gente perdeu, né? Por conta desse negacionismo e tudo mais. Então assim, não dá, não tem como a gente manter essa... Hoje olhar com os mesmos olhos, manter aquela proximidade. Então acabou sendo também benéfico nessa questão, a gente fazer essa triagem, digamos assim, uma triagem dessas amizades, de fato, que a gente quer mais próximas hoje (P.K., 2025).

Como se percebe a partir de seu relato, P.K. considera, inclusive, que a pandemia foi benéfica nesse sentido, isto é, na medida que fez as vezes de filtro das amizades, possibilitou

fazer uma triagem dos amigos, em que um dos critérios principais seria, justamente, o posicionamento político. Todo esse contexto repercutiu também nas relações pós-pandemia.

4.4 A reabertura

Se a pandemia e a necessidade de distanciamento social impactaram os relacionamentos amorosos, o processo de reabertura também trouxe sua parcela de consequências. Aqui se entende por reabertura o movimento de retorno a uma rotina “normal” pós-pandêmica, com a retomada do comércio e do trabalho presencial, da convivência com outras pessoas, a flexibilização das medidas de isolamento, a possibilidade de pequenas aglomerações, etc. Tudo isso, após meses de tensões e incertezas, também mexeu com alguns casais.

Por um lado, o medo da morte e a noção de fragilidade da vida parecem ter influenciado fortemente o comportamento de algumas pessoas. Com a reabertura, sentiram vontade de “recuperar o tempo perdido”, sobretudo no que diz respeito a experiências fora de casa e à convivência com amigos. Por outro, a reabertura representou a manutenção de certa distância, uma resistência à retomada da convivência e da rotina exatamente como era antes da pandemia, e até uma ansiedade diante de aglomerações.

O companheiro com quem T.L. vivia durante a pandemia fazia parte do primeiro grupo. Ela conta que a sua sensação era a de que ele estava preso e, com a reabertura, foi solto para viver tudo o que a vida tinha para oferecer.

Porque eu acho que, como a gente ficou três meses enclausurado, preso dentro de casa, é como se você estivesse preso e pronto, foi solto. E aí você quer viver e explorar tudo que o mundo pode lhe oferecer, porque você estava preso. Então, a sensação que eu tenho foi essa. Eu não sei se por a gente ter percepção de vida diferente, por eu ter, eu posso dizer isso, ter mais maturidade do que ele. Então, pra mim, não teve diferença nenhuma. A única diferença foi que, pronto, a gente está começando a voltar à vida normal. Normal entre aspas. A gente está começando a poder sair de casa, ir pra alguns lugares, já voltar a trabalhar de forma presencial. **Mas na minha cabeça, a nossa vida mesmo, não mudou nada. A gente está no relacionamento, enfim. As coisas vão continuar, tudo de onde parou. A gente ficou preso por conta da pandemia, agora a gente está voltando e vai continuar. Eu acho que na cabeça dele não foi assim que funcionou.** Foi: “Eu estava preso, agora eu estou solto. E agora eu vou fazer tudo que eu tive vontade de fazer e não pude fazer.” Que é essa a sensação que eu tenho, sabe? (T.L., 2025) (**grifo nosso**)

Nota-se que T.L. demarca bem a diferença entre a sua forma de encarar a reabertura e a forma como seu companheiro encarou o mesmo momento. Para ela, o relacionamento continuaria exatamente como antes. Eles haviam atravessado relativamente bem os períodos de maior isolamento social, pelo menos no que diz respeito à rotina doméstica e à convivência em

si. Entretanto, T.L. considera que, apesar de não ter sido determinante, a reabertura pode ter facilitado a infidelidade do companheiro, o que culminou na separação:

Então, eu acho que depois, quando começou a sair, eu voltei a trabalhar presencial, ele voltou pro estágio, sabe? Tipo assim, acho que já tava pra ele: “Ai, eu preciso viver alguma coisa diferente, porque eu não aguento mais estar só aqui.” Então, assim, pra ele parecia que ele estava preso e soltou, e queria correr atrás do que ele tinha perdido. **Coisa que ele poderia fazer se tivesse tudo normal. Eu só não ia saber. No que a gente ficou na pandemia preso, ele não tinha como fazer isso. Você estava 24 horas com ele, como é que ele ia dar essas escapulidas dele, né?** Então, quando passou a pandemia, que a gente começou a voltar, sair de casa e tudo mais, eu acho que pra ele foi isso. Foi um libertador: “Pronto, eu estava preso e agora estou solto. E vou fazer o que eu tiver vontade de fazer.” **Porque se não fosse isso, teria sido outra coisa, porque é uma coisa comportamental, sabe? E é uma coisa estrutural. O pai dele passou a vida inteira traindo a mãe dele, e ele vendo isso. E aí, é normalizado e ele acha que é um comportamento legal, ele não consegue se controlar. Pra ele, traição é uma coisa normal, sabe? Então, se não fosse a pandemia, se não tivesse sido isso, seria qualquer outra coisa, né?** Mas eu acho que pode ter acontecido isso, né? Depois que passou a pandemia, que foi voltando as coisas, que foi saindo, que foi... Tipo, meio que tava cansado já de... De estar naquela convivência, ali na rotina, né? E aí depois que passou a pandemia, foi que deu essa distanciada (T.L., 2025). **(grifo nosso)**

Retomando os trechos anteriores do relato de T.L., é possível observar que ela enxerga a pandemia como uma oportunidade que a permitiu conhecer o comportamento do companheiro em um momento de crise, especificamente no que diz respeito à responsabilidade financeira. Ela deixa claro que esse foi o principal impacto da pandemia em seu relacionamento. Porém, foi a descoberta da traição que a levou a colocar um ponto final na relação, o que ocorreu pouco tempo após iniciar o processo de reabertura.

A experiência de H.D. foi semelhante no que diz respeito a como seu marido reagiu ao processo de reabertura. O excesso de bebida alcoólica e, no limite, o comportamento violento marcam seu relato:

Só que aí, quando voltou da pandemia, voltou numa tônica... e aí não foi só ele, eu notei que foi, assim, a bolha dele. Era um afã de sair, teve uma repercussão diferente. Todos os dias era posto, todo dia passava no posto, tinha os amigos do posto. Aí tinha o clube, que tinha que ir. Eu falei: “Porque tem que ir? Vamos fazer uma coisinha aqui com a criança. Vamos fazer uma coisa em família.” Até aí tava tudo certo. Eu gosto, acho maravilhoso o clube. **Mas o problema é porque era bebedeira. Não era sair pra ir lá espairar, confraternizar. Era bebedeira. E aí, isso começou a me incomodar. Porque aí começou a escalar a bebida, de modo que já bebia todo dia dentro de casa. E começou a ser grosseiro. Aí começou um comportamento que era assim: quando estava bêbado, era uma pessoa, quando estava sóbrio, era outra. Eu não aguentava mais.** [...] Ele tinha, não sei se ainda tem, mas ele tinha um estilo de vida muito boêmio. Então ele foi uma pessoa que sentiu muito a pandemia pela falta do estilo de vida dele. Porque era de boemia, saía pra beber com os amigos, né? **Quando passou a pandemia, em 2022 a gente se mudou. Quando a gente veio pra esse apartamento, aí foi que as coisas pioraram mesmo, no sentido de que ele passou a sair mesmo, quinta-feira ele começava a sair, na sexta eu às vezes via, às vezes não via. Porque ele começou a chegar em casa bêbado. E começou a me agredir verbalmente. E aí culminou numa agressão de objeto que, eu entendo, a minha leitura é de agressão física. Por mais que não tenha me atingido, mas foi pra me atingir. O fato de não ter me atingido não tira**

a ação, o conceito da ação. E aí foi pra mim a gota d'água. Eu disse: “Eu não quero que minha filha cresça nisso. Eu não quero que ela entenda que relacionamento e casamento é um negócio desse. Ela precisa ter outra referência do que é amor de pai e amor de mãe, que não esteja ligada a essa nossa relação altamente conturbada.” E a gente tinha um pacto de nunca brigar na frente dela, e ele rompeu esses pactos todos. Então quebrou, quebrou total. (H.D., 2025) (**grifo nosso**)

H.D. percebeu que o ímpeto de estar fora de casa e de consumir bebida alcoólica de maneira exagerada não se restringia ao marido, isto é, seus amigos estavam reagindo à reabertura da mesma forma. Segundo seu relato, o excesso de álcool contribuiu para alterar o comportamento de seu marido, tornando-o violento. Na entrevista, H.D. deixou claro que já vinha insatisfeita com as atitudes do marido desde antes da pandemia e que, durante o isolamento social, isso apenas se agravou. No entanto, é no processo de reabertura, quando o marido passa a se comportar de maneira ainda mais nociva, movido pela vontade de recuperar o tempo perdido na pandemia, que a situação, de fato, chega ao limite.

É interessante notar que não foi apenas a necessidade de permanecer em casa, a hiperconvivência e o isolamento que causaram desequilíbrio na relação. O movimento contrário, de reabertura, de retomada da convivência com amigos e da rotina pré-pandemia também impactou o relacionamento de maneira negativa.

Já a experiência de M.H. com o movimento de reabertura foi diferente. Ela começou o relacionamento com o namorado durante a pandemia, pelas redes sociais. O primeiro encontro ocorreu com ambos usando máscara. Devido à necessidade de isolamento social, a aproximação e a intimidade se desenvolveram rapidamente, e logo ela passou a morar na casa dos pais dele. No início, passavam bastante tempo juntos e não conviviam com outras pessoas, respeitando as medidas de distanciamento. É curioso notar como, em sua percepção, foi a reabertura, e não a pandemia em si, que trouxe impactos mais significativos para seu relacionamento:

E aí, no meio do ano seguinte, 2021, foi quando eu comecei a conhecer os amigos dele. Porque a gente começou a sair mais, assim. Quando as coisas começaram a se abrir mais. **Quando eu comecei a ir para a faculdade. Meio que a gente foi se perdendo mesmo, se perdendo um do outro. Eu tive certos problemas com os amigos dele. Aquelas pessoas não tinham nada a ver comigo.** As pessoas sequer gostavam das mesmas músicas que eu, sequer sabiam quais eram as músicas, os cantores das músicas que eu gostava. [...] **E eu acho que, no início do amor, por conta de ser na pandemia, a gente não tinha essa noção, de que nós éramos tão diferentes.** E aí, quando as coisas foram ficando muito pesadas, as diferenças foram ficando muito pesadas, com as amizades. Como que eu vou conviver tanto com essas pessoas? A gente não conseguia conversar. E eu sempre fui muito sociável. Mas eu sabia que quando eu chegava em casa, eu estava esgotada, porque a minha energia tinha sido sugada naquele ambiente. E aí, o nosso relacionamento acabou. Eu sentia, assim, parando pra pensar, eu acho que senti que eu tinha muito menos importância do que eu achava que eu tinha. **Então, quando era só nós ali, naquele contexto, as minhas opiniões tinham importância, o que eu queria, o que eu não queria. Quando as outras pessoas passaram a ser incluídas no nosso relacionamento, eu não estava esperando que as outras pessoas fossem ter um grau de importância muito maior do que eu. Eu já estava muito acostumada a ser a única, de alguma**

forma. Então, para mim, foi muito esse choque de realidade, de ter outras pessoas nessa relação. (M.H., 2025) (grifo nosso)

O caso de M.H. é ilustrativo. Até a reabertura, seu relacionamento só conhecia o contexto da pandemia. A dinâmica da convivência com seu namorado era ditada pelo isolamento e pelo não convívio com outras pessoas. O namoro se desenvolveu sem que se dessem conta de que não tinham tantas afinidades quanto imaginavam, na medida que se conhece uma pessoa também pelas relações que ela cultiva. Tão logo o relacionamento se abriu para o mundo externo, tão logo M.H. conheceu os amigos do namorado, ficou evidente que a relação não iria durar muito mais tempo. Este é um caso, portanto, em que o casal se uniu na pandemia e foi separado pela retomada da vida normal.

I.M. e o companheiro mudaram significativamente seu estilo de vida após a pandemia. Se antes costumavam sair para barzinhos com grupos grandes de amigos todos os finais de semana, no pós-pandemia essa programação foi substituída por noites de sexta-feira cozinhando em casa:

O pós-pandemia, a gente realmente diminuiu muito a convivência com muitas pessoas. Então, só dos meus amigos mais íntimos, mais próximos, dá-se umas 35 pessoas. **Mas a pandemia cortou a metade. Eu não convivo mais com eles como eu convivia antes. Eu não me sinto mais na obrigação de conviver.** Porque antes era assim: “Eu não posso chamar fulano e não chamar fulano para vir na minha casa. Tem que chamar, só chamo se for os dois.” **Com a pandemia, as coisas deixaram de fazer sentido com essa quantidade enorme de pessoas. E pós-pandemia isso se manteve. Se eu não quero chamar, eu não chamo. Se eu não quero ir, eu não vou. E por quê? Porque não quero, Porque não estou com vontade. Antes eu me sentia mais na obrigação de dar uma satisfação. E aí também os barzinhos pararam de fazer sentido. Porque a gente aprendeu também uma outra forma de se divertir. Porque fica só a gente dentro de casa tomando um vinho, fazendo uma comida gostosa, E morrendo de rir e sendo muito mais feliz do que na rua. Tendo a obrigação de conviver com a pessoa que a gente não quer. Então a gente é mais feliz quando a gente corta o que a gente não tem vontade** (I.M., 2025). (grifo nosso)

Perguntada sobre a que I.M. atribui essa mudança de perspectiva e de hábito, I.M. aponta especificamente a polarização política, como já exposto no tópico anterior. Ela conta que a convivência com pessoas que lhe causam ansiedade, justamente por trazerem à tona assuntos que a remetem ao luto que viveu durante a pandemia, não faz mais sentido para ela. A experiência de vivenciar uma pandemia e a perda de pessoas próximas, com tudo o que isso implica, inclusive para a saúde mental, repercutiu no modo de I.M. enxergar a vida e eleger suas prioridades.

N.N. também menciona a ansiedade quando o assunto é a reabertura, o pós-pandemia. Ela é responsável pela organização de um grande evento ao ar livre em sua cidade. Antes da

pandemia, ela costumava circular bastante pelo espaço, conversando com as pessoas. A partir da reabertura, ela conta que isso mudou:

Eu lembro que quando voltou, eu tinha muita crise de ansiedade. Eu não sabia que aquilo era crise de ansiedade, eu descobri depois. Mas eu tinha, tipo assim, eu chegava e me escondia atrás de um tapume. Ficava sentada em cima de um isopor e passava a feira lá. Quem quisesse me ver que fosse lá. Aí eu dizia: “Não, eu tô cansada. Não, eu não quero ver gente não. Não, eu tô cansada.” Quando foi na quarta edição foi que o B., meu sócio, disse: “Acho que você não está muito bem de cabeça não.” Aí eu falei para o terapeuta, para o psiquiatra e tal. Na época, ele me passou um alprazolam, aí toda vida eu tomava um alprazolam. **Eu lembro que foi difícil para mim enfrentar de novo a pressão de ter que falar com muitas pessoas ao mesmo tempo, por um curto espaço de tempo. E eu nunca mais fui a mesma.** Eu não tenho mais essa energia social de ficar circulando. Mas isso ainda hoje me estressa, sabe? (N.N., 2025). (grifo nosso)

Já P.K., que sempre foi caseiro, conta que ficou ainda mais caseiro com a pandemia, algo que se manteve após a reabertura. Ele aprendeu a apreciar mais a própria companhia e o núcleo de amigos ficou mais restrito:

Eu já era uma pessoa que era meio caseira. Com a pandemia, eu fiquei mais ainda. E pra essa volta, eu acho que eu senti realmente mais falta, ou da minha família, ou de alguns amigos mais próximos, aquele núcleo mesmo próximo. Então a gente foi tentando rever esses amigos mais próximos nossos. E aí, geralmente a gente fazia esses encontros na casa de um, na casa de outro, a gente evitava ir pra barzinhos, restaurantes. E eu acho que foi válido também, porque eu acho que a gente meio que, nesse período, a gente foi, digamos assim, a gente manteve só esse contato mesmo com aquele núcleo mais próximo, e algumas outras amizades a gente foi deixando um pouco mais afastada. **Até porque, como eu falei, minha bateria social também diminuiu bastante nesse período da pandemia. Eu comecei a gostar mais da minha companhia também nesse período. Então, tô em casa, com minha internet, com meus livros, com meus filmes, minhas séries, minhas músicas, aí eu digo: “Pronto, pra mim tá ok.”** Então até hoje eu acho que isso ficou, a gente se distanciou um pouco mais dos demais e a gente foi se fechando um pouco naquele núcleo ali (P.K., 2025). (grifo nosso)

Como se percebe pelos relatos transcritos, houve quem, após o longo período de isolamento social, tenha sentido uma extrema necessidade e pressa de rever amigos e voltar a ter experiências fora de casa. Por outro lado, esse mesmo período de crise parece ter exercido um efeito de estimular um maior recolhimento por parte de algumas pessoas.

4.5 “A pandemia nos fortaleceu”: o discurso de quem se uniu

O impulso inicial desta pesquisa foi uma notícia sobre o aumento significativo do número de pesquisas online sobre divórcio ainda nos primeiros meses de *lockdown*, como já exposto no capítulo introdutório. Os primeiros esforços no sentido de compreender os impactos da pandemia para os relacionamentos amorosos não incluíam a possibilidade de que este pudesse ter sido um período benéfico para alguns casais. O caminho metodológico percorrido

e algumas dificuldades enfrentadas mudaram o curso da pesquisa, que passou a contemplar pessoas que não se divorciaram durante ou após a pandemia.

Neste tópico, portanto, são priorizados os relatos de entrevistados cujos relacionamentos resistiram a esse período de crise. Dentro deste grupo, há nuances importantes e dignas de atenção. Se, por um lado, há aqueles que reconhecem a pandemia como um período permeado de conflitos e problemas, há aqueles que consideram a pandemia como uma verdadeira fortalecedora de seus relacionamentos, como uma oportunidade de intensificar e consolidar a união.

Maesima et al. (2024) identificaram uma aproximação de alguns casais e uma melhora na comunicação, apesar dos desafios enfrentados:

Esse aumento do convívio favoreceu o fortalecimento do vínculo entre as díades. De modo geral, o relacionamento foi considerado um dos poucos aspectos positivos em meio às dificuldades da pandemia: “[A relação é] uma das poucas coisas que estão bem no momento” (Amanda). A companhia e o apoio mútuo entre o casal foram aspectos valorizados: “Eu me sinto feliz de estar em quarentena . . . e poder contar com a companhia dele. A gente tem no outro uma companhia, sabe? Pra conversar, pra dividir a distração desse momento, pra dividir o estresse” (Gisele). Ademais, os casais puderam se aproximar, compreender melhor as necessidades um do outro e fazer atividades que antes não conseguiam, como ter momentos de lazer a sós: “Antes a gente até tinha momentos só nós dois, mas eram muito mais momentos com outras pessoas do que só nós dois” (Estela), e pretendem manter algumas dessas atividades posteriormente à pandemia: “Isso é uma coisa que vai ficar de positivo, a gente vai separar um dia só pra nós” (André). Desta forma, verifica-se que, apesar de custosa em diversos sentidos, a vivência da pandemia possibilitou, por outro lado, o estreitamento dos laços entre a díade: “É maluco que, apesar de tudo isso, a gente conseguiu se encontrar melhor, sabe?” (Gabriel). (Maesima et al, 2024, p. 6)

Evans et al. também encontraram casais que enxergaram a pandemia com positividade:

A pandemia proporcionou uma oportunidade para o cultivo de qualidades positivas, incluindo “apreciação”, “desenvolver tolerância e compreensão”, bem como “aprender a lidar com a situação e desenvolver paciência”. Alguns pais expressaram gratidão e um sentimento de relativa sorte: “Não nos sentimos tão afetados quanto algumas pessoas”. Outras fontes de gratidão incluíram ter acesso à internet, um espaço seguro para chamar de lar, comida suficiente para comer, tempo para passar juntos, boa saúde, estabilidade financeira e “ter o suficiente”. (Evans et al., 2020, p. 9) (tradução nossa)⁷⁶

Como se verá adiante, os relatos dos casais entrevistados nos estudos citados acima e no âmbito desta pesquisa estão, em grande medida, em consonância. As questões relacionadas à convivência, apontadas por alguns como um fator negativo, como exposto acima, foram mencionadas por outros como um aspecto positivo proporcionado pela pandemia, uma chance

⁷⁶ The pandemic provided an opportunity for the cultivation of positive qualities, including “appreciation”, “developing tolerance and understanding” as well as “learning to cope and develop patience.” Some parents expressed gratitude and a sense of relative fortunate: “We don’t feel as badly affected as some people”. Other sources of gratitude included having access to internet, a safe space to call home, enough food to eat, time to spend together, good health, financial stability and “having enough.”

de ter mais momentos de intimidade, de descobrir traços do companheiro que não conheciam antes.

P.K. namorava com a sua atual companheira quando foi decretado o primeiro *lockdown*. Decidiram que passariam aquele período juntos, na casa onde ele morava com sua mãe. Ele considera que os meses de isolamento social foram fundamentais para seu relacionamento evoluir e se consolidar:

Foi um momento bom e, assim, eu acho que ali também ajudou a moldar, de fato, como é que a gente seria. Porque uma coisa é você namorar, cada um na sua casa. Mas aí você diante daquela situação, de todo mundo isolado e tendo que ficar confinado junto, então aí vem muita coisa junto ao mesmo tempo. Tava todo mundo meio à flor da pele, todo mundo ali atravessando seu próprio deserto. **Então foi, assim, um momento de muita descoberta, de conhecimento, de autoconhecimento nosso, de conhecimento mútuo enquanto casal. Mas aquilo ali, eu acho que foi crucial pra gente observar o seguinte: “É, é isso que a gente quer, então vamos, vamos seguir adiante.”** E isso foi 2020. Aí quando foi 2021, a minha mãe veio a desencarnar, e ela foi uma pessoa que me ajudou muito, assim, teve muito presente comigo nessa questão do luto. Eu digo: “Olha, a gente já tava aqui com os planos de morarmos juntos e tal. **Então acho que agora é o próximo passo que a gente tem que dar, se você quiser, desejar.”** Aí ela veio, realmente, morar comigo, e estamos aí até hoje, né? (P.K., 2025). (grifo nosso)

Mais do que simplesmente importante para a consolidação do seu relacionamento, P.K. considera que a pandemia foi determinante para que eles dessem o próximo passo. Ele reconhece que houve dificuldades, principalmente relacionadas à convivência intensa, mas destaca que foram os desafios que forjaram o casal que são até hoje. Perguntado sobre como ele enxerga os impactos da pandemia para o seu relacionamento, ele diz:

Não, não tem como desassociar. Foi crucial, foi realmente determinante, eu diria. Porque foi um momento que realmente a gente pôde conhecer a fundo o outro. Quando você está namorando, cada um tá na sua casa. Se você brigar, cada um vai pro seu lado e, depois, espera as coisas esfriarem pra você conversar. Aí você convivendo junto ali, confinado junto, você briga, acorda brigado e tal. E ter que tentar fazer as pazes novamente... Então aquilo ali foi um momento de aprendizagem sem igual pra gente, de fato, aprender. **Eu digo, assim, que a gente aprendeu de fato a nos tornar um casal. Foi aquilo ali o estágio mesmo, ali foi o estágio obrigatório que a gente vivenciou.** E, mais uma vez, se a gente talvez não tivesse vivenciado a pandemia, eu não sei, talvez, se a gente tivesse tomado a decisão antes. Mas aí, tendo essa questão de, talvez, nas primeiras desavenças, enquanto casal, não sei se a gente talvez tivesse tido a mesma resolução. E, naquele período, como a gente estava ali obrigado a conviver junto com o outro, não tinha como fugir, então a gente teve que aprender a lidar também com as desavenças, lidar com as diferenças, de fato, a ser mais tolerante, mais indulgente com o outro. **Então isso foi fundamental. Eu acho que, realmente, a pandemia foi determinante pra gente permanecer como está hoje, como nós estamos hoje. Não tem como desassociar, realmente, desse período de confinamento não** (P.K., 2025).

O relato de P.K. evidencia que, em sua experiência, longe de ter sido um mar de rosas, a pandemia foi, antes, uma prova, um teste pelo qual ele e sua companheira passaram de maneira bem sucedida. Foi, de fato, um período que os fortaleceu enquanto casal e que, se não tivesse ocorrido, ele não sabe se o relacionamento teria evoluído da mesma forma. Em suas palavras:

“Eu acho que, se a gente passou por aquele momento, naquela pandemia, daquela forma, e conseguimos superar aquilo, a gente supera qualquer coisa.” (P.K., 2025).

N.N. conta uma história de crescimento pessoal proporcionado pela pandemia e que repercutiu de maneira decisiva em seu relacionamento.

Eu aprendi a cozinhar. Não sabia fazer nada. Aprendi a fazer arroz, aprendi a fazer um frango cozido. Aprendi a lavar roupa. Nunca tinha mexido na máquina, então aprendi a lavar roupa. E fui começando a me sentir assim, extremamente poderosa, que o trabalho doméstico, ele não me aprisionava, ele me libertava de precisar de outra pessoa. **A pandemia me salvou. E eu virei outra pessoa.** A pandemia me deu a noção de que eu podia me exercitar, eu podia comer melhor. Eu pesava 84 quilos. Mas a pandemia me deu a noção de que eu podia estabelecer uma rotina, até a hora de acordar. Fazer a minha própria comida, lavar a minha própria louça, organizar um pouco a casa. Me deu a impressão plena de que a gente não podia morar naquela desorganização (N.N., 2025). (**grifo nosso**)

Além disso, N.N. criou um projeto social durante a pandemia. Reuniu amigos e começou a produzir marmitas para distribuir para as pessoas em situação de rua. Enquanto isso, seu companheiro, médico, cuidava da UTI de um hospital. Tudo isso os aproximou. Ela continua seu relato sobre a rotina que criaram na pandemia:

E ele foi fazendo isso junto comigo. Foi começando a cozinhar, foi começando a mexer na máquina, foi começando a botar as roupas dele pra lavar. Ele se acostumou a... Sei lá, a limpar a casa junto comigo. A gente comprou uns aparelhos pra fazer exercício, então a gente acabava ficando juntos na hora do exercício. A gente aprendeu a fazer coisas, a gente ficava muito tempo junto, batia muita cabeça, conversava muito, namorava muito, descobria várias coisas, assim, que a presença do outro podia oferecer. **E passamos a conviver de uma forma que a gente nunca tinha convivido, porque ninguém tinha tempo, ninguém se olhava direito, ninguém...** E aí, eu comecei a me apaixonar perdidamente por ele, porque ele passou a... Eu passei a ver que ele era de fato essa pessoa que... **A coisa mais importante da vida dele não era eu, era a missão que ele tinha de manter uma pessoa jovem viva, entendeu?** Então, tipo assim: “Vou pro hospital.” “Mas é sua obrigação?” “É não, mas eu vou ajustar uma medicação do fulaninho, porque eu sei que ele vai sair dessa.” Entendeu? Ele também foi me admirando, porque eu acho que teve... O projeto social, né? De eu me arriscar pra ir dar alimento pras pessoas na rua e tal. Então eu acho que isso conecta... O propósito de cada um conectou um ao outro, né? (N.N., 2025). (**grifo nosso**)

O trecho grifado demonstra como a pandemia foi uma oportunidade de reconexão para esse casal. Convivendo por mais tempo no dia a dia, tiveram a chance de descobrir coisas sobre o outro que ainda não conheciam, de enxergar o outro com outros olhos. Ela conta que ouviu histórias da vida dele que nunca tinha ouvido antes e que a ajudaram a entender melhor a pessoa que ele era. N.N. afirma que se apaixonou novamente pelo companheiro durante a pandemia, e que sente que ele também passou a admirá-la mais. Essa experiência juntos culminou em um pedido de casamento inesperado por parte dele que, antes da pandemia, não tinha planos de casar, embora tivessem um relacionamento duradouro. N.N. conta que:

Ele disse que aquele momento da pandemia tinha deixado a gente tão comprometido um com o outro, né? E tão... Ele tem palavras tão mais bonitas do que essas, mas eu não vou conseguir. **Mas assim, tão envolvido naquele compromisso, naquela**

dedicação com o outro, que ele tinha entendido que a gente merecia fazer uma grande festa para os amigos participarem também daquela coisa. Que, assim que a gente pudesse, a gente ia marcar uma data. Aí, isso era em março de 21, e a gente casou em dezembro de 23. Aí, fizemos uma festa em casa. Nunca teve igreja, essas coisas, mas fizemos uma festa em casa, lá na casa de praia (N.N., 2025). **(grifo nosso)**

É interessante perceber que o caso específico de N.N. vai na contramão da noção de Bauman (2011) de liquidez das relações, expressa, por exemplo, na transformação do casamento no “viver junto”, abordada no capítulo anterior. A ideia de Bauman é de que, por suporem ser transitória a relação, isto é, por presumirem que pode ser rompida facilmente, as pessoas optam por esse vínculo mais leve, sem o peso do casamento. Entretanto, na experiência de N.N., a pandemia foi um fator de consolidação de seu relacionamento, que passou do “viver junto” para o casamento.

S.K. também tem boas lembranças do período de isolamento social e conta uma história de união proporcionada pela pandemia:

A gente, desde que começou a morar juntos, não tinha tanto tempo de convivência, igual a gente teve na pandemia. Então foi bem legal, assim, na verdade, esses dias, esse período, sabe? Eu lembro que a gente cozinhava alguma coisa diferente, juntos. Fazia bolo, eu lembro de a gente fazer um bolo para o aniversário dele, que só tinha eu e ele, basicamente. A gente fez bolo, a gente assistia, a gente gosta bastante de assistir. Então a gente assistia muito também. Eu estava viciada em jogar xadrez também, daí eu ficava treinando um monte de jogada, e a gente jogava também um pouco de xadrez. **Então eu diria que foi um tempo bom** (S.K., 2025). **(grifo nosso)**

Ela conta que foi um período de muitas preocupações de ordem financeira para o casal e a maneira como seu companheiro lidou com a situação despertou nela mais admiração por ele:

Ele continuou trabalhando e eu continuei trabalhando também. **Então, eu diria, assim, que foi um ano que a gente estava muito cansado, ficou muito à flor da pele, com preocupação financeira também, né?** Ele não tinha um salário mais e o dinheiro que ele ganhava, ele não queria mandar ninguém embora. Então, era muito para manter os funcionários, porque ele pensava: “Poxa, essas pessoas têm família também, como é que elas vão ficar sem trabalho?” Então, eu diria, assim, que foi um ano de bastante trabalho para nós, para poder, de alguma forma, continuar se mantendo, né? Continuar mantendo nossa casa e tudo mais. E também foi um ano de bastante desenvolvimento profissional, porque aí, depois que veio a pandemia, ele começou nesse negócio de vendas online, que é a empresa que ele tem hoje. E aí, acabou falindo a serigrafia em poucos meses, né? Porque daí já não tinha mais trabalho. Então, foi um ano que ele acabou criando uma empresa nova. E foi um ano que a gente se via sob pressão, se via sob muito estresse, mas foi um ano que a gente, de certa maneira, começou a prosperar nas nossas profissões. Então, foi difícil. **E eu acho que trouxe uma admiração também, sabe? Pela pessoa que eu me relacionava, assim. Porque eu achei muito interessante ele, digamos, tirar dele, não da família, necessariamente da nossa família, mas tirar dele, das possibilidades, das oportunidades que ele poderia ter financeiramente para auxiliar outras pessoas, pra não deixar nenhum funcionário na mão, pra não mandar ninguém embora. Então foi uma característica que fez com que eu admirasse mais, sabe? Tipo, ele se importar com outras pessoas também.** Eu acho que, assim, é isso, assim, mais nesse sentido de admiração e como ele também correu atrás pra que a gente pudesse manter, de certa forma, essa parte financeira, mesmo

não tendo muitos recursos, se virando, criando possibilidades, sabe? Então, eu acho que na pandemia eu consegui ter uma admiração um pouco maior, assim, que eu já tinha, mas na pandemia eu acho que isso ficou muito maior pra mim, admirar o meu companheiro (S.K., 2025). **(grifo nosso)**

A experiência de S.E. foi bastante peculiar, na medida que vivenciou tanto uma separação como o início de seu relacionamento com a atual esposa. Ele conta que, em seus relacionamentos anteriores, a prioridade era o sexo. Entretanto, o contexto no qual conheceu sua esposa era de medidas de isolamento social, o que fez com que os primeiros contatos e toda a fase inicial da relação ocorresse de forma totalmente diferente das suas experiências amorosas pré-pandemia.

Era muita conversa pelo telefone, era muita conversa para saber como é que tinha sido o dia. E a gente acabou construindo esse laço, vamos dizer assim, à distância, apesar de ter se encontrado algumas vezes. Então, não foi um outro encontro normal, vamos dizer assim, de saídas, de passeios, foi muito mais conversado. E por, talvez, ser mais conversado, foi que deu melhor, deu um ok bacana nesse sentido. **E a pandemia é culpada nesse aspecto também. A nossa intimidade é muito boa, ela não é algo assim proforme, ela é algo realmente muito bem estabelecido, construído, mas que não foi por causa do sexo, não foi por causa do beijo, não foi por causa da química que esse relacionamento se perdurou ou realmente vai se manter, porque eu tive outros relacionamentos em que o sexo foi importante, que a química, o corpo foi importante. A gente tem essa parte do corpo, da química, claro que tem tudo isso, só que a base, pelo menos, foi nesse tempo de conversa, de muita conversa.** Quando a gente passou a conviver, aquilo que a gente havia conversado estava sustentado. Então... Foi importante por esse aspecto. Mas eu acho que esse foi um dos pontos mais importantes na construção. E quando passou esse período, começou o ano de 2022, já basicamente com tudo aberto, todo mundo vacinado, e seguindo em frente, acabou demonstrando que aquilo que a gente construiu na base, é realmente o que nós levamos pra vida toda. Tanto que nós estamos há um ano e meio, quase dois, sob o mesmo teto (S.E., 2025). **(grifo nosso)**

S.E. acredita que foi a pandemia que proporcionou a construção de uma base forte para seu relacionamento, já que era preciso manter certa distância física e só lhes restava conversar por telefone. Tanto tempo de conversa lhes permitiu conhecer bem um ao outro, abordar assuntos importantes e delicados para cada um e aquilo que esperavam de um relacionamento, ilustrando aquilo que Giddens (1993) chama de reflexividade ou relacionamento puro.

Já para I.M., que sofreu com o luto, ansiedade e depressão durante a pandemia, esse período foi importante para perceber que o companheiro era, de fato, alguém com quem poderia contar. Ele foi seu único suporte emocional durante a pandemia e seu comportamento perante esse momento de crise lhe deu muita segurança:

Eu acho que quem mais ficou instável psicologicamente fui eu. E aí eu falo assim: “Cara, se ele não for embora agora, ele não vai mais. Se ele não desistiu, ele não desistirá.” Então, foi muito bom e foi de muita aproximação. **E isso foi uma segurança que a pandemia me trouxe.** Ele não vai abrir e não vai me deixar sozinha no processo (I.M., 2025). **(grifo nosso)**

No caso de G.S., o grande ganho foi a capacidade de diálogo que ela e o companheiro desenvolveram durante a pandemia.

Encontrando essa válvula de escape, esse momento só nosso, do casal em si, a gente conseguiu. A gente conseguiu se renovar. Era nesses momentos em que a gente batia um papo para tentar se alinhar, era nesses momentos em que a gente conseguia expressar um para o outro quais eram as nossas dores, e tentar conversar para a gente ajustar. Porque a gente entende que nós somos uma equipe, e a gente precisava fazer dar certo. Então assim, graças a Deus a gente conseguiu passar com muita maturidade por esse momento difícil (G.S., 2025).

Apesar de reconhecer que foi um período difícil, G.S. considera que a pandemia fortaleceu seu relacionamento, especialmente no sentido de que o momento de crise os forçou a criar estratégias de diálogo e implementar ajustes para “fazer dar certo”.

No estudo realizado com adultos vivendo em Portugal, intitulado *YES, WE COPE: Dyadic Coping as a Mediator Between Perceived Relationship Quality and Emotional Representation of COVID-19*, Relvas et al. (2023) evidenciam que o enfrentamento diádico pode ter sido um fator de proteção para relacionamentos durante a pandemia. Nesse contexto, o enfrentamento diádico seria o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais que os membros de um casal usam para lidar com problemas.

A ideia de *coping* diádico, advinda da psicologia, vai ao encontro do raciocínio de Giddens (1993; 2002) sobre como as relações modernas são permeadas pelos valores democráticos e de cidadania, especialmente por meio da exigência de comunicação transparente e negociações constantes, apesar da insegurança que esse tipo de configuração traz para os relacionamentos.

4.6 Entre perdas e ganhos: um balanço geral

Neste tópico, o intuito é arrematar os principais sentidos atribuídos pelos entrevistados à pandemia, com enfoque nos impactos sobre seus relacionamentos, embora não se excluam os impactos às suas individualidades, eventualmente reportados nas entrevistas.

A partir da análise das falas, é possível dividir os entrevistados em três grupos: um primeiro grupo é formado por pessoas que enxergam a pandemia como uma catalisadora de problemas que já existiam, como se a pandemia fosse uma grande lupa colocada sobre os incômodos já presentes na relação; o segundo grupo é formado por pessoas para quem a pandemia revelou questões que não estavam no radar anteriormente; por fim, o terceiro grupo é formado por pessoas que acreditam que a pandemia fortaleceu seus relacionamentos.

No primeiro grupo, há falas emblemáticas sobre como a pandemia trouxe à tona adversidades que o relacionamento já enfrentava antes, mas que o contexto pandêmico escancarou:

Eu visualizo a pandemia, realmente, como um catalisador dessas diferenças que já se apresentavam desde antes, mas elas receberam, assim, uma lupa, né? A pandemia botou luz naquilo, porque deixou a gente mais cara a cara. E a pandemia exigia posicionamentos, ela exigia ação; ou você acreditava ou você não acreditava. Só que aí, dentro de acreditar ou não acreditar no vírus, não era só isso que estava envolvido. Eu vejo uma filosofia de vida por trás. Porque aí entrou, dentro dessas crenças e da descrença, entrou o seu repertório espiritual, emocional, cultural, social, né? Você vê que as pessoas que morriam, muitas eram pessoas que não estavam tendo acesso aos respiradores, né? E você vê, assim, uma posição negacionista, ela revelava muito além do que era uma questão biológica, técnica, científica, não era isso. Pra mim, isso soava como uma desumanidade, lá no fundo, uma falta de empatia, uma falta de solidariedade social, né? Por mais que não nos atingisse ali, diretamente, não significava que aquelas pessoas não estavam sofrendo. **Então, pra mim, a pandemia, ela desnudou aquilo que eu não estava querendo enxergar desde o começo, né?** E mostrou pra mim também, assim, a minha experiência, que o que eu estava colocando em primeiro lugar, estava lá no fim da lista. Porque a gente estava tendo a maior crise que a humanidade já enfrentou. **Então, assim, claro que a gente não espera enfrentar nada de novo parecido, mas as crises, elas mostram muito quem é parceiro de quem, quem é companheiro de quem, né? E aí, eu vi que, poxa, uma crise dessa tão séria, com tanta gente envolvida, nem aqui a gente consegue estar junto, né? Não consegue resolver.** Eu peguei o grande e botei no pequeno. A gente não vai conseguir se resolver nos nossos impasses, porque a gente tem posições diferentes, a nossa lente é diferente, a minha lente é de uma cor, a lente dele é de outra, no mundo, não adianta. E aí, a leitura que eu vejo é essa: talvez meu casamento tivesse durado mais se não tivesse tido a pandemia? Eu não acredito que ele teria sido perdurado, não sei. Mas eu enxergo a pandemia como esse catalisador. Por causa dela, eu consegui enxergar com muita clareza, exatamente pela minha bolha, né? Quando ele chocou, quando eu vi que não, eu pensava que dava pra ser junto, mas não, não dava (H.D., 2025).

H.D. reconhece que as visões de mundo antagônicas já estavam lá, mas ela não conseguia enxergar com clareza. A pandemia veio para tornar evidentes essas discordâncias que, para ela, mostraram-se inconciliáveis no contexto de crise. As resistências do marido quanto às restrições impostas pela pandemia e o seu comportamento durante os períodos mais críticos revelaram questões mais profundas, que se tornaram incontornáveis. Segundo sua leitura da situação, em um momento extremamente delicado, quando deveriam se unir, eles se afastaram.

Outra entrevistada também usou a figura da lupa para descrever o que a pandemia significou para seu relacionamento:

Olha, eu acho que a pandemia, ela foi um divisor de águas, né? Porque eram só algumas coisas que já existiam ali, mas que foram realmente agravadas, né? Parece que a gente botou uma lupa, assim, em certas coisas, né? A sensação que eu tenho, né? Talvez, se eu não tivesse engravidado, e a gente tivesse vivido esse outro momento, que foi maravilhoso, dentro da pandemia, talvez a gente tivesse ido por um outro caminho, de repetição daquelas coisas que estavam ali chateando, e a gente tivesse também se divorciado. **Mas, assim, eu acho que o período da pandemia, assim, falo por mim, falo por amigas, que a gente conversa e tal, ela, enfim, foi um fator de muitas decisões de vida.** (P.N., 2023) (grifo nosso)

Em seu relato, P.N. aponta comportamentos de seu ex-marido que já a incomodavam antes da pandemia, especialmente relacionados ao excesso no consumo de bebidas alcoólicas e à insegurança quanto a possíveis traições. Nesse sentido, ela entende que a pandemia apenas agravou esses problemas. No caso de P.N., esse agravamento se deu no momento mais delicado de sua vida, quando tinha uma bebê recém-nascida, o que a levou a tomar a decisão drástica de se divorciar em plena pandemia.

O balanço que M.R. faz sobre os aprendizados deixados pela pandemia, especialmente a partir dos relatos que ouviu das mulheres que auxilia, vai ao encontro da ideia exposta nos trechos transcritos acima, isto é, a ideia de que é preciso olhar para si, cuidar das próprias prioridades, ter cuidado com a vida que se leva para que ela faça sentido:

É importante a gente se priorizar, por mais que a gente pense nos outros, pense nos filhos, pense nos pais, pense... tem gente que pensa até nos sogros! Não se separa por causa dos sogros! Mas é importante a gente pensar primeiro na gente, porque se a gente não tiver uma máscara na gente, a gente não vai poder salvar ninguém. **Então a gente tem que primeiro olhar para si mesma, tentar fazer o melhor possível, tentar tomar as melhores decisões, ter os aspectos da vida mais preenchidos. Porque a pandemia veio pra nos dizer que a vida é curta, que o tempo passa e, de repente, acabou. E o que foi que a gente viveu? Tem que valer a pena nossa vida, né?** (M.R., 2022) (grifo nosso)

A fala de M.R. corrobora a noção apresentada por Beck-Gernsheim (2011) de que as relações amorosas na atualidade são caracterizadas pelo fato de que cada um dos membros do casal possui agora uma “vida própria”, refletindo o conceito de individualização. Ou seja, ainda que em graus distintos, as mulheres, em geral, não limitam seu objetivo de vida apenas ao casamento.

Integrando o grupo de pessoas que enxergam a pandemia como responsável por intensificar problemas que já existiam, está S.E.:

Eu percebo que, com relação ao relacionamento que entrou na pandemia, ele era tendente ao fracasso. **Ele não era fracassado por causa da pandemia, ele não fracassou por causa da covid, por causa do confinamento, por causa das restrições. Não foi esse o motivo. Esse confinamento, esse lockdown, fizeram com que as coisas ruins sobrepussem ainda mais, ficassem ainda mais evidentes, mais fortes e que ficassem mais pesadas de passar por isso.** Porque sempre que se pensava: “Não, não dá certo.” Aí: “Ah, mas é no meio de uma crise que está todo mundo tão sem saber o que fazer, será que não está todo mundo afetado por esse lockdown? Será que tudo isso não é problema psicológico?” Então, eu acredito que não tenha sido muito só por culpa da pandemia (S.E., 2025). (grifo nosso)

Embora não tenha sido a pandemia o fator desencadeador de sua separação, foi por causa da pandemia que a relação durou um pouco mais. Os problemas já estavam lá e eram plenamente reconhecidos pelo casal. Em sua interpretação, a pandemia apenas acelerou o processo. Por outro lado, ele menciona que, paradoxalmente, a pandemia também foi

responsável por prolongar um pouco mais esse relacionamento que, em sua percepção, já estava fadado ao fracasso. Isso porque, quando conversavam a respeito da possibilidade de separação, acabavam chegando à conclusão de que suas emoções estavam afetadas pelas restrições impostas pela pandemia, de que não estavam em condições de tomar uma decisão tão séria em meio àquela crise.

Passando ao segundo grupo, formado pelas pessoas que consideram que a pandemia revelou questões que passavam despercebidas antes, é interessante observar a experiência de T.L. Para ela, a pandemia foi uma oportunidade de descobrir características de seu companheiro incompatíveis com o que espera de um relacionamento:

Eu acho que a pandemia foi uma oportunidade que eu tive de ver que aquilo ali não era pra mim. Porque, num momento tão difícil, que eu queria o mínimo, ele não fez. Então assim, a pandemia, pra mim, serviu de aprendizado, principalmente em relação ao meu relacionamento, pra eu ver o que é que eu espero de um companheiro e o que é que eu não espero. Não basta só estar ali na intimidade e tudo mais, ser só um negócio legal. Que também tem esse outro lado da questão da responsabilidade. E que um companheiro que eu busco era um que tivesse do meu lado nesses momentos também. Da questão da responsabilidade e tudo mais. **Então assim, a pandemia serviu pra mim pra eu poder enxergar esse comportamento dele que até então não tinha tido a necessidade de eu enxergar.** E aí, com a pandemia, eu comecei a ponderar. Porque não adianta nada eu estar arrastando uma pessoa que vai ser um peso a mais pra mim. Então foi muito isso. **A pandemia serviu pra trazer à tona esse comportamento dele, essa coisa dele que eu não tinha visto ainda.** Que eu achava que era uma pessoa maravilhosa. Nossa, um parceiro! Mas é porque eu ainda não tinha precisado desse outro lado dele. E no momento que eu precisei da questão da responsabilidade e tudo, ele não estava lá. **Então foi muito isso, serviu muito pra isso. Pra eu poder ter essa clareza da pessoa que estava comigo e do que era que eu esperava dela. Que a pandemia foi que me trouxe.** Porque foi quando surgiu a necessidade de que ele mostrasse quem ele era (T.L., 2025). (grifo nosso)

Na pandemia, seu “castelo de areia desmoronou.”

Para algumas pessoas que eu vejo os relatos, assim, da pandemia: “Ai, foi ruim, não sei o que.” Eu não estou falando em relação à questão da saúde, porque a gente sabe que foi horrível. Mas eu estou falando das relações mesmo. Apesar de ter sido muito difícil, porque é muito ruim quando você gosta de alguém, e você idealiza aquela pessoa como você gostaria que fosse, e acontece de você enxergar que não é. **Então, é como se seu castelo de areia tivesse desmoronado. Foi isso que aconteceu pra mim nesse período da pandemia, porque foi o momento que eu enxerguei que ele era mesmo assim. Então, assim, pra mim foi muito doloroso, foi muito sofrido.** Porque é você entender que a pessoa não é o que você imaginava ou idealizou que ela fosse (T.L., 2025). (grifo nosso)

Apesar disso, ela enxerga um lado positivo, já que aprendeu coisas importantes sobre si mesma e sobre o que almeja em um futuro relacionamento:

Mas, por outro lado, pra mim foi importante porque eu pude aprender muitas outras coisas. Inclusive, tem quatro anos que eu estou solteira. Depois dele, eu não me relacionei com ninguém. Porque eu comecei a ficar mais crítica em relação a isso. Acho que serviu pra isso, pra mim. **Eu comecei a ficar mais crítica sobre as coisas que eu quero, que eu busco num relacionamento, que eu busco num parceiro.** E de entender que não adianta ser só uma pessoa bonita, não adianta ser só um sexo legal, porque não é só isso que sustenta um relacionamento. E que a gente precisa maturar muitas coisas, não só aquilo que a pessoa está demonstrando ali naquela hora,

mas como é que ela é de verdade. E eu não tinha ainda tido essa perspectiva. **Eu acho que a pandemia e o meu relacionamento na pandemia, a forma como as coisas aconteceram, me serviu pra abrir os olhos pra isso. De que a gente tem que ser racional, inclusive nas escolhas amorosas.** As pessoas falam assim: “Ninguém manda no coração.” A gente consegue ser racional sim. E isso é importante, até pra nesses momentos de dificuldade, você saber com quem você pode contar (T.L., 2025). **(grifo nosso)**

A fala de T.L. ilustra uma certa racionalização das escolhas afetivas, apontada por Giddens (1993) e Beck (2011). Sua experiência amorosa durante a pandemia lhe proporcionou um exercício de autoconhecimento e de reflexividade que a permitiram entender o que almeja em uma futura relação, refletindo, por um lado, uma busca pela vivência afetiva e, por outro, um maior grau de exigência em relação ao outro.

Já M.H. iniciou seu relacionamento durante a pandemia, de forma que o único contexto em que ela e o namorado conviveram e se relacionaram foi o contexto pandêmico, de restrições, trabalho remoto e distanciamento social. Com a reabertura, abordada em tópico anterior, ela teve acesso a características e partes da vida do companheiro que ela ainda não conhecia. Da mesma forma, ela se viu no ambiente universitário pela primeira vez e algumas de suas percepções sobre o relacionamento mudaram:

Eu posso dizer que, assim, eu acho que eu tive duas pessoas. Uma pessoa da pandemia e uma pessoa pós-pandemia. Eu também era uma pessoa diferente. E eu acho que a primeira convivência exacerbada, porque a gente só tinha um ao outro, levou expectativas que a gente passou a conhecer uma outra pessoa após a reabertura, né? E aí, eu gostava daquela pessoa com a qual eu me relacionei primeiramente. E aí, depois aquela pessoa já meio que não era exatamente isso que eu tinha imaginado, ou não era isso que eu tinha tido esse tempo todo. Então eu acho que sim, de certa forma, as coisas mudaram muito. E aí a gente, eu não sei se a gente consegue mensurar o que mudou na nossa convivência, mas as coisas mudaram. As nossas necessidades mudaram. Quando eu também me vi na universidade, pela primeira vez, com 20 anos, com essa expectativa de tantas e tantas coisas, eu me vi numa situação que eu não queria estar, eu não queria estar num relacionamento que eu ia me arrepender no futuro (M.H., 2025).

Em sua fala, M.H. evidencia a mudança de comportamento de seu namorado a partir da reabertura, a ponto de ela entender que se relacionou com duas pessoas diferentes. Ela também deixa claro que também mudou como pessoa durante a pandemia e que as necessidades de ambos mudaram. Todas essas transformações tiveram um impacto decisivo, de forma que não fazia mais sentido manter o relacionamento. Trata-se de uma característica do chamado relacionamento puro na modernidade, que se mantém enquanto ambos os membros do casal extraem satisfações suficientes (Giddens, 1993)

Por fim, o terceiro grupo de entrevistados se caracteriza por relatos que apontam para um fortalecimento da relação a partir da pandemia, embora seja possível reconhecer diferentes graus.

Para P.K., a pandemia foi responsável por uma maior aproximação entre ele e sua companheira. Essa aproximação ocorreu tanto pela oportunidade de conviverem e se conhecerem mais, como também pela decisão de adotar um cachorro ou, em suas palavras, um filho de quatro patas:

A adoção do L. (cachorro) também, eu acho que teve essa questão nossa da pandemia. A gente tava aqui trabalhando ainda muito de forma remota, e ajudou muito a gente. Tanto me ajudou também na questão do luto da mamãe, e da gente começar de fato uma nova vida. E a gente tava pensando assim: “Não, a gente não tá pensando em ter filhos agora, a gente ainda tá aqui tentando aqui nos ajustar. Então assim, vamos ter um filho de quatro patas mesmo, né?” Então foi essa decisão que a gente tomou. E foi ótimo, eu acho, que as decisões que a gente tomou... **Realmente, a pandemia nos aproximou de fato. Porque, como a gente passou aquele momento confinado, junto, e a gente teve que, de fato, conhecer mais, inclusive o lado B do outro, e a gente ainda decidiu, mesmo assim, permanecer junto, eu acho que nos ajudou. Que talvez, se não fosse a pandemia, e a gente fosse, talvez, experimentar conviver junto, eu não sei se teria tido o mesmo impacto, eu não sei se, de fato, a gente fosse hoje estar junto.** A gente estaria, talvez, com a cabeça de outra forma, outra maneira de pensar, mas esse confinamento obrigatório que nós tivemos naquele período, eu acho que foi crucial. Aqueles meses ali que a gente passou junto foi crucial e determinante para onde a gente está hoje, não tem como desassociar isso não (P.K., 2025). (grifo nosso)

Ele atribui à pandemia a decisão de morarem juntos e de adotarem L., e reconhece que, se não estivessem naquele contexto de pandemia, poderiam não ter a relação que têm hoje. Ou seja, enquanto para alguns a pandemia acelerou um processo de desgaste e de separação, para P.K. a pandemia impulsionou a evolução de seu relacionamento, na medida que passaram a morar juntos na pandemia e decidiram dar o importante passo de se tornarem pais de um “filho de quatro patas”.

S.K. tinha um relacionamento mais longo e estável quando a pandemia chegou. Ela vê dois benefícios centrais proporcionados pela pandemia ao seu relacionamento, entre os quais uma melhora no diálogo e no ajuste de divergências:

Pra mim, assim, o que eu acho que teve um impacto porque... **Por exemplo, a gente começou a conversar mais sobre questões políticas e eu acho que isso também foi importante pra entender melhor o ponto de vista de cada um, talvez tentar chegar a um equilíbrio, assim, que não fosse extremista tanto pra um lado quanto pro outro.** Eu acho que isso foi interessante, porque também comecei a olhar algumas coisas que eu não pensava sobre, né? (S.K., 2025)

Em segundo lugar, ela menciona que passou a admirar ainda mais seu marido, especificamente pelas atitudes que teve diante da crise e de seus funcionários. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pelo casal, ele empreendeu muitos esforços para “não deixar ninguém na mão”. Ela atribui à pandemia a oportunidade de conhecer esse lado mais sensível de seu marido.

N.N. afirmou, como já exposto em tópico anterior, que foi salva pela pandemia em vários aspectos. Ela reconhece que é extremamente privilegiada e que não pode dizer isso para

qualquer pessoa ou de qualquer jeito, já que a pandemia foi absolutamente desastrosa para a maioria das pessoas e para a sociedade como um todo. No que diz respeito ao seu relacionamento, assim ela resume o sentido da pandemia:

A hora do pega pra capar, sabe? A hora da pia de sal. Ela separa as coisas que tem uma força de ser e essa força não é a mística. Meu pai dizia essa frase: “O que tem que ser tem muita força.” Eu entendo. Gosto, inclusive, de usar. Mas a força não é externa. Ela é de dentro da gente. **Então, na hora da fome, de uma tempestade, de um alagamento, de uma tragédia, de uma morte... Na hora da merda grande, você se aperta com quem você tem que se apertar, com quem também quer estar com você.** Então, essas coisas que acontecem são os movimentos mais mútuos que a gente conhece. É mútuo. Na hora da desgraça, mutuamente você se encosta em quem também quer se encostar em você. Então, depende dos dois, depende dos três, dos quatro, dos cinco. E assim a vida vai. O que faz da nossa vida ser a nossa vida são os momentos do dia a dia, claro. **Mas são os grandes momentos, muito ruins, muito péssimos, que fazem você pensar nessa energia que faz com que você esteja colado a uma pessoa, né?** (N.N., 2025). (grifo nosso)

Para N.N., a pandemia representou esse grande momento, o ponto de virada em seu relacionamento e em sua vida, um período que proporcionou profundos aprendizados sobre si e sobre seu companheiro, que lhe revelou que ele estará ao seu lado em quaisquer circunstâncias.

Para complementar o balanço geral, indo além da perspectiva individual dos entrevistados e dos sentidos atribuídos por eles à pandemia, propõe-se uma sistematização final, um arremate, dos impactos identificados a partir dos dados coletados, primários e secundários, a fim de proporcionar uma visão do todo. O quadro 7, abaixo, apresenta os principais impactos causados pela pandemia nos relacionamentos amorosos e alguns de seus desdobramentos, identificados a partir das falas dos próprios entrevistados:

Quadro 7 - Síntese dos impactos e seus desdobramentos

Impactos	Desdobramentos	Entrevistados	União ou afastamento?
Hiper Convivência	Divisão de espaços/Home office	P.N.; S.K.	Esses desdobramentos com frequência contribuíram para o aumento da tensão e dos conflitos, provocando um afastamento do casal.
	Divisão de tarefas domésticas e de cuidado	H.D.; G.K.; S.E.; P.N.	
	Consumo excessivo de álcool	H.D.; P.N.; G.K.	
	Infidelidade	P.N.; T.L.	
	Comunicação	G.S.; G.K.; S.E.; S.K.; P.K.	Questões relacionadas à comunicação, a depender das especificidades de cada caso, podem ter levado a um fortalecimento do vínculo ou a um afastamento.
Medo da morte/luto/saúde mental	Apoio mútuo	I.M.; N.N.; P.K.	O apoio recebido do parceiro em um momento de sofrimento intenso levou a uma maior aproximação do casal e a uma consolidação da relação.
	Falta de apoio	S.E.	A negligência e indiferença de um com o sofrimento e o luto do outro levaram a um afastamento do casal e, no limite, motivaram a separação.
	Reflexões sobre finitude	H.D.; N.N.	A noção de que a vida é breve e frágil levou alguns casais a se unirem, enquanto provocou em outros um realinhamento de prioridades, levando ao afastamento.
	Negligência nos cuidados contra o contágio	H.D.; P.N.	O comportamento negligente do parceiro quanto às medidas de segurança frequentemente gerou

Política/negacionismo			conflitos e, no limite, motivou a separação.
	Divergências políticas	H.D.; S.K.; G.S.	Foram identificadas divergências políticas inconciliáveis, que provocaram o afastamento do casal, bem como foram identificados casos em que o casal foi capaz de relevar essas divergências ou fazer novos alinhamentos, consolidando a relação.
Processo de reabertura	Desejo de recuperar o tempo perdido	T.L.; G.K.; H.D.	Em todos os casos em que foi relatado um desejo de recuperar o tempo perdido por parte do parceiro, esse movimento foi marcado por excessos e conflitos, provocando um afastamento do casal.
	Manutenção de hábitos adquiridos na pandemia	N.N.; I.M.; P.K.	Em geral, hábitos adotados na pandemia contribuíram para uma maior união do casal, como estabelecimento de uma rotina mais saudável, momentos a dois para cozinhar, assistir a séries, etc.

Fonte: Elaborado pela autora.

A imposição do isolamento social fez com que muitos casais passassem a ter uma rotina de *home office*, sendo necessário dividir o espaço da casa para garantir que cada um pudesse trabalhar e realizar suas atividades. Trata-se de uma condição imposta diretamente pela pandemia, que trouxe conflitos característicos desse período.

A divisão desigual de tarefas domésticas, o consumo excessivo de álcool e a prática de infidelidade por parte do parceiro já eram problemas mais ou menos percebidos no relacionamento antes do início da pandemia, tendo sido exacerbados no contexto pandêmico. Com a intensificação da convivência, esses fatores se tornaram mais evidentes e mais incômodos, aumentando a tensão na rotina do casal e provocando um afastamento.

Questões relacionadas à comunicação revelaram dois desfechos possíveis: enquanto em alguns casos, o casal não era capaz de manter diálogos sem conflitos ou não conseguia pactuar ajustes por meio da conversa, levando ao afastamento, outros casais, embora tenham enfrentado problemas, conseguiram controlar-los por meio de um esforço de diálogo permanente, levando a um fortalecimento da relação.

A ocorrência de morte de pessoas próximas durante a pandemia teve três desdobramentos principais: proporcionou uma maior união do casal, na medida que a pessoa enlutada recebeu apoio emocional significativo do parceiro; levou a um afastamento do casal, no caso em que a pessoa enlutada se sentiu negligenciada pelo outro; e, por fim, houve relatos que evidenciaram que a percepção de finitude e fragilidade da vida proporcionou reflexões sobre prioridades, levando a realinhamentos e decisões importantes.

Quanto a posições políticas e ao negacionismo em relação ao vírus, esses elementos se mostraram profundamente imbricados no contexto brasileiro. As divergências políticas foram intensificadas em alguns casos, levando a um afastamento do casal, enquanto a negligência com as medidas sanitárias provocou conflitos. Porém, há exemplos de casais que foram capazes de negociar essas diferenças e estabelecer limites.

Por fim, o processo de reabertura foi marcado, em alguns casos, por um desejo irrefreável de recuperar o tempo perdido, caracterizado por excessos que levaram a um afastamento do casal. Por outro lado, a manutenção de hábitos saudáveis criados durante a pandemia, bem como de rotinas compartilhadas promoveram união e fortalecimento de vínculos.

Em suma, o quadro demonstra que os impactos da pandemia sobre a conjugalidade foram ambíguos, influenciadas por fatores diversos e complexos, que tanto provocaram conflitos e separações, quanto consolidação de relacionamentos.

5 CONCLUSÃO

O objetivo central da pesquisa foi compreender os impactos da pandemia de covid-19 sobre as relações amorosas. Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma abordagem metodológica mista, privilegiando a técnica de pesquisa qualitativa da entrevista semiestruturada. Inicialmente, foram realizadas entrevistas com profissionais que lidam diretamente com pessoas em situação de divórcio ou que estejam passando por um momento difícil no relacionamento, notadamente advogadas familiaristas e terapeutas de casal. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com pessoas que estiveram envolvidas em relacionamentos amorosos durante a pandemia.

Diante da análise dos dados coletados, conclui-se que a pandemia causou impactos nos relacionamentos amorosos de diferentes formas e em diferentes graus. Entre os profissionais entrevistados, que forneceram uma perspectiva terceirizada, isto é, falaram de suas percepções acerca do que ouviram de seus clientes e pacientes, foram mais mencionados problemas referentes à hiper convivência e à capacidade de diálogo e de repactuação dos ajustes entre os casais.

Quanto à segunda etapa de entrevistas, todos os entrevistados relatam algum tipo de interferência da pandemia em seus relacionamentos, de maneira que nenhum se mostrou totalmente indiferente ao falar sobre como suas relações atravessaram esse período de crise global. Do total de 11 pessoas entrevistadas, seis encerraram seus relacionamentos na pandemia ou no pós-pandemia, enquanto os outros cinco se mantiveram casados ou em união estável.

Os impactos identificados variam em qualidade e intensidade, resultando em maior união, consolidação de relacionamentos ou mesmo afastamento e separação, refletindo o caráter complexo e mesmo ambíguo do tema. Os aspectos centrais relacionados aos impactos exercidos especificamente pela pandemia foram: hiper convivência, com seus respectivos desdobramentos na divisão de espaços físicos, desigualdade da divisão de tarefas domésticas, comunicação e mudanças de comportamento; questões relacionadas à morte, luto e saúde mental; divergências políticas e negacionismo quanto ao vírus; reação ao processo de reabertura.

Quanto às limitações da pesquisa, citam-se as próprias dificuldades enfrentadas no percurso metodológico, tanto na aplicação de questionários *online* quanto na busca de interlocutores que aceitassem conceder entrevista. No primeiro caso, não se alcançou um número significativo de respondentes, o que se buscou compensar com a análise quantitativa realizada a partir da base de dados do Registro Civil do IBGE; no segundo, verifica-se que o

perfil geral dos entrevistados é restrito, seja no que diz respeito à identidade de gênero e à orientação sexual, seja no que diz respeito à faixa etária, ao perfil socioeconômico e à raça.

A fim de avançar na produção de conhecimento sobre o tema, futuros estudos devem aprofundar alguns aspectos pouco explorados. Em primeiro lugar, merecem ser melhor exploradas questões concernentes à maternidade já que, segundo estudos consultados, a existência de filhos de diferentes idades durante a pandemia gerou uma série de outros impactos nos relacionamentos amorosos. Em segundo lugar, as diferenças entre casais com maior e menor tempo de convivência, enquanto fator de proteção do relacionamento durante a pandemia, também não foram devidamente examinadas, principalmente em razão das dificuldades na busca de interlocutores.

Em síntese, entende-se que se cumpriu o objetivo proposto de identificar e compreender os impactos da pandemia de covid-19 sobre as relações amorosas, revelando sua natureza complexa e ambígua, ora fortalecendo uniões, ora afastando casais. Apesar das limitações expostas, os resultados corroboram achados de produções científicas, especialmente qualitativas, publicadas tanto nacional quanto internacionalmente. Destaca-se ainda que a presente pesquisa revelou aspectos não abordados em outros estudos, como o impacto das divergências políticas provocadas especificamente pela pandemia, bem como do processo de reabertura.

Por fim, retoma-se a ideia exposta na introdução desta tese, no sentido de que a pandemia foi um período absolutamente excepcional, inesperado, inusitado e atípico para a sociedade como um todo mas, de maneira muito particular, para os casais. De repente, duas pessoas que tinham suas rotinas e vivências individuais externas ao lar, passaram a conviver intensamente, em regime integral. Essa hiper convivência se deu em um momento histórico em que tudo era transmitido em tempo real pelas redes sociais, inclusive os dilemas domésticos. Além disso, a sobrecarga trazida pela pandemia encontrou mulheres mais inseridas no mercado de trabalho e mais conscientes das desigualdades estruturais entre os gêneros, ocasionando as tensões e questionamentos nas relações.

Diante de todo esse contexto complexo, pode-se dizer que a pandemia acabou, mas as suas consequências sociais e culturais ainda se fazem presentes. Atualmente, o país debate de maneira mais séria e profunda a necessidade de uma política de cuidados atenta à perspectiva de gênero e as pessoas estão mais vigilantes com a própria saúde mental e com o bem-estar nas relações, tendo aumentado significativamente a demanda por profissionais da área.

REFERÊNCIAS

- AÇÃO BRASILEIRA DE COMBATE ÀS DESIGUALDADES. **Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades 2025**: Pacto Nacional pelo Combate às Desigualdades. São Paulo: ABCD, 2025. 176 p.
- ARRAICHI, A.; GHOURDOU, T. Analysing the Effect of COVID-19 on the Divorce Rates in England- Post-Pandemic: London as a Case Study. **Journal of Humanities and Social Sciences Studies**, v. 5, n. 7, p. 32–49, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.32996/jhsss.2023.5.7.5>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- ATIVE o amor em seu casamento. [2025]. Disponível em: https://ead.flt.edu.br/loja/catalogo/ative-o-amor-em-seu-casamento_69/. Acesso em: 11 ago. 2025.
- AZEVEDO, C. S. A Abordagem de narrativas de vida como um caminho de pesquisa em saúde. In: AZEVEDO, C. S.; SÁ, M. C. (org.). **Subjetividade, gestão e cuidado em saúde: abordagens da psicossociologia**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013. p. 129-150. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575415351.0008>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBUSCIA, A., PAILHÉ, A., SOLAZ, A., & Epicov team. Do Income and Employment Uncertainty Affect Couple Stability? Evidence for France During the COVID-19 Pandemic. **European journal of population, Revue europeenne de demographie**, v. 39, n. 1, p. 19, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10317946/>. Acesso em: 1 dez. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, Charles. **Sou advogada especializada em divórcios: Tempos de quarentena**. [2002]. 1 Imagem. Tirinha. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Charles-Barreto-Advogado-100054460869568/?locale=ka_GE&_rdr. Acesso em: 1 nov. 2025.
- BASÍLIO, Raíssa. Heteropessimismo: por que as mulheres estão perdendo a esperança nos relacionamentos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/08/heteropessimismo-por-que-as-mulheres-estao-perdendo-a-esperanca-nos-relacionamentos.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 112–148, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O caos totalmente normal do amor**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

hooks, bel. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

BENTES, Ivana. **Mídia-multidão**: estéticas da comunicação e biopolíticas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/33528717/BENTES_I_Midia_Multida_o_Ed_Mauad_X_2015_livro_1_pdf. Acesso em: 3 jul. 2023.

BFMTV. **On a plus fait la fête qu'à mon mariage**: à leurs fêtes de divorce, ils ont voulu faire d'un échec un moment cool. 2024. Disponível em: https://www.bfmtv.com/societe/on-a-plus-fait-la-fete-qu-a-mon-mariage-a-leurs-fetes-de-divorce-ils-ont-voulu-faire-d-un-echec-un-moment-cool_AN-202407300002.html. Acesso em: 22 abr. 2025.

BIERNATH, André. 5 anos de COVID: como a pior pandemia de nossa geração mudou o mundo da saúde e ciência à economia e política. **MSN**, 2025. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/seguran%C3%A7a-p%C3%BAblica-e-emerg%C3%AAncias/alertas-de-integridade-e-seguran%C3%A7a/5-anos-de-covid-como-a-pior-pandemia-de-nossa-gera%C3%A7%C3%A3o-mudou-o-mundo-da-sa%C3%BAde-e-ci%C3%AAncia-%C3%A0-economia-e-pol%C3%ADtica/ar-AA1AiuDE?ocid=BingNewsSerp>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BIROLI, Flávia. **Família**: novos conceitos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social o julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAUN, Julia. ‘Nasci para ser esposa troféu’: as mulheres que defendem serem sustentadas como forma de valorização. **BBC News Brasil**, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg6dywxwzz7o>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Ministério divulga dicas para casais e famílias durante a quarentena**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/ministerio-divulga-dicas-para-casais-e-familias-durante-a-quarentena>. Acesso em: 11 ago. 2025.

BUSINESS INSIDER. **A woman threw a \$30,000 divorce party and cast her wedding ring into the ocean**. 2024. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/woman-threw-divorce-party-celebrate-end-of-marriage-2024-6>. Acesso em: 22 abr. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia; FERNANDES, Daniele; BURILLE, Stephanie; GOES, Fernanda Lira; MATIAS, Krislane de Andrade; RIBEIRO, Thamires da Silva. O cuidado enquanto ocupação: em que condições? **Política em foco**, Brasília, DF, n. 79, abr. 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15656-mulheres-negras-sao-69-9-no-servico-domestico-ou-de-cuidados-no-brasil>. Acesso em: 2 set. 2025.

CARDIM, Nathália. Divórcio na pandemia: quarentena aumenta procura por advogados de família. **Metrópoles**, [S. l.], p. np, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/divorcio-na-pandemia-quarentena-aumenta-procura-por-advogados-de-familia>. Acesso em: 6 jul. 2023.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. **Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio**. São Paulo: Thomas Nelson, 2012. 304 p. ISBN 978-85-7860-372-4.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Organização de Djamila Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CASTRO, Bárbara; GUEDES, Moema. A contribuição dos estudos de gênero para a sociologia: percurso e visibilidade nas revistas generalistas. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 92, p. 1-22, 2020.

CATALDI, Luana. Cinco anos da pandemia: como a covid-19 transformou o mundo para sempre. **Exame**, 11 mar. 2025. Disponível em: <https://exame.com/mundo/cinco-anos-da-pandemia-como-a-covid-19-transformou-o-mundo-para-sempre/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CAVALCANTE, Chris. Quarentena virou problema para casal? 5 atos simples ajudam a reduzir crise. **Universa/UOL**, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/06/quarentena-virou-problema-para-casal-5-atos-simples-ajudam-a-reduzir-crise.htm>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CETIC.BR. **Cresce o uso de internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões: é o que aponta pesquisa do Cetic.br**. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

COELHO, Maria Francisca Pinheiro; BANDEIRA, Lourdes Maria. A construção do sujeito feminino em Georg Simmel. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 38, n. 2, e49085, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-20233802e49085>. Acesso em: 06 ago. 2025.

CORREIO DO POVO. Novos hábitos: a influência da pandemia nas escolhas literárias. **Oficina de Jornalismo**, 2021. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/oficinadejornalismo/novos-h%C3%A1bitos-a-influ%C3%Aancia-da-pandemia-nas-escolhas-liter%C3%A1rias-1.520232>. Acesso em: 23 jun. 2025.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 73, p. 111-124, nov. 2005.

COUGHLIN, L. N.; VANNUCCI, A.; BORRESEN, B. The COVID-19 pandemic and alcohol consumption: A review of population-based studies. **Brain and Behavior**, v. 13, n. 2, e690, 2023. DOI: 10.1002/pnp.690. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/pnp.690>. Acesso em: 26 abr. 2025.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DENZIN, Norman K. **The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods**. 1. ed. New York: Routledge, 2009.

DIMAMBRO, Nadiesda. Mulheres no Brasil dos anos 1970: militância, mídia e padrão de beleza. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 157-178, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.155487>. Acesso em: 31 jul. 2025.

DRUMONT, Ana. **A esposa tem o poder de acalmar o seu marido**. Instagram: @anadrumont_. Disponível em: https://www.instagram.com/anadrumont_/. Acesso em: 8 dez. 2025.

DUFAIT, Emmanuelle; DEMOGEOT, Nadine. Le sentiment de solitude dans le couple et l'impact de la crise sanitaire : une revue de la littérature. **Annales Médico-Psychologiques, Revue Psychiatrique**, v. 183, Issue 5, p. 481-486, 2025. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0003448723001580>. Acesso em: 1 dez. 2025.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

EUREKKA. Discussão construtiva x discussão destrutiva. Instagram: @eurekka. Disponível em: <https://www.instagram.com/eurekka/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

EUREKKA. **Cinco coisas para fazer em casal toda semana para manter a saúde mental da relação**. 2025. Instagram: @eurekka. Disponível em: <https://www.instagram.com/eurekka/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

EUREKKA. **G.I.V.E. para conversar em casal**. 2021. Instagram: @eurekka. Disponível em: <https://www.instagram.com/eurekka/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FARIA, Ana Elisa. Por que o "detox de homem" tem feito tanto sucesso? **Revista Gama**, São Paulo, 9 jun. 2024. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ainda-da-pra-flertar/detox-de-homem/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo, Elefante: 2017.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300020>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FIRPO, Marfê. Esposa troféu: como a onda do retrocesso se espalha pelas redes. **Veja**, 9 ago. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/esposa-trofeu-como-a-onda-do-retrocesso-se-espalha-pelas-redes/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FONSECA, C. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 769–783, set. 2008.

FRANCISCO, Gabriela. Tendência? Mulher comemora fim do casamento com festa do divórcio. **Metrópoles**, 5 abr. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/festa-do-divorcio-vira-tendencia-para-celebrar-fim-do-casamento>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FRIDMAN, Luis Carlos. Próximos ou separados? Ideias de Giddens e Bauman sobre as motivações para a política. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 92, pág. 241-271, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/FvrCdwwnCJFTRXftSJ8qx5y/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

G1. Casais em isolamento: como superar momento de convivência intensa sem destruir a relação. **G1**, 5 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/04/05/casais-em-isolamento-como-superar-momento-de-convivencia-intensa-sem-destruir-a-relacao.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GARCIA, Leila Posenato; SANCHEZ, Zila M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, e00124520, 2020. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/1678-4464-csp-36-10-e00124520.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2025.

GAZETA DO POVO. Gary Chapman: “Casamentos saudáveis sobreviveram à pandemia”. **Gazeta do Povo**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/gary-chapman-casamentos-saudaveis-sobreviveram-a-pandemia/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Unesp, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOODE, William J. **A família**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. São Paulo: Record, 2009.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **A vida na pandemia da COVID-19: percepções, mudanças e hábitos**. Relatório de pesquisa. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, [2022].

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Alice Batista. “Energia feminina” ou discurso de submissão?: as visões sobre a mulher, os usos do passado e o conservadorismo no Instagram. **Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB**: em tempo de histórias, Brasília, DF, v. 24, n. 45, p. 101-123, 2025. ISSN 2316-1191. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/123456789/56393>. Acesso em: 5 set. 2025.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S. A mulher na sociedade de classes: inspirações e impactos internacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. e71394, 2021.

HAGUETTE, Maria Tereza Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HITA, Maria Gabriela. A família em Parsons: pontos, contrapontos e modelos alternativos. **Revista Antropológicas**, v. 16, p. 109-148, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23626>. Acesso em: 20 fev. 2023.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 85, n. 3, p. 551-575, 1979.

HOEHN-VELASCO, L.; BALMORI DE LA MIYAR, J. R.; SILVERIO-MURILLO, A.; et al. Marriage and divorce during a pandemic: the impact of the COVID-19 pandemic on marital formation and dissolution in Mexico. **Review of Economics of the Household**, v. 21, p. 757-788, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11150-023-09652-y>. Acesso em: 30 abr. 2025.

IGREJA BATISTA DA FAMÍLIA. **Casados para sempre**. Igreja Batista da Família, [2025]. Disponível em: <https://www.igrejabatistadafamilia.com.br/cursos/casados-para-sempre/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

IBGE. **Censo demográfico 1991**: resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=782&view=detalhes>. Acesso em: 24 jun. 2025.

IBGE. **Censo demográfico 2000**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.

IBGE. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados>. Acesso em: 24 jun. 2025.

IBGE. **Censo demográfico 2022**: população e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102011>. Acesso em: 24 jun. 2025.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Agência de Notícias IBGE**, 29 jun. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 3 abr. 2025.

IBGE. Em 2023, 88,2% das pessoas de 5 anos ou mais haviam tomado pelo menos 2 doses de vacina contra covid-19. **Agência de Notícias IBGE**, 24 maio 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40173-em-2023-88-2-das-pessoas-de-5-anos-ou-mais-haviam-tomado-pelo-menos-2-doses-de-vacina-contracovid-19>. Acesso em: 3 abr. 2025.

IBGE. IBGE divulga o rendimento domiciliar per capita e o Coeficiente de Desequilíbrio Regional de 2024. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 29 maio 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/43504-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-e-o-coeficiente-de-desequilibrio-regional-de-2024>. Acesso em: 21 out. 2025.

IBGE. Tabela 7015 - Média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, por sexo. **SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática**, 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7015>. Acesso em: 3 abr. 2025.

IDIVORCIEI. **Efeito da pandemia nas relações familiares**. [2025]. Instagram: @idivorciei. Disponível em: <https://www.instagram.com/idivorciei/?hl=pt>. Acesso em: 8 dez. 2025.

IDIVORCIEI. **Retrato do divórcio na pandemia**. 2020. Instagram: @idivorciei. Disponível em: <https://www.instagram.com/idivorciei/?hl=pt>. Acesso em: 8 dez. 2025.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

INSTITUTO ARIPE. **Reconstruindo nosso casamento**: Jornada terapêutica para casais. [2025]. Disponível em: <https://aripe.com.br/reconstruindo-nosso-casamento-rascunho/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

INSTITUTO TERAPIA DE CASAL. **O casal na pandemia**: recursos e possibilidades. Instagram: @institutoterapiadecasal. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeterapiadecasal/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

INSTITUTO TERAPIA DE CASAL. **A gente se ama, mas não sabe conversar**. Instagram: @institutoterapiadecasal. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeterapiadecasal/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

INSTITUTO TERAPIA DE CASAL. **Quarentena conjugal**: cuidando das individualidades. Instagram: @institutoterapiadecasal. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeterapiadecasal/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

INSTITUTO TERAPIA DE CASAL. **Quarentena conjugal**: repercussões na sexualidade. Instagram: @institutoterapiadecasal. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeterapiadecasal/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

INSTITUTO TERAPIA DE CASAL. **Cuidando das relações afetivas na quarentena**. Instagram: @institutoterapiadecasal. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeterapiadecasal/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

JARDIM, Maria Chaves; SOUZA, Thaís Caetano de. Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 12, p. 1-38, 2024.

JARDIM, Maria Chaves; PAOLIELLO, Renata Medeiros. Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto. **Revista TOMO**, n. 41, p. 87-126, 2022. DOI: 10.21669/tomo.vi41.17483. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17483>. Acesso em: 2 set. 2025.

KERBAUY, Renata; BARTILOTTI, Márcia Barone; SNEIDERMAN, Susana. Reflexões sobre o impacto da pandemia de COVID-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da psicoterapia psicanalítica. **Passages de Paris**, n. 19, 2020. Disponível em: <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/17>. Acesso em: 4 abr. 2025.

KERGOAT, D.; HIRATA, H. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: OLIVEIRA COSTA, A.; SORJ, B.; BRUSCHINI, M. C. A.; HIRATA, H. (ed.). **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro, FGV, 2008. p. 263-278.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LATIMES. **Motherhood deferred**: US median age for giving birth hits 30. 2022. Disponível em: <https://www.latimes.com/world-nation/story/2022-05-06/motherhood-deferred-us-median-age-for-giving-birth-hits-30>. Acesso em: 3 maio 2025.

LEAL, Larissa Maria de Moraes; DUARTE, Lorena Guedes (coord.). **Impactos da pandemia covid-19 no Direito de Família e das Sucessões**. Brasília, DF: Ordem dos Advogados do Brasil: Conselho Federal, 2020.

LE JOURNAL DU DIMANCHE. **Divorce party**: la nouvelle tendance qui consiste à fêter sa séparation comme son mariage. 2024. Disponível em: <https://www.lejdd.fr/societe/divorce-party-la-nouvelle-tendance-qui-consiste-feter-sa-separation-comme-son-mariage-145051>. Acesso em: 22 abr. 2025.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012. v. 2.

MADEIRO, Carlos. Capes altera critérios de bolsas de pesquisas: entidades temem cortes. **UOL Educação**, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/03/19/capes-altera-criterios-de-bolsas-de-pesquisas-entidades-temem-cortes.htm>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MAESIMA, G. M. *et al.* Coabitação durante a pandemia de covid-19: a experiência de casais jovens adultos. **Psicologia USP**, v. 35, p. e220047, 2024.

MAIOR, Heraldo Pessoa Souto. Durkheim e a Família: da “Introdução à Sociologia da Família” à “Família Conjugal”. **Revista Antropológicas**, v. 16, p. 7-30, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23622>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MARACCINI, Gabriela. 5 anos da pandemia: o que as pessoas ainda buscam sobre COVID-19. **MSN**, 2025. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/ciência/estatística/5-anos-da-pandemia-o-que-as-pessoas-ainda-buscam-sobre-covid-19/ar-AA1AH2p6?ocid=BingNewsSerp>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MARTUCCELLI, D. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 147-165, jan. 2016.

MENON, Isabela. Pandemia tornou terapia essencial e lotou agendas. **Folha de São Paulo**, 16 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/04/pandemia-levou-a-aumento-na-busca-por-terapia-e-lotou-agendas.shtml>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MINA BEM ESTAR. **Tá exausta de tentar se relacionar com homens?** Instagram: @minabemestar. Disponível em: <https://www.instagram.com/minabemestar/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627, set./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/S0104-026X2007000300006/1189/4123>. Acesso em: 28 jul. 2025.

NOIVA empurrando o noivo (meme de topo de bolo). 1 imagem. Disponível em: <https://manualdohomemmoderno.com.br/relacionamento/casar-ou-comprar-uma-bicicleta>. Acesso em: 1 nov. 2025.

NOIVA de biscuit segurando o noivo acorrentado e placa "sim". 1 imagem. Disponível em: <https://br.pinterest.com/Rosangela7047/noiva-biscuit/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

NUNES, Bethânia; BUCIS, Bruno. Cinco anos desde o 1º caso de Covid no país: para onde evoluímos? *Metrópoles*, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/5-anos-primeiro-caso-covid-evoluimos>. Acesso em: 3 abr. 2025.

OECD. **Society at a Glance 2024 – OECD Social Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/society-at-a-glance-2024_918d8db3-en/full-report/fertility_748a5055.html. Acesso em: 3 maio 2025.

O GLOBO. **Festa do divórcio cresce no Brasil: isso é bom?**: psicólogos falam do novo olhar sobre o fim do casamento. 5 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/noticia/2024/03/05/festa-do-divorcio-cresce-no-brasil-isso-e-bom-psicologos-falam-do-novo-olhar-sobre-o-fim-do-casamento.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2025.

O HOMEM em casa na quarentena vira estrela cadente, toda vez que ele passa a mulher faz um pedido. 1 meme. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/920212136333046605/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

OLIVEIRA, Ligia Ziggotti de. **Olhares feministas sobre o direito das famílias contemporâneo**: perspectivas críticas sobre o individual e o relacional em família. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

PATRIOTA, Karla Macena; COELHO, Vânia; ROCHA, Fabiana. Blindando relacionamentos: narrativas terapêuticas e racionalização dos afetos na Escola do Amor. **Animus**, Santa Maria, v. 26, n. 1, p. 71-90, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/22958>. Acesso em: 7 ago. 2025.

PAUGAM, Serge. Durkheim e o vínculo aos grupos: uma teoria social da integração. **Sociologia & Antropologia**, v. 6, n. 3, p. 885-908, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/kYGBn8WNgdxQ6V4JmPsxgVp/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PEOPLE. **Woman celebrates end of marriage with ‘Finally Divorced’ party**. 2024. Disponível em: <https://people.com/woman-hosts-finally-divorced-party-exclusive-8779183>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PESANDO, Luca Maria. Rethinking and revising Goode's contribution to global family change. **Marriage & Family Review**, v. 55, n. 7, p. 619-630, 2019. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8294649/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PETERS, Gabriel. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, p. 47-71, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/DVWhYRHDxhgN3yz49tVHTKz/?lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2025.

RECORD TV. **Festa do divórcio**: mulher comemora fim do casamento em SC. 6 abr. 2024. Disponível em: <https://record.r7.com/balanco-geral/videos/festa-do-divorcio-mulher-comemora-fim-do-casamento-em-sc-06042024>. Acesso em: 22 abr. 2025.

REIS, João Vítor. Em 5 anos, número de pacientes com ansiedade aumentou 200% no SUS. **Metrópoles**, 20 jan. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/ansiedade-disparou-rede-publica>. Acesso em: 3 abr. 2025.

RELVAS, A. P.; LACOMBA-TREJO, L.; PORTUGAL, A.; et al. YES, WE COPE: Dyadic coping as a mediator between perceived relationship quality and emotional representation of COVID-19. **Cognitive Therapy and Research**, v. 47, p. 563-573, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10608-023-10379-4>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ROCHA, F. *et al.* Impacts of social distancing on marital life during covid-19 pandemic. **Psico-USF**, v. 28, n. 2, p. 295-307, abr. 2023.

RÜDIGER, Francisco. O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 149-168, nov. 2012.

SÁ, Rodrigo de. O que é o Encontro de Casais com Cristo e para que serve. **Jovens Católicos**, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://jovenscatolicos.com.br/artigos-religiosos/encontro-de-casais-com-cristo-ecc/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

SANTUCCI, Flávia. Na pandemia, busca por terapia de casais aumentou: quando é hora de ir? **UOL**, 24 maio 2021. Viva bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/24/terapia-de-casal.htm#:~:text=Segundo%20ela%2C%20a%20plataforma%20registrou,servi%C3%A7o%20essencial%20para%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%22>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SHIFMAN, L. **Memes in a digital culture**. Cambridge: The MIT, 2014.

SILVA, J. dos S. B. et al. Ocorrência da violência contra a mulher em tempos de pandemia pela COVID-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 2, e13626, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e13626.2024>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, Patrícia Rilliane Gomes da. **A trajetória oculta do meme**: ensaio sobre o contágio no mundo digital. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52451>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SIMMEL, Georg. On the sociology of the family. **Theory, Culture and Society**, v. 15, p. 283-293, 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/tcs>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SMITH, Tom W. Does gender influence survey participation? **Public Opinion Quarterly**, v. 62, n. 2, p. 257-270, 1998.

SOB o mesmo teto e sem sair: guia para superar a quarentena em casal. **El País Brasil**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/smoda/2020-03-18/sob-o-mesmo-teto-e-sem-sair-guia-para-superar-a-quarentena-em-casal.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil: issues and policies in Brazil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 573–594, set. 2007.

SOUZA, Juliana Beatriz Ferreira de; ALMEIDA, Kelma Assunção Sousa Lacerda de; GOMES, Isabel Cristina. Os desafios da conjugalidade na pandemia de COVID-19. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 10, n. 23, p. 95-114, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.23.449>. Acesso em: 30 abr. 2025.

STOCK, T. O. et al. Violência contra as mulheres na pandemia de covid-19: uma revisão sistemática. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34037, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202434037pt>.

SYME, Rachel. This is what happens to couples under stress: an interview with Esther Perel. **The New Yorker**, New York, 18 maio 2020. Entrevista concedida a Rachel Syme por Esther Perel. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/the-new-yorker-interview/this-is-what-happens-to-couples-under-stress-an-interview-with-esther-perel>. Acesso em: 14 ago. 2025.

TECHIO, Gabriela; ANDRADE, Aleksandro Luiz de; OLIVEIRA, Manoela Ziebell de. Conflito trabalho-família e COVID-19: estratégias, qualidade de vida e conjugalidade. **Revista Psicologia: organizações & trabalho**, Florianópolis, p. 1672-1680, 2021.

TERCEIRO dia confinado escutando a mulher. 1 meme. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=426785382344985&set=pb.100050405803172.-2207520000>. Acesso em: 3 nov. 2025.

TF1 INFO. **Divorce party**: avec cette tendance, le divorce n'est plus considéré comme un échec. 2024. Disponível em: <https://www.tflinfo.fr/societe/divorce-party-avec-cette-tendance-le-divorce-n-est-plus-considere-comme-un-echec-2325135.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

THE NEW YORK TIMES. Uma análise aprofundada dos efeitos duradouros da Covid no corpo. **Folha de São Paulo**, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2025/03/uma-analise-aprofundada-dos-efeitos-duradouros-da-covid-no-corpo.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

TILKIAN, Carol. É errado querer aparecer no Instagram do meu parceiro? Amor Crônico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2025. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/amor-cronico/2025/08/e-errado-querer-aparecer-no-instagram-do-meu-parceiro.shtml>. Acesso em: 21 ago. 2025.

TORRES, Anália Maria Cardoso. **Relatório da Unidade Curricular Sociologia da Família Teorias e Debates**. Lisboa, 2010. Disponível em: encurtador.com.br/hlr2. Acesso em: 14 jun. 2022.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **More than a quarter of all households have one person**. 2023. Disponível em: <https://www.census.gov/library/stories/2023/06/more-than-a-quarter-all-households-have-one-person.html>. Acesso em: 3 maio 2025.

VANDENBERGUE, Frédéric. Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 1, p. 65-70, jan./abr. 2006.

VEJA. Procura por livros de autoajuda cresce 51% até agosto. **Radar**, 29 set. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/consumo-de-livros-de-autoajuda-cresce-51-ate-agosto/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

WACQUANT, Loïc. O simbolismo e o corpo: entrevista com Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, p. 7-20, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução: H. H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução: Waltensir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/glicia/files/ensaios_de_sociologia_-_max_weber.pdf. Acesso em: 17 jul. 2025.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1999.

WILL. **Tirinha sobre pandemia, divórcio e amar o próximo**. 1 Imagem. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/category/pandemia/page/2/>. Acesso em: 01 nov. 2025.

YAHOO NEWS. **Orlando woman celebrates new beginnings with divorce party**. 2024. Disponível em: <https://www.yahoo.com/news/orlando-woman-celebrates-beginnings-divorce-231309759.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Resolução 466/2012 do CNS)

Título do estudo: Relações amorosas na pandemia: percepções, trajetórias, transformações

Pesquisadora: Giovanna Lima Santiago Carneiro

Orientadora: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves

Instituição|Centro|Departamento: Universidade Federal do Ceará | Centro de Humanidades | Departamento de Ciências Sociais | Programa de Pós Graduação em Sociologia.

Prezada (o),

Você está sendo convidada (o) a conceder entrevista como parte da minha pesquisa de doutorado em Sociologia, com finalidade exclusivamente científica. O objetivo central é compreender os impactos da pandemia da covid-19 e do distanciamento social nas relações amorosas/conjugais e requer, aproximadamente, 1 hora do seu tempo.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília/DF. **Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais.** Os dados da(o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

Você não terá nenhum benefício direto ao participar dessa pesquisa, assim como também não correrá nenhum risco provável. A participação poderá causar um desconforto mínimo e/ou evocar sentimentos e lembranças desagradáveis.

Você tem a liberdade de parar de responder as perguntas a qualquer momento sem qualquer prejuízo para você.

Havendo quaisquer dúvidas sobre a pesquisa ou seus resultados, a pesquisadora se compromete a esclarecê-las pelos meios de contato disponibilizados abaixo. Ao clicar na opção “Aceito participar”, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos e a forma como ela será realizada.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC).

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ. Endereço: Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Pesquisadora: Giovanna Lima Santiago Carneiro

E-mail: giovannasantagoc@gmail.com

Telefone: (85) 98718-1814.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ONLINE

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

Prezada (o),

Você está sendo convidada (o) a responder o presente questionário, que faz parte da minha pesquisa de doutorado em Sociologia e tem finalidade exclusivamente científica. O objetivo é compreender os impactos da pandemia da Covid-19 e do distanciamento social nas relações amorosas e requer, aproximadamente, 5 minutos do seu tempo.

Os requisitos para responder o questionário são:

- Ter mais de 20 anos de idade;
- Ter estado em um relacionamento amoroso nos últimos dois anos, independentemente do seu estado civil atual.

A pesquisa terá uma segunda etapa, que consiste em entrevistas online com as pessoas que manifestarem interesse ao final do questionário.

Estou à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa

E-mail: giovannasantiagoc@gmail.com

Telefone: (85) 98718-1814.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): encurtador.com.br/cfzUX

Atenciosamente,

Giovanna Lima Santiago Carneiro

(Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC)

*Obrigatório

1. Após ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), eu: *

Marcar apenas uma oval.

Aceito participar da pesquisa

Pular para a pergunta 2

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

2. Qual é o seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Outro

3. Qual é a sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Assexual
- Não quero responder
- Outro: _____

4. Você se encontra em qual faixa de idade? *

Marcar apenas uma oval.

- 20-25 anos
- 26-30 anos
- 31 - 35 anos
- 36 - 40 anos
- 41 - 45 anos
- 46 - 50 anos
- 51 - 55 anos
- mais de 55 anos

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

5. Em relação à cor da pele, você se considera: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca (o)
- Preta (o)
- Indígena
- Oriental
- Parda (o)
- Outro

6. Cidade/Estado onde mora *

Marcar apenas uma oval.

- Fortaleza/CE
- Outro: _____

7. Você tem filhos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. Quantos filhos você tem? (Se você não tiver filhos, basta marcar a opção "não se aplica") *

Marcar apenas uma oval.

- Não se aplica
- 1
- 2
- 3
- 4
- Mais de 4 filhos

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

9. Quais destes sentimentos você mais experimentou DURANTE o distanciamento social? (marque até 5 opções mais recorrentes) *

Marque todas que se aplicam.

- Insegurança
- Proteção
- Medo
- Esperança
- Tristeza
- Alegria
- Saudades
- Angústia
- Ansiedade
- Fé
- Solidão
- União
- Raiva
- Amor
- Frustração
- Cansaço
- Ânimo
- Outros
- Nenhum

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

10. Quais destes sentimentos você mais experimenta ATUALMENTE? (marque até *
5 opções mais recorrentes)

Marque todas que se aplicam.

- Insegurança
- Proteção
- Medo
- Esperança
- Tristeza
- Alegria
- Saudades
- Angústia
- Ansiedade
- Fé
- Solidão
- União
- Raiva
- Amor
- Frustração
- Cansaço
- Ânimo
- Outros
- Nenhum

11. Você vivenciou alguma destas situações DURANTE a quarentena? (marque *
quantas opções desejar)

Marque todas que se aplicam.

- Perdeu familiares por Covid-19
- Passou a ingerir maior quantidade de bebidas alcoólicas
- Passou a tomar tranquilizantes/calmanes/ansiolíticos
- O apetite mudou
- Teve problemas relacionados ao sono (insônia, sono excessivo)
- Irritabilidade
- Adquiriu um novo hábito saudável
- Contraiu Covid-19

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

12. Você ficou desempregada (o) e/ou perdeu renda durante a pandemia da Covid-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

13. Qual é o seu estado civil atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

- Casada (o)
 Solteira (o)
 Divorciada (o)
 Viúva (o)
 Em União Estável

14. O seu estado civil mudou nos dois últimos anos? Isto é, você casou/passou a "morar junto"/ separou/divorciou? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

15. Em sua casa, quem é o PRINCIPAL responsável pelas tarefas domésticas? *
- (exemplos: fazer a faxina, lavar a louça, fazer as compras, cozinhar, etc.)

Marcar apenas uma oval.

- Eu mesma (o)
- Meu companheiro / Minha companheira
- Diarista / Empregada doméstica
- Minha mãe / Meu pai
- Minha avó / Meu avô
- Meu (s) filho (s)
- Outro: _____

16. Em sua casa, quem é o PRINCIPAL responsável pelo cuidado com as crianças e/ou idosos? (exemplos: administrar medicação, acompanhar ao médico, comparecer a reuniões da escola, etc.) *

Marcar apenas uma oval.

- Eu mesma (o)
- Meu companheiro (a)
- Empregada doméstica (babá, cuidadora, enfermeira, etc.)
- Minha mãe / meu pai
- Minha avó / Meu avô
- Não se aplica
- Outro: _____

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

17. Qual é o seu grau de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Alfabetizada (o)
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação

18. Qual é a sua ocupação atual? *

Marcar apenas uma oval.

- Estuda
- Trabalha
- Estuda e trabalha
- Não estuda nem trabalha

19. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? *

Marcar apenas uma oval.

- Moro sozinha (o)
- 2 pessoas
- 3 pessoas
- 4 pessoas
- 5 pessoas
- 6 pessoas
- 7 pessoas
- Mais de 7 pessoas

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

20. Qual é, aproximadamente, a soma da renda mensal de todos que moram na sua casa? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 2 salários mínimos
- De mais de 2 até 5 salários mínimos
- De mais de 5 até 10 salários mínimos
- De mais de 10 até 15 salários mínimos
- De mais de 15 até 20 salários mínimos
- Mais de 20 salários mínimos
- Sem Renda
- Não sabe/Não quer responder

21. Quem é o principal responsável pela renda da sua casa? *

Marcar apenas uma oval.

- Eu mesma (o)
- Meu companheiro / Minha companheira
- Minha mãe / Meu pai
- Minha avó / Meu avô
- Outro

Avaliando seu relacionamento

A seguir, você avaliará seu relacionamento amoroso (ocorrido durante a pandemia) por meio de escalas de 1 a 5.

22. No geral, o quanto você estava satisfeita (o) com seu (sua) companheiro (a) ANTES da quarentena? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 2 3 4 5
- Nada satisfeita (o) Extremamente satisfeita (o)

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

23. No geral, o quanto você estava satisfeita (o) com seu (sua) parceiro (a) DURANTE a quarentena? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada satisfeita (o)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Extremamente satisfeita (o)

24. Você teve vontade de se separar nos últimos dois anos? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Frequentemente

25. Você teve vontade de se separar ANTES da pandemia? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Frequentemente

26. Você sofreu insultos e/ou xingamentos por parte de seu (sua) companheiro (a) nos últimos dois anos? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhuma vez	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Frequentemente

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

27. Você sofreu algum tipo de violência física nos últimos dois anos (exemplos: empurrões, socos, tapas, chutes, etc)? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Nenhuma vez	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Frequentemente

28. Você teve algum objeto quebrado ou danificado por seu seu (sua) companheiro (a) nos últimos dois anos? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Nenhuma vez	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Frequentemente

29. Você foi forçada (o) a ter relações sexuais com seu (sua) companheiro (a) nos últimos dois anos? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	
Nenhuma vez	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Frequentemente

30. Você tem interesse em participar da segunda etapa da pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

25/06/2022 12:31

O impacto da pandemia da Covid-19 nas relações amorosas

31. Caso tenha respondido "Sim" à pergunta anterior, por favor informe seu e-mail para contato.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

Roteiro semiestruturado para entrevistas com advogadas e terapeutas de casal

- 1- Comece se apresentando e me falando um pouco sobre você.
- 2- Me conta sobre sua trajetória profissional. *(O que lhe motivou a escolher esse caminho; há quanto tempo você atua nessa área; e qual a sua abordagem?)*
- 3- Qual o perfil socioeconômico dos casais que você atende? *(Profissão, renda, etc.)*
- 4- Como a pandemia impactou sua atuação profissional? *(Abordar aspectos como atendimento online; aumento da procura/número de clientes ou pacientes)*
- 5- No geral, quais são as principais queixas dos clientes/pacientes ao buscar atendimento?
- 6- Você percebeu alguma mudança nos discursos dos clientes/pacientes durante e após a pandemia?
- 7- Você percebe influências externas nas percepções e discursos dos clientes/pacientes sobre o casamento e o amor em geral? *(Redes sociais, famílias de origem, religião)*
- 8- Espaço livre para acrescentar outras questões.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM SUJEITOS DIRETOS DA PESQUISA

Roteiro semiestruturado para entrevistas com pessoas que estiveram em relacionamentos durante a pandemia

Agradecimento

Explicação sobre o objetivo da pesquisa

Pedido de autorização para gravar o áudio

1. Quem é você? *[Idade, profissão, o que gosta de fazer no tempo livre]*
2. Me conta um pouco sobre sua infância. *[Como era a composição familiar? Como era o casamento dos seus pais?]*
3. Como foi sua vida amorosa?
4. Me conta sobre o relacionamento que você teve durante a pandemia. *[Como começou? Quanto tempo durou? Como era a rotina da família antes da pandemia?]*
5. Sobre o período da pandemia:
 - a) Novos hábitos;
 - b) Rotina de trabalho *[Abordar aspectos como home office; divisão de espaços e horários; perda de renda];*
 - c) Tarefas domésticas e cuidados com os filhos;
 - d) Cuidados para evitar o contágio;
 - e) Uso das redes sociais
 - f) Perda de pessoas próximas/luto;
7. Como foi o pós pandemia?
8. Espaço livre para comentários adicionais.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA AS RELAÇÕES AMOROSAS: TRAJETÓRIAS, PERCEPÇÕES E MUDANÇAS

Pesquisador: GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58970022.8.0000.5054

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.494.907

Apresentação do Projeto:

A pandemia causada pelo coronavírus representou um acontecimento inédito na história e gerou consequências em várias áreas da vida, entre as quais claramente estão incluídas as relações afetivas e familiares. Diante da necessidade de isolamento social, algumas questões domésticas ganharam visibilidade inédita no debate público, entre as quais se destacam a divisão sexual do trabalho doméstico, a chamada “crise do cuidado” e

uma explosão do número de divórcios durante a pandemia. Por outro lado, muitos casais aceleraram a decisão de morar juntos ou de formalizar a união, e outros tantos “engravidaram”, demonstrando que o impacto se deu de formas muito diversas. Diante desse quadro, o intuito da pesquisa é compreender de que forma o contexto pandêmico afetou as relações afetivas, familiares e matrimoniais no Brasil, tendo como foco as percepções de

mulheres acerca da família e do casamento. Em um primeiro momento, a metodologia a ser utilizada será a pesquisa documental e bibliográfica, sobretudo em bancos de dados de pesquisas mais amplas já realizadas e notícias e matérias de jornais e revistas de grande circulação. Posteriormente, serão realizadas entrevistas com operadores do direito especialistas na área de Direito de Família a fim de apreender suas percepções sobre o tema. A partir dos dados coletados, será elaborado um questionário a ser aplicado em larga escala com pessoas que estiveram envolvidas em relacionamentos amorosos durante a pandemia. Por fim, parte dos respondentes serão entrevistados com o intuito de aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas dos casais ao

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 5.494.907

longo deste período.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender em que medida a pandemia impactou as relações amorosas e/ou matrimoniais e que fatores contribuíram para que casais se decidissem pelo divórcio ou pela separação em meio à pandemia.

Objetivo Secundário:

Compreender as consequências sociais do aumento do número de divórcios e separações durante a pandemia;

Compreender as dinâmicas que permitiram movimentos inversos, isto é, casais de namorados que optaram por morar juntos durante a pandemia ou mesmo aqueles que “engravidaram”;

Identificar os fatores que contribuíram para o agravamento dos conflitos entre casais durante os períodos de distanciamento social, bem como aqueles que foram decisivos para o divórcio ou separação;

Investigar ainda se, entre estes fatores, é possível identificar motivações ligadas à desigualdade de gêneros que ainda é observada nas relações afetivas no Brasil;

Averiguar se a decisão pelo divórcio ou separação, quando partida da mulher, é influenciada pelo processo de mudança cultural provocada pelos discursos feministas que se disseminam especialmente nas redes sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto indica:

Riscos:

O tema central da pesquisa são as relações amorosas e os impactos ocasionados pela pandemia da Covid-19. Dentro disso, um dos aspectos a serem abordados está diretamente relacionado a um dos momentos mais delicados da vida adulta: o divórcio. Somado a isso, os divórcios advindos de um período extremamente delicado como foi a pandemia em geral e os períodos de distanciamento social, em particular, trazem um elemento a mais de sofrimento para o contexto. Para compreender todo esse quadro, a pesquisa incluirá o preenchimento de questionário contendo perguntas que podem remeter o participante a episódios desagradáveis ou traumáticos de seu passado recente, podendo causar considerável desconforto psíquico. Revisitar situações conflituosas ou até mesmo violentas, traz o risco de expor o participante a sofrimento psíquico significativo. Posteriormente, na fase de entrevistas, o mesmo

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 5.494.907

risco pode ser agravado, levando em consideração o tempo que o participante estará submetido ao mesmo tema.

Benefícios:

A família é uma das instituições mais antigas da humanidade. Sua importância para a socialização dos indivíduos e para a transmissão cultural nas sociedades é inegável. Além de um grupo de pessoas diretamente ligadas por laços de parentesco, a família vem sendo definida também com base nas relações de afeto, sobretudo nas sociedades ocidentais contemporâneas. A pandemia causada pelo coronavírus representou um acontecimento

inédito na história e gerou consequências em várias áreas da vida, entre as quais claramente estão incluídas as relações afetivas e familiares. Diante da necessidade de isolamento social, algumas questões domésticas ganharam visibilidade inédita no debate público, entre as quais se destacam a divisão sexual do trabalho doméstico, a chamada “crise do cuidado” e uma explosão do número de divórcios durante a pandemia. A

oportunidade de desvendar dinâmicas familiares que impactam diretamente no contexto social mais amplo, possibilita uma compreensão mais aprofundada desse espaço tão pouco visitado, cujos aspectos ainda repercutem decisivamente e especialmente na vida das mulheres. Tal compreensão poderá gerar dados que, por sua vez, estarão aptos a subsidiar a formulação de políticas públicas que venham a equilibrar esse impacto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os objetivos e o encaminhamento metodológico demonstram observância dos princípios éticos a serem observados na realização de pesquisas na área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com a exigências deste Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A relatoria emite parecer favorável à execução da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1934520.pdf	16/05/2022 09:40:27		Aceito
Declaração de	Declaracaodeconcordancia.pdf	16/05/2022	GIOVANNA LIMA	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 5.494.907

concordância	Declaracaodeconcordancia.pdf	09:39:56	SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	04/05/2022 12:38:01	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Outros	CartaaoCEP.pdf	04/05/2022 11:59:01	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Orçamento	Declaracaodeorcamento.pdf	03/05/2022 08:53:18	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	03/05/2022 08:52:05	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	03/05/2022 08:50:52	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	28/04/2022 14:31:58	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito
Outros	Questionario.pdf	26/04/2022 11:46:54	GIOVANNA LIMA SANTIAGO CARNEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 28 de Junho de 2022

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br